



# CIDADE ENTENDIDA

OS ESPAÇOS DE LAZER DE HOMOS E BISEXUAIS EM SÃO PAULO ENTRE 1978 E 1987

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

JOÃO GABRIEL FARIAS BARBOSA DE ARAÚJO

SÃO PAULO - 2023





# CIDADE E IDENTIDADE

OS ESPAÇOS DE LAZER DE HOMOS E BISEXUAIS EM SÃO PAULO ENTRE 1978 E 1987

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

JOÃO GABRIEL FARIAS BARBOSA DE ARAÚJO

SÃO PAULO - 2023

JOÃO GABRIEL FARIAS BARBOSA DE ARAÚJO

cidade entendida: os espaços de lazer de homo e  
bissexuais em São Paulo entre 1978 e 1987

*Versão Corrigida*

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura  
e Urbanismo da Universidade de São Paulo  
para obter o título de Doutor em Ciências

Área de Concentração: História e Fundamentos da  
Arquitetura e do Urbanismo  
Orientador: Prof. Dr. Jorge Bassani

São Paulo  
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail do autor: [jgbarbosa@gmail.com](mailto:jgbarbosa@gmail.com)

Catálogo na publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo

De Araújo, João Gabriel Farias Barbosa

Cidade entendida: os espaços de lazer de homo e bissexuais em São Paulo entre 1978 e 1987 / João Gabriel Farias Barbosa De Araújo; orientador Jorge Bassani. - São Paulo, 2023.  
288 p.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

1. Mapa. 2. São Paulo. 3. Gays. 4. Lésbicas. 1. Bassani, Jorge, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em:  
<<http://www.fau.usp.br/fichacatalografica/>>

Nome: Araújo, João Gabriel Farias Barbosa de

Título: cidade entendida: os espaços de lazer de homo e bissexuais em São Paulo entre 1978 e 1987

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor

Aprovado em:

Profª. Drª. Andrea Lacombe  
*UNC - ARG*

Julgamento:

Profª. Drª. Flávia de Sousa Araújo  
*UFAL*

Julgamento:

Prof. Dr. Clark Mangabeira Macedo  
*UFMT*

Julgamento:

Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira  
*FAU - USP*

Julgamento:

Prof. Dr. Jorge Bassani  
*FAU - USP*

Julgamento:



## AGRADECIMENTOS

À minha família, mãe e avó, por todo amor e cuidado.

Ao orientador e professor Jorge Bassani, que topou fazer parte desta jornada e cujo apoio foi fundamental no desenvolvimento do trabalho.

Às professoras e professores Ana Claudia Scaglione Veiga de Castro, Camila D'Ottaviano, Daniela Feriani, Eduardo Alberto Cusce Nobre, Joana Melo de Carvalho e Silva, José Tavares Correia de Lira, Renan Quinalha, Renato Cymbalista e Silvana Nascimento pela generosidade.

Às funcionárias e funcionários da FAU/USP e do AEL/Unicamp, em especial Cilda, Diná e Sandra, pela solicitude.

Ao Felipe, pelo amor, afeto e carinho.

À Leticia, Priscilla, Thais, Raiany e Renata por serem amigas e presentes.

Aos queridos Diego, Júlia, Iara, Carol, Kissia, Virginia, Karla, Maíra, Ludmilla, Lucas, Vinicius, Gabriel e Pedro pela amizade.

E, mais uma vez, a todas (não foram poucas) que estiveram comigo e que me incentivaram e ajudaram na realização deste trabalho.



## RESUMO

Araújo, J. G. F. B. de. (2023). *cidade entendida: os espaços de lazer de homo e bissexuais em São Paulo entre 1978 e 1987* (Tese de Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A tese propõe uma investigação sobre os espaços de lazer da cidade de São Paulo ocupados e utilizados, em especial, por pessoas homossexuais e bissexuais entre os anos de 1978 e 1987. A pesquisa é guiada pela hipótese de que a infraestrutura de espaços de lazer mapeada, de alguma maneira, permite que esse território permaneça, até os dias de hoje, ocupado por esta população. O objetivo geral da pesquisa é compreender as contribuições dos sujeitos pesquisados para as transformações da nossa noção de urbanidade e para a nossa experiência urbana. Especificamente, a pesquisa busca desenvolver um mapa que mostre os espaços de São Paulo frequentados pelos dissidentes sexuais entre 1978 e 1987, discutir como a cidade é capaz de transformar e influenciar as expressões de subjetividade dos sujeitos e, no vetor contrário, como eles transformam a experiência na cidade para todos. Além disso, a pesquisa também pretende identificar marcos dissidentes na cidade de São Paulo, registrando suas histórias. A tese é o resultado de uma revisão bibliográfica que inclui obras que tratam do tema da sexualidade dentro do campo da Arquitetura e do Urbanismo, passando pelos trabalhos de George Chauncey e Robert Beachy, que mesclam a história das cidades com a dos grupos sexualmente dissidentes. Também faz parte da metodologia do trabalho o acesso a acervos físicos e digitais que permitiram uma investigação minuciosa das 41 edições do jornal “Lampião da Esquina”, das 13 edições do boletim “ChanacomChana” e do livro “O Negócio do Michê”. A partir dessas obras foi possível produzir o referido mapeamento – de acesso livre – além de quadros, tabelas e discussões sobre os espaços estudados que são apresentados no decorrer da tese. Esta obra constatou que a cidade de São Paulo, através de seus territórios e grupos, influencia as expressões de subjetividade dos sujeitos, permitindo novas experimentações, além de elaborar sobre o impacto dos sujeitos não heteronormativos no espaço da cidade, apontando como a presença de seus corpos altera a paisagem e transforma a experiência urbana do outro. Os sujeitos pesquisados mostram como é possível (re)pensar um espaço urbano através do prazer, do encontro, do desejo e da fantasia como partes fundamentais da vida cotidiana. Por fim, o mapa, que faz parte do trabalho, tornou possível a visualização de marcos importantes para a memória dos dissidentes sexuais, sendo uma potente ferramenta para o desenvolvimento de estratégias que visem fortalecer uma memória coletiva dos corpos sexualmente dissidentes na cidade.

*Palavras-chave: Mapa, São Paulo, Gays, Lésbicas, Homossexuais, Bissexuais, Lampião da Esquina, ChanaComChana*



## ABSTRACT

Araújo, J. G. F. B. de. (2023). *queer city: leisure spaces of homo and bisexual individuals in São Paulo between 1978 and 1987* (Tese de Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The thesis proposes an investigation on the leisure spaces in the city of São Paulo occupied and used, especially by homosexual and bisexual people between the years 1978 and 1987. The research is guided by the hypothesis that the infrastructure of leisure spaces mapped, in some way, allows this territory to remain, to this day, occupied by this population. The general objective of the research is to understand the contributions of the researched subjects to the transformations of our notion of urbanity and to our urban experience. Specifically, the research seeks to develop a map that shows the spaces in São Paulo frequented by sexual dissidents between 1978 and 1987, discuss how the city is capable of transforming and influencing the expressions of subjectivity of the subjects and, in the opposite direction, how they transform the experience in the city for everyone. In addition, the research also aims to identify dissident landmarks in the city of São Paulo, recording their stories. The thesis is the result of a bibliographic review that includes works that deal with the theme of sexuality within the field of Architecture and Urbanism, going through the works of George Chauncey and Robert Beachy, which blend the history of cities with that of sexually dissident groups. It is also part of the methodology of the work to access physical and digital collections that allowed for a meticulous investigation of the 41 editions of the newspaper "Lampião da Esquina", the 13 editions of the bulletin "ChanacomChana" and the book "O Negócio do Michê". From these works, it was possible to produce the mentioned mapping - freely accessible - as well as charts, tables, and discussions on the studied spaces that are presented throughout the thesis. This work found that the city of São Paulo, through its territories and groups, influences the expressions of subjectivity of the subjects, allowing for new experimentations, as well as elaborating on the impact of non-heteronormative subjects on the space of the city, pointing out how the presence of their bodies alters the landscape and transforms the urban experience of others. The researched subjects show how it is possible to (re)think an urban space through pleasure, encounter, desire, and fantasy as fundamental parts of everyday life. Finally, the map, which is part of the work, made it possible to visualize important landmarks for the memory of sexual dissidents, being a powerful tool for the development of strategies aimed at strengthening a collective memory of sexually dissident bodies in the city.

**Keywords:** *Map, São Paulo, Gays, Lesbians, Homosexuals, Bisexuals, Lampião da Esquina, ChanaComChana*

## RESUMEN

Araújo, J. G. F. B. de. (2023). *ciudad entendida: espacios de ocio de personas homo y bisexuales en São Paulo entre 1978 y 1987* (Tese de Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

La tesis propone una investigación sobre los espacios de ocio en la ciudad de São Paulo ocupados y utilizados, especialmente por personas homosexuales y bisexuales entre los años 1978 y 1987. La investigación está guiada por la hipótesis de que la infraestructura de los espacios de ocio mapeados, de alguna manera, permite que este territorio siga siendo ocupado por esta población hasta el día de hoy. El objetivo general de la investigación es comprender las contribuciones de los sujetos investigados a las transformaciones de nuestra noción de urbanidad y a nuestra experiencia urbana. Específicamente, la investigación busca desarrollar un mapa que muestre los espacios en São Paulo frecuentados por disidentes sexuales entre 1978 y 1987, discutir cómo la ciudad es capaz de transformar e influir en las expresiones de subjetividad de los sujetos y, en la dirección opuesta, cómo ellos transforman la experiencia en la ciudad para todos. Además, la investigación también tiene como objetivo identificar puntos de referencia disidentes en la ciudad de São Paulo, registrando sus historias. La tesis es el resultado de una revisión bibliográfica que incluye trabajos que tratan sobre el tema de la sexualidad dentro del campo de la Arquitectura y el Urbanismo, pasando por las obras de George Chauncey y Robert Beachy, que mezclan la historia de las ciudades con la de grupos sexualmente disidentes. También es parte de la metodología del trabajo acceder a colecciones físicas y digitales que permitieron una investigación minuciosa de las 41 ediciones del periódico "Lampião da Esquina", las 13 ediciones del boletín "ChanacomChana" y el libro "O Negócio do Michê". A partir de estas obras, fue posible producir el mencionado mapeo - libremente accesible - así como gráficos, tablas y discusiones sobre los espacios estudiados que se presentan a lo largo de la tesis. Este trabajo encontró que la ciudad de São Paulo, a través de sus territorios y grupos, influye en las expresiones de subjetividad de los sujetos, permitiendo nuevas experimentaciones, así como elaborando el impacto de los sujetos no heteronormativos en el espacio de la ciudad, señalando cómo la presencia de sus cuerpos altera el paisaje y transforma la experiencia urbana de los demás. Los sujetos investigados muestran cómo es posible (re)pensar un espacio urbano a través del placer, el encuentro, el deseo y la fantasía como partes fundamentales de la vida cotidiana. Finalmente, el mapa, que forma parte del trabajo, permitió visualizar puntos de referencia importantes para la memoria de los disidentes sexuales, siendo una herramienta poderosa para el desarrollo de estrategias dirigidas a fortalecer una memoria colectiva de los cuerpos sexualmente disidentes en la ciudad.

**Palabras clave:** *Mapa, São Paulo, Gays, Lesbianas, Homosexuales, Bisexuales, Lampião da Esquina, ChanaComChana*

# LISTA DE FIGURAS

## APRESENTAÇÃO

Figura A/01. Wilza Carla chegando em um elefante na Boate Medieval em 1976. Fonte: Brazilian Camp [*@acervocampbr*] (2022, n.p.)

## 00 - INTRODUTÓRIO

Figura 00/01. Perfil *@arquiteturabicha* no Instagram. Reprodução do Instagram em 26/4/2023

Figura 00/02. Exposição “Queermuseu” foi remontada e aberta ao público em 2018 no Rio de Janeiro. Fonte: Foto de Gabi Carrera (Carneiro, 2018, n.p.)

Figura 00/03. Parada do Orgulho LGBT na Av. Paulista em 2019. Fonte: Foto de Kevin Dávid (Após 2 anos..., 2022, n.p.)

Figura 00/04. Capa e mapa (p.7) de “O Bandeirante Destemido 81: o guia gay de São Paulo”. Fonte: Fotografias do autor a partir do exemplar do AEL

Figura 00/05. Interface do mapa elaborado pelo autor a partir dos dados coletados na pesquisa. Fonte: Imagem do mapa elaborado pelo autor

Quadro 01/01. Orientação sexual das pessoas de 18 anos ou mais (%) Por autodeclaração - Brasil - 2019. Redesenho de Mateus Teixeira dos gráficos de Barros (2022, n.p.)

Quadro 02/01-02. Orientação sexual por características socioeconômicas (%) Brasil - 2019 e Homossexuais ou bissexuais em outros países (%). Pesquisas domiciliares com autodeclaração. Redesenho de Mateus Teixeira dos gráficos de Barros (2022, n.p.)

Tabela 01/01. Comparação entre os dados divulgados para as pesquisas desenvolvidas pelo IBGE, pelos pesquisadores da USP/UNESP e pelo instituto ALLOUT. Fonte: Tabulação do autor a partir dos dados divulgados pelas pesquisas

## 01 - O QUE DIZEM AS FONTES?

Figuras 01/01-02. Seleção de recortes do “Lampião da Esquina” e “ChanaComChana” organizados por edição. Fonte: Elaboração do autor a partir das reproduções digitais dos periódicos

Figura 01/03. Manifestação pelas “Diretas Já” na Praça da Sé em 1984. Fonte: Acervo de imagens da campanha “Diretas Já” disponibilizado pela FGV (n.d., n.p.)

Figuras 01/04-05. Passeata da Greve do ABC em 1980 com a participação dos homossexuais com as faixas “Contra a discriminação do/a trabalhador/a homossexual” e “Contra a intervenção no ABC – comissão de homossexuais pró-1º de maio”. Fonte: Fotos de Fernando Uchoa (Puff, 2014, n.p.)

Figura 01/06. Linha do tempo “Lampião”-“ChanaComChana”-“O Negócio do Michê”. Fonte: Imagem produzida por Mateus Teixeira a partir de organização do autor

Figuras 01/07-10. Fotografias de Alair Gomes no Arpoador e Barra da Tijuca – Rio de Janeiro entre 1967 e 1977. Fonte: Alair Gomes, na Biblioteca Nacional Digital

Figura 01/11. Capa da edição nº 0 do “Lampião da Esquina”, abril de 1978. Fonte: Lampião da Esquina, nº 0, abr./1978

Figura 01/12. Membros reunidos para o lançamento do “Lampião”. Fonte: Lampião da Esquina, nº 1, maio/1978, p. 9

Figura 01/13. Capa da “Revista IstoÉ” de dezembro de 1977. Fonte: Revistas Antigas [*@capasderevistas*] (2019, n.p.)

Figuras 01/14-15. Expedientes do nº 0 e do nº 37 – primeiro e último – do “Lampião”. Fonte: Lampião da Esquina, nº 0, abr./1978, p. 1 e Lampião da Esquina, nº 37, jul./1981, p. 19

Figura 01/16. Mapa de distribuição do “Lampião” em capitais brasileiras, em 1978. Gráfico de Mateus Teixeira a partir de imagem vetorial do mapa disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil\\_Blank\\_Map.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_Blank_Map.svg) (acesso em: 23 abr 2023)

Figura 01/17. Mapa das regiões das cartas dos leitores do “Lampião”. Gráfico de Mateus Teixeira a partir de imagem vetorial do mapa disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil\\_Blank\\_Map.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_Blank_Map.svg) (acesso em: 23 abr 2023)

Figuras 01/18-19. Capa e quarta capa do “Lampião” número 23, mostrando a inserção de cor no jornal. Fonte: Lampião da Esquina, nº 23, abr./1980

Figuras 01/20-22. Capas dos números 1, 5 e 6 do “Lampião da Esquina”. Fonte: Lampião da Esquina, nº 1, maio/1978; Lampião da Esquina, nº 5, out./1978 e Lampião da Esquina, nº 6, nov./1978

Figura 01/23. Quadro com divulgação dos grupos homossexuais organizados no “Lampião da Esquina”. Fonte: Lampião da Esquina, nº 20, jan./1980, p. 10

Figura 01/24. Cartaz do 1 Encontro Brasileiro de Homossexuais. Fonte: Museu da Diversidade Sexual (2020, n.p.)

Figura 01/25. Página publicada no “Lampião” nº 24 de maio de 1980 sobre o 1º EBHO. Fonte: Lampião da Esquina, nº 24, maio/1980, p. 3

Figura 01/26. Capa do “Lampião” com Fidel de Carmen Miranda. Fonte: Lampião da Esquina, nº 33, fev./1981

Figuras 01/27-28. Quadro da primeira e última seções “Troca-Troca” divulgadas no “Lampião da Esquina”, respectivamente no nº 18 de novembro de 1979 e no nº 37 de julho de 1981. Fonte: Lampião da Esquina, nº 18, nov./1979, p. 10 e Lampião da Esquina, nº 37, jul./1981, p. 2

Figura 01/29. Página do “Lampião da Esquina” mostrando um ensaio masculino. Fonte: Lampião da Esquina, nº 35, abr./1981, p. 4

Figura 01/30. Anúncios para a venda de álbuns de nus publicados no “Lampião”. Fonte: Lampião da Esquina, nº 28, set./1980, p. 6

Figura 01/31. Fotografia da mesa no debate promovido pelo Grupo Somos na USP em fevereiro de 1979. Fonte: Lampião da Esquina, nº 10, mar./1979, p. 10

Figura 01/32. Imagem do ato público de junho de 1980. Fonte: LGBT... (1980, n.p.).

Figuras 01/33-34. Capas do “ChanaComChana” nº 1 e 2. Fonte: ChanaComChana, nº 1, dez./1982 e ChanaComChana, nº 2, fev./1983

Figuras 01/35-36. Capa e página 7 do “Lampião da Esquina” nº 12 de maio de 1979. Fonte: Lampião da Esquina, nº 12, maio/1979

Figura 01/37. Página do “Lampião da Esquina”, destaques do autor. Fonte: Lampião da Esquina, nº 13, jun./1979, p. 5

Figura 01/38. Fotografia de mulheres participando do II Congresso da Mulher Paulista. Fonte: Lampião da Esquina, nº 23, abr./1980, p. 8

Figura 01/39. Anúncio do GALF no “ChanaComChana”. No canto inferior direito pode-se ver o logo com as iniciais “LF” referente à “Lésbica Feminista”, o que também gera confusões entre GALF e LF. Fonte: ChanaComChana, nº 3, maio/1983, p. 15

Figura 01/40. Anúncio no “ChanaComChana” lista os benefícios da associação ao GALF. Fonte: ChanaComChana, nº 8, ago./1985, p. 15

Figuras 01/41-42. Estatuto de fundação do GALF. Fonte: Cf.  
link: <https://drive.google.com/file/d/1Hnd2NIDotrQfhTWoBdZdsRE8IOywDuyk/view>

Figuras 01/43-45. Capas do boletim “ChanaComChana”. Fonte: ChanaComChana, nº 4, set./1983; ChanaComChana, nº 7, abr./1985 e ChanaComChana, nº 9, dez./1985

Figura 01/46. Fotografia das mulheres do grupo, divulgada em matéria sobre os objetivos do GALF. Fonte: ChanaComChana, nº 8, ago./1985, p. 2

Figura 01/47. Capa “ChanaComChana” nº 0. Fonte: ChanaComChana, nº 0, jan./1981

Figura 01/48. Imagens de anúncios do “Chana”. Fonte: ChanaComChana, nº 6, nov./1984, p. 13

Figuras 01/49-51. Comparação entre ilustrações publicadas no “ChanaComChana” ao lado de pôsteres produzidos pelo coletivo See Red Women’s Workshop (1974-1990). Fonte: ChanaComChana, nº 2, 5 e 8 e See... (n.d., n.p.)

Figura 01/52. Mapa apresentado por Perlongher no livro “O Negócio do Michê”. Fonte: Perlongher (1987, pp. 110-111)

Figuras 01/53-54. Capas das edições de “O Negócio do Michê”.  
Fonte: Do michê... (2009, n.p.)

Quadro 01/01. Lâmpião da Esquina - Colaboração/Redação. Edições de 1978 a 1981 - Identificação dos locais dos colaboradores a partir das informações divulgadas no jornal. Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 01/02. Lâmpião da Esquina - Distribuição. Edições de abril de 1978 a julho de 1981. Identificação dos locais de distribuição a partir das informações divulgadas no jornal. Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 01/03. Lâmpião da Esquina - Cartas. Edições de abril de 1978 a julho de 1981. Identificação dos locais dos remetentes das cartas a partir das informações divulgadas no jornal. Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Quadro 01/04. Lâmpião da Esquina - Troca-Troca. Edições de janeiro de 1981 a fevereiro de 1987. Identificação dos locais dos remetentes da seção “Troca-Troca” a partir das informações divulgadas no jornal. Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 01/05. ChanaComChana - Análise das 13 edições.  
Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 01/06. ChanaComChana - Localidades das remetentes na seção de cartas.  
Fonte: Elaborado pelo autor

## 02 - UMA CIDADE E SEUS GRUPOS

Figura 02/01. A peça “As 3 uíaras de sp city” (2018) da dramaturga Ave Terrena Alves e dirigida por Diego Mosckovich parte dos relatórios da Comissão Nacional da Verdade para levar ao palco a perseguição sofrida pelas travestis, prostitutas e homossexuais durante os anos de 1970 e 1980 em São Paulo. Na imagem as atrizes Danna Lisboa e Verônica Valentino estão em cena. Fonte: Dramaturgia pluralversal –narrativas LGBTQ+ (n.d., n.p.)

Figura 02/02. Paul Cadmus, Greenwich Village Cafeteria (1934).  
Fonte: Paul Cadmus – Greenwich Village Cafeteria 1934 (n.d., n.p.)

Figura 02/03. Paul Cadmus, YMCA Locker Room (1933).  
Fonte: YMCA Locker Room (n.d., n.p.)

Figura 02/04. No centro Darcy Penteado, um dos editores do “Lâmpião da Esquina” no ato de 13 de junho. Fonte: Caetano *et al.* (2018, p. 41)

Figura 02/05. Em agosto de 1978 o “Lâmpião” trazia uma entrevista com Clóvis Moura, presidente do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA), a respeito da manifestação ocorrida nas escadarias do Teatro Municipal contra a discriminação racial. Fonte: Lâmpião da Esquina nº 4, ago./1978, p. 6

Figura 02/06. Participação do Grupo Somos na manifestação de 20 de novembro de 1979. Fonte: Caetano *et al.* (2018, p. 14)

Figuras 02/07-10. Imagens que mostram o uso de cu-ir e do termo queer em cursos, publicações e podcasts. Fontes: Eva & Gracia (2000); Matriarkas #6 – Você conhece a palavra do CUIR/QUEER? (n.d., n.p.); Revista PÓS abre chamada para o dossiê: “Teoria Queer/Cuir e o Ensino de Arte” (2022, n.p.); e #55. Elizabeth Lewis – Linguística Cu(ir) (2021, n.p.)

Figura 02/11. Hija de Perra. Fonte: Moreira (2017, n.p.)

Figura 02/12. Em 2022, na cidade de São João da Boa Vista (SP), pai e filho foram agredidos após terem sido “confundidos” com um casal gay. A demonstração de afeto entre os dois, que estavam abraçados, foi interpretada como incompatível com a heteronorma. Fonte: Ferri (2011, n.p.)

Figura 02/13. Na cidade de Barra Bonita (SP), Hellen Monterromero Pinheiro foi impedida de entrar na casa noturna. Fonte: Bonora e Nunes (2020, n.p.)

Figura 02/14. Divulgação do clube gay “Silhouette”, famoso em Berlim nos anos 1920 e 1930. Fonte: Beachy (2014, p. 375)

## 03 - MAPA DE UMA CIDADE ENTENDIDA

Figura 03/01. Mapas táteis Inuit. Fonte: Papanek (1995, p. 258)

Figura 03/02. Ilustração “The Naked City: illustration de l’hypothèse des plaques tournantes en psychogéographique” de Guy Debord. Fonte: Jacques (2003, n.p.)

Figuras 03/03-06. Interface do projeto “Queering the Map”. Fonte: Queering the Map

Figuras 03/07-08. Interface do projeto “Places of Pride”. Fonte: Places of Pride

Figuras 03/09-11. Interface do projeto “Everywhere is Queer”.  
Fonte: Everywhere is Queer

Figuras 03/12-13. Interface do projeto “Mapping LGBTQ St. Louis”.  
Fonte: Mapping LGBTQ St. Louis

Figuras 03/14-19. Capas do Bob Damron’s Address Book.  
Fonte: Mapping the Gay Guides (2022, n.p.)

Figuras 03/20-22. Interface do projeto “Mapping the Gay Guides”.  
Fonte: Mapping the Gay Guides

Figuras 03/23-24. Interface do projeto “An Everyday Queer New York”.  
Fonte: An Everyday Queer New York

Figuras 03/25-27. Interface do “Addresses Project”. Fonte: Addresses Project

Figura 03/28. Avaliação “por letra” dos estabelecimentos no mapa LGBTI+ da “Nohs Somos”. Fonte: Nohs Somos

Figuras 03/29-30. Interface do mapa LGBTI+ da “Nohs Somos”. Fonte: Nohs Somos.

Figuras 03/31-32. Interface do mapa “São Paulo Gay Map 2023 - Travel Gay”.  
Fonte: São Paulo Gay Map 2023 - Travel Gay

Figuras 03/33-34. Interface do “#MapaLGBT - VoteLGBT”.  
Fonte: #MapaLGBT - VoteLGBT

Figura 03/35. Monumento Gay Liberaton no Christopher Park em Nova Iorque.  
Fonte: Gay Liberation: history (n.d., n.p.)

Figuras 03/36-37. Homomonument em Amsterdam. Fonte: Homomonument (2022, n.p.)

Figura 03/38. Monumento em homenagem ao indígena Tibiras em São Luís no Maranhão. Fonte: Rodrigues (2022, n.p.)

Figura 03/39. Meu coração bate como o seu do Estudio Guto Requena na Praça da República. Fonte: Fotografia por Ana Mello (Meu coração bate como o seu/ Estudio Guto Requena, 2018, n.p.)

Figura 03/40. Mamba Negra em 2017. Fonte: Fotografia por Rogerio Cassimiro (Mamba Negra é eleita pelo júri a melhor festa de 2017; público escolhe Amem, 2017, n.p.)

Figuras 03/41-42. Mamba Negra. Fonte: Fotografia por Felipe Gabriel e Marcelo Paixão (Moura, 2021, n.p.)

Figura 03/43. Mamba Negra. Fonte: Kale (2018, n.p.)

Figuras 03/44-45. Fachadas da Thermas 484 na Rua Jaguaribe e do Espaço Lagoa Sauna na Rua Pedro Taques. Fonte: Google Earth Street View.

Figura 03/46. Página do “Lampião” com roteiros para Niterói e Belo Horizonte  
Fonte: Lampião da Esquina, nº 13, jun./1979, p. 4

Figura 03/47. Roteiro Lésbico produzido pelo GALF.  
Fonte: Fotografia do autor a partir de original do AEL

Figura 03/48. Interface do mapa elaborado pelo autor a partir dos dados coletados na pesquisa. Fonte: Imagem do mapa elaborado pelo autor

Figura 03/49. Anúncio do Enfin’s Bar. Fonte: ChanaComChana, nº 11, out./1986, p. 10

Figura 03/50. Anúncio de bares, incluindo o Ferro’s Bar no “ChanaComChana”.  
Fonte: ChanaComChana, nº 6, nov./1984, p. 13

Figura 03/51. Levante do Ferro’s Bar. Fonte: Fotografia de Cristina Villares, reprodução do autor a partir de recorte de revista que faz parte do acervo do AEL

Figura 03/52. Capa do “ChanaComChana” nº 4.  
Fonte: ChanaComChana, nº 4, set./1983, p. 1

Figuras 03/53-54. Primeiro e último anúncio “Depilação Definitiva Stela” no “Lampião” nº 4 em novembro de 1978 e no nº 37 em julho de 1981. Fonte: Lampião da Esquina, nº 6, nov./1978, p.14 & Lampião da Esquina, nº 37, nov./1981, p. 12

Figura 03/55. Charles Demuth, Quatro figuras masculinas (1930).  
Fonte: Demuth, Charles (1883-1935) (2023, n.p.)

Figura 03/56. Charge publicada no “ChanaComChana” nº 7.  
Fonte: ChanaComChana, nº 7, abr./1985, p. 8

Figura 03/57. Indicação do trajeto da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2017 realizada pelo Google Maps, começando na Av. Paulista e terminando na Praça Roosevelt. Fonte: Google Maps vai indicar trajeto da Parada LGBT em SP com cores do arco-íris (2017, n.p.)

Figuras 03/58-61. Anúncios da Thermas Danny no “Lampião” e no “Chana”.  
Fonte: Lampião da Esquina, nº 5, out./1978, p. 14; Lampião da Esquina, nº 28, set./1980, p. 18; Lampião da Esquina, nº 32, jan./1981, p. 11; e ChanaComChana, nº 7, abr./1985, p. 23

Figura 03/62. Roteiro dos banheiros publicado no “Lampião” nº 31 de dezembro de 1980. Fonte: Lampião da Esquina, nº 31, dez./1980, p. 5

Figura 03/63. Anúncio da Sauna Le Rouge 80 no “Lampião”.  
Fonte: Lampião da Esquina, nº 29, out./1980, p. 11

Figuras 03/64-65. Anúncios da Sauna Fragata no “Lampião da Esquina”.  
Fonte: Lampião da Esquina, nº 20, jan./1980, p. 10 & Lampião da Esquina, nº 22, mar./1980, p. 4

Figura 03/66. Anúncio da Medieval no “Lampião da Esquina”.  
Fonte: Lampião da Esquina, nº 3, jul./1978, p. 11

Figuras 03/67-68. Palco da Homo Sapiens na década de 1980.  
Fonte: Condensa Mônica (in memory)

Figura 03/69. Anúncio da Bughouse no “Chana”. Fonte: ChanaComChana, nº 12, fev./1987, p. 15

Figuras 03/70-71. Palco da Blue Space em 2019. Fonte: Fotografias de Lima Soares (Oliveira, 2021, n.p.)

Figuras 03/72-76. Convites para festas e eventos promovidos pelo GALF.  
Fonte: Fotografias do autor a partir dos exemplares do AEL

Figuras 03/77-78. Anúncio do Gay Club e do Studyo Twenty Four-o, ambos no “Lampião da Esquina”. Fonte: Lampião da Esquina, nº 4, ago./1978, p. 13 & Lampião da Esquina, nº 9, fev./1979, p. 14

Figura 03/79. Anúncio no “Chana” das atividades promovidas pelo GALF.  
Fonte: ChanaComChana, nº 2, fev./1983, p. 12

## 04 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 04/01. Ditadura pode, abuso de poder pode, corrupção pode, mas pinto não pode”, Hudinilson Jr. (1981). Fonte: Zona de tensão (2014, n.p.)

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEL Arquivo Edgard Leuenroth  
ALGBT Assexual, lesbian, gay, bissexual, and trans  
Ancine Agência Nacional do Cinema  
APOLGBT-SP Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo  
CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CCC ChanaComChana  
CEA Centro de Estudos Avançados  
CIM Centro de Informação Mulher  
Cisges Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento  
CMP Congresso da Mulher Paulista  
EBHO Encontro Brasileiro de Homossexuais  
EGHO Encontro de Grupos Homossexuais Organizados  
FAPESP Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
FAU Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
FLH Frente de Liberación Homosexual de la Argentina  
GALF Grupo de Ação Lésbica-Feminista  
GGB Grupo Gay da Bahia  
IBEA Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas  
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
ILGA International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association  
LF Grupo Lésbico Feminista  
LGBT Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis / Trans  
LGBT+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis / Trans e mais  
LGBTI Lésbicas, Gays, Travestis / Trans e Intersexuais  
LGBTI+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis / Trans, Intersexuais e mais  
LGBTQ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis / Trans e Queers  
LGBTQ2IA+ Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, Questioning, Two-Spirit, Intersex, Asexual and more  
LGBTQI Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis / Trans, Queers, Intersexuais  
LGBTQIA+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis / Trans, Queers, Intersexuais, Assexuais e mais  
MGG Mapping the Gay Guides  
OMS Organização Mundial da Saúde  
PNS Pesquisa Nacional de Saúde  
PT Partido dos Trabalhadores  
RCN The Rainbow Cities Network  
SESC Serviço Social do Comércio  
SMDHC Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania  
UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
UFBA Universidade Federal da Bahia  
UFF Universidade Federal Fluminense  
UFRN Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
UFSC Universidade Federal de Santa Catarina  
UNESP Universidade Estadual Paulista  
Unicamp Universidade Estadual de Campinas  
UNISA Universidade Santo Amaro  
USP Universidade de São Paulo

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO **P/029**

## INTRODUTÓRIO **P/035**

O TEMA E O OBJETO  
DA PESQUISA **P/036**

O PROBLEMA E  
A JUSTIFICATIVA **P/038**

POR QUE ESSE GRUPO? **P/040**

POR QUE SÃO PAULO? **P/046**

POR QUE ESSAS FONTES?  
O LAMPRIÃO, A CHAPA  
E O MICHÊ... **P/047**

HIPÓTESE **P/048**

OBJETIVO GERAL E  
OBJETIVOS ESPECÍFICOS **P/049**

METODOLOGIA **P/050**

## O QUE DIZEM AS FONTES? **P/067**

O LAMPRIÃO DA ESQUILTA **P/071**

ЧАПАКОМЧАПА **P/100**

O Número o **P/110**  
O Boletim  
ChanaComChana **P/111**

O PEGÓCIO DO MICHÊ **P/123**

O QUE DIZER  
DAS FONTES? **P/129**

## UMA CIDADE E SEUS GRUPOS **P/133**

SERES URBANOS **P/139**

UMA CIDADE  
EPTEPIDA **P/149**

Uma Subcultura Sexualmente  
Desviante na Cidade **P/160**

## MAPA DE UMA CIDADE EPTEPIDA **P/169**

ALGUNS MAPAS **P/172**

Queering the Map **P/172**  
Places of Pride **P/174**  
Everywhere is Queer **P/175**  
Mapping LGBTQ St. Louis **P/176**  
Mapping Gay Guides **P/178**  
An Everyday Queer New York **P/180**  
Addresses Project **P/182**  
Nohs Somos **P/183**  
São Paulo Gay Map 2023 -  
Travel Gay **P/185**  
#MapaLGBT - VoteLGBT **P/186**

ESPAÇOS LGBT **P/187**

O Monumento **P/188**  
O Edifício **P/191**  
A Vizinhança **P/202**

VAMOS APRESENTAR  
UM MAPA **P/204**

Bar/restaurante **P/208**  
Comércio e serviço **P/212**  
Espaço público **P/213**  
Banheirão e sauna **P/218**  
Cinemas e teatros **P/222**  
Boates **P/227**  
Grupo/Organização Social/  
Pessoa de Interesse **P/232**

O QUE FAZER  
COM O MAPA? **P/234**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS **P/239**

## PÓS-TEXTUAIS

LISTA DE LINKS  
DOS MAPAS **P/249**

LINKS DAS EXPOSIÇÕES  
E DOS ACERVOS **P/250**

LISTA DOS PERIÓDICOS:  
ЧАПАКОМЧАПА **P/251**

LISTA DOS PERIÓDICOS:  
LAMPRIÃO DA ESQUILTA **P/252**

REFERÊNCIAS **P/255**

APÊNDICE A **P/271**

APÊNDICE B **P/279**



*APRESENTAÇÃO*

nas páginas a seguir, apresento a tese de doutorado “cidade entendida: os espaços de lazer de homo e bissexuais em São Paulo entre 1978 e 1987”<sup>01</sup>. A pesquisa foi desenvolvida na área de concentração História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Um dos interesses do trabalho é trazer para o campo da história da cidade e da arquitetura a presença e contribuição dos corpos não-heteronormativos<sup>02</sup>, pensando como a noção de urbanidade é modificada a partir da presença de corpos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis / Transexuais) nos espaços da cidade, e também, como estes corpos se transformam a partir da experiência urbana na metrópole.

Ao longo do texto, quando quisermos nos referir a homens e mulheres homossexuais e bissexuais e pessoas T – especialmente as travestis – utilizaremos a sigla LGBT<sup>03</sup>. Acreditamos que tal escolha vai dar conta de tratar dos personagens centrais da pesquisa. Reforçamos, no entanto, que este trabalho não tem por objetivo debater a formação e construção destas identidades<sup>04</sup>.

O interesse pelo tema parte, em primeiro lugar, do contexto do vivido, das experiências pessoais e também da convivência e observação da circulação de outros sujeitos na cidade. Desta forma aproxima-se as questões da pesquisa das questões do próprio pesquisador.

Devo reconhecer três importantes forças motivadoras para este trabalho:

- O documentário “São Paulo em Hi-Fi”
- O curso “Memória LGBT no Centro Novo de São Paulo”
- O trabalho como voluntário na Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu da Casa 1.

#### 01

A primeira versão do título da pesquisa foi “*Cartografias Queer no Centro de São Paulo: a cidade e as subjetividades anormais*” e numa segunda versão o trabalho foi intitulado “cidade bicha: transformações da vida urbana a partir dos corpos dissidentes”.

#### 02

Nota pós-banca: Reconhecemos que ao utilizar o termo “não-heteronormativos” para nos referirmos aos corpos de interesse da pesquisa, inadvertidamente perpetuamos a presença da heteronormatividade no texto. Isso ocorre porque tal abordagem se baseia na negação em relação a outro universo, o que, de certa forma, mantém a hegemonia sexual presente em nossa linguagem. Seria mais proveitoso explorar estratégias linguísticas que transcendam essa hegemonia e empreguem termos que expressem o que a linguagem hegemônica não é capaz de abarcar. Nesse contexto, o uso do vocabulário pajubá poderia ter se mostrado uma alternativa interessante. São corpos do babado, corpos destruidores, corpos fervidos, corpos lacrados, corpos entendidos... Manteremos as ocorrências do termo “não-heteronormativo” no texto; no entanto, quando ele for utilizado para se referir aos corpos estudados o termo aparecerá riscado, seguido da denominação “corpos entendidos”.

#### 03

Poderão aparecer variações da sigla quando estivermos nos referindo aos trabalhos de outras autoras e autores, nestes casos mantivemos as denominações encontradas nas fontes consultadas.



Enquanto ainda finalizava o mestrado, assisti ao longa documentário “São Paulo em Hi-Fi”<sup>05</sup> (2016) de Lufe Steffen no Cine Sesc da Augusta. O filme resgata a noite gay da capital paulista nas décadas de 1960, 70 e 80, e saí do cinema impactado. Eu havia me mudado para São Paulo em 2014 e não fazia ideia da existência daqueles personagens e espaços. Talvez eu imaginasse que a “noite gay” fosse algo mais recente e que, neste passado representado aqui por uma diferença de quatro décadas, não haveria a possibilidade de tais expressões. O fato de a metrópole ter comportado tais manifestações no passado e comportá-las hoje não se trata de uma virtude inata, mas sim de confrontos e lutas reais frente a ideias e sensibilidades conservadoras que, a propósito, continuam presentes e que resultaram em conquistas no campo das liberdades sexuais. “São Paulo em Hi-Fi” me marcou pela existência de um universo de corpos dissidentes visíveis, tão visíveis quanto um elefante na Rua Augusta<sup>06</sup>.

Também em 2016, participei do curso “Memória LGBT no Centro Novo de São Paulo”, realizado pelo Centro de Cultura e Formação do Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC SP), organizado pelo professor Renato Cymbalista. A proposta do curso baseava-se em circuitos pela cidade com a apresentação de importantes espaços para a sociabilidade e a resistência LGBT, alimentado em grande parte por pesquisas do grupo “Lugares de Memória e Consciência” coordenado por Cymbalista e Simone Scifoni. Esse curso mostrou-me que a academia, e mais especificamente a área de Arquitetura e Urbanismo, estava interessada na investigação desses temas.

Em 2018, comecei um trabalho voluntário de seis meses na Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu da República de Acolhida e Centro Cultural Casa 1. Durante essa experiência, tive contato com os moradores da república, que frequentavam a biblioteca, bem como com outros voluntários. Ouvi inúmeros relatos de jovens em situação de vulnerabilidade. Foi nesse período, ao iniciar uma revisão bibliográfica e trazer à tona questões latentes, que escrevi a primeira versão do projeto de pesquisa deste doutorado.

← FIGURA A/01

Wilza Carla chegando em um elefante na Boate Medieval [VERDE\_4] em 1976. Fonte: Brazilian Camp [@acervocampbr] (2022, n.p.)

04

Sobre este tópico conferir as obras de Facchini (2005) e Haider (2019).

05

O trailer do filme pode ser visto em [https://www.youtube.com/watch?v=Ny98d\\_zkMVk](https://www.youtube.com/watch?v=Ny98d_zkMVk) (acesso 12/08/2021)

06

Aqui me refiro ao episódio no qual a atriz Wilza Carla chegou à Boate Medieval, na Rua Augusta, montada em um elefante.



Gostaria de compartilhar uma memória pessoal que percebo agora como parte do processo criativo deste projeto e como uma fonte de reflexões que permeiam a pesquisa. Até os meus 15 anos, eu vivia em Teixeira de Freitas, minha cidade natal, no extremo sul da Bahia. Lá, também vivia Thalia, uma pessoa que era chamada de viado pelos moradores da cidade. Sempre que ela passava, havia vozes que gritavam provocações e xingamentos. Embora nunca tenha conversado com Thalia, acredito que ela não se identificava como viado. Provavelmente, Thalia foi a primeira pessoa ~~não heteronormativa~~ entendida que conheci e isso teve um impacto significativo em mim.

Bicha estranha, louca, preta favelada  
Quando ela tá passando todos riem da cara dela  
Mas, se liga macho  
Presta muita atenção

Senta e observa a tua destruição  
Que eu sou uma bicha, louca, preta, favelada  
Quicando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada  
Se tu for esperto, pode logo perceber  
Que eu já não tô pra brincadeira

Eu vou botar é pra foder [...] (Linn da Quebrada, Bixa Preta, 2017a)<sup>07</sup>

07

Trecho da música “Bixa Preta” de Linn da Quebrada, pode ser ouvida em <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQpJGobBY> (acesso em 31/08/2021)

08

No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde – OMS – declarou a pandemia da covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2.

A leitura dos corpos passa pela decodificação de seus gestos, posturas, indumentárias, jeitos de andar e de falar. Vi Grunvald (2019) no artigo “Lâmpadas, corpos e cidades” recorda o ataque homofóbico ocorrido na Av. Paulista em 2010, quando um jovem foi agredido com uma lâmpada fluorescente, pois “leram seu corpo como um corpo inadequado para ocupar o espaço público sem sofrer algum tipo de sanção [...] o espaço público nunca foi para todas” (p. 267). Corpos diferentes resultam em experiências urbanas diferentes.

A pesquisa sofreu alterações ao longo do seu desenvolvimento, a pandemia da covid-19<sup>08</sup> exigiu que algumas adaptações importantes fossem realizadas, em especial com relação aos procedimentos metodológicos previstos inicialmente. Porém desde a sua primeira composição o trabalho já demonstrava o interesse por espaços de frequência e sociabilidade LGBT em São Paulo, bem como o entusiasmo na investigação da relação entre cidade e subjetividades ~~não heteronormativas~~ entendidas.

No decorrer dos anos a atividade de pesquisa associada às orientações com o Prof. Dr. Jorge Bassani, as disciplinas cursadas e a participação no curso “História do Movimento LGBT” ministrado pelo Prof. Renan Quinalha foram fundamentais para o amadurecimento e desenvolvimento desta tese, como pretendo demonstrar a seguir.



igai City

IDE RAN'  
DES EN'

ELE NUM  
É NEM  
DO  
DO

DE SÃO PA

00

INTRODITÓRIO

Cabe a uma introdução apresentar e contextualizar o tema de pesquisa, definir o problema dentro deste tema, trazer justificativas que construam sua relevância social e acadêmica e explicitar a hipótese ou tese. Este texto introdutório também deverá expor os objetivos da pesquisa, apresentar os seus materiais e métodos, falando de suas etapas, indicando as principais fontes, os desafios enfrentados e um breve resumo de seus capítulos seguintes.

Não se pretende cair na narrativa comum de “dar visibilidade” ou “voz” aos sujeitos envolvidos na pesquisa. Eles são visíveis e têm voz. Se não fossem visíveis e se suas vozes não ecoassem nas ruas, talvez, eles não sofressem ataques e discriminações diárias. Espero que o estudo possa demonstrar que muitos deles foram empoderados, justamente, pela sobrevivência na cidade.

## 00/01 O TEMA E O OBJETO DA PESQUISA

Como já foi mencionado na apresentação, a escolha do tema de estudo parte de questões do próprio pesquisador, uma vez que nesta tese buscamos investigar os espaços de lazer da cidade ocupados e utilizados por pessoas homossexuais e bissexuais. Por razões práticas, neste momento, deixamos de lado os espaços residenciais e os espaços de trabalho, apesar de saber que estes “espaços de lazer” são também “espaços de trabalho” para outras pessoas.

Para Ana de Pellegrin o termo “Espaços de Lazer” é bastante genérico, na medida em que é utilizado para se referir “aos lugares em que se desenvolvem ações, atividades, projetos e programas de lazer de modo geral” (2004, p. 73), podendo ser aplicado a equipamentos de lazer, vazios urbanos e áreas verdes.

01

Para mais informações sobre as origens e os sentidos da expressão “friendly”, procurar a tese de doutorado “Espaços atravessados: Sujeitos homossexuais no discurso jornalístico sobre a cidade” do pesquisador Alexandre da Silva Zanella (2017).

02

No texto utilizaremos “homos” como abreviação para pessoas homossexuais e “bis” para pessoas bissexuais.

03

Um outro termo vem ganhando espaço nos últimos anos e por vezes provoca uma certa confusão com a bissexualidade, trata-se da pansexualidade. Para os pansexuais a atração sexual/afetiva é independente da identidade de gênero (reconhecendo a existência de expressões de gênero além do feminino ou masculino).

O espaço de lazer possui importância mesmo por se caracterizar como espaço de encontro, de convívio, do encontro com o “novo” e com o diferente, lugar de práticas culturais, de criação, de transformação e de vivências diversas, no que diz respeito a valores, conhecimento e experiências. (Pellegrin, 2004, p. 74)

Tais espaços podem ser conhecidos como “bar gay”, “balada LGBT”, “bar sapatão” ou mesmo pelas expressões em inglês “gay friendly” e “LGBT friendly”<sup>01</sup>, mas também já foram conhecidos como “espaços entendidos”. São espaços onde essas pessoas são maioria? Não necessariamente. Mas são espaços de lazer receptivos às pessoas homos e bis<sup>02</sup> e que também exercem um magnetismo nos corpos que fazem parte da sigla LGBT, corpos dissidentes como transexuais, travestis e pessoas não binárias – lembrando que ser um corpo dissidente não está relacionado apenas à orientação sexual.

O que estamos entendendo como pessoas homossexuais e bissexuais? Homossexualidade e bissexualidade<sup>03</sup> são categorias de orientação sexual e tratam do nosso desejo ou interesse sexual e afetivo. Homossexuais são pessoas que sentem atração por pessoas do seu mesmo gênero enquanto bissexuais podem sentir atração por pessoas do gênero feminino ou masculino.

Não é intenção deste trabalho realizar um panorama da presença de sujeitos homossexuais nas cidades brasileiras, pois acreditamos que os corpos dissidentes sempre estiveram presentes. A presença de sujeitos homossexuais nas cidades já aparece nos trabalhos “Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade” de João Silvério Trevisan (2018) e “Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX” de James Green (2000), dois textos clássicos para estudos de sexualidade no Brasil.

Para além disso, evidenciamos que a temática que dialogamos aqui trata de várias problemáticas. Exemplo disso é que, a partir do estudo de espaços onde pessoas homossexuais e bissexuais podem manifestar

e expressar o seu desejo sexual, ainda que não estejam completamente livres de preconceitos ou atos discriminatórios, podemos discutir se esses espaços de lazer são reconhecidos por estas pessoas como ambientes nos quais se sentem “seguras”, bem como podemos analisar o que significa para uma pessoa homo ou bi se sentir segura em um espaço de lazer. Nesse sentido, é possível levantar algumas formulações que estariam associadas ao sentido de se sentir seguro, como: não ser importunado pela sua aparência ou pela roupa que escolheu; ter neste espaço a possibilidade de realizar encontros afetivos e sexuais; poder paquerar sem receber retaliações; e saber que não sofrerá assédio moral e/ou sexual ou que as probabilidades de sofrer assédio são baixas. Essas questões estão relacionadas ao tema desta pesquisa.

Serão estudados os espaços no centro da cidade de São Paulo, com foco para a região que compreende o entorno da Praça da República, vista como fundamental para o entendimento do surgimento e disseminação dos espaços estudados, tal território já havia chamado a atenção de José Barbosa da Silva em 1959, quando o pesquisador publica “Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo” e o mapeamento produzido por esta pesquisa e apresentado no capítulo 03 comprova a grande densidade de espaços de lazer frequentados por homossexuais e bissexuais nesta região entre 1978 e 1987. O que não quer dizer que nas demais regiões da cidade não existissem – e ainda existam – espaços de lazer ocupados e frequentados por pessoas homo e bissexuais, como pode ser visto nas pesquisas<sup>04</sup> recentes.

Para a identificação destes espaços foram selecionadas três fontes documentais da maior importância: o jornal “Lampião da Esquina”, o boletim “ChanaComChana” (CCC)<sup>05</sup> e a dissertação de mestrado e livro “O negócio do michê” de Nestor Perlongher (1987). As fontes foram escolhidas devido à sua importância para o estudo dos dissidentes sexuais no Brasil, já tendo sido reconhecidas e trabalhadas em diversas áreas do conhecimento<sup>06</sup>. Tais obras serão apresentadas com mais detalhes no capítulo 01, quando destacaremos a importância de cada uma delas, que juntas cobrem o período de 1978 a 1987, anos conhecidos como os da abertura política da Ditadura Militar Brasileira, estabelece-se assim o recorte temporal<sup>07</sup> da pesquisa.

04

Ver “Juventude periférica, gênero, sexualidade e violência de Estado: notas a partir de uma família LGBT na cidade de São Paulo” de Vi Grunvald (2021), “Uma família de mulheres: ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo” de Camila Pinheiro Medeiros (2006), “Vida preta importa quando a gente tá morta, não quando a gente tá viva: estética, desejo e constituição de si na cena preta LGBT de São Paulo” de Bruno Nzinga Ribeiro (2020) e “Periferias móveis: (homo)sexualidade, mobilidades e produção de diferença na cidade de São Paulo” de Bruno Puccinelli e Ramon Pereira dos Reis (2020).

05

Ao longo do texto poderemos nos referir ao “ChanaComChana” como “CCC” ou apenas “Chana”.

06

Os artigos e livros mobilizados no capítulo 01 para as análises do “Lampião”, do “Chana” e de “O Negócio do Michê” comprovam a importância destas obras e sua infiltração em diversas áreas do conhecimento, neste sentido destacamos a pesquisa de Eddine et al. (2021).

07

O recorte temporal da pesquisa está justificado em mais detalhes no capítulo 01.

## 00/02 O PROBLEMA E A JUSTIFICATIVA

A partir da apresentação do tema, muitas são as questões que podem ser levantadas que explicitam o problema da pesquisa. Somos guiados pela ideia central da importância dos espaços pesquisados para a formação da metrópole, acreditando que estes são parte fundamental para a nossa compreensão e nosso entendimento de urbanidade.

- Quais contribuições os espaços de lazer frequentados por pessoas homo e bissexuais no centro de São Paulo entre 1978 e 1987 deixaram para a cidade?

Segundo Reed (1996), as áreas do design e da arquitetura demoraram muito para reconhecer as questões relacionadas à sexualidade como dignas de investigação. Dentre os trabalhos pioneiros podemos citar as seguintes obras:

- Colomina, B. (Ed.). (1992). *Sexuality and space*. Princeton Architectural Press.
- Betsky, A. (1995). *Building sex: Men, women, architecture, and the construction of sexuality*. William Morrow and Company.
- Sanders, J. (Ed.). (1996). *Stud: Architectures of masculinity*. Princeton Architectural Press.
- Agrest, D., Conway, P., & Weisman, L. K. (Orgs.). (1996). *The sex of architecture*. Harry N. Abrams.
- Betsky, A. (1997). *Queer space: Architecture and same-sex desire*. William Morrow.

Simões Neto *et al.* (2011) ao pesquisar o tema da diversidade sexual na produção acadêmica brasileira a nível de pós-graduação, mostraram como o interesse sobre o tema começa a crescer a partir de 1996 quando uma média de 10 a 20 trabalhos são produzidos por ano, proporção que muda a partir de 2002 quando essa média passa a ser superior a 20. Os autores atestam que “há produção sobre temas relativos à diversidade sexual em todas as áreas do conhecimento” (Simões Neto *et al.*, 2011, p. 73), e reforçam o papel de destaque das Ciências Humanas nestas produções, especialmente nos campos da Psicologia, Antropologia, Educação e Sociologia. Se num primeiro momento as Ciências da Saúde ocupam o segundo lugar em número de produções acadêmicas, a partir de 2002 este posto é ocupado pelas Ciências Sociais Aplicadas, representadas principalmente pelas áreas da Comunicação Social e do Direito e sendo pouco significativas às contribuições do Serviço Social, da Arquitetura e Urbanismo e da Economia.

Esperamos que pesquisadoras e pesquisadores nas áreas da Arquitetura, Urbanismo e Design, impulsionados pelo crescimento das pesquisas e a partir das suas vivências, possam explorar as questões relativas à diversidade sexual e de gênero em seus trabalhos acadêmicos, como fizeram Assad (2021), Contarim (2018), Galloni (2021), Maia (2022), Pereira (2022), Silveira (2022), Gonçalves (2017) e Müller (2018). Esta pesquisa deve então contribuir para a exploração dos temas da sexualidade dentro do campo da Arquitetura e do Urbanismo, apoiando essa produção em crescimento, mas que, é importante ressaltar, ainda é restrita conforme mostraram Simões Neto *et al.* (2011). Assim como obtivemos incentivo daqueles que ousaram tratar desse tema, espera-se que a tese se junte aos trabalhos já realizados e sirva de inspiração, para que novos debates e investigações sejam abertos.

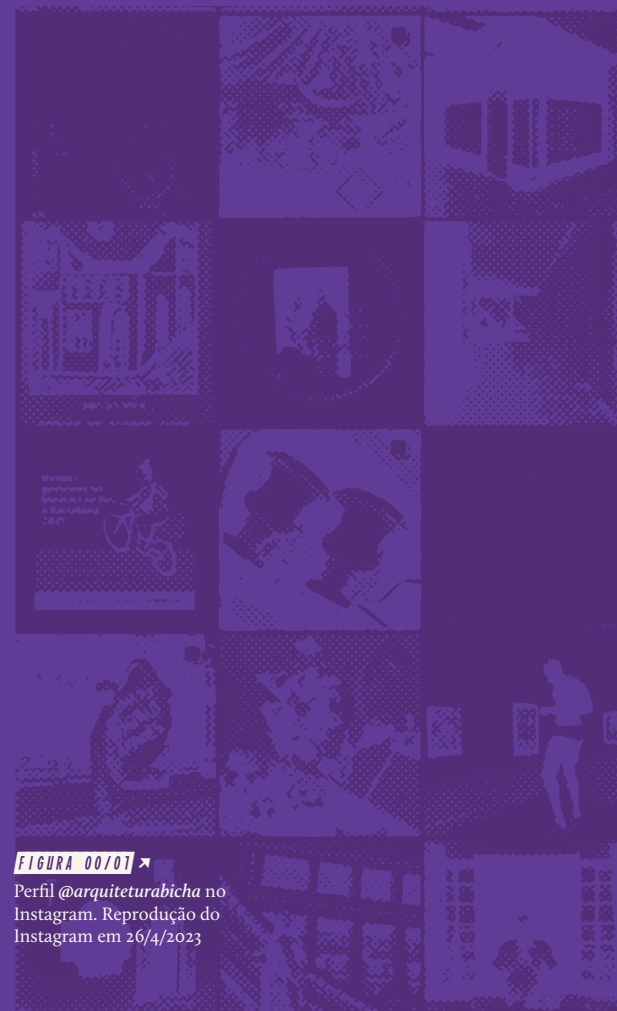
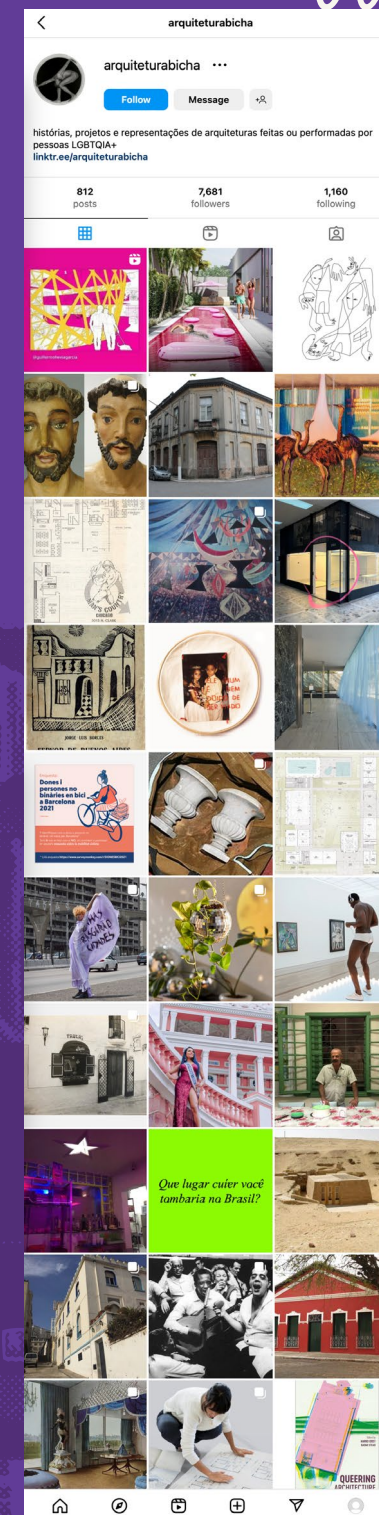


FIGURA 00/01

Perfil @arquiteturabicha no Instagram. Reprodução do Instagram em 26/4/2023



## 00/03 POR QUE ESSE GRUPO?

Por que se dedicar aos espaços ocupados por pessoas sexualmente dissidentes? Segundo reportagem do jornal “O Globo” (Souto, 2018), entre 2016 e 2017 cresceu em 30% o número de assassinatos de LGBT no Brasil, 56% das mortes tendo ocorrido em vias públicas<sup>08</sup>. São Paulo é o estado com o maior número absoluto de assassinatos ou mortes por suicídio relacionados à LGBTfobia, ainda que tenha o menor índice de mortes por 1 milhão de habitantes. Ser homossexual é crime em mais de 70 países, sendo punido com pena de morte em 10, e, mesmo que no Brasil não existam legislações proibitivas, agências internacionais de direitos humanos já apontaram o nosso país como sendo o que mais mata LGBT.

Somado a todo esse cenário, ainda percebemos que iniciativas que poderiam promover o debate das questões foram interrompidas por falta de informação adequada ou por pressão de setores conservadores da sociedade. Citamos a seguir alguns acontecimentos que comprovam a dificuldade de se trazer tais temas para o diálogo com a sociedade. Em 2014 houve o cancelamento do projeto “Escola sem Homofobia”, que fazia parte do programa “Brasil sem Homofobia” criado em 2004.

O projeto, pejorativamente apelidado de “kit gay”, consistia numa série de materiais que seriam distribuídos aos professores das escolas públicas com o intuito de informar e possibilitar o debate das questões de gênero e de sexualidade na escola, reconhecendo o ambiente escolar como arena de preconceitos e violências físicas e simbólicas, o que é comprovado pelas altas taxas de abandono escolar da população T<sup>09</sup> (Hanna & Cunha, 2017).

08

Através de dados coletados durante 38 anos pelo “Grupo Gay da Bahia” (GGB).

09

Travestis, transgêneros e transexuais.

FIGURA 00/02 ↓

Exposição “Queermuseu” foi remontada e aberta ao público em 2018 no Rio de Janeiro. Fonte: Foto de Gabi Carrera (Carneiro, 2018, n.p.)



Outro acontecimento que mostra o despreparo social no debate das questões de sexualidade foi o cancelamento da exposição “Queermuseu” no Santander Cultural de Porto Alegre, após grande pressão organizada em plataformas virtuais por setores conservadores.

Em 2019 o então governador de São Paulo, João Dória, determinou o recolhimento de apostilas de ciências para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental que explicavam sobre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.

Mais recentemente a Deputada Marta Costa encaminhou o Projeto de Lei 504/2020 na Assembleia Legislativa de São Paulo, que, dentre outros objetivos, buscava proibir propagandas com alusão a orientações sexuais e a movimentos pela diversidade sexual relacionados a crianças e adolescentes. O texto original, no entanto, foi alterado em proposta da deputada Érica Malunguinho para que não fosse proibida alusões à diversidade sexual e de gênero.

Só no ano de 2022, três pesquisas foram divulgadas envolvendo o censo de pessoas LGBT no Brasil. Em maio de 2022 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dados “em caráter experimental” baseados em uma coleta de 2019 da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada em domicílios brasileiros que contou com 94 441 entrevistas de pessoas com 18 anos ou mais, que dentre outras questões responderam “Qual a sua orientação sexual?”, optando por uma das seguintes opções: (1) heterossexual, (2) homossexual, (3) bissexual, (4) não sei, (5) prefiro não responder ou (6) outra orientação sexual. A partir dos dados apresentados pelo instituto seria possível apontar que 1,9% da população brasileira se sentiu confortável para se declarar homossexual ou bissexual, com 94,8% da população se autodeclarando heterossexual. Chama a atenção na pesquisa o número de pessoas que não sabiam ou não quiseram responder à pergunta, sendo 3,4%.

ORIENTAÇÃO SEXUAL DAS PESSOAS DE 18 ANOS OU MAIS (%) POR AUTODECLARAÇÃO - BRASIL - 2019

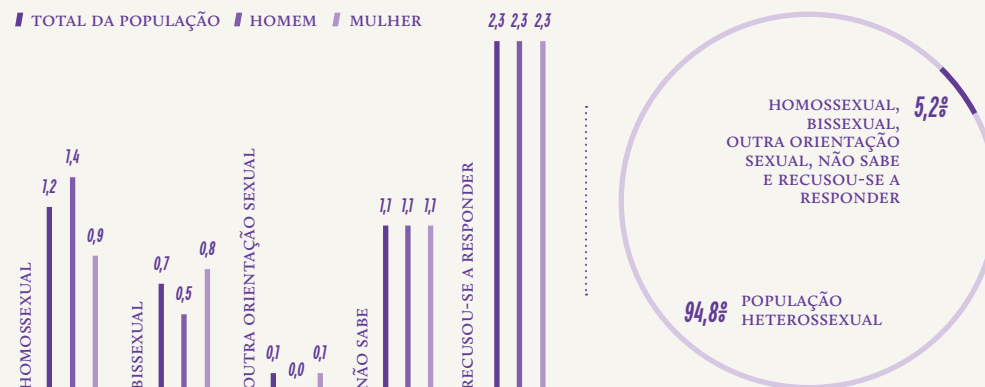
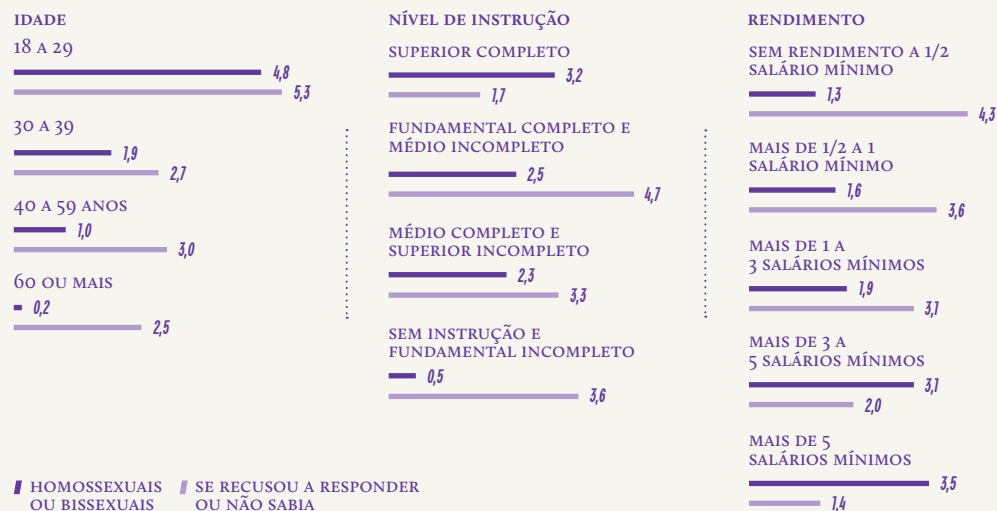


GRÁFICO 00/01

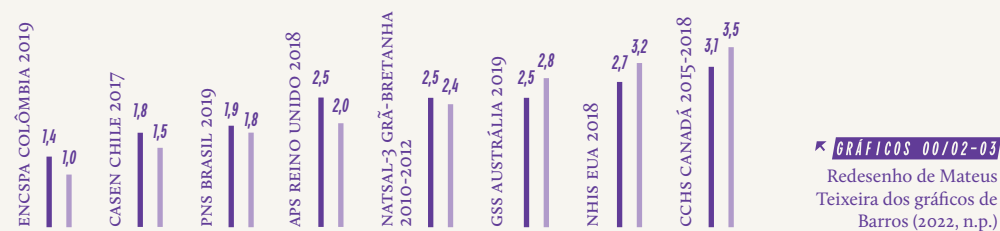
Redesenho de Mateus Teixeira dos gráficos de Barros (2022, n.p.)

Ainda segundo a pesquisa do IBGE, os extratos da população nos quais a proporção de pessoas homo e bissexuais é maior foram entre os que têm nível superior e também entre aqueles de maior renda, o que segundo os pesquisadores está relacionado ao fato de que estes grupos teriam menos barreiras para a autodeclaração e maior entendimento dos termos. A proporção de homos e bissexuais também é maior entre os jovens de 18 a 29 anos, alcançando 4,8% dos entrevistados (Barros, 2022; Tokarnia, 2022).

#### ORIENTAÇÃO SEXUAL POR CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS (%) BRASIL - 2019



#### HOMOSSEXUAIS OU BISSEXUAIS EM OUTROS PAÍSES (%) | HOMEM | MULHER PESQUISAS DOMICILIARES COM AUTODECLARAÇÃO



Na comparação entre as regiões do país não há uma grande diferença, variando de 2,1% (de população homo e bissexual) na região sudeste a 1,5% na região nordeste. Porém há uma grande diferença quando se comparam os dados dos que vivem na área urbana, tendo 2% da sua população se autodeclarando homo ou bi versus a zona rural com apenas 0,8%. Importante notar também que nas capitais o percentual de pessoas autodeclaradas homo ou bi é acima da média nacional, com 2,8%.

Como os dados da pesquisa no PNE do IBGE (2019) foram divulgados em caráter experimental, o Instituto ainda estaria aperfeiçoando sua coleta e análise das informações para futuras pesquisas, tanto que ainda não coletou dados sobre identidade de gênero. De todo modo, segundo os números, o Brasil teria 2,9 milhões de pessoas homo e bissexuais, que conforme o IBGE (2010) é uma proporção populacional semelhante àquela demonstrada por pesquisas realizadas na Colômbia e no Chile (Barros, 2022; Tokarnia, 2022).

Em julho de 2022, pesquisadores brasileiros vinculados à USP e à UNESP publicam na revista “Nature” os resultados de uma coleta de dados realizada em 2018 (entre novembro e dezembro) com 6 000 pessoas numa pesquisa “cara a cara”, realizada pelo Instituto de Pesquisa Data Folha, e que trazia questões sobre: características demográficas, identidade de gênero, orientação sexual e violência psicológica, física, verbal e sexual (Spizzirri *et al.*, 2022).

De acordo com as informações apresentadas 12,04% da população brasileira seria composta por pessoas assexuais, lésbicas, gays, bissexuais, não binárias, transexuais, travestis e transgêneros. Nesta pesquisa as pessoas foram classificadas de acordo com a sua identidade de gênero e a sua orientação sexual de forma indireta, levando em conta as respostas concedidas. Por exemplo: os participantes não informaram a sua orientação sexual a partir de uma lista, em vez disso eles responderam se se sentem atraídos por homens, mulheres, ambos ou ninguém. Esse método pode representar uma forma interessante de superar o desconhecimento por parte da população dos significados de alguns termos relativos à identidade de gênero e orientação sexual. Segundo a pesquisa o Brasil teria 19 milhões de indivíduos ALGBT<sup>10</sup> que estariam divididos de forma equilibrada entre as diferentes regiões do país (assim como na pesquisa anterior).

Através de ampla revisão bibliográfica os pesquisadores Spizzirri *et al.* (2022) demonstram que a maioria dos ALGBT possuem piores indicadores socioeconômicos e taxas mais altas de violência psicológica e verbal do que o restante da população. ALGBT são pessoas que enfrentam condições de vida mais complexas e taxas de violência mais altas do que o grupo heterossexual. Desigualdade socioeconômica, preconceito e discriminação afetam negativamente os estudos, o trabalho e até mesmo o acesso dessa população aos serviços de saúde, o que por sua vez colabora para que esse grupo tenha taxas mais altas de problemas de saúde (física e mental)<sup>11</sup>.

Nesta pesquisa chama a atenção o número de pessoas assexuais (5,76% da população). Foram assim classificadas as pessoas que responderam à pergunta “Atualmente você sente atração, tem desejo sexual, tem vontade de estar num relacionamento, ou tem fantasias sexuais” com a resposta “Eu não sinto atração sexual”. Esta não é uma metodologia consolidada para a determinação desse grupo populacional, de modo que a mudança de metodologia poderia representar alterações significativas no resultado.

<sup>10</sup> ALGBT é o termo utilizado no artigo publicado e significa “Assexual, lesbian, gay, bissexual, and trans”.

<sup>11</sup> É importante reforçar que no contexto brasileiro as pesquisas que futuramente se dedicarem ao tema, também devem passar pelos estudos de raça.

Já em setembro, ainda de 2022, foi divulgada uma terceira pesquisa encomendada pela Havaianas e All Out<sup>12</sup> e realizada também pelo Instituto de Pesquisa DataFolha. 3 674 pessoas acima de 16 anos foram entrevistadas pessoalmente (entre maio e junho do mesmo ano), garantindo à pesquisa um nível de confiança de 95% (com uma margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos) de acordo com os responsáveis. Segundo os dados divulgados 9,3% da população brasileira faria parte da sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans/Travesti, Queer, Intersexo, Assexual e mais).

Para essa pesquisa os participantes realizaram a autodeclaração da sua orientação sexual, que continha as seguintes opções: (1) lésbica, (2) gay, (3) bissexual, (4) pansexual, (5) assexual e (6) heterossexual. Já para a classificação de identidade de gênero havia 3 possibilidades: (A) pessoas que nasceram com o mesmo gênero que se identificam hoje foram declaradas como cisgêneras, (B) pessoas que se identificam com o gênero oposto ao identificado no nascimento foram declaradas como trans/travesti e (C) pessoas que independentemente do gênero identificado no nascimento no momento da pesquisa não se identificavam nem como homem ou mulher foram declaradas não binárias. Havia também a possibilidade de se identificar como Intersexo, que a pesquisa definiu como “uma pessoa que nasce com características masculinas e femininas no seu corpo, tanto por fora quanto por dentro” (Havaianas, Datafolha & All Out, 2022, p. 7).

Essa terceira pesquisa, assim como as demais, também apontou estabilidade nas proporções na comparação entre as regiões brasileiras, e mostrou que nas regiões metropolitanas o número de LGBTQIA+ é maior (10,9%) do que nos interiores (8,2%). Assim como a pesquisa do IBGE, esta última mostra uma proporção maior de LGBTQIA+ na população mais jovem, de 16 a 34 anos.

É um grande desafio realizar uma análise comparativa entre as três pesquisas, devido às diferenças metodologias de cada uma delas. Todas essas pesquisas assumem que muito possivelmente o número de pessoas LGBT estaria subestimado devido ao preconceito e à discriminação, fazendo com que muitos não se sintam confortáveis com as respostas. Há que se levar em consideração também se os respondentes se sentiram mais à vontade respondendo à pesquisa de uma entidade como a Datafolha do que de um órgão governamental como o IBGE. Ainda que não seja possível precisar o tamanho dessa população, as pesquisas mostram que tratamos de uma parcela significativa da população brasileira.

Cabe mencionar aqui o “Mapeamento das Pessoas Trans no Município de São Paulo”, desenvolvido pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Prefeitura Municipal de São Paulo entre dezembro de 2019 e novembro de 2020 e divulgado em janeiro de 2021. O estudo tem como objetivo principal coletar mais informações sobre a população em questão.

12

Uma organização sem fins lucrativos criada em 2010 que atua na defesa dos direitos de pessoas LGBTQIA+.

COMPARAÇÃO ENTRE OS DADOS DIVULGADOS PARA AS PESQUISAS DESENVOLVIDAS PELO IBGE, PELOS PESQUISADORES DA USP/UNESP E PELO INSTITUTO ALLOUT

	PESQUISAS		
	IBGE	USP UNESP	ALLOUT
DATA DE DIVULGAÇÃO	MAI/22	JUL/22	SET/22
COLETA DE DADOS	2019	2018	2022
PARTICIPANTES N°	94 441	6 000	3 674
PARTICIPANTES	> 18 ANOS	█	> 16 ANOS
GAY	█	1,37%	1,60%
LÉSBICA	█	0,93%	1,20%
HOMOSSEXUAIS	1,20%	2,30%	2,80%
BISSEXUAIS	0,70%	2,12%	2,70%
NÃO SABIAM	1,10%	█	█
NÃO QUISERAM RESPONDER	2,30%	█	0,40%
OUTRA ORIENTAÇÃO SEXUAL	0,10%	█	0,10%
HETEROSSEXUAIS	94,80%	█	█
ASSEXUAL	█	5,76%	0,90%
NÃO BINÁRIA	█	1,18%	0,80%
TRANS/TRAVESTI	█	0,68%	1,70%
PANSEXUAL	█	█	0,90%
INTERSEXO	█	█	0,98%

← TABELA 01/07

Fonte: Tabulação do autor a partir dos dados divulgados pelas pesquisas

Para esse grupo, além dos espaços de lazer serem locais para o encontro com os amigos, as danças e a sedução, é também neles onde se trocam indicações (de outros espaços, médicos, empresas, serviços...) e onde é possível se organizar e fortalecer, apoiando artistas e desenvolvendo manifestações artísticas e culturais como o vogue e as *drag queens*. Em especial para a população mais jovem (que pode ser maioria dentro do grupo, como mostraram as pesquisas), os espaços de lazer representam um momento de escape se comparados com a repressão sofrida por estes sujeitos no ambiente familiar. Acreditamos que nestes espaços os sujeitos experimentam a maior possibilidade de liberdade, especialmente em comparação com os ambientes de trabalho/estudo ou doméstico.



## 00/04 POR QUE SÃO PAULO?

São Paulo é a maior cidade do Brasil, *status* que alcançou na década de 1950, marco que refletiu o seu crescimento nas décadas anteriores que fez com que a capital paulista ultrapasse a cidade do Rio de Janeiro em número de habitantes e alcançasse o posto de maior centro urbano do País. A capital paulista possui grande importância no imaginário LGBT brasileiro, e essa pesquisa também deve mostrar parte dos elementos que contribuíram para a construção deste imaginário, que estão relacionados com a sua consolidação como maior metrópole e importante centro cultural brasileiro e com a história do movimento homossexual.

Reconhecemos o território central, na região da República, como local de maior importância para a construção de uma sociabilidade e memória LGBT na cidade. Como veremos no decorrer da tese, a densidade dos equipamentos nesta região e a sua perpetuidade ao longo dos anos justificam o interesse neste território.

A Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC) estabeleceu em 2014 uma parceria com a organização The Rainbow Cities Network (RCN), que trabalha para garantir os direitos de pessoas LGBTI (*Lesbian, Gay, Transgender, Intersex*) através de políticas públicas. Segundo informações da própria organização, todos os anos o RCN publica um documento com os programas mais bem-sucedidos executados pelas cidades que participam da rede. São Paulo é o único município brasileiro a fazer parte da organização, e na página da cidade dentro do domínio do RCN destaca-se o programa “Transcidadania” e um Guia LGBT desatualizado da capital (Rainbow Cities Network, 2022).

### FIGURA 00/03 ↘

Parada do Orgulho LGBT na Av. Paulista em 2019.  
Fonte: Foto de Kevin Dávid (Após 2 anos..., 2022, n.p.)



São Paulo recebe também a maior parada do Orgulho do mundo segundo a Prefeitura Municipal e a Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Essa manifestação acontece desde 1997, já tendo colocado na rua 4 milhões de pessoas<sup>13</sup>. Por sinal foi através da comissão organizadora da Parada LGBT de São Paulo, em conjunto com ativistas e empresários, que em 2017 o Ministro do Turismo Marx Beltrão recebeu o documento “Turismo LGBT: Cidadania, Diversidade e Desenvolvimento Econômico”<sup>14</sup>, o que demonstra os papéis desses atores na consolidação da imagem da cidade como “território da diversidade”.

## 00/05 POR QUE ESSAS FONTES? O LAMPIÃO, A CHANA E O MICHÊ...

O “Lampião da Esquina” foi, muito provavelmente, o veículo de imprensa alternativo assumidamente homossexual mais bem-sucedido. Apesar de ser impresso e editado no Rio de Janeiro, a equipe do jornal se dividia entre a capital carioca e a cidade de São Paulo, onde estava parte do corpo editorial, como João Silvério Trevisan e Darcy Pentead, personagens importantes e que serão apresentados mais adiante. Através de seus mais de 40 números o jornal produz roteiros para diversas cidades brasileiras, anuncia estabelecimentos, festas e eventos e ajuda a criar uma rede de conexões entre entendidos<sup>15</sup> de todo o país.

De circulação, inicialmente, bimestral, o boletim “ChanaComChana” é fruto do trabalho coletivo de mulheres, dentre as quais estavam algumas que fizeram parte do Grupo de Ação Lésbica Feminista, que surgiu como uma facção do Grupo Somos em São Paulo, o primeiro grupo organizado do Movimento Homossexual Brasileiro. O boletim destaca-se no quesito longevidade, tendo sido publicado durante 6 anos, e na estética alternativa que o aproxima dos fanzines punks.

Já a dissertação e livro “O negócio do michê” do argentino Néstor Perlongher segue atualmente sendo um trabalho de referência ao descrever e mapear um território que ainda hoje exerce grande influência para o grupo estudado. Para esta pesquisa o material produzido por ele é de grande importância na medida em que descreve o território dos entendidos no centro da cidade.

### 13

Sobre o significado de “entendidos”: “O termo identificava indivíduos (como homossexuais) e lugares (onde eles se congregavam), enquanto mantinha outros (supostamente os não entendidos) como pessoas que não conheciam o conteúdo real da referência” (Green, 2000, p. 292). James Green (2000) trata do surgimento do termo “entendido” e das suas mudanças de significado ao longo dos anos, dialogando com os trabalhos de Guimarães (1977), MacRae (2018) e Fry (1982). O autor identifica o uso do termo por homens homossexuais nos anos 1940, respaldado por cartas publicadas por Jorge Jaime de Souza Mendes, mas reconhece que ao longo das décadas foi incorporado ao léxico de outros grupos, como por exemplo a classe teatral. Green (2000) mostra que a designação de “entendido” assumiu diferentes significados, podendo representar uma nova identidade homossexual da classe média carioca e paulista, ou sendo utilizado para se referir a homossexuais (homens e mulheres) que levassem uma “vida dupla” sem se assumir publicamente, ou ainda como um sinônimo para bicha ou boneca.

### 13

Segundo informações da APOLGBT-SP, divulgadas por Anna Gabriela Costa (2022).

### 14

Para mais informações sobre turismo LGBT no Brasil, ver o trabalho “Turismo LGBT: um estudo acerca das iniciativas no Brasil” de Kevin Luiz Nicoll Osorio e Aline Patrícia Henz (2018).

## 00/06 HIPÓTESE

Partimos da hipótese de que a infraestrutura de espaços de lazer mapeada, de alguma maneira, permite que esse território permaneça, até os dias de hoje, ocupado por esta população, ainda que sem o incentivo ou apoio que poderiam vir, por exemplo no sentido de oficializar a região do entorno da Praça da República e Largo do Arouche, como área de interesse para a comunidade LGBT. Em vista disso pontuamos que, oficialmente, no plano diretor da cidade não há nenhuma menção a estes espaços como locais de interesse para o grupo.

A pesquisa deverá mostrar que os espaços de lazer frequentados por corpos não heteronormativos entendidos participam da construção de um imaginário urbano metropolitano, assim como a cidade também participa da construção de uma subcultura sexual. Se por um lado a metrópole é tida como grande magneto para corpos dissidentes, associada a uma promessa de liberdade, as *performances* e existências não se dão de forma livre e por vezes estão envoltas por contendas. Esperamos demonstrar que apesar de uma urbanidade construída pela, e para, família heteronormativa na qual há pouco ou nenhum espaço para corpos dissidentes (Mendes, 2011) é possível trabalhar no sentido de fortalecer uma memória coletiva que contemple as subjetividades que estão fora da heteronormatividade.

## 00/07 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O trabalho tem como objetivo central responder à seguinte questão: quais contribuições os espaços de lazer frequentados por pessoas homo e bissexuais no centro de São Paulo entre 1978 e 1987 deixaram para a cidade? Para respondê-la pretendemos, através de uma pesquisa documental, entender a urbanidade a partir destes corpos marginais e dissidentes, estudando sua presença no espaço da cidade, seus fluxos e ocupações, analisando os efeitos que a sua performance provoca no espaço, bem como os efeitos que o espaço metropolitano provoca em seus corpos. Com isso desejamos comprovar a atração exercida pela metrópole aos corpos em questão, enunciando os fatores e as características destes espaços que favorecem, ou não, essa atração e ocupação.

São objetivos específicos desta pesquisa:

- Analisar as três fontes documentais que alicerçam a pesquisa: (i) todas as edições do jornal “Lampião da Esquina”, (ii) todas as edições do jornal e boletim “ChanaComChana” e (iii) a obra “O Negócio do Michê”;
- Identificar o maior número possível de espaços de lazer frequentados por pessoas homo e bissexuais em São Paulo entre 1978 e 1987 a partir da análise destas três fontes documentais;
- Discutir a aproximação entre um grupo formado por pessoas sexualmente dissidentes e outros grupos urbanos como por exemplo a boemia e a classe teatral;
- Tecer aproximações entre as questões relativas aos estudos sobre diversidade sexual e o campo da Arquitetura e do Urbanismo;
- Investigar diferentes estratégias de mapeamento de espaços relacionados à população LGBT e
- Desenvolver um mapa que mostre os espaços de lazer identificados subdividindo-os em diferentes categorias e apresentando informações adicionais relacionadas à sua história e elementos iconográficos.

Os procedimentos metodológicos adotados para garantir o sucesso da pesquisa podem ser divididos em três etapas principais: (I) revisão bibliográfica, (II) mapeamento e (III) redação da tese. A seguir descrevemos como será construída cada uma delas, as atividades que compreendem, seus desafios e objetivos.

A revisão bibliográfica foi realizada através da consulta de base de dados livres, aos periódicos especializados e aos livros publicados. Foi realizado um levantamento bibliográfico de obras que tratam do tema da pesquisa e ele deve permitir, como objetivo principal, a construção de um estado da arte das produções sobre sexualidade e arquitetura, passando por estudos de sexualidade, pelas discussões sobre uma subjetividade homo(bi)sexual e pela história dos espaços LGBT.

Para o desenvolvimento da pesquisa encontramos apoio em revistas e periódicos dedicados ao debate das questões da sexualidade e também das questões de gênero. No Brasil podemos citar os “Cadernos Pagu” (Unicamp), a “Revista de Estudos Feministas” (UFSC), a “Revista Gênero” (UFF), a “Bagoas” (UFRN), a “Revista Sexualidad, Salud y Sociedad” (UERJ) e a “Revista Periódicus” (UFBA), todas publicações que estão ligadas diretamente a grupos de pesquisa. Internacionalmente destacamos: “GLQ – Journal of Lesbian and Gay Studies”; “Signs: Journal of Women in Culture and Society”; “Gender, Place and Culture: A Journal of Feminist Geography”; e “Women’s Studies: An Interdisciplinary Journal”. É interessante observar como vários editoriais demonstram foco principal na questão de gênero, mas estão abertos e mesmo incentivam o debate das questões de sexualidade e da teoria queer. Mais adiante, no capítulo 02, falamos um pouco sobre as aproximações entre ambas.

As questões trabalhadas pelos estudos de sexualidade e pelo feminismo contemporâneo são fundamentais para esta pesquisa, em especial a forma como foram interpretadas, aplicadas e apropriadas dentro do contexto da arquitetura e do urbanismo. Com relação aos temas da sexualidade, é na década de 1990 que os arquitetos se interessaram por seus desdobramentos. A publicação “Sexuality and space” editada por Beatriz Colomina em 1992 foi uma das primeiras que tratou das identidades sexuais dentro da disciplina. O livro possui o mesmo título da conferência realizada dois anos antes na Escola de Arquitetura da Universidade de Princeton.

No Brasil cabe um levantamento mais preciso sobre as produções dos últimos 40 anos, mas a sexualidade ainda segue sendo pouco debatida no campo da arquitetura (Simões Neto, 2011). Trabalhos percussores como o de José Barbosa da Silva, que na década de 1950 sob a orientação de Florestan Fernandes desenvolveu uma pesquisa sociológica a respeito dos homens homossexuais em São Paulo, e do antropólogo argentino Néstor Perlongher, que estudou os michês de São Paulo em texto publicado em 1987, abriram caminho para investigações que se seguiram nas áreas da Antropologia, das Ciências Sociais, da Geografia e, também, da Arquitetura e Urbanismo.

Nos últimos anos o tema tem penetrado a academia, com um crescente número de trabalhos e produções científicas<sup>16</sup>, como os de Puccinelli (2013, 2017), Vicente (2015) e Pontes (2014). Trabalhos que, mesmo não sendo desenvolvidos em departamentos de arquitetura, tocam em questões como ocupações e apropriações dos espaços. Podemos nos questionar a partir de que momento os pesquisadores começaram a trazer à tona os temas relacionados a sexualidades em suas pesquisas<sup>17</sup>. É imperativo que as questões da sexualidade conquistem cada vez mais novos lugares, dentro e fora da universidade.

Grande parte dos textos de apoio partem de pesquisas realizadas fora do Brasil. Aproveitamos para destacar dois livros, dos mais fundamentais para a pesquisa: “Gay New York: Gender, urban culture, and the making of the male world 1890-1940” de George Chauncey (1994) e “Gay Berlin: Birthplace of a modern identity” de Robert Beachy (2014). Já nos títulos é possível observar as aproximações entre os livros, ambos tratam da subcultura gay em duas cidades ocidentais, na virada do século XIX para o século XX. Os autores são doutores e professores de História. Chauncey leciona na Columbia University em Nova Iorque, nos Estados Unidos, e Beachy na Underwood International College em Seul, na Coreia do Sul. É possível que ao longo das suas carreiras eles tenham se cruzado na década de 1990, quando George Chauncey – após ter concluído o seu doutorado em Yale – lecionava na Universidade de Chicago ao mesmo tempo que Robert Beachy realizava o seu doutoramento nesta instituição.

Os livros tratam de um universo homossexual urbano já notável no século XIX e para tal tarefa se baseiam na consulta de fontes diversas: publicações de periódicos da época, entrevistas coletadas pelos autores, registros policiais, registros médicos e diários<sup>18</sup> estão entre as principais.

Chauncey (1994) foca no desenvolvimento do mundo gay, em Nova Iorque, antes da Segunda Guerra Mundial. Seu livro pretende desafiar três mitos que estariam associados à história dos homossexuais anterior aos movimentos de libertação, como ficaram conhecidas as mobilizações do final da década de 1960 e início dos anos 1970, especialmente após a revolta de Stonewall. Os três mitos – que serão trabalhados com maior profundidade no decorrer do texto – são os seguintes: o mito do isolamento, o mito da invisibilidade e o mito da internalização.

A hipótese que Chauncey (1994) busca comprovar no livro é a de que o mundo gay teria crescido e se desenvolvido com grande visibilidade, das últimas décadas do século XIX até a década de 1920 nos territórios da classe operária. Após a Primeira Guerra Mundial este universo teria sofrido uma forte onda de repressão, fazendo com que ele se “escondesse” entre os anos 1930 e 1950. Sua contenção somada ao fato de que anteriormente o mundo gay teria se desenvolvido em “espaços inesperados” levou a uma desconsideração da subcultura gay da virada do século.

Já Robert Beachy (2014) parte da hipótese de que a identidade homossexual ocidental moderna teria surgido em Berlim, na virada do século XIX para o século XX. Para comprová-la o autor irá tratar da formação de uma

16

Vale observar que as pesquisas do campo da saúde se consolidaram após a epidemia da AIDS. E como mostram Teixeira *et al.* (2014), é na área da saúde que se encontra a grande maioria dos grupos de pesquisa relacionados à sexualidade.

17

Pode haver uma relação com o sentimento de segurança conquistado por parcelas da população LGBT através das campanhas de visibilidade e das lutas políticas e sociais.

18

Uma importante fonte utilizada por Beachy (2014) são os escritos do anglo-americano Christopher Isherwood. “A Single Man”, sua obra de 1964, foi adaptada para o cinema por Tom Ford em 2009 e “Christopher and His Kind”, de 1976, foi adaptada para a TV em 2011.

subcultura urbana homossexual na cidade, investigando os locais que ela ocupava, a sua relação com as forças de segurança e a atuação de cientistas médicos interessados no estudo das minorias sexuais.

A palavra “Homossexualidade” teria sido – segundo o autor – uma invenção alemã, com o surgimento de “Homosexualität” em 1869 num panfleto que argumentava contra o estatuto prussiano de antissodomia, conhecido como parágrafo 175<sup>19</sup>. Para Beachy (2014) o crescimento e estabelecimento de uma subcultura urbana teria alterado a expressão da homossexualidade. A cultura cosmopolita e o anonimato, que vieram com a urbanização europeia crescente a partir do século XIX, permitiram a emergência de comunidades de minorias sexuais.

Berlim seria o berço de uma nova “espécie” de homossexual urbano, e para comprovar este nascimento o autor realiza um levantamento do uso das palavras “homossexual” e “homossexualidade” em inglês, alemão, francês e italiano através da base de dados do Google Books, demonstrando como em alemão os termos foram amplamente mais utilizados, crescendo a partir do final do século XIX.

Tanto George Chauncey (1994) quanto Robert Beachy (2014) trabalham em recortes temporais semelhantes – na virada do século XIX para o século XX – e montam um panorama que teria permitido o desenvolvimento da subcultura gay em Nova Iorque e em Berlim, mostrando que questões como o crescimento das cidades, as características territoriais e a presença de outros grupos podem ser estudadas mais a fundo. As pesquisas têm confirmado a interrelação entre a subcultura gay com a boemia e o teatro e apontado para a investigação quanto às formas de entretenimento urbano presentes no território.

No que tange à produção nacional destacam-se os trabalhos acadêmicos como as dissertações e teses, em especial aquelas produzidas no campo das ciências humanas e sociais como geografia e antropologia. Apesar de outras áreas do conhecimento também se dedicarem às questões de gênero e sexualidade, foram estas duas que exploraram os tópicos relativos à espacialização destes corpos. É importante ressaltar que há também um cuidado em trazer para o debate as produções de autores LGBT.

O mapeamento referido pretende registrar em mapa os espaços no centro de São Paulo encontrados nas edições do “Lampião da Esquina”, “ChanaComChana” e “O Negócio do Michê”, obras que dão conta do período de 1978 a 1987. No capítulo 01 apresentamos a análise destas três fontes documentais. O “Lampião”, desde o início, já se consolidava como importante fonte para a pesquisa, pois trata-se de uma das primeiras publicações assumidamente homossexuais da imprensa nacional de grande alcance. Durante a pandemia, com a dificuldade de acesso aos arquivos públicos ele se tornou ainda mais fundamental, pois todas as suas edições estão digitalizadas e disponíveis no website do Grupo Dignidade. Os números do “ChanaComChana” digitalizados foram obtidos através do website do grupo de pesquisa “CISGES – ciência, saúde, gênero e sentimento” da Universidade Santo Amaro (UNISA)<sup>20</sup> e através de uma visita presencial ao Arquivo Edgard Leurenroth (AEL) da Universidade de

19

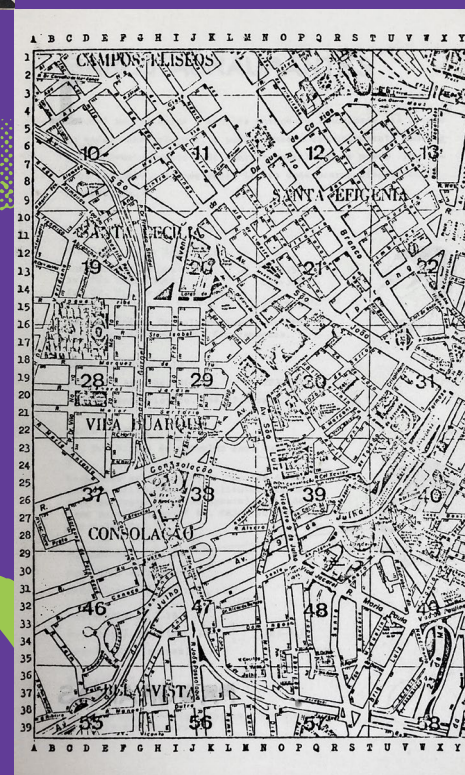
Para saber mais sobre o Parágrafo 175, ver o livro “Triângulo rosa: Um homossexual no campo de concentração nazista” de Rudolf Brazda e Jean-Luc Schwab (2012) e os filmes “Bent” (1997) de Sean Mathias e “Paragraph 175” (2000) de Rob Epstein e Jeffrey Friedman.

20

Cf. Link: <https://cisges.files.wordpress.com/2018/09/chana-com-chana.pdf>

Campinas (Unicamp), realizada em novembro de 2022, na qual tivemos oportunidade de consultar documentos dos fundos: “Outra Coisa” e “GALF”.

Outros materiais de apoio para a pesquisa foram obtidos através do AEL, como: os arquivos digitalizados do fundo “Paulo Ottoni”<sup>21</sup> no qual foram selecionados convites, programações teatrais, anúncios e *flyers* da época; e o “Bandeirante Destemido” guia gay de São Paulo, que faz parte do fundo “Grupo Outra Coisa”<sup>22</sup>, produzido pelo grupo paulistano em 1981, tendo sido a primeira publicação do tipo no país, apresentando ruas, bares, restaurantes, boates, saunas, cinemas, banheiros e outros serviços; além de um roteiro lésbico e documentos diversos do fundo “GALF”.



21

O fundo “Paulo Ottoni” contém documentos, manuscritos, recortes de jornal e revistas dos mais diversos que foram doados ao AEL pelo pesquisador e professor Paulo Roberto Ottoni, que entre 1977 e 1990 estava concluindo sua graduação, mestrado e doutorado na Unicamp. Todos os documentos do fundo encontram-se digitalizados e foram disponibilizados para pesquisa remota num momento em que as visitas presenciais ao acervo ainda não eram possíveis devido às restrições pandêmicas.

22

Tomamos conhecimento sobre o “Bandeirante Destemido”, pois ele foi mencionado no “Lampião da Esquina” nº 33 de fevereiro de 1981 e antes de termos acesso ao original que faz parte do acervo do AEL, tivemos a oportunidade de vê-lo em exposição em “Madalena Schwartz: as metamorfoses – travestis e transformistas na SP dos anos 70” (2021) no Instituto Moreira Salles de São Paulo.

◀ FIGURA 00/04

Capa e mapa (p.7) de “O Bandeirante Destemido 81: o guia gay de São Paulo”. Fonte: Fotografias do autor a partir do exemplar do AEL

O  
GUIA  
GAY  
DE  
SÃO PAULO

Foi aventada uma visita ao Acervo Bajubá, porém ele esteve fechado para pesquisas presenciais durante a pandemia de covid-19 e quando em julho de 2022 entramos em contato para agendar uma visita, fomos informados de que não seria possível, pois estavam passando por uma reestruturação e reorganização do catálogo devido à mudança da sua sede.

Tudo começa com a leitura dos materiais seguida da produção de uma lista dos espaços mencionados, nesta etapa destacamos toda menção aos lugares situados na cidade de São Paulo, e estes são inseridos em um quadro<sup>23</sup>, juntamente com outras informações como: tipo de local, endereço e demais observações. A grande maioria dos espaços citados nas obras não existe mais na cidade, portanto há um trabalho de tentar localizá-los em um território urbano que muitas vezes passou por transformações. Assim que alcançamos as informações necessárias os pontos são localizados geograficamente através de um mapa. A plataforma utilizada foi o Google Maps. É do nosso interesse que o material possa ser exportado ou redesenhado numa outra plataforma, num desdobramento futuro deste projeto, que apresente um visual mais atrativo e permita interações mais estimulantes com os usuários. Os relatos sobre o mapeamento, o debate sobre o seu processo e o seu resultado final – o produto que resulta desta pesquisa – podem ser vistos no capítulo 03.

A última etapa foi a redação do texto final da tese, que registrou todos os processos percorridos em uma base de informações acessível. O conteúdo sintetizado apresenta a revisão bibliográfica e os processos adotados para a validação, ou não, da hipótese de que a presença dos corpos estudados transformou a compreensão do espaço público metropolitano, e vice-versa. O trabalho é tecido, tendo em mente que mais do que o estudo do urbano ou das subjetividades dissidentes, o que interessa é a relação entre ambos.

No capítulo 02 trazemos um debate sobre o espaço metropolitano e os seus grupos, e para esta tarefa mobilizamos os textos publicados no livro “Cidades sul-americanas como arenas culturais”, organizado pelo arquiteto e historiador argentino Adrián Gorelik e pela antropóloga brasileira Fernanda Arêas Peixoto, publicado em 2016 na Argentina e em 2019 no Brasil pela Edições Sesc São Paulo. A coletânea mostra como podemos pensar cultura e cidades a partir de seus grupos em sistemas de ação e reação, numa “ativação mútua” (Peixoto & Gorelik, 2019). Assim como as cidades que conhecemos foram transformadas por diversos grupos culturais, os grupos também foram transformados pelos ambientes urbanos.

A coletânea tem um carácter interdisciplinar que pode ser comprovado pelas diversas áreas de seus autores, pelos temas desenvolvidos e seus embasamentos teóricos. Contudo a espinha dorsal do livro está nas teorias do historiador estadunidense Richard Morse, que apresentou uma alternativa à influência dos estudos quantitativos americanos e da Escola de Chicago, trazendo para a observação do espaço urbano os elementos culturais como ferramentas para compreender nossos processos de modernização (Bonduki, 2019).

23

Consultar Apêndice A, na página 271.

Já em 1956, por exemplo, ele destacara a importância decisiva das fontes culturais para a compreensão das cidades da América Latina: as aproximações de artistas, escritores e ensaístas, com a sua capacidade demiúrgica de enumerar, de modelar a realidade, pareciam a Morse tanto ou mais esclarecedoras que as pesquisas e as estatísticas; e para indicar a realidade a radicalidade de seu pensamento, sua forma de raciocinar na contr corrente, convém lembrar a centralidade que a sociologia e a planificação ganharam nesses anos [...] relegando a segundo plano outras formas de conhecimento da cidade, como as fornecidas pela tradição ensaística. (Peixoto & Gorelik, 2019, p. 17)

Na apresentação da edição brasileira Nabil Bonduki (2019) destaca a importância desse tipo de abordagem, que relaciona cultura e cidades, para se pensar nos diversos grupos e coletivos contemporâneos que têm interferido diretamente no espaço e que ao mesmo tempo podem ser assimilados como frutos da formação de nossas metrópoles. Grupos estes que trazem consigo toda a diversidade e exclusão de nossas cidades. No caso deste doutorado estamos interessados nas contribuições da subcultura LGBT.

Os textos organizados por Gorelik e Peixoto (2019) são divididos de acordo com quatro recortes temporais: séculos XIX e XX, 1910-1930, 1940-1970 e 1990-2010; e tratam das seguintes cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires, La Plata, Córdoba, Montevideu, Recife, Bogotá, Caracas, Brasília, Salvador, Quito, Lima e Santiago. Para a investigação dessa pesquisa nos detemos em dois textos específicos: “Buenos Aires – A cidade da boemia” de Pablo Ansolabehere (2019) e “São Paulo – A cidade encenada: Teatro e culturas urbanas dissidentes” de Heloisa Pontes (2019), que estuda as transformações urbanas através de quatro peças de teatro, estas seriam capazes de demonstrar as mudanças do tecido urbano paulista que deixava de ser a cidade do café para se tornar uma “civilização urbano-industrial” a partir da década de 1950<sup>24</sup>.

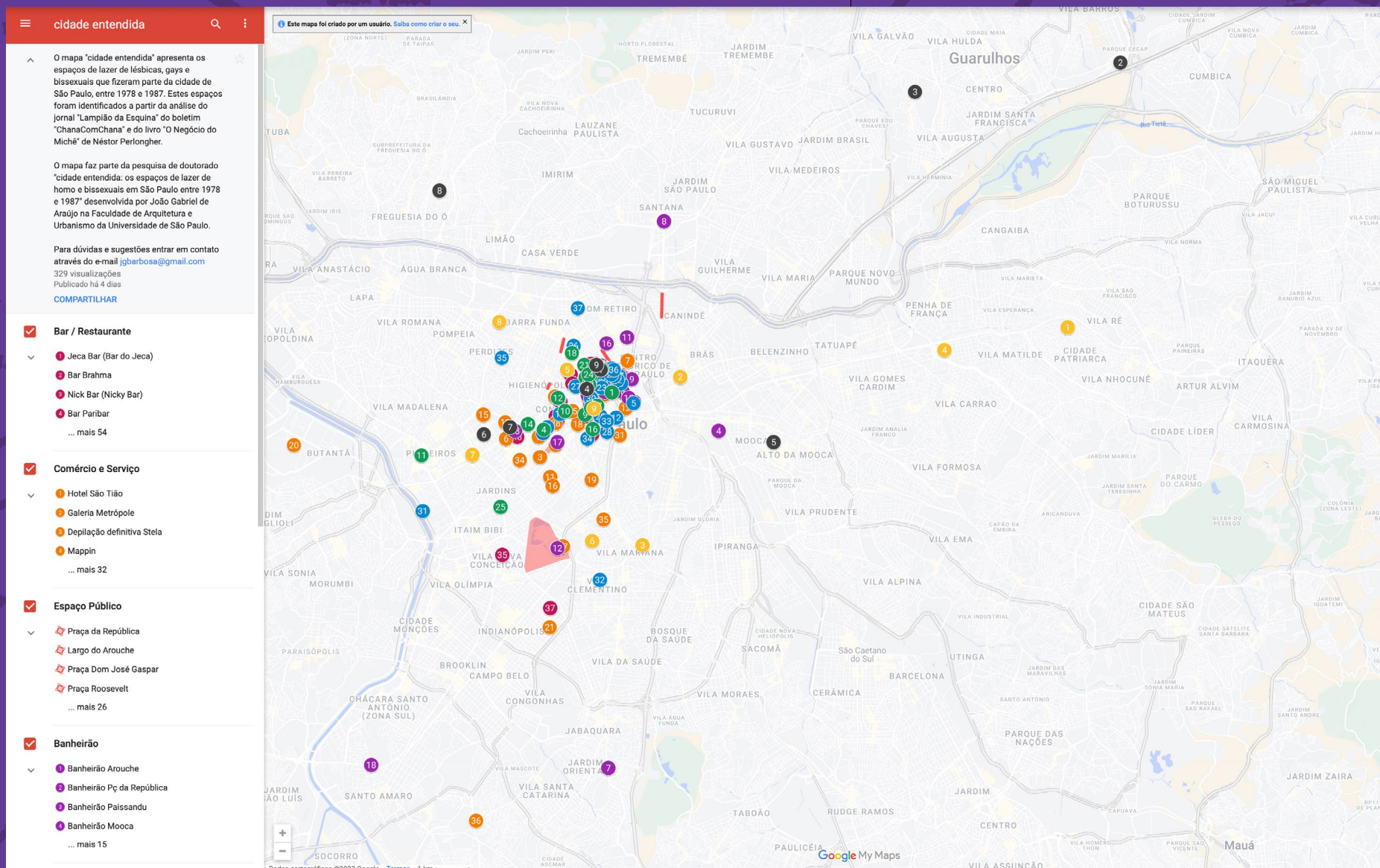
Como veremos ao longo da tese, a escolha dos textos se deu a partir da correlação com o universo homossexual do final da década de 1970 em São Paulo, que se aproxima muitas vezes tanto da marginalidade boêmia quanto da vanguarda teatral, como ficou comprovado pela revisão bibliográfica. Os locais de frequência muitas vezes se interseccionam como: o Bar a Brahma ② [ROSA\_2] na esquina da Ipiranga com a São João e o Ponto Chic ⑩ [ROSA\_10] no Largo do Paissandu, que eram redutos da boemia paulista que também recebiam LGBT, assim como o Nick Bar ③ [ROSA\_3] e os bares da Praça Roosevelt, que eram conhecidos espaços da classe teatral.

Desta forma temos um corpo textual dividido em três partes ou três capítulos. No primeiro momento tratamos das fontes, sua descrição e análise dedicada. No segundo momento tratamos da cidade, seu poder de atração e o grupo de interesse da pesquisa. No terceiro momento falamos das possibilidades cartográficas e apresentamos o mapa e os espaços mapeados. Desta forma acreditamos que os capítulos funcionam na sequência exposta, em outra ordem e também de forma independente, cabendo ao leitor construir o seu percurso.

24

Como já mencionado, a década de 1950 marca a ascensão de São Paulo como a maior cidade em número de habitantes do país.

O mapa "cidade entendida" é parte fundamental da pesquisa e como mencionado, será tema do capítulo 03. Sinta-se livre para explorar o mapa antes de prosseguir na leitura do texto, ou mesmo, alternar o texto com a exploração do mapa, conforme a sua preferência. O acesso é livre e pode ser realizado tanto através do link fornecido quanto pelo uso do QRcode.



ACESSO AO MAPA ↓



<https://bit.ly/cidade-entendida>

#### FIGURA 00/05 ↗

Interface do mapa elaborado pelo autor a partir dos dados coletados na pesquisa. Fonte: Imagem do mapa elaborado pelo autor



MAN MAILER E O

LE +

LUCE

voce en  
ra que dist  
sas tidas n  
e ser a cox  
ca mi

iss  
ment  
co  
seio  
ro  
po  
ment  
almente

Se  
ment  
ve  
algua  
mente como se  
das tetas e  
no delirio  
o se nada  
da lin

o di  
es  
abics dis  
a das li

e  
remor onde  
revolvia-no  
de entrega  
companhe

de abril  
e possis corporal  
stade orgasmica  
nua e solitaria  
amar sempre  
amarhecer na  
liberdade sola  
nspal aliad  
e suavidade

ran exu

ção

A Prostit

R

ocia

GAS

RIGAS

07-

O QUE DIZEM AS FONTES?

O objetivo deste capítulo é apresentar e analisar três fontes documentais que foram de maior importância para a pesquisa. A partir delas foi possível mapear parte do território ocupado por gays e lésbicas na cidade de São Paulo entre os anos 1978 e 1987. Um jornal, um boletim e uma dissertação de mestrado estão conectados, como mostraremos a seguir, não só pelo intervalo temporal ou pelos temas abordados, mas também pelas relações de proximidade entre seus responsáveis.

O propósito do capítulo e as discussões nele desenvolvidas seguem na esteira da disciplina “História da Arquitetura e da Cidade: Teoria e Método”, ministrada pelas Professoras Ana Claudia Scaglione Veiga de Castro e Joana Mello de Carvalho e Silva na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP e cursada no primeiro semestre de 2020<sup>07</sup>. Nos empenhamos aqui em seguir algumas das etapas metodológicas da Escola dos Annales (Matos, 2010, p. 128) ao realizar um inventário das fontes, determinar com precisão o período estudado no qual elas se inserem, analisar seus locais e meios de produção e apontar as suas heranças culturais e limitações, que serão discutidas ao final deste capítulo.

O movimento historiográfico da Escola dos Annales, cujo nome está relacionado ao periódico “Annales d'histoire économique et sociale” (Anais de História Econômica e Social), teve início em 1929 com a crítica ao método histórico positivista, tendo passado por diversas gerações nas quais se destacaram nomes como Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Jacques Le Goff e Pierre Nora, que trouxeram inovações para a pesquisa e produção histórica, dentre elas o conceito de história-problema, a ampliação das fontes históricas, a importância da interdisciplinaridade com a incorporação de métodos das ciências sociais à história e a dedicação a novos temas como a história da vida privada, de gênero, da sexualidade e da loucura (Matos, 2010). É importante mencionar também o texto de Tania Regina de Luca (2008), que na esteira dos Annales detalha os aspectos que devem ser investigados no inventário de periódicos enquanto fontes históricas.

O exercício proposto por este capítulo auxiliou na compreensão das formas mentais e das sensibilidades que regiam os sujeitos de interesse desta pesquisa, uma vez que as três fontes em questão foram produzidas por homens e mulheres bi ou homossexuais. Estamos falando do jornal “Lampião da Esquina”, do jornal e boletim “ChanaComChana” e da obra “O negócio do michê: Prostituição viril em São Paulo”.

**07**

Na ocasião foi desenvolvido um texto sobre o “Lampião da Esquina” que pode ser considerado como ideia preliminar deste capítulo.



Grid of newspaper clippings from the left page (62). The clippings are organized into columns and rows, featuring various text, photographs, and illustrations. Notable elements include:

- Top Row:** Several small photographs and text snippets.
- Second Row:** "City Club" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "A praça é dos negros" article with a photo of a public square, and another "Thermas Danny" advertisement.
- Third Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Fourth Row:** "Do fim de semana" advertisement, "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Fifth Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Sixth Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Seventh Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Eighth Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Ninth Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Tenth Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Eleventh Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Twelfth Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Thirteenth Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Fourteenth Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.
- Fifteenth Row:** "Duplão de Stela" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Thermas Danny" advertisement, "Molher de café" article with a photo, and "Thermas Danny" advertisement.

Grid of newspaper clippings from the right page (63). The clippings are organized into columns and rows, featuring various text, photographs, and illustrations. Notable elements include:

- Top Row:** "n1" advertisement, "n2" advertisement, "n3" advertisement for "AULAS DE GINÁSTICA COM ÊNFASE NA CAPOEIRA" and "GALF".
- Second Row:** "N4" advertisement for "FIMOCASO", "N5" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N6" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Third Row:** "N7" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N8" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N8" advertisement for "LÉSBICAS E TRABALHO".
- Fourth Row:** "N9" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N10" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N10" advertisement for "LÉSBICAS E TRABALHO".
- Fifth Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Sixth Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Seventh Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Eighth Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Ninth Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Tenth Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Eleventh Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Twelfth Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Thirteenth Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Fourteenth Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".
- Fifteenth Row:** "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N11" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR", "N12" advertisement for "ANÚNCIOS" and "FERRO'S BAR".

SOU LIVRE. Jovens, simples, solteiros, 1,8m, 65kg. Quero conhecer um bom rapaz, independente de idade, raca, religião, que também tenha profissões de 18 a 20 anos para alugar a sua atenção. Daniel Gustavo, Av. Itália, 1111, 1º andar, apt 4, São Paulo, SP - CEP: 05.000.

Com relação aos periódicos (“Lampião” e “Chana”), nas páginas seguintes iremos situá-los na história da imprensa brasileira, pontuar a periodicidade, materialidade, técnicas de produção e o uso da publicidade, identificar possíveis fontes de receita, apresentar uma análise da organização interna de seu conteúdo, caracterizar o grupo responsável pela publicação, identificando, quando possível, os principais colaboradores e, também, o público ao qual estas publicações se destinavam.

Com relação à dissertação de mestrado iremos abordar uma breve história dos antecedentes de seu autor, sua atuação na Argentina, a sua chegada no Brasil e as relações que aqui estabelece, bem como a importância de seu trabalho acadêmico para os estudos de sexualidade no Brasil, passando pela mobilização teórica realizada por ele para o desenvolvimento do texto.

Na leitura das edições do “Lampião da Esquina”, do “ChanaComChana” e do “Negócio do Michê” foram compiladas as indicações aos locais de lazer com frequência e ocupação (bi)homossexual<sup>02</sup> na cidade de São Paulo. Nos periódicos foi possível encontrar essas informações espalhadas ao longo de todas as páginas: em dicas culturais, resenhas de espetáculos e exposições, sugestões de roteiros, matérias policiais, entrevistas com personalidades, artigos políticos, anúncios publicitários e respostas às cartas recebidas. No trabalho do argentino as entrevistas com michês, clientes e entendidos<sup>03</sup> permitiram recompor um cenário riquíssimo. O fato de Néstor ocupar tanto a posição de antropólogo e “nativo”, fazendo parte do seu grupo de interesse, é um dos fatores que tornam o seu trabalho possível e tão interessante, pois permitiu o acesso a espaços, rotas e depoimentos.

As fontes escolhidas descortinam uma cidade dentro de uma cidade, jogam luz nas relações, nos encontros e na disputa destes espaços, confirmando a importância de uma região central, cujo núcleo está na Praça da República, mas que apresenta vetores de ocupação pelo Bairro do Bexiga, pela Rua Augusta e pela Vila Buarque, como pode ser observado no mapa que acompanha a tese.

Com a leitura do “Lampião” e do “Chana” foi possível mergulhar nestes universos e entender melhor as linguagens e as formas de aproximação com o público que ocupava essa outra cidade. A partir dessa tarefa foram organizados fichamentos com informações relacionadas aos espaços pesquisados e seus frequentadores, tabulações focadas nas seções de cartas e uma seleção de recortes de imagens e anúncios.

A seleção destas fontes documentais foi o que estabeleceu o recorte temporal mencionado acima. O ano de publicação do “Lampião” nº 0 é 1978, ao passo que 1987 é o ano do último “ChanaComChana”, situando-se neste intervalo o desenvolvimento e a publicação do “Negócio do Michê”. Uma janela de 10 anos que cobre grande parte da década de 1980. O Brasil vivia uma ditadura militar desde 1964, e nos anos 1970 estava colhendo os frutos do dito “milagre econômico” que teria se iniciado no final dos anos 1960 com o investimento em infraestrutura pública. A esse respeito, podemos citar a obra do Elevado Presidente João Goulart conhecida como minhocão e inaugurada em janeiro de 1971 e a obra do

02

Aqui o termo “bi” aparece entre parênteses pois na época esta ainda era uma identificação muito pouco utilizada no meio, havendo preconceitos relacionados à bissexualidade. Ao mencionar que os espaços mapeados também poderiam ser espaços frequentados por pessoas bissexuais, o fazemos com as lentes dos dias atuais, visto que naquele período poucos assim se identificavam.

03

Entendido foi uma interessante estratégia do autor, pois algumas pessoas só aceitaram participar das entrevistas nessa condição. O termo foi utilizado para se referir a alguém que pode ou não ser homossexual, mas que circula e conhece bem o meio.

Metropolitano de São Paulo<sup>04</sup>, cuja primeira linha (1-Azul) começou a operar em 1974. Esses e outros equipamentos passaram a atender uma população urbana em crescimento expressivo. Na comparação entre 1960 e 1970, São Paulo passou de 3 825 351 para 5 978 977 habitantes (IBGE, 2010), um aumento de mais de 50%, crescimento populacional que vinha acompanhado por uma queda na renda per capita do cidadão paulista, já que o crescimento econômico não ocorria com a participação dos mais pobres, mantendo e acentuando a desigualdade social.

Em 1974 assume Ernesto Geisel, que vai indicar o princípio de uma abertura política. Em 1975 é lançado o projeto Pró-Álcool, como uma resposta à primeira crise do petróleo em 1973. Em outubro de 1978 é promulgada uma emenda constitucional para revogar os atos institucionais e complementares que fossem contrários à Constituição Federal – inclusive o AI5, que era do final de 1968 –, a qual entra em vigor em janeiro de 1979 e faz parte do pacote da abertura política. Em 1979 a segunda crise do Petróleo afeta bastante a economia brasileira, que sofre com a alta da inflação. Durante a década de 1980 o processo de abertura política permitirá o surgimento de novas formas de organização e atuação social. É marcante o movimento das “Diretas Já” de 1983-84, que lutava pela participação da sociedade civil na escolha dos governantes e que em 1984 lotou a Praça da Sé com 1 500 000 de pessoas, na maior manifestação pública da história do país até então. Em 1985 com o falecimento de Tancredo Neves, assume José Sarney, eleito indiretamente como vice na chapa presidencial, e o país estava endividado em decorrência dos planos de desenvolvimento dos militares e enfrentava uma inflação crescente. Em 1986 o governo lança o Plano Cruzado, para substituir o cruzeiro, que teve um efeito a curto prazo de conter a inflação e aumentar o poder aquisitivo da população, mas que a médio e longo prazo não funcionou. Em 1987 é instalada a Assembleia Nacional Constituinte, que culmina com a aprovação da Constituição de 1988.

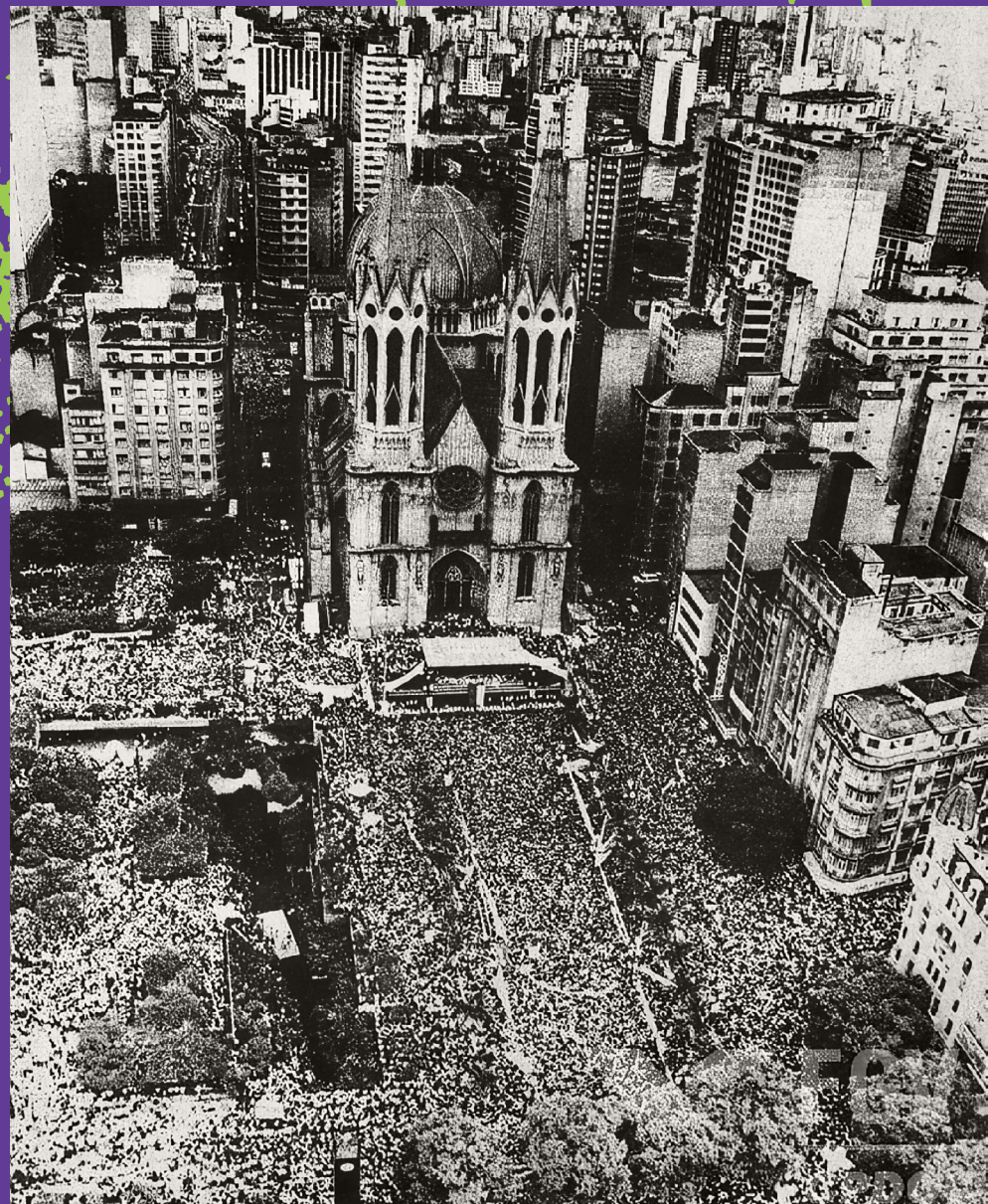
Regina Facchini (2003) e Renan Quinalha (2020)<sup>05</sup> identificam que entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980 estávamos na primeira onda do movimento homossexual brasileiro, que foi marcada pelo rescaldo das décadas anteriores com os movimentos de contracultura, a tropicália, os grandes festivais, os grandes atos públicos que ocuparam as cidades como a passeata dos 100 000 de junho de 1968 no Rio de Janeiro e as greves do ABC Paulista entre 1978 e 1980. Em 1983 é confirmado o primeiro caso de AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) em São Paulo, e o crescimento do número de casos nos anos seguintes provocou alterações significativas na atuação dos movimentos sociais, em especial aqueles voltados para as questões da população gay, travesti e transexual, que passaram a pressionar pelo desenvolvimento de políticas públicas, destacando-se a atuação do Grupo Gay da Bahia (GGB).

04

Em 1982 é inaugurada a estação República da Linha-3 Vermelha do Metrô de São Paulo, localizada bem no centro de nossa área de investigação.

05

Informação verbal do professor e pesquisador Renan Quinalha durante o curso “História do Movimento LGBT” em São Paulo, julho de 2020.



◀ FIGURA 01/03

Manifestação pelas "Diretas Já" na Praça da Sé em 1984. Fonte: Acervo de imagens da campanha "Diretas Já" disponibilizado pela FGV (n.d., n.p.)

◀ FIGURAS 01/04-05

Passada da Greve do ABC em 1980 com a participação dos homossexuais com as faixas "Contra a discriminação do/a trabalhador/a homossexual" e "Contra a intervenção no ABC - comissão de homossexuais pró-1º de maio". Fonte: Fotos de Fernando Uchoa (Puff, 2014, n.p.)

Como mapear os locais de frequência homossexual de uma São Paulo do passado? E por que realizar isso através das fontes escolhidas? Para compreender esta escolha é importante destacar que durante os anos de 2020, 2021 e parte de 2022 atividades como entrevistas e visitas a acervos se tornaram inviáveis devido à pandemia de covid-19, decretada no Brasil em março de 2020. Ao adotar as três obras selecionadas temos em mãos os relatos daqueles que ocupavam, produziam e transformavam estes espaços, temos as perspectivas dos editores e autores das publicações, mas não apenas, pois os periódicos abriam espaço para textos dos leitores, não somente nas cartas, mas também em matérias especiais e roteiros. Ainda que estes textos fossem previamente selecionados pela equipe de edição, isso não significava que todos eles eram elogiosos às ideias presentes nos periódicos, ou seja, o corpo editorial abria espaço para o debate, o desentendimento e o conflito, em alguns casos inclusive se beneficiando disso, como no “Lampião da Esquina”.

O trabalho de Yuri Fraccaroli<sup>06</sup> “Era um olhar e pronto: memórias cotidianas do homoerotismo em São Paulo”, apresentado em 2019 no Instituto de Psicologia da USP, em alguns momentos poderá ser utilizado para enriquecer as informações que iremos apresentar ao longo da tese e nos pontos incluídos no mapa, uma vez que ele recolheu depoimentos de pessoas que viveram em São Paulo durante as décadas de 1970 e 1980.

As três fontes aqui estudadas fizeram parte das referências do curso “Memória LGBT no Centro Novo de São Paulo”, organizado por Renato Cymbalista no Centro de Pesquisa e Formação do SESC São Paulo em 2016. Como já mencionamos anteriormente este foi o momento em que despertei para esses assuntos passando a acompanhá-los. Todas são referências no estudo da história do movimento homossexual e dos espaços dissidentes da capital paulista.

O “Lampião da Esquina” nos últimos anos foi alvo de investigação de uma série de pesquisas (seja como tema principal ou como fonte de informação) conforme mostra o artigo de Eddine *et al.* (2021). O jornal também aparece nas exposições “Orgulho e resistências: LGBT na ditadura” (2020-21)<sup>07</sup> no Memorial da Resistência de São Paulo; “Madalena Schwartz: as metamorfoses – travestis e transformistas na SP dos anos 70” (2021)<sup>08</sup> no Instituto Moreira Salles de São Paulo; “Os corpos são as obras” (2017)<sup>09</sup> na Despina Rio de Janeiro; “Crônicas cariocas”<sup>10</sup> (2021-22) no Museu de Arte do Rio entre outras. Acreditamos que em parte essa profusão se deve, além da sua importância cultural, ao fácil acesso ao material, que se encontra disponibilizado no site do Grupo Dignidade, totalmente digitalizado, sendo inclusive através da página do grupo que tivemos acesso a todas as edições.

Para “O Negócio do Michê”, tivemos acesso tanto à versão digitalizada da dissertação original, apresentada na Unicamp em 1986, quanto à versão publicada em livro em 1987 pela Editora Brasiliense, havendo ainda uma nova edição impressa em 2008 pela Fundação Perseu Abramo. Hoje o livro encontra-se fora de edição.

06

Yuri Fraccaroli faz parte da equipe do acervo Bajubá.

07

A aparição do jornal na exposição pode ser consultada no seguinte link: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/exposicoes/orgulho-e-resistencias/>

08

A aparição do jornal na exposição pode ser consultada no seguinte link: <https://fms.com.br/exposicao/madalena-schwartz-as-metamorfoses-ims-paulista/>.

09

A aparição do jornal na exposição pode ser consultada no seguinte link: <https://despina.org/os-corpos-sao-as-obras/>.

10

A aparição do jornal na exposição pode ser consultada no seguinte link: <https://museudeartedorio.org.br/programacao/cronicas-cariocas/>.

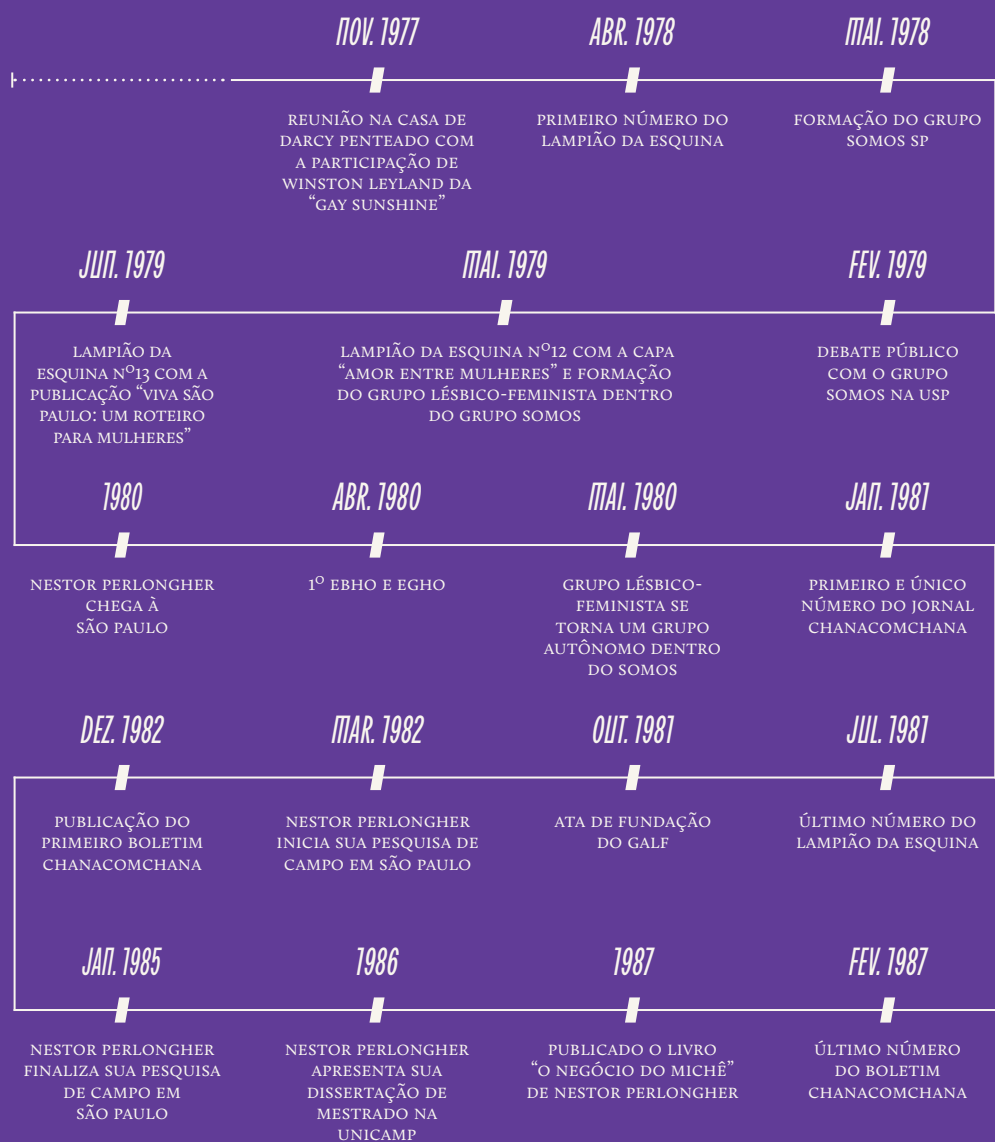
No primeiro momento o “ChanaComChana” não fazia parte do exercício deste capítulo, mas passa a integrar os trabalhos no ano de 2020<sup>11</sup>. Havia uma dificuldade com relação ao acesso de todas as edições do boletim, pois a pasta do Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF) no Arquivo Edgard Leurenroth (AEL – Unicamp) não conta com todos os números, possuindo 10 dos 13, e nas buscas *online* encontrava-se apenas algumas páginas “soltas” de diferentes números da publicação, porém tivemos acesso a toda coleção do “ChanaComChana” através do *site* do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento (Cisges) da Universidade Santo Amaro (UNISA) e também através do Acervo Um Outro Olhar, que em 2021 passou a disponibilizar o boletim digitalizado – com exceção apenas do nº 0. Tais iniciativas têm potencial para ampliar o número de pesquisas dedicadas ao periódico.

A pesquisa de Eddine *et al.* (2021), que busca em bancos de dados por trabalhos sobre “Lampião da Esquina” e o “ChanaComChana”, mostra como a grande maioria dos trabalhos trata do “Lampião” na proporção de 19 para 1. Ao analisar as datas os pesquisadores perceberam que a quantidade de trabalhos aumenta a partir do ano de 2016, demonstrando um interesse crescente. Com relação aos temas, na sua maioria os trabalhos utilizam os periódicos como *corpus* de análise ou numa pesquisa comparativa com outros periódicos semelhantes. Uma das seções mais exploradas do “Lampião da Esquina” é a “Cartas na Mesa”, na qual eram publicadas e respondidas as correspondências dos leitores. Por fim, outra conclusão notável pontuada pelos autores é de que a minoria dos trabalhos dedicados aos periódicos foi produzida por ou com a participação de mulheres.

Na sequência partimos para a apresentação e análise das fontes. Apesar do crescimento no número de pesquisas sobre o “Lampião da Esquina”, acreditamos que as suas edições ainda estão longe do esgotamento e poderão servir de base para pesquisas futuras em diversas áreas do conhecimento. Esperamos que esta pesquisa expanda o interesse sobre o “ChanaComChana” e o “Negócio do Michê”, estimulando novos trabalhos e investigações também no campo da Arquitetura e Urbanismo.

11

A inclusão do “Chana” partiu da sugestão da professora Silvana Nascimento na ocasião da Banca de Qualificação deste trabalho.



◀ FIGURA 01/06

Linha do tempo "Lampião", "ChanaComChana", "O Negócio do Michê".  
Fonte: Imagem produzida por Mateus Teixeira a partir de organização do autor

## 01/01 O LAMPIÃO DA ESQUINA

O "Lampião da Esquina" foi um periódico mensal produzido e distribuído entre abril de 1978 e julho de 1981, fazendo parte do que se costuma classificar como imprensa alternativa na época da abertura política brasileira, que compreende a segunda metade da década de 1970. Especificamente em 1978 estávamos no governo de Ernesto Geisel, que daria início ao que a Ditadura Militar nomeou como processo de redemocratização.

Para Kucinski (1991) a imprensa alternativa teria sido responsável por trazer ao debate brasileiro personagens como os boias-frias, abrindo a pauta para importantes movimentos populares, não só aqueles dos trabalhadores, mas também dos movimentos negro e feminista. Tais publicações foram capazes de mudar hábitos e valores, especialmente da juventude.

Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investiam principalmente contra o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média. Além de introduzirem no Brasil temáticas da contracultura, alguns de seus protagonistas experimentaram drogas, em especial o LSD, em busca de novos modos de percepção. (Kucinski, 1991, p. 6)

Apesar de uma origem jornalística, em sua fase derradeira a imprensa alternativa não se limitou a difundir o debate como passou a incorporar parte destes movimentos populares de base, tornando-se um importante espaço para a reorganização política e ideológica das esquerdas (Kucinski, 1991). Para o autor, entre os anos de 1974 e 1977 é difícil separar a história da esquerda brasileira da história da imprensa alternativa. "Por isso, o surto alternativo adquire uma importância que extravasa sua aparência como conjunto de jornais ou como criação ideológico-cultural" (Kucinski, 1991, p. 7).

Como consequências do milagre econômico, dos primeiros anos da Ditadura Militar, a cidade de São Paulo viu florescer uma cena gay com a abertura de casas noturnas e bares frequentados pela classe média paulista – como pode ser visto na longa-metragem de Luffe Stefan, "São Paulo em Hi-Fi". É nesse contexto que surge o "Lampião da Esquina", veículo fundamental para a criação e estruturação de um movimento homossexual brasileiro, organizado e atuante.

Para tratar do "Lampião da Esquina" iremos recorrer às pesquisas de: Andrade (2015), Mariusso (2015), Brito (2016), Silva (2016), Candido (2017), Freitas e Pinto (2017), Santos (2017), MacRae (2018), Silva e Rubio (2018), Simionato (2018) e Cruz (2019). A expansão dos trabalhos sobre o jornal está diretamente relacionada a sua disponibilização em meio eletrônico feito pelo "Grupo Dignidade" desde 2008, que conta com todos os números digitalizados em ótima qualidade.

Nos anos anteriores à sua publicação, o país havia vivido o dito "milagre econômico", que teria permitido a melhoria nas condições de vida das classes médias urbanas, e viveu-se também o "boom gay" dos anos

1970, alimentado pelos movimentos de contracultura. Neste sentido poderíamos citar a androginia e as quebras dos padrões de gênero de artistas como Secos e Molhados, Dzi Croquettes e Caetano Veloso. No documentário “Lampião da Esquina” (2016) de Lívia Perez, as entrevistas evidenciam que o Rio de Janeiro nos anos 1970 – parte deste universo pode ser visto no trabalho fotográfico de Alair Gomes – teria vivido uma experiência de liberdade sexual, que o colocaria com *status* de paraíso gay, com a ocupação de praias e espaços como a Galeria Alaska.

Segundo Bernardo Kucinski (1991) tivemos no Brasil cerca de 150 periódicos considerados alternativos durante o período da ditadura militar, também conhecidos como imprensa nanica, termo que se referia ao formato tabloide – menor do que o formato *standard* –, adotado pela maioria das publicações deste tipo.

Já o radical de alternativa contém quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos 1960 e 1970, de protagonizar as transformações sociais que pregavam. (Kucinski, 1991, p. 5)

Diferentemente da grande imprensa que tratava com tom apaziguante a ditadura militar, os jornais alternativos criticavam o governo e suas práticas, reivindicando o retorno à democracia e defendendo os direitos humanos e das minorias. Os locais de impressão eram os mesmos – como comentaremos adiante –, devido à chegada do método *offset* no país. Os temas como se pode imaginar eram diferentes, os locais de venda poderiam ser os mesmos, apesar de a visibilidade ser diferente, uma vez que as publicações da imprensa nanica ficavam muitas vezes escondidas nos cantos das bancas ou livrarias.

O “Lampião da Esquina” pode ser considerado um marco na imprensa alternativa gay, mesmo não sendo o primeiro, visto que já havia surgido “O Snob” (1963-1969) e o “Darling” (1970) no Rio de Janeiro. Estes, no entanto, tratavam-se de publicações mimeografadas e eram distribuídos entre amigos e conhecidos. Para alguns “O Snob” poderia ser considerado como colunismo social gay, de características muito amadoras, mas não podemos deixar de reconhecer que essas publicações possibilitaram e comprovaram a existência de uma rede de relações e conexões entre homens gays na capital carioca.

Dentro da imprensa oficial podemos citar a “Coluna do Meio”, publicada no jornal “Última Hora”, de São Paulo, por Celso Curi entre 1976 e 1977. De tom informativo, leve e informal a coluna se comunicava de forma explícita com um público gay trazendo notícias sobre homossexuais famosos, dicas de bares, restaurantes, espetáculos, clubes e até um correio elegante. Apesar de não ter durado muito tempo e ter recebido fortes reações contrárias, a coluna marca a entrada de conteúdos gays dentro de um jornal de grande circulação. A capa da edição número zero do “Lampião da Esquina” trata de um processo ao qual Celso Curi estaria

respondendo por conta de perseguições relacionadas à sua Coluna. Importante reconhecer também que em 1977 a “Revista IstoÉ” trazia em sua capa a chamada para a matéria “O Poder Homossexual” com a foto de duas mãos masculinas entrelaçadas. Os dois exemplos comprovam a presença da temática já aparecendo em obras de grande circulação, explorando o debate social.

A iniciativa para o lançamento do jornal estaria relacionada à visita de Winston Leyland, editor da revista “Gay Sunshine” (1971) de São Francisco, que veio ao Brasil no segundo semestre de 1977 com a intenção de organizar uma antologia da literatura gay latino-americana. O contato inicial de Leyland no Brasil foi João Antônio Mascarenhas, que era o único assinante da “Gay Sunshine” no país e que trabalhava no “Pasquim” – importante jornal alternativo de circulação nacional. Mascarenhas decide reunir um grupo de jornalistas gays que entrevistariam Leyland para o jornal, e o grupo se reúne em novembro de 1977 na casa do artista plástico Darcy Penteado.

Após o primeiro encontro com Leyland, foram adicionados outros membros ao grupo inicial e então teria surgido a ideia de criar uma publicação voltada para o público gay no Brasil. O grupo era formado por 11 “viados”: Adão Acosta (jornalista e pintor), Aguinaldo Silva (jornalista e escritor), Antonio Chrysóstomo (jornalista e crítico musical), Clóvis Marques (jornalista), Darcy Penteado (artista plástico e escritor), Francisco Bittencourt (poeta, crítico de arte e jornalista), Gasparino Damata (jornalista e escritor), Jean-Claude Bernadet (crítico de cinema), João Antonio Mascarenhas (advogado e jornalista), João Silvério Trevisan (cineasta e escritor) e Peter Fry (antropólogo). Todos pertencentes a uma classe média intelectualizada e parte do que podemos chamar da indústria cultural dos dois maiores centros urbanos do país: Rio de Janeiro e São Paulo. Em sua maioria exerciam a ocupação de jornalistas, mas também permeavam os campos da literatura, artes plásticas e cinema. Kucinski (1991) destaca que Francisco Bittencourt e Aguinaldo Silva, anteriormente ao trabalho no “Lampião da Esquina”, já haviam trabalhado em outras publicações tanto da imprensa oficial quanto da alternativa. O jornal já nascia com uma cicatriz que dividia o seu corpo editorial, uma parte residia em São Paulo e outra parte no Rio de Janeiro. Essa divisão será importante para compreender o encerramento de suas atividades.

Os membros do corpo editorial são também um extrato do público-alvo do “Lampião da Esquina”, muito provavelmente realizando aquilo que eles gostariam de ter acesso. As experiências anteriores mostravam que o público leitor já estava lá. Diferentemente do “Snob”, os jornalistas assinariam as matérias publicadas no “Lampião” – ou pelo menos a maior parte delas – com seus próprios nomes e assumiriam uma posição de crítica política e social ao governo e ao conservadorismo.

Para a publicação da edição número zero, de caráter experimental, além da coleta de recursos dos próprios organizadores, foram enviadas cartas a 12 mil amigos com o intuito de arrecadação de dinheiro (MacRae, 2018). O número de envios relatado por seus fundadores é muito alto, e até mesmo poderia ser questionado se pensássemos nas questões



◀ **FIGURAS 01/07-10**

Fotografias de Alair Gomes  
no Arpoador e Barra da  
Tijuca - Rio de Janeiro  
entre 1967 e 1977. Fonte:  
Alair Gomes, na Biblioteca  
Nacional Digital



**LAMPIÃO**  
Edição experimental - Número zero abril, 1978 - Circulação restrita

**Homo eroticus**  
Um ensaio de  
**DARCY PENTEADO**

**CELSO CURI**  
processado.  
Mas qual é  
o crime  
deste rapaz?

Duelo de machões  
Nureyev  
VS Cássius Clay

Exclusivo  
García Lorca  
também assume

**Uma noite no Cinema Iris**

Colaboram neste número:

João Silvério Trevisan	Francisco Bittencourt	Iaponi Araújo	Aguinaldo Silva
Gasparino Damata	Clóvis Marques	Adão Acosta	João Antônio Mascarenhas

◀ **FIGURA 01/11**  
Capa da edição nº 0 do "Lampião da Esquina", abril de 1978. Fonte: Lampião da Esquina, nº 0, abr./1978

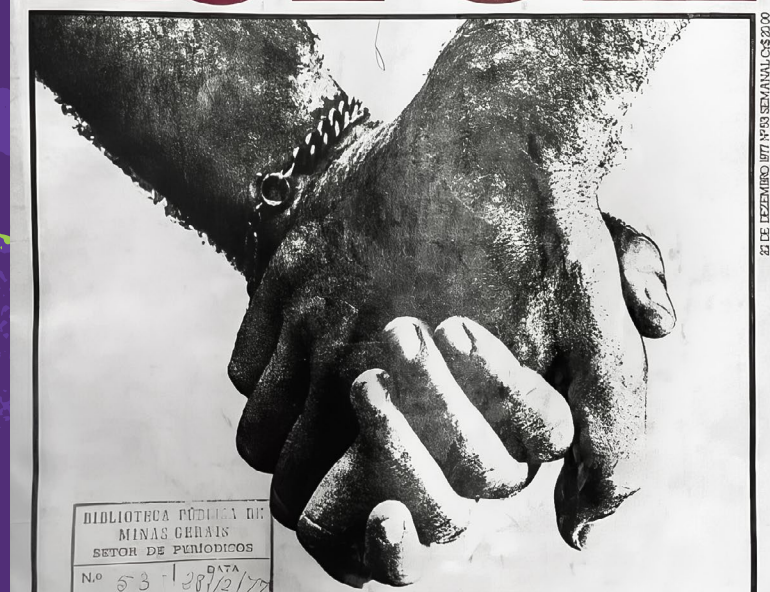
◀ **FIGURA 01/12**  
Membros reunidos para o lançamento do "Lampião". Fonte: Lampião da Esquina, nº 1, maio/1978, p. 9



Lampião's Bouquet (a partir da esquerda): Peter Fry, João Silvério Trevisan, Celso Curi, Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas e Darcy Penteado

**FIGURA 01/13** ▶  
Capa da "Revista IstoÉ" de dezembro de 1977.  
Fonte: Revistas Antigas [@ capasderevistas] (2019, n.p.)

**ISTOÉ**



BIBLIOTECA PÚBLICA DE MINAS GERAIS  
SETOR DE PERIÓDICOS  
N.º 53 - DATA 28/12/77

**O PODER HOMOSSEXUAL**

21 DE FEVEREIRO 1977 Nº 53 SEMANAL R\$ 4,00



práticas que envolveriam o envio de tal quantidade de cartas, no entanto parece ser inquestionável que existia um universo de possíveis leitores e também uma rede de conexão entre LGBT já estabelecida. Essa espécie de financiamento coletivo dá resultados, e a arrecadação teria permitido a publicação dos dois primeiros números do jornal, proporcionando certa liberdade ao corpo editorial, que por enquanto não dependeria de patrocinadores – estes, por sinal, ao longo de toda a vida do jornal serão poucos. O grupo fica então com o compromisso de atender às expectativas daqueles que acreditaram na ideia e aceitaram contribuir para a publicação do primeiro jornal alternativo gay de grande tiragem e distribuição regional, segundo classificação de Kucinski (1991), brasileiro. O objetivo da publicação como dito por Trevisan no documentário de Livia Perez era de produzir um jornalismo sobre a temática gay diferente

LAMPIÃO DA ESQUINA - COLABORAÇÃO/REDAÇÃO. EDIÇÕES DE 1978 A 1981

LOCAIS/NÚMEROS	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
CO-DF - BRASÍLIA			█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
CO-MS - CAMPO GRANDE														
ND-BA - SALVADOR														
ND-CE - FORTALEZA	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
ND-PB - CAMPINA GRANDE			█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
ND-PB - JOÃO PESSOA			█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
ND-PE - RECIFE				█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
ND-PI - TERESINA														
ND-RN - NATAL		█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
SD-ES - VITÓRIA	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
SD-RJ - NITERÓI	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
SD-RJ - RIO DE JANEIRO	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
SD-SP - CAMPINAS		█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
SD-SP - JACAREÍ														
SD-SP - SÃO PAULO	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
SL-PR - CURITIBA				█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
SL-RS - PORTO ALEGRE	█			█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
SL-SC - FLORIANÓPOLIS				█	█	█	█	█	█					
AN-USA - NOVA IORQUE			█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
AN-USA - SÃO FRANCISCO			█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
EU-ALM - FRANKFURT														
EU-ESP - BARCELONA			█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
EU-ESP - MADRID									█	█	█	█	█	█
EU-FRA - PARIS														
EU-UK - LONDRES														
TOTAL POR NÚMERO	6	7	12	16	17	17	17	17	17	17	16	16	17	17

QUADRO 07/07 ➤  
Identificação dos locais dos colaboradores a partir das informações divulgadas no jornal. Fonte: Quadro elaborado pelo autor

dos boletins de crime da imprensa marrom – como eram chamados os jornais sensacionalistas –, a exemplo do jornal notícias populares, no qual gays, transexuais e travestis eram retratadas/os como doentes, delinquentes, loucos, descontrolados e criminosos. Com o “Lampião”, de algum modo o grupo poderia tomar controle da sua própria narrativa, são gays falando do seu universo, gays falando de gays e para outros gays, o que pode ser comprovado no editorial do número zero “Saindo do Gueto”. Havia também o desejo de abrir espaço para o debate das questões de outros grupos – como negros, mulheres e indígenas –, ainda que segundo alguns autores isso não tenha sido feito de forma tão efetiva.

Com relação às colaborações, o jornal passa de colaboradores em 6 diferentes cidades no nº zero até atingir colaboradores em 22 cidades no número 22 (março de 1980), número que se mantém até a edição de outubro do mesmo ano.

	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	TOTAL
CO-DF - BRASÍLIA	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	35
CO-MS - CAMPO GRANDE	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█					19
ND-BA - SALVADOR							█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	18
ND-CE - FORTALEZA	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	30
ND-PB - CAMPINA GRANDE																									11
ND-PB - JOÃO PESSOA	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	28
ND-PE - RECIFE	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	31
ND-PI - TERESINA														█	█	█									3
ND-RN - NATAL	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	29
SD-ES - VITÓRIA	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	38
SD-RJ - NITERÓI	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	38
SD-RJ - RIO DE JANEIRO	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	38
SD-SP - CAMPINAS	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	37
SD-SP - JACAREÍ																									22
SD-SP - SÃO PAULO	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	38
SL-PR - CURITIBA	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	34
SL-RS - PORTO ALEGRE	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	35
SL-SC - FLORIANÓPOLIS																									6
AN-USA - NOVA IORQUE	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	28
AN-USA - SÃO FRANCISCO	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	28
EU-ALM - FRANKFURT																									8
EU-ESP - BARCELONA	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	28
EU-ESP - MADRID	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	21
EU-FRA - PARIS																									14
EU-UK - LONDRES																									14
TOTAL POR NÚMERO	17	17	21	21	21	21	21	21	21	21	22	22	22	22	22	22	22	22	22	22	12	12	10	10	10

FIGURAS 01/14-15

Expedientes do nº 0 e do nº 37 – primeiro e último – do “Lampião”. Fonte: Lampião da Esquina, nº 0, abr./1978, p. 1 e Lampião da Esquina, nº 37, jul./1981, p. 19



As únicas cidades que mantêm colaboradores em todas as edições são: Niterói, Rio de Janeiro, São Paulo e Vitória. É interessante pontuar a presença de colaboradores internacionais em Frankfurt, Barcelona, Madri, Paris, Londres, Nova Iorque e São Francisco.

O papel dos colaboradores não fica exatamente nítido nas páginas do jornal, mas através das leituras percebemos que os mesmos poderiam contribuir com: textos, poemas, reportagens, roteiros, traduções e desenhos. O fato de o nome da pessoa estar listado como colaborador não indicava, no entanto, que naquela edição ela/e estaria contribuindo com algum material de sua autoria. Há inclusive uma carta que levanta essa polêmica, quando Jairo Ferreira pede que seu nome seja retirado da lista, uma vez que havia contribuído apenas uma única vez e segundo ele gostaria de evitar “problemas”. Assumimos que, além de participar da produção de conteúdo para o jornal, os colaboradores representavam uma malha de entendidos espalhada pelo país (e fora) que poderia também atuar na promoção e divulgação do “Lampião da Esquina”.

O jornal era montado e impresso no Rio de Janeiro, sob a responsabilidade de Aginaldo Silva. Nos números iniciais ele é o único que aparece destacado como “Coordenador de Edição”, função que irá dividir com Francisco Bittencourt, Adão Acosta, Darcy Pentead e João Silvério Trevisan nos últimos números. Segundo os depoimentos do documentário, Aginaldo Silva e Adão Acosta eram os responsáveis pela edição e editoração – havendo também menções a Nelson Souto como diagramador, Mem de Sá como capista e Antônio Carlos Moreira como arte finalista no expediente do jornal –, que era toda feita à mão através de datilografia e máquina de escrever. Após a montagem das páginas eram feitos os fotolitos para a impressão no sistema offset. Com uma mistura entre o artesanal, na montagem das páginas, e o industrial, na sua impressão, o jornal só passa a contar com uma sede própria a partir de setembro de 1979 no bairro da Lapa na capital carioca.

As primeiras máquinas do sistema offset chegaram ao Brasil na década de 1920, no entanto o seu uso pela imprensa se deu a partir da década de 1960. Com as novas máquinas os grandes jornais ofereciam o tempo ocioso das suas gráficas para a impressão de obras com baixas tiragens, foi o que aconteceu com o “Lampião”, impresso no parque gráfico do “Jornal do Comércio”. Após a impressão os números eram enviados aos distribuidores, e Aginaldo Silva relata que foi necessário convencer os jornalheiros a levarem o “Lampião”, que sofreu resistência por parte de alguns distribuidores, como Fernando Quinalha, estes aparentemente não queriam estar associados a “um jornal de viados” e o enxergavam como “pornografia”. Segundo Kucinski (1991) a distribuição da imprensa alternativa foi beneficiada pelo sistema nacional da revista “Veja” implementado pela “Editora Abril”, no entanto ele mostra como essa parceria era muito mais vantajosa para a editora do que para os nanicos.

A partir do número 3 (quarta edição, já que a primeira publicação é identificada como número zero), passa a constar no expediente do jornal uma lista com seus distribuidores nacionais. No ano de 1978 o “Lampião” era distribuído em 9 capitais brasileiras:

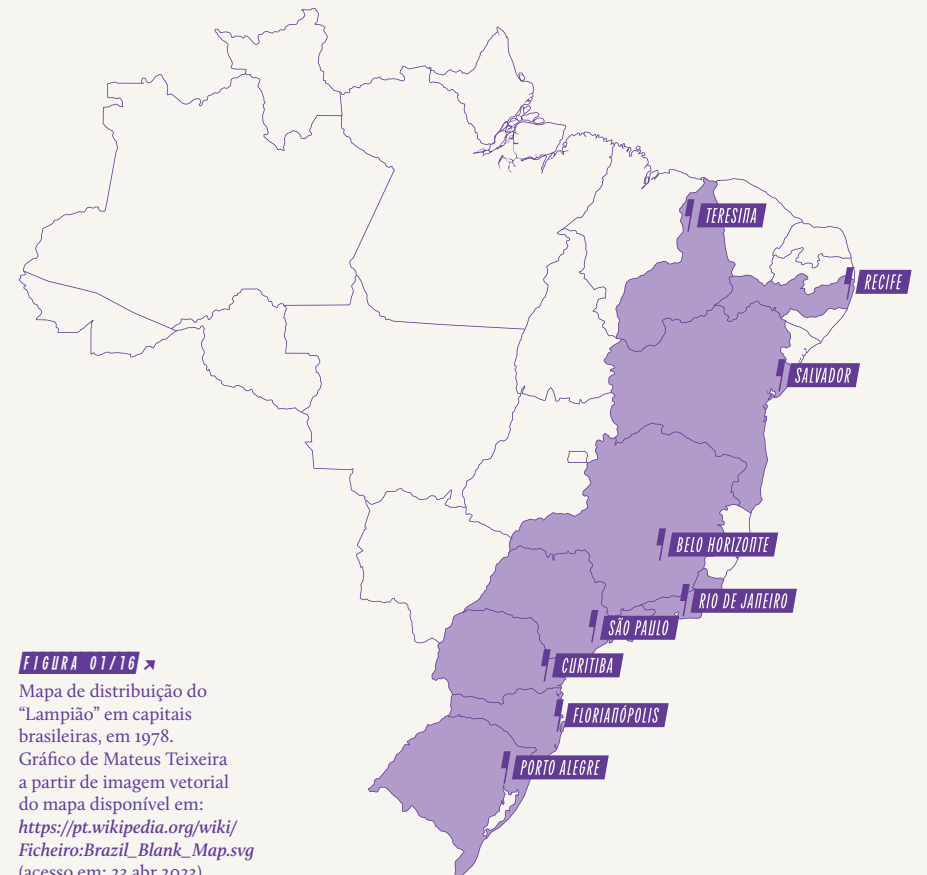


FIGURA 01/16 Mapa de distribuição do “Lampião” em capitais brasileiras, em 1978. Gráfico de Mateus Teixeira a partir de imagem vetorial do mapa disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil\\_Blank\\_Map.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_Blank_Map.svg) (acesso em: 23 abr 2023)

A scan of the 'Lampião' magazine's back cover or a similar page. It features the 'LAMPILÃO' logo and lists various roles and names: Colaboradores (João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, José Fernando Bastos, Aristóteles Rodrigues, Carlos Alberto Miranda, Maria e Edward MacRae, Celso Cari, Jorge Schwartz, Cynthia Sarti, Amylton Almeida, Wilson Bueno, Edivaldo Ribeiro de Oliveira, Luiz Mott), Fotos (Cynthia Martins e Ricardo Fragono), Arte (Antônio Carlos Moreira), and Circulação (João Reis). It also includes contact information for the publisher and printer.

Em 1981 a última edição foi distribuída em 18 cidades. Ao longo dos anos a distribuição do jornal se alternou, alcançando um total de 26 cidades diferentes: 2 no Centro-Oeste, 8 no Nordeste, 1 no Norte, 10 no Sudeste e 5 no Sul. A distribuição garantia a venda dos números em bancas e livrarias, mas através das assinaturas era possível receber o “Lampião” em todo o Brasil e inclusive no exterior. Através das cartas dos leitores se constata que o mensário possuía uma capilaridade ainda maior do que a indicada pela lista de distribuidores. É possível supor, também, que uma edição poderia acabar circulando entre amigos e conhecidos ou que em viagens às capitais as pessoas poderiam comprar o número do mês e levá-lo consigo para o interior.

**LAMPIÃO DA ESQUINA - DISTRIBUIÇÃO.**  
EDIÇÕES DE ABRIL DE 1978 A JULHO DE 1981

LOCAIS/NÚMEROS	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	TOTAL		
CO-DF - BRASÍLIA																																								16	
CO-GO - GOIÂNIA																																									16
ND-AL - MACEIÓ																																								8	
ND-BA - SALVADOR																																								35	
ND-CE - FORTALEZA																																								8	
ND-PB - CAMPINA GRANDE																																								4	
ND-PB - JOÃO PESSOA																																								8	
ND-PE - RECIFE																																								35	
ND-PI - TERESINA																																								19	
ND-SE - ARACAJU																																								8	
NT-AM - MANAUS																																								16	
SD-ES - VITÓRIA																																								24	
SD-MG - DIVINÓPOLIS																																								4	
SD-MG - JUIZ DE FORA																																								16	
SD-MG - BELO HORIZONTE																																								35	
SD-RJ - RIO DE JANEIRO																																								35	
SD-RJ - CAMPOS																																								16	
SD-SP - CAMPINAS																																								12	
SD-SP - JUNDIAÍ																																								16	
SD-SP - SÃO PAULO																																								35	
SD-SP - RIBEIRÃO PRETO																																								8	
SL-PR - CURITIBA																																								35	
SL-PR - LONDRINA																																								7	
SL-RS - PORTO ALEGRE																																								35	
SL-SC - FLORIANÓPOLIS																																								35	
SL-SC - JOINVILLE																																								29	
<b>TOTAL POR NÚMERO</b>																																									9 9 9 9 9 9 11 11 11 11 11
																																									12 12 12 12 12 12 12 12 20 20 20 18 18 18 18 18 22 22 22 22 18 18 18 18

**QUADRO 01/02** ➤

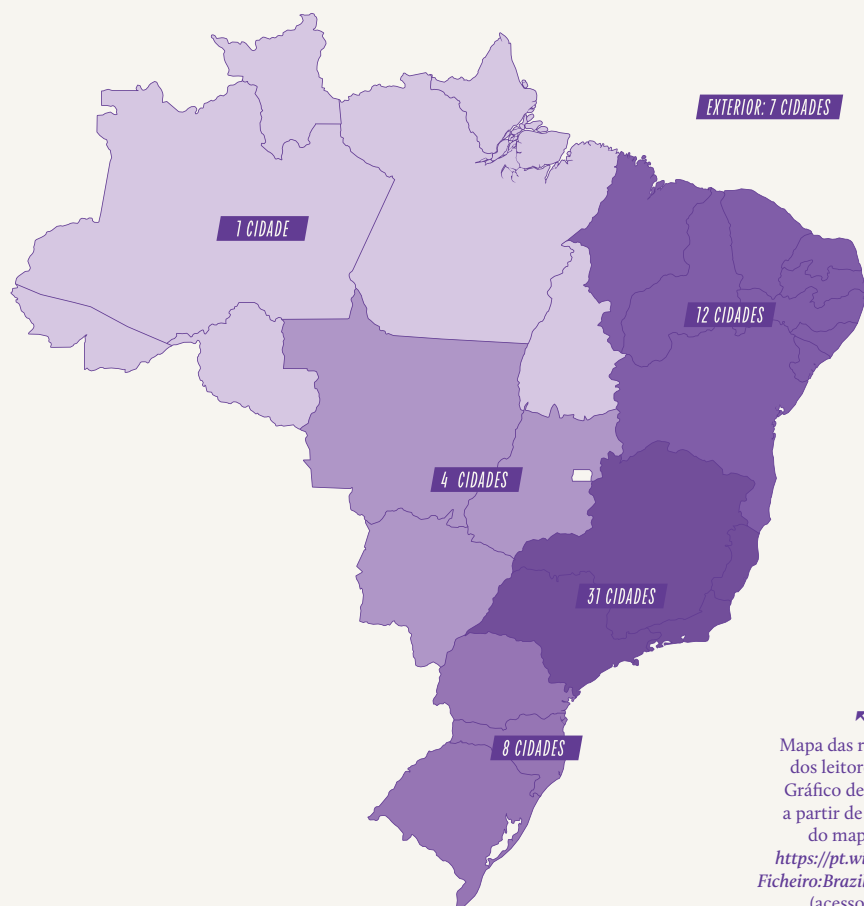
Identificação dos locais de distribuição a partir das informações divulgadas no jornal. Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quanto às cartas, elas são publicadas desde o número zero. A seção “Cartas na Mesa” vai se estabelecer como um grande sucesso da publicação, expandindo o número de páginas que ocupa e ganhando cada vez mais destaque. Se nos primeiros números estava no final do jornal, nos últimos passa a ocupar a página 2 do periódico. Essa é a parte em que o grupo editorial pôde se comunicar diretamente, e de forma descontraída, com seus leitores de diversas partes do país, recebendo críticas e elogios. No número zero entendemos que as cartas publicadas são referentes às reações das pessoas ao saber da existência e da proposta do jornal, provavelmente após o pedido de contribuição financeira para a sua publicação.



Relatos do documentário do “Lampião da Esquina” de Livia Perez (2016) indicam que em algumas ocasiões o corpo editorial teria escrito “cartas falsas” para levantar alguma polêmica ou comentar algum assunto que gostariam que fosse abordado de forma “anônima”. Ainda assim, não parece se tratar da maioria dos textos, o que não comprometeria a análise realizada aqui. Durante os três anos de “Lampião” foram publicadas cartas de 63 localidades do Brasil e do exterior, cidades grandes e do interior de todas as regiões do país.

A região Nordeste se destaca com cartas tanto de capitais como Salvador, Recife, Fortaleza, São Luís, João Pessoa, Teresina e Aracaju quanto de interiores como Assu e Ceará-Mirim. As cidades de Rio de Janeiro e São Paulo se destacam como presenças marcantes em praticamente todas as edições.



O jornal era visto como “sofisticado” industrialmente, mas acreditamos que isso vai depender muito de qual é a nossa base de comparação, se estamos colocando o “Lampião” ao lado do “Snob” ou ao lado da imprensa oficial. O formato escolhido foi o tabloide de 43 por 28 centímetros, utilizando papel jornal e tendo 20 páginas por edição, características que serão mantidas até o seu último número. O jornal era impresso em preto e branco, com exceção da capa e da quarta capa, que contavam com a adição de uma única cor, que poderia variar de acordo com o número. Isso tem relação com o tipo de impressão por livreto, uma vez que capa e quarta capa são impressas numa única folha.

O número zero foi publicado em abril de 1978 com o nome de “Lampião” e contou com um lançamento na Cinelândia no Rio de Janeiro – local já conhecido pela frequência gay e travesti na cidade. Sobre o título ele buscava fazer duas associações: a primeira referia-se a um dos símbolos do machismo brasileiro, o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, numa expectativa de reapropriação que buscava um tom cômico e a segunda faria referência ao objeto que ilumina, trazendo luz. A complementação “da Esquina” viria a partir do número seguinte, como alusão a uma editora que teria sido criada pelos membros do conselho editorial e que levava o nome desse lugar de encontro formado pela junção de duas ruas. Ao que tudo indica já havia uma outra publicação sob o título de “Lampião” em Porto Alegre publicada em 1976.

A edição experimental não tinha indicação de preço e possuía um alerta de “circulação restrita”. O número havia sido enviado diretamente àqueles que contribuíram com o seu lançamento e contava com o valor da sua assinatura anual de Cr\$ 160,00. O “Lampião da Esquina” se consolida como um mensário que possuía tanto características de revista quanto características de um jornal, apesar de ficar conhecido pela segunda designação. Em tese os números 1 e 2 foram distribuídos no Rio de Janeiro e em São Paulo, vendidos em bancas de jornal e livrarias pelo preço de Cr\$ 15,00 e com oferecimento de assinaturas anuais pelo valor de Cr\$ 180,00.

É apenas a partir do número 3, de julho de 1978, que o jornal começa a alcançar outras cidades e a partir do número 4 que começa a ganhar cada vez mais exposição. O conselho editorial contava com o apoio de seus leitores, que indicavam pontos e locais de venda em diversas cidades das diferentes regiões do país. O jornal também listava os locais onde você poderia encontrar o “Lampião” no Brasil, comprovando sua importante capilaridade. Através de cartas, os leitores chegavam a sugerir a venda nas bancas localizadas em *shoppings centers*, acreditando que assim poderiam comprar seus exemplares de forma mais discreta. Muito provavelmente o tamanho do jornal também ajudava a disfarçá-lo ou escondê-los após a compra. Para a divulgação, exemplares eram levados aos lugares e estabelecimentos conhecidos pela presença de gays, como boates, bares e saunas.

### LITERATURA

## Domingo sem néctar

Joaquim GILBERTO

A chuva redonda e fria. O sol é das coisas bonitas que se vêem de longe. Um céu de cinza, mas profundo de azul e de verde, como se fosse a pele de uma flor. Um vapor para o céu e um nevoeiro na terra, sobre a cidade e o rio. As coisas são sempre de longe. De longe, o rio parece um longo fio de azul e verde. De longe, as coisas são sempre de longe. De longe, o rio parece um longo fio de azul e verde. De longe, as coisas são sempre de longe.

**Agenda!**  
LAMPÍÃO nº 24: Tudo sobre o encontro nacional do povo gay. É mais um encaixe especial, inteiramente gráfico: ExtraLAMPÍÃO nº 2. Em maio, junto com a festa Bixórdia nº 2.





# LAMPÍÃO

Ano I - Nº 1 - 25 de maio a 25 de junho de 1978 - Cr\$ 15,00  
da esquina

## CINELÂNDIA, ALASKA, SÃO JOÃO

# AS RELAÇÕES PERIGOSAS



Este é "Gaúcho", um rapaz de vida fácil. Ele matou um homem a socos e pontapés

**1** A Igreja e os homossexuais

**2** A peça de Darcy Penteados

**3** Poemas de Schmidt e Mário de Andrade

**4** A verdade sobre o carnaval baiano



A revolta dos fás de Rivelino

### COMO ENFRENTAR A NOITE CARIOCA



# LAMPÍÃO

Ano 2 / nº 23 Rio de Janeiro — abril de 1980 — Cr\$ 30,00

Letra para maiores de 18 anos  
da esquina

# TUDO SOBRE O ENCONTRO DO POVO GAY

ESQUERDA JOGA BOSTA NAS FEMINISTAS



OS HOMOSSEXUAIS DA TV



MOLIERE PARA MARIA LEOPOLDINA

A NUDEZ DO MENINO DO RIO

MACONHA: o que é isso, xará?

FIGURAS 01/18-19  
Capa e quarta capa do "Lampião" número 23, mostrando a inserção de cor no jornal. Fonte: Lampião da Esquina, nº 23, abr./1980



# LAMPÍÃO

Ano 1 - Nº 5 - Outubro de 1978 - Cr\$ 15,00

Letra para maiores de 18 anos  
da esquina

## CASSANDRA RIOS AINDA RESISTE

Com 36 livros proibidos, ela só pensa em escrever








NORMAN MAILER e vários homossexuais



Fãs de EMÍLIA Inbaur para a esquerda



PASOLINI aconselha desbichados e lobos

**Transexualismo: quem está no banco dos réus?**  
**Violação: um estudo dedicado às mulheres**  
**Nós também temos uma coluna social (p.12)**



# LAMPÍÃO

Ano 1 - Nº 6 - Novembro de 1978 - Cr\$ 15,00

Letra para maiores de 18 anos  
da esquina

## CRIMES SEXUAIS




**FRENÉTICOS DANCING GAYS**  
YUKIO MISHIMA: VIOLÊNCIA E PAIXÃO  
ELEIÇÕES: A LOUCA MORRE AFOGADA?  
VAMPIRO DE FLORIANÓPOLIS ATACA (PAG. 9)

“Lampião” teria começado com uma tiragem de 10 mil exemplares, atingindo 15 até alcançar 20 mil exemplares por edição. Seu último número é anunciado pelo valor de Cr\$ 60,00, após ter passado por 7 aumentos ao longo dos seus três anos, mas nessas ocasiões seus editores anunciavam que se tratava do nanico mais barato do mercado, apesar de na data de lançamento e de seu último número custar exatamente o mesmo preço do “Pasquim”.

O público-alvo do jornal era formado por intelectuais – no documentário há inclusive uma menção sobre um episódio no qual Fernando Henrique Cardoso teria comprado uma das edições –, estudantes e militantes, um extrato parecido com aquele visto dentro do seu corpo editorial. As vendas unitárias e por assinatura não eram suficientes para bancar os custos da produção do jornal. Os anúncios que não estavam presentes nas primeiras edições, e mesmo quando apareceram sempre foram poucos, divulgavam os serviços de profissionais liberais – advogado, arquiteta, esteticista – e de lugares de frequência gay, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Uma das estratégias utilizadas pelos membros para arrecadação de fundos era a venda de livros de temática homossexual – alguns deles inclusive escritos por eles próprios – com anúncios em praticamente todos os números. A realização das festas chamadas “bixórdias” não ajudava financeiramente, já que em depoimento Aguinaldo afirma ter bancado do próprio bolso a realização de duas edições, mas sem dúvida contribuíam na criação de um valor simbólico e na consolidação dessa rede. Aguinaldo não teria bancado apenas as festas, mas em alguns momentos a própria edição do periódico.

Não acreditamos haver pretensão de imparcialidade por parte do “Lampião”, o que também não havia era um consenso com relação à linha editorial que deveria ser adotada pelo jornal. Ao folhear suas páginas podemos ver um predomínio de temas culturais do universo do teatro, artes plásticas, cinema, música e literatura, algo que muito provavelmente pode ser um retrato do universo da vida e trabalho dos seus membros editoriais. Segundo Andrade (2015) podemos dividir os temas e propostas do jornal em: (i) diálogo com outros grupos marginalizados, (ii) a homossexualidade como luta política, (iii) a denúncia da violência e discriminações, (iv) questionar o discurso e saber vigente – em especial aquele que via o homossexual como doente e pervertido –, (v) visibilidade e voz à homossexualidade, (vi) crítica ao machismo, (vii) direito ao prazer e orgulho de ser e de se assumir homossexual.

Além da função declarada, que pode ser vista nos temas e no editorial “Saindo do Gueto”, podemos presumir funções não declaradas do jornal. O jornal auxiliou a dar amplitude aos nomes e trabalhos de seus membros, ainda que se imagine que a maior parte de seu público-alvo pudesse ser formada por homossexuais o “Lampião” permitiu que não homossexuais tivessem contato com aquilo que estava sendo produzido e pensado por nós, sejam eles leitores, jornalheiros, distribuidores, profissionais de gráficas, revendedores... E inicia a ocupação desses espaços oficiais (gráficas, distribuidoras, bancas e livrarias) por um

veículo assumidamente gay. Auxilia também na criação de redes de homossexuais, uma vez que começa a exibir em suas páginas uma lista de grupos de encontro para a ação ou debate de questões relacionadas à homossexualidade em diversas cidades do Brasil. A divulgação dessas listas de grupos do “Movimento Homossexual” também reforça o importante papel do periódico, que auxiliou na organização e esteve presente no I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO) e I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO)<sup>12</sup> que ocorreram entre os dias 4 e 6 de abril no Teatro Ruth Escobar <sup>34</sup> [AZUL\_34] e na Faculdade de Medicina da USP <sup>13</sup> [LARANJA\_13] respectivamente.

As colunas regulares do jornal, listadas por Candido (2017), são: as “Reportagens”; os “Ensaaios”; o segmento “Cartas na Mesa” com as correspondências dos leitores – e algumas criadas pelos próprios editores; “Esquina” com notícias comentadas e artigos de colaboradores; “Opinião”; “Bixórdia” com fofocas; “Literatura” e “Tendência”, que tratavam de cultura. Fato interessante relatado no documentário foi o uso de personagens fictícias pelo jornal. Seus editores assumem que em determinados momentos essas personagens eram utilizadas para incentivar a interação e o engajamento dos leitores.

Há também uma seção intitulada “Troca-Troca” que passa a ser publicada no número 18 (novembro de 1979) para atender a uma demanda dos leitores. Ela funcionava como um mural de correspondências, no qual os leitores enviavam suas caixas postais ou endereços e expressavam o desejo de se corresponder com outras pessoas buscando encontros sexuais, amorosos ou amizades. Os pequenos anúncios eram publicados de forma gratuita pelo jornal e apesar de não tomar muito espaço na página a seção “Troca-Troca” é da maior importância, tendo publicado mensagens de 68 cidades diferentes e sendo publicada logo na página dois do jornal em suas últimas edições.

Através dos relatos fica evidente também as diferenças com relação à linha editorial entre os membros do Rio de Janeiro e os de São Paulo. Aguinaldo Silva, como coordenador de edição tinha a responsabilidade de decidir quais matérias entrariam e qual espaço receberiam na edição ao montar as páginas, o que parece ter gerado algum tipo de ressentimento especialmente com João Silvério Trevisan. Ao que indicam os relatos, o grupo paulista – que tinha como Trevisan sua figura mais expressiva – buscava levar o debate do “Lampião” em direção às questões políticas e sociais, enquanto o grupo carioca buscava manter uma linha leve, descontraída e bem-humorada, evitando o que chamavam de “panfletagem política”. Com relação ao tratamento de temas políticos podemos falar que a edição da Revolução Cubana, que trazia uma caricatura de Fidel Castro vestido como Carmem Miranda na capa, foi o número menos vendido.

12

O I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados foi organizado juntamente com o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO) de 4 a 6 de abril de 1980 na cidade de São Paulo.





### Escolha aqui sua turma

Somos RJ — Caixa Postal 135, CEP: 25000, Duque de Caxias, Estado do Rio.

Somos SP — Caixa Postal 22.196, CEP: 01000, São Paulo, São Paulo.

Amã/Rio — Caixa Postal 16218, CEP: 20000, Rio de Janeiro, Estado do Rio.

Somos Sorocaba — R. Fúado Bachir Abdala, 53/21, CEP: 18100, Sorocaba, São Paulo.

Bejo Livre — Caixa Postal 070812, CEP: 70000, Brasília, Distrito Federal.

Enos SP — Caixa Postal 5140, CEP: 01000, São Paulo, São Paulo.

Facção Lábico/Fantasia — Caixa Postal 22.196, CEP: 01000, São Paulo, SP.

Libertos/Guarulhos — Rua Cabo Antonio P. da Silva, 481, Jardim Tranquilidade, 07000, Guarulhos, São Paulo (R/C URBANO do Indúrio)

Grupo de Alfiliação Gay — Caixa Postal 135, CEP: 25000, Duque de Caxias, RJ.

E atreção, gente baianista: rodem a baiana, todo bem, mas deixem de ser alienados. Participe de um grupo de discussão sobre homossexualidade. Para maiores informações, escrevam para Luiz Mott: Rua Milton de Oliveira, 114, 40000, Salvador, Bahia.

### ATIVISMO

## Isso também é Brasil!



"Quando saiu do Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, após o 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais, trazia consigo uma carteira: alguma coisa mudou, neste país, a partir daquele dia" (Francisco Bittencourt). O noticiário completo sobre o 1º EBHO está nas cinco páginas seguintes.



LAMPILÃO da Esquina n.º 33, fevereiro de 1981. 5 páginas.

### FIGURA 01/25

Página publicada no "Lampião" n.º 24 de maio de 1980 sobre o 1º EBHO. Fonte: Lampião da Esquina, n.º 24, maio/1980, p. 3

### FIGURA 01/23

Quadro com divulgação dos grupos homossexuais organizados no "Lampião da Esquina". Fonte: Lampião da Esquina, n.º 20, jan./1980, p. 10

### FIGURA 01/24

Cartaz do 1 Encontro Brasileiro de Homossexuais. Fonte: Museu da Diversidade Sexual (2020, n.p.)

**Só Falta Você!**

**1.º ENCONTRO BRASILEIRO DE HOMOSSEXUAIS**

**DIA 6 DE ABRIL DE 1980**

**Horário: 14,00 horas**

**Local:** *TEATRO RUTH ESCOBAR*  
*RUA DOS INGLESES, 209.*

**LAMPILÃO** da esquina  
R.º 33  
Rio, fevereiro de 1981. CR\$ 50,00

**OS URPAUS DE SIERRA MAESTRA**

**Carnaval: Mauro Rosas**

**Hambre de sexo en Argentina.**

**MAS AVIOLÊNCIA DO SISTEMA PODE!**

**de pão duro.**

### FIGURA 01/26

Capa do "Lampião" com Fidel de Carmen Miranda. Fonte: Lampião da Esquina, n.º 33, fev./1981

### FIGURAS 01/27-28

Quadro da primeira e última seções "Troca-Troca" divulgadas no "Lampião da Esquina", respectivamente no n.º 18 de novembro de 1979 e no n.º 37 de julho de 1981. Fonte: Lampião da Esquina, n.º 18, nov./1979, p. 10 e Lampião da Esquina, n.º 37, jul./1981, p. 2

**"TROCA TROCA"**

**EX-JOGADOR DE BASQUETE**, 33 anos, 1,83m, 79 Kg, careca, boa aparência, formação de nível superior, deseja encontrar rapazes, de até 30 anos, para travar relações (de todos os tipos, é claro). Cartas para Fernando — Caixa Postal 15.224, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 20.155. Quem tiver telefone, pode enviar, se assim quiser. Prometo sigilo absoluto.

**AMIGO**, sincero, educado, 34 anos, alto, desejo corresponder-me com homens honestos e discretos, com mais de 28 anos, para uma amizade sadia. Manoel — Caixa Postal 2059, Recife, PE — CEP: 50.000.

**SAGITÁRIO**. Gostaria de me corresponder com rapazes entendidos para amizade ou algo mais. Tenho 21 anos e faço pré-vestibular. Gonçalves — Caixa Postal 4615, Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20.000.

**ENTENDIDA**, morena-clara, olhos castanhos. Quero corresponder-me com mulheres de cor clara ou loiras. Desejo um encontro rápido, para transarmos legal e intensamente. Venham todos! Juracy — Praça da Inconfidência, 12, Hotel Royal, Quarto 51, Petrópolis, RJ — CEP: 26.600.

**JOVEM**, 21 anos, 1,85m, fofinho, olhos e cabelos castanhos, deseja encontrar alguém disposto a amar e ser amado. Podem escrever dos seus e-mails ou cartas, serão bem aceitas, desde que discretas. Cláudio — Rua Dezoto de Outubro, 501/102, Tijuca — Rio de Janeiro, RJ — CEP: 20.530.

**LOURO**, 1,75m, 64 Kg. Gostaria de manter correspondência com pessoas discretas, e de bom nível cultural. Responder a todos. Foto na 1ª Carta. Roberto Pedrocchi — Rua Rio Turiaçu, 39 — Recife, PE — CEP: 50.000.

**SE** você tem a cabeça feia, é inteligente e bonito. Se você gosta dessa vida, do belo e da emoção, entre em contato com a gente, escrevendo para a Caixa Postal 411 — A/C de Denilson, em Lages — SC (CEP: 88.500). Meu corpo e minha vida você pode conhecer: Sou brasileiro, estatura mediana, gosto muito de fumar, mas é outro quem me quer.

**CORAÇÃO SOLITÁRIO**. Tenho 18 anos, 1,70m, 52 Kg, olhos e cabelos castanhos, discreto, curso o pré-vestibular e desejo corresponder-me com jovens de todo o Brasil, que sejam inteligentes e dispostos a curtir uma amizade sincera e duradoura. Foto na 1ª carta. Augusto — Rua Bernardo Filho, 244/A — Viçosa, MG — CEP: 36.570.

**MORENO QUEIMADO DE SOL**, 18 anos, cabelos e olhos castanhos, 1,82m, estudante. Gostaria de entrar em contato com garotos com 18 anos, para troca de correspondência ou algo mais. Fábio — Rua Manoel Just, Quinto, 155 — São Paulo, SP — CEP: 02.728.

**BISSEXUAL**, moreno, 30 anos, 1,82m, bem dotado (20x 4,5 cm) e com ejaculação abundante, procura casais para "massage e troça". Cartas com foto. Carlos — Cx. Postal 3054 — Rio de Janeiro, RJ — CEP: 20.100.

**HELP**. Estou morando há 5 meses em Vitória e ainda não conheci nenhum gay. Gostaria que os gays capixabas me escrevessem marcando um encontro, sendo macro de título. Mulheres a fim de uma amizade ou algo mais, não deixem de escrever, também. Sou moreno, 1,53m, 60 Kg, alegre, não sou bonito, curto música e tal. Delcídia Machado — Posta Restante — Vitória ES — CEP: 29.000.

**UNIVERSITÁRIO**, 23 anos, 1,70m, 64 Kg, moreno-claro, olhos e cabelos castanhos, ativo, desejo entrar em contato com entendidos de todo o Brasil, para um relacionamento harmonioso e honesto. Carlos — Cx. Postal 6041 — Recife, PE — CEP: 50.000.

**LEITORA DO LAMPILÃO**. Desejo trocar correspondência e transar uma amizade com moças gays. Tenho 31 anos, 1,60m, 55 Kg, sem nenhum preconceito e muito amor para dar. Fada — Cx. Postal 6394 — Salvador, BA — CEP: 40.000.

**GADCHO**, 22 anos, estudante, olhos verdes, alto, discreto. Quero corresponder-me com pessoas discretas, de bom nível cultural, com mais de 25 anos e que sejam de qualquer parte. Courad — Caixa Postal 10.100 — Porto Alegre, RS — CEP: 90.000.

**ENTENDIDA MESMO**, 30 anos, 1,54m, 47 Kg, morena, simpática e alegre, bem informada, procura amigas ou quem sabe um caso de amor. Lucy — Cx. Postal 1343 — Florianópolis, SC — CEP: 88.000.

**GOSTO DE FOTOGRAFAR** homens nús, e se alguém se interessar, é só escrever para M.C.M. — Cx. Postal 6378 — São Paulo, SP — CEP: 01.000.

**GAYS** com problemas de aceitação, que queiram trocar idéias sobre homossexualismo, escrevam para João — Cx. Postal 60.116 — São Paulo, SP — CEP: 01.000.

**DISCRETO**, 1,75m, 80 Kg, quer corresponder-se com rapazes para amizade sincera. Eduardo J. — Cx. Postal 47013 — Rio de Janeiro, RJ — CEP: 21.211.

**MULATO**, 29 anos, boa aparência, discreto e sincero. Correspondência com rapazes sem preconceito de cor, discreto, 25/35 anos, da zona sul do Rio e de todas as capitais brasileiras, para profunda amizade, ou algo mais sério. Carlos — Cx. Postal 337 — Maceió, AL — CEP: 57.000.

Para ter seu anúncio publicado na seção Troca Troca, basta escrever para: **Jornal Lampião — Caixa Postal 41031, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20.400, enviando, além do texto do anúncio, xerox da carteira de identidade e 70 cruzeiros em selos. Só serão publicados os anúncios que cumprirem tais requisitos.**

LAMPILÃO da esquina

Os desentendimentos entre os membros do conselho, dos quais apenas Aguinaldo Silva, Adão Acosta, Francisco Bittencourt, Darcy Pentead e João Silvério Trevisan permaneceram até o encerramento, teria sido um dos fatores que colaboraram para o fim das atividades do “Lampião”. Soma-se o fato de que o jornal sempre teve dificuldade para encontrar patrocínios e grandes anunciantes. Ao se aproximar das últimas edições é possível perceber uma presença cada vez maior tanto de fotos de nus masculinos – que eram vistas como material pornográfico – quanto anúncios de venda de álbuns, fotos impressas e calendários de apelo erótico. A proximidade com esse universo teria deixado insatisfeitos alguns de seus membros, que viam como algo que prejudicava a credibilidade do jornal, além de dificultar a sua aceitação por uma parte do público e dos distribuidores – basta lembrar das primeiras acusações feitas pelos jornalistas para não distribuir o “Lampião”. Para Kucinski (1991) o jornal estaria atendendo a um espaço no mercado de conteúdo homoerótico que foi posteriormente ocupado por outras publicações.

A bibliografia mobilizada também comenta sobre a perseguição judicial sofrida pelo “Lampião” e sobre a acusação, processo e prisão de Antônio Chrysóstomo por pedofilia em situações que não foram comprovadas. Segundo o “ChanaComChana” nº 1 (1982) ele teria sido preso em julho de 1981, mês do último número do “Lampião”. Já no número seguinte o boletim falava sobre um abaixo assinado a favor de Antônio Chrysóstomo:

Antonio Carlos Crisóstomo, ex-redator do extinto jornal Lampião [...] foi preso a 4 de julho de 1981 [...] Assinaram o documento [abaixo assinado] as seguintes organizações: Grupo de Ação Lésbico-Feminista, Grupo Outra Coisa, Grupo Somos, Sindicato dos Jornalistas, Comissão de Justiça e Paz, Sindicato dos Artistas, Centro Jurídico XI de Agosto e Ordem dos Advogados do Brasil” (ChanaComChana, nº 2, fev./1983, p. 11)

Tais fatos também agravaram a crise que culminou no encerramento do jornal. Freitas e Pinto (2017) relatam também sobre a dificuldade de expansão do público leitor, não atingindo camadas mais periféricas. Aguinaldo Silva teria entregado a edição do jornal e solicitado que alguém se prontificasse a ocupar esta responsabilidade, mas, como ninguém aceitou, o jornal teve a sua última edição publicada em julho 1981. Há ainda o argumento de que, com a redemocratização e o retorno à grande mídia de diversos jornalistas que antes atuavam na imprensa alternativa, essa teria começado a tratar das pautas ditas minoritárias com colunas em jornais dedicadas ao feminismo e às questões do universo homossexual.

Algumas conexões que reforçam a importância do jornal: o número zero do “Lampião da Esquina” é publicado em abril de 1978, em maio do mesmo ano temos a fundação do primeiro grupo de defesa dos direitos homossexuais, o grupo de afirmação homossexual, conhecido como Somos, em São Paulo, segundo o próprio “Lampião”, a história do grupo se mistura com a história do jornal. Em matéria publicada em maio de 1979 lê-se que a primeira tentativa de organização do grupo teria ocorrido

dois anos da sua fundação, em 1976, quando um grupo de entendidos teria se reunido em São Paulo para discutir problemas em comum.

“SOMOS surgiu em São Paulo em maio de 78, a partir de uma idéia comum a várias pessoas, para possibilitar o encontro de homossexuais, fora dos costumeiros ambientes de badalação e pegação

[...] válvula para muitos desabafo pessoais e inúmeros testemunhos de situações de discriminação e repressão, enriqueceu nossa mentalidade coletiva, mostrando que várias idéias que tínhamos a priori não eram verdadeiras” (Lampião nº 12, maio/1979, p. 2)

Como podemos perceber o grupo manterá o seu papel como espaço para a troca de experiências e discussões a respeito da vivência homossexual. O nome escolhido para o grupo foi uma homenagem à Frente de Libertação Homossexual da Argentina que já havia publicado uma revista chamada “SOMOS” em 1973.

Em suas edições o jornal trazia o contato de grupos homossexuais em diversas cidades no país, auxiliando na criação desses coletivos e no fortalecimento do movimento. Em fevereiro de 1979 foi realizado um debate público promovido pelo Grupo Somos na USP. O “Lampião” patrocinou o I Encontro Brasileiro de Homossexuais que aconteceu em 6 de abril de 1980, organizado pelo Somos no teatro Ruth Escobar. Em 13 de junho de 1980 temos o primeiro ato público homossexual organizado, no Teatro Municipal de São Paulo, manifestação que pode ser considerada como um prelúdio para as Paradas, já que a primeira Parada Gay, semelhante às que conhecemos hoje em São Paulo, ocorreu em 1995.

A primeira onda do movimento homossexual vai durar até 1983, com o início da pandemia de HIV/AIDS que muda a forma de se fazer o movimento, suas pautas e suas bandeiras. O local ocupado por “Lampião da Esquina” na história da imprensa é fundamental para se compreender a história do movimento homossexual brasileiro. Ele abriu espaço para uma série de publicações e para a inclusão dos temas em veículos de maior alcance e visibilidade. Com o “Lampião” as histórias foram contadas pelos atores nelas envolvidos, nas suas matérias estavam as conexões entre as questões de sexualidade e gênero com as demais esferas da sociedade: trabalho, cultura, lazer e direitos civis.

**Colírio**

**BY**

**MYSELF**

Digamos que ele se chama Ricky, e que seja um velho conhecido aqui da casa. Pois bem: o rapaz é não apenas um modelo bonito e gostoso, mas também um ótimo fotógrafo. Imaginem que foi ele mesmo que se fotografou nesta seqüência de strip-tease cuja primeira foto está lá na nossa capa. Não é um barato?

Página 4  
LAMPILÃO da Esquina  
set/1981, p. 4

FIGURA 01/29 ↑

Página do "Lampião da Esquina" mostrando um ensaio masculino. Fonte: Lampião da Esquina, nº 35, abr./1981, p. 4

↑ FIGURA 01/30

Anúncios para a venda de álbuns de nus publicados no "Lampião". Fonte: Lampião da Esquina, nº 28, set./1980, p. 6

**Atenção,**  
bichinhas e bichonas, sapatilhas e ladys,  
senhores de vida dupla, senhoras  
sonhadoras, pessoas, de todos os sexos e  
idades, portadoras de instintos bestiais,  
e todos aqueles especialistas  
nos famosos exercícios pianísticos para  
cinco dedos: todos os homens que  
vocês pediram a Deus  
estão no....

**CALENDÁRIO/LAMPLÃO**

Modelos incríveis, inteiramente nus,  
nas poses mais sensuais.

Aguardem! Em todas as bancas do Rio e São Paulo.  
Nos outros Estados, só atenderemos pelo reembolso postal.

**"Homens"**  
um álbum sem censura

Um álbum com 31 fotos descar-  
táveis de deslumbrantes homens  
nus. Entre outros, Caetano Veloso,  
Nuno Leal Maia, Danton Jardim,  
Ney Mato Grosso, Ignácio de Lo-  
yola, Antônio Maschio, Markito,  
José Márcio Penido, e Zózimo Bul-  
bul. Edição de luxo, com as fotos em  
papel couché e capa dura. Peça pelo  
reembolso postal à Esquina —  
Editora de Livros, Jornais e Revistas  
Ltda. (Caixa Postal 41.031, CEP  
20.400, Rio de Janeiro — RJ).

De Vânia Toledo.  
Preço: Cr\$ 2.000,00.

**TODA  
NUDEZ!**

Um álbum especial,  
com dez fotos de um rapaz  
sem preconceitos, para  
você folhear naqueles  
momentos de lazer. Todas  
no mais fiel tecnicolor.  
Faça agora o seu pedido à  
Caixa Postal 13005, CEP  
20430, Rio de Janeiro, RJ,  
e receba sua encomenda  
pelo reembolso postal.  
Tamanho das fotos: 13x18.  
Preço: Cr\$ 800,00.

Atenção, bichonas, sapatilhas e ladys, de vida dupla, senhoras, sonhadoras, pessoas, de todos os sexos e idades, portadoras de instintos bestiais, e todos aqueles especialistas nos famosos exercícios pianísticos para cinco dedos dos os homens que...



Um detalhe da mesa: Glauco, Alfredo (do grupo Somos), Trevisan, Cândido Procópio e o representante do Diretório Acadêmico de Ciências Sociais da USP

↑ FIGURA 01/31

Fotografia da mesa no debate promovido pelo Grupo Somos na USP em fevereiro de 1979. Fonte: Lampião da Esquina, nº 10, mar./1979, p. 10

↑ FIGURA 01/32

Imagem do ato público de junho de 1980. Fonte: LGBT... (1980, n.p.).



## 01/02 ЧАНАСОТЧАНА

“ChanaComChana” é o nome de um jornal e de um boletim lésbico produzidos em São Paulo entre os anos de 1981 e 1987. De acordo com as mulheres responsáveis pela publicação, o nome traria um jogo de significados, para além da ideia de união entre duas vaginas.

A palavra Chana não pode ser sumariamente definida como órgão sexual feminino. É algo tão mais amplo quanto os contrapontos de existir. Que a palavra Chana soe para uns como ‘CHANCE’, para alguns como ‘CHANCA’ (pé grande, sapatão?), e para outros como ‘CHAMA’. O importante é isentar de prévias conotações. (ChanaComChana, nº 7, abr./1985, p. 1)

De acordo com a classificação da pesquisadora Elizabeth Cardoso (2004) o CCC faz parte da segunda geração da imprensa feminista brasileira, que estaria voltada para o debate das questões de gênero e priorizaria temas específicos do universo da mulher.

Para a reconstrução da história do “ChanaComChana” foram utilizadas as pesquisas de Cardoso (2004), Lessa (2008), Fernandes (2018), MacRae (2018), Oliveira (2019), Batista (2020), Eddine *et al.* (2021), Silva e Cordão (2022), as 13 edições da publicação em questão e as informações disponibilizadas no site “Um Outro Olhar”<sup>13</sup>, organizado e mantido por Míriam Martinho desde 2004.

Trata-se de uma publicação desenvolvida por mulheres de forma coletiva, por isso para a compreensão deste objeto, foi de maior importância uma aproximação com a história dos grupos Lésbico Feminista (LF) e Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF), responsáveis pela produção e venda do “ChanaComChana”. O objetivo aqui não é traçar um histórico detalhado da sua trajetória, mas sim compreender em que contexto humano surge o “Chana”.

O gérmen para o surgimento da publicação aparece entre março e abril de 1979, quando um grupo de mulheres lésbicas – dentre elas algumas integrantes do Grupo Somos – foi convidado para escrever uma matéria no “Lampião da Esquina”. O texto produzido por elas intitulado “Nós também estamos aqui” foi publicado em maio, no nº 12 que trazia em sua capa a chamada “Amor entre mulheres”.

A edição teve um impacto positivo nas leitoras e leitores, especialmente devido ao esforço das próprias mulheres, responsáveis pela matéria de capa, que divulgaram e venderam o jornal no circuito lésbico paulista da época. A matéria ocupou cinco páginas sem nenhuma indicação de autoria, havendo apenas a divulgação da caixa postal do Grupo Somos (SP) ao final do texto. Segundo as pesquisas, de um grupo de 25 mulheres que fariam parte da equipe inicial para a reportagem, 10 participaram ativamente no desenvolvimento do material publicado, entre elas algumas integrantes do Somos. Apesar do saldo positivo na recepção do texto, algumas mulheres teriam ficado insatisfeitas com cortes realizados pelo coordenador de edição Aguinaldo Silva.

No número seguinte, em junho de 1979, as mulheres retornam ao “Lampião” com a publicação de “Viva São Paulo: Um roteiro para mulheres” na seção “Esquina”, em que lemos:

Nós, as mulheres homossexuais que participamos do número anterior deste jornal, resolvemos responder às várias cartas solicitando um roteiro especificamente nosso. Pensamos fornecer às interessadas o maior número possível de dados sobre os bares, restaurantes e discotecas do guei feminino em São Paulo. Queremos deixar claro que não estamos propondo o gueto e sim, expondo o gueto. Fica aqui a sugestão para que se apresentem roteiros de outras cidades. (Lampião, nº 13, 1979, p. 5)

O texto indica bares, restaurante e boates, trazendo uma breve descrição dos estabelecimentos, com endereços, programações e preços, além de entrevistas concisas com algumas frequentadoras, identificadas apenas através do primeiro nome. Conceição, Cristina, Marisa, Míriam, Nádia e Teka falam daquilo que gostam e não gostam com relação aos espaços mencionados pelo roteiro.

MacRae (2018) faz uma associação entre a insatisfação das mulheres devido à edição de Aguinaldo Silva no “Lampião” nº 12 com a demanda pela criação do subgrupo Lésbico-Feminista (LF) formado exclusivamente por lésbicas dentro do Somos-SP. Segundo Fernandes (2018) as primeiras lésbicas chegam no grupo em fevereiro de 1979, após a primeira aparição pública do Somos, que ocorreu num ciclo de debates sobre minorias promovido pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Já de acordo com o “Lampião” (nº12, maio/1979), em 1978 no máximo 4 mulheres teriam passado pelo grupo Somos, número que só iria se tornar mais equiparável ao dos homens a partir de fevereiro de 1979. Conforme MacRae (2018) o grupo Somos teve dificuldade em atrair a participação feminina no início, sendo as mulheres sempre uma minoria – em março de 1979 dos 25 integrantes do grupo, 10 eram mulheres. De acordo com Fernandes (2018) após os três primeiros meses no grupo as mulheres já estariam insatisfeitas com as atitudes machistas e discriminatórias dos demais membros, somava-se a tudo isso o fato de que as lésbicas haviam sido distribuídas entre os subgrupos do Somos, tornando-as uma minoria dentro do grupo, tal fato minava a força coletiva da participação das lésbicas e dificultava as trocas entre elas.

A reconstituição da história desse grupo de mulheres lésbicas, a partir das pesquisas publicadas nos últimos anos, por vezes é confusa, temos algumas hipóteses para essas imprecisões que serão apresentadas mais adiante, mas por ora é possível notá-la, por exemplo, na data de formação do Grupo Lésbico-Feminista, um subgrupo ou facção independente dentro do Somos. Míriam Martinho (2021) afirma que o LF teria surgido em maio de 1979, e ao analisarmos os números 3 e 5 do boletim “ChanaComChana” de maio de 1983 e maio de 1984 respectivamente, percebemos que é neste mês que o grupo comemora os seus aniversários. No CCC nº 3 as mulheres comemoram 4 anos de atuação do GALF, ou seja, colocam o surgimento do grupo em maio de 1979, indicando também uma ideia de continuidade entre os grupos LF e GALF que trataremos mais adiante.

13

Cf. o link: <http://www.umoutroolhar.com.br>.

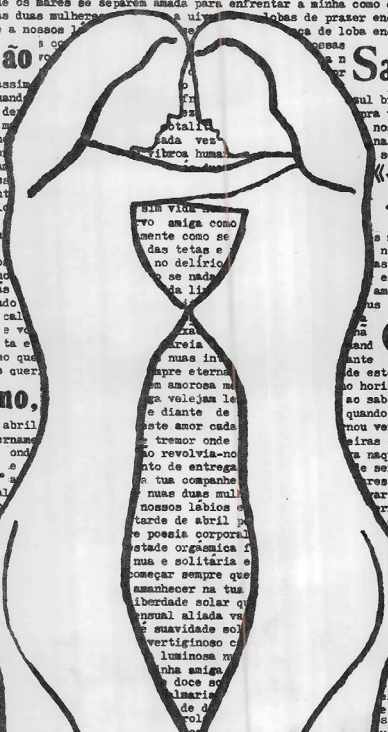


**CHANACOMCHANA**  
GRUPO DE AÇÃO LÉSBICO-FEMINISTA

**Associação das donas-de-casa discute o aborto**

**8 de março: Dia Internacional da Mulher**

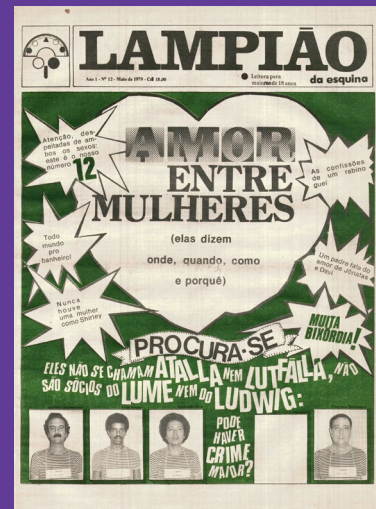
Capas do "ChanaComChana" nº 1 e 2. Fonte: ChanaComChana, nº 1, dez./1982 e ChanaComChana, nº 2, fev./1983



Sandra  
Mara  
"Bigode"  
Queda  
Para  
Alto

FIGURAS 01/33-34

FIGURA 01/37



FIGURAS 01/35-36  
Capa e página 7 do "Lampião da Esquina" nº 12 de maio de 1979. Fonte: Lampião da Esquina, nº 12, maio/1979

**LAMPILHAO**  
A quem interessar possa

**Nós estamos aí**

REPORTAGEM

MULHERES

FIGURA 01/35-36

**ESQUINA**  
Viva São Paulo

Um roteiro para mulheres

MULHERES

FIGURA 01/37

**Nós estamos aí**

uma palavra

**Nós estamos aí**

uma palavra

Hoje, neste mês de maio, a gente faz 4 anos. Já nos chamamos 'facção lésbica-feminista' quando ainda estávamos no Somos (Grupo de Afirmação Homossexual), em 1979; Grupo Lésbico-Feminista quando nos tornamos autônomas, em maio de 1980; Grupo de Atuação Lésbico-Feminista; Grupo de Ação Lésbico-Feminista e, agora, Grupo Ação Lésbica Feminista (ChanaComChana, nº 3, maio/1983, p. 1)

MacRae (2018, p. 310) e Lessa (2008, p. 304) mencionam que o grupo LF teria surgido em junho de 1979, enquanto Fernandes (2018, p. 93), Batista (2020, p. 39) e Eddine *et al.* (2021, p. 171) datam a formação do grupo em julho do mesmo ano. A diferença temporal – entre maio e julho – não é tão expressiva, só chama a atenção, no entanto, a informação encontrada em Silva e Cordão (2022, p. 141), que indicam fevereiro de 1979 como o mês de formação do LF, neste caso é possível que tenham considerado a data da chegada das primeiras mulheres lésbicas no grupo Somos.

A criação de um subgrupo independente de mulheres lésbicas dentro do Somos foi criticada por membros do grupo, incluindo algumas mulheres, sendo importante mencionar que nem todas as lésbicas do Somos passaram a integrar o recém-formado LF (Fernandes, 2018). A atuação como subgrupo dentro do Somos, a longo prazo, não se mostrará satisfatória o suficiente e em 17 de maio de 1980 as membras do LF decidem em unanimidade pela sua independência completa, criando assim um grupo autônomo.

As divergências que levaram ao rompimento já haviam emergido durante a participação do Somos e do LF – na condição de subgrupo – em dois eventos: o II Congresso da Mulher Paulista (CMP) de março de 1980 e o I EGHO, de abril do mesmo ano. Havia discordâncias com relação à participação política dentro do movimento homossexual, e tais tensões serão apontadas também como motivadoras para cisões nas facções masculinas do Somos, com a saída de membros para a formação de outros grupos homossexuais, como foi o caso do Grupo Outra Coisa.

O 1º EGHO trazia, em si, os germes do posterior racha do Grupo Somos [...] Dessa divisão, entre os bichas, surgiu o Grupo Outra Coisa de Ação Homossexual que, com outros grupos homossexuais de São Paulo, criou o Movimento Homossexual Autônomo e com quem, mais tarde, passamos a dividir nossa sede. O racha entre os integrantes do Somos, em 17 de maio de 1980, coincidiu com a nossa saída deste mesmo grupo. (ChanaComChana, nº 3, maio/1983, p. 2)

MacRae (2018) pontua aspectos positivos dessa nova fase do LF como grupo independente.

Mas, além dessas dificuldades de formalização de princípios do grupo, devidas à inexperiência política e à juventude de seus membros – na época do “racha” a grande maioria dos integrantes do LF tinham entre 20 e 25 anos –, o grupo também se tornava mais heterogêneo. Originalmente, o grupo era predominantemente formado por mulheres de classe média, de uma forma ou outra identificadas com a cultura universitária, mas, aos poucos, começaram a surgir integrantes vindas do gueto e de classes mais baixas. Neste momento, além de ser policlassista, o grupo era também multirracial e suas integrantes eram provenientes de várias regiões do país. (MacRae, 2018, p. 320)

O grupo representava um importante ponto de referência para as mulheres que dele faziam parte, principalmente se levarmos em consideração que o circuito lésbico da época era mais limitado do que o gay e que a julgar pelos discursos presentes nos periódicos – “Lampião” e “Chana” – as mulheres lésbicas eram mais “enrustidas”<sup>14</sup> do que os homens gays. Deste modo o LF seria um espaço para se encontrar com iguais, se expressar livremente e conhecer amigas e parceiras. O número de integrantes varia ao longo dos anos, segundo MacRae (2018) logo após a separação do Somos o LF teria no máximo vinte e três integrantes, das quais quinze costumavam participar das reuniões que aconteciam duas vezes por semana.

Segundo Míriam Martinho (2021) o LF teria terminado em junho de 1981, sendo a única fonte consultada que põe um fim ao grupo, ao passo que as demais entendem a formação do GALF como uma continuidade do Lésbico Feminista. Para MacRae (2018) assim que o LF rompe com o Somos ele teria passado a se identificar como GALF, porém oficialmente a ata da assembleia geral de constituição da entidade<sup>15</sup> data de 17 de outubro de 1981. Neste registro, assinado por Míriam Martinho e Rosely Roth<sup>16</sup> a sigla GALF se refere à “Grupo Ação de Liberação Feminista”. Segundo Martinho (2021) a substituição da palavra “Lésbica” por “Liberação” teria ocorrido para facilitar o registro em cartório e a comunicação de mulheres com o grupo, de modo que elas pudessem se corresponder com o grupo, escrevendo e recebendo materiais, sem que fossem “tiradas do armário”.

O registro do grupo como feminista, preservando a sigla “GALF”, visava evitar problemas com os cartórios (que costumavam dificultar o registro de grupos de gays e lésbicas na época) e pragmaticamente atender nossas necessidades de abrir conta em banco, ter uma caixa postal, receber dinheiro via vale postal e outras formalidades. Visava também proteger as lésbicas que nos escreviam (a maioria no armário), caso tivessem que escrever o nome do grupo por extenso. O grupo ficaria incomunicável, entre a maioria das sapatatas da época, se usasse a palavra lésbica para esses trâmites institucionais. Outros grupos do período encaravam o registro no cartório até como parte da luta homossexual, mas nós avaliávamos que, na relação custo-benefício, não valia o custo. Além disso, para uma organização que vendia um boletim com o nome “Chanacomchana”, assumir-se no cartório era o de menos. (Martinho, 2021, n.p.)

14

Com isso queremos dizer que o discurso reforçava a ideia de que poucas eram as mulheres que se assumiam publicamente como homossexuais, devido a uma série de questões sociais – esse inclusive pode ter sido um dos motivos para que o texto publicado no LP nº 12 não tenha sido assinado.

15

Material disponibilizado por Míriam Martinho. Cf. o link: <https://drive.google.com/file/d/1tHndzNIDotrQfhTWoBdZdsRE8IOywDuyk/view>.

16

Segundo Lessa (2008), Rosely Roth teria desenvolvido o trabalho “Vivências lésbicas – Investigação acerca das vivências e dos estilos de vida das mulheres lésbicas a partir da análise dos bares frequentados por elas” em uma pós-graduação em Antropologia.

Segundo Míriam Martinho (2021) o GALF sempre foi um grupo menor do que o LF em termos de número de participantes, enquanto este chegou a ter 30 mulheres, o GALF manteve uma média de 5 a 6 integrantes. Na ocasião do seu registro, inclusive, 6 são as integrantes que podem ser identificadas no documento: Maria Esteviana de Lucena (enfermeira), Maura Pizzaia Mulinari (estudante), Míriam Martinho Rodrigues (estudante), Nanci Maria Degan (estudante), Rosely Roth (estudante) e Rosemari Mercedes Lopes (estudante).

De acordo com o texto publicado no “ChanaComChana” nº 3 de maio de 1983, entre os objetivos do GALF estavam:

- informar e conscientizar as mulheres lésbicas de seus direitos e da importância de apoiar e criar organizações que defendam nossos interesses;
- desenvolver uma rede de contatos entre organizações e mulheres lésbicas, no Brasil e no exterior, com o propósito de quebrar o isolamento a que muitas de nós estão sujeitas e obter apoio emocional e político; (ChanaComChana, nº 3, maio/1982, p. 4)

O GALF vai atuar durante praticamente toda a década de 1980, findando suas atividades em 1989 (Batista, 2020) ou em março de 1990 (Martinho, 2022), sendo conforme Renan Quinalha (2020)<sup>17</sup> o grupo mais longevo da primeira onda do movimento homossexual brasileiro. Para o pesquisador os anos da década de 1980 marcam o declínio da 1ª onda do movimento homossexual e a chegada da 2ª onda, que traz consigo o grande desafio da pandemia de HIV/AIDS num cenário econômico de recessão e de empobrecimento da sociedade. Para Lessa (2008) a perpetuação do movimento homossexual nos anos 1980 e início da década de 1990 é fruto da atuação dos grupos GALF (SP), Grupo Gay da Bahia (GGB – BA), Triângulo Rosa (RJ) e Dialogay (SE).

Ao longo dos anos LF e GALF passam por várias sedes. Antes da separação oficial do Somos algumas reuniões do subgrupo poderiam ser realizadas na casa de algumas das integrantes, como por exemplo no apartamento da Teca<sup>18</sup> na Rua Rego Freitas. Já após a sua emancipação o LF divide um espaço na Vila Madalena com o grupo feminista Brasil-Mulher, para depois, em julho de 1981, se transferir para uma sala na Rua Aurora, nº 736 no centro da cidade, onde, já como GALF, as mulheres permanecem até agosto de 1983, em fevereiro de 1983 o “ChanaComChana” nº 2 anunciava reuniões semanais, aos sábados, às 18h, nesta sede do grupo. O grupo também dividiu espaço com o Grupo Outra Coisa no segundo semestre de 1983 na Rua Abolição (espaço este que já havia sido ocupado pelo grupo Somos e que se havia dissolvido neste ano), nos primeiros meses de 1984 ocupam um apartamento na Rua Teodoro Baima na República, quando em abril de 1984 passa a dividir espaço com o grupo feminista Centro de Informação Mulher (CIM) até que o GALF é despejado pelo CIM em dezembro do mesmo ano, em um episódio narrado pelo “ChanaComChana” nº 7 (Martinho, 2021).

17

Informação verbal do professor e pesquisador Renan Quinalha durante o curso “História do Movimento LGBT” em São Paulo, julho de 2020.

18

Teca (ou Teka) foi uma integrante importante do grupo LF, tendo atuação de destaque no I Encontro de Grupos Homossexuais, como relatado pelo “Lampião da Esquina”. Teca também receberá em sua casa como hóspede o argentino Néstor Perlongher – trataremos dele no próximo tópico –, e o antropólogo chega inclusive a citá-la nos agradecimentos da sua dissertação de mestrado.

Dentre as atividades desenvolvidas pelos grupos – LF e GALF –, além das publicações que são alvo de investigação deste texto, estavam a organização de uma biblioteca, a troca de correspondências, a realização de debates, festas, churrascos e sessões de bingo, que eram utilizadas para angariar verbas para o aluguel da sede do grupo, porém tais iniciativas por vezes se mostravam insuficientes e para resolver este problema as integrantes acabavam ajudando nas despesas. O GALF em específico desenvolveu e implementou um sistema de associação, através do qual as mulheres poderiam integrar a lista de correspondência do grupo; obter informações sobre pontos de encontro, entidades feministas, lésbicas e homossexuais; receber o histórico do grupo, indicações de livros, informes sobre as atividades públicas do GALF; e contar com “apoio psicológico e afetivo”. As associadas desempenharam um papel de grande relevância para a manutenção financeira do grupo.

Acreditamos que parte da dificuldade na reconstituição da história destes grupos está na diversidade de nomes muito semelhantes utilizados por eles: Lésbico(a) Feminista, Grupo Lésbico(a) Feminista, Fação Lésbico(a) Feminista, Movimento Lésbico(a) Feminista, Grupo de Ação Lésbico(a) Feminista, Grupo de Atuação Lésbico(a) Feminista. Nas diversas denominações é possível identificar dois momentos distintos: um primeiro marcado apenas pela denominação Lésbico(a) Feminista e um segundo identificado pelo acréscimo das letras “G” de grupo e “A” de ação ou atuação. São identificações semelhantes, e a princípio o segundo parece mesmo uma continuação do primeiro, tendo em vista que a identificação inicial “Lésbico(a) Feminista” está dentro do novo nome, o que nos transmite uma ideia de encadeamento, presente na maioria das pesquisas consultadas, mas que é contestada por Míriam Martinho (2021) em seu *site* “Um Outro Olhar”. Para a ativista que fez parte tanto do LF quanto do GALF, apesar da semelhança nos nomes, LF e GALF são dois grupos distintos, ideia que ela sustenta ao analisar a visão política, as atividades desenvolvidas e as integrantes destes grupos.

Lembramos que o objetivo deste texto não é reconstruir a fundo, e em detalhes, a história dos grupos LF e GALF, tal tarefa exigiria grande empenho. Caberá às pesquisas em curso e futuras elucidar as divergências presentes nos textos publicados nos últimos anos com relação à formação dos grupos a partir da análise do acervo do GALF e Somos, mantido pelo Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade de Campinas e daqueles mantidos pelo acervo “Um Outro Olhar”, organizado por Míriam Martinho, bem como do depoimento das mulheres que participaram dos grupos em questão. LF e GALF foram apresentados para que pudéssemos a partir de então nos dedicar à análise das publicações por eles desenvolvidas.




Várias mulheres do Grupo de Ação Feminista num dos debates do Congresso

**FIGURA 01/38** →  
Fotografia de mulheres participando do II Congresso da Mulher Paulista. Fonte: Lâmpião da Esquina, nº 23, abr./1980, p. 8

**associe-se ao galf**

Agora, com uma taxa mensal de apenas CR\$5.000,00 você pode associar-se ao Galf e colaborar com nosso trabalho. Associando-se você passa, de acordo com a sua escolha:

- 1) a integrar nossa lista de correspondente (com endereços de mulheres de todo o Brasil) que é publicada no ChanacomChana a cada edição;
- 2) a obter informações sobre pontos de encontro (bares, boates, hotéis) e sobre entidades feministas, lésbicas e homossexuais do Brasil e do exterior;
- 3) a receber o histórico do Galf e indicações de livros sobre feminismo, lesbianismo e homossexualismo. (Também xerocamos livros nacionais ou importados a pedidos);
- 4) a receber informes sobre as atividades públicas que o Galf pretende realizar e a contar com nosso apoio psicológico e afetivo quando precisar.



**GALF** - GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA

CAIXA POSTAL 62.618, Cep 01.000, SP  
SEDE: RUA AURORA, 736, 1º ANDAR, APTO 10, SÃO PAULO, SP

REUNIÕES AOS SÁBADOS DAS 18:00 ÀS 21:00

← **FIGURA 01/39**

Anúncio do GALF no "ChanaComChana". No canto inferior direito pode-se ver o logo com as iniciais "LF" referente à "Lésbica Feminista", o que também gera confusões entre GALF e LF. Fonte: ChanaComChana, nº 3, maio/1983, p. 15

← **FIGURA 01/40**

Anúncio no "ChanaComChana" lista os benefícios da associação ao GALF. Fonte: ChanaComChana, nº 8, ago./1985, p. 15

**GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA**

RUA AURORA, 736, 1º ANDAR, SÃO PAULO, SP

HORÁRIO: 18:00 às 21:00

1º OFÍCIO DO REG. CIV. DAS PESSOAS FÍSICAS  
MICROFILMADO SOB N.º 2352 *g*

ATA DE ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA ENTIDADE

Aos dezessete dias do mês de outubro do ano de 1.981, reunidas em primeira convocação, às 14:00 horas, à Rua Aurora, nº 736 1º andar, sala 10, na cidade de São Paulo, as fundadoras da Entidade "G A L F" (Grupo Ação de Liberação Feminista), assumiu a presidência dos trabalhos Miriam Martinho Rodrigues, tendo sido indicada para secretária, Rosely Roth.

A presidente deu por instalada a Assembleia de "Constituição apresentando a seguir o projeto dos Estatutos, devidamente assinado em duplicata por todas as fundadoras, que foi lido. Fimda a leitura, a presidente submeteu à discussão o projeto.

Não tendo sido pedidas alterações por nenhuma das presentes foi considerado unanimemente aprovado. Impricadas as formalidades legais a presidente declarou definitivamente constituída a Entidade "G A L F", determinando que se processasse a eleição dos membros da diretoria Colegiada, o que foi feito por Assembleia Geral. Fimda a votação, tendo verificado que todas as presentes haviam votado, anotei os nomes das pessoas votadas e o número de votos que lhes eram dados. Fimdo o trabalho de apuração, tinham sido votadas unanimemente para a Direção Colegiada MARIA ESTEVEIA DA SILVA LUCENA, brasileira, solteira, enfermeira, RG nº 984.869, CID nº 136381804/53, residente e domiciliada à Rua Pedro de Toledo, nº 274, São Paulo; ROSEMARY RODRIGUES LOPES, RG nº 10.113.698, solteira, brasileira, estudante, residente e domiciliada à Rua Major Sertão, nº 228, apto 04, Vila Buarque, São Paulo; MIRIAM MARTINHO RODRIGUES, RG nº 11.022.131, brasileira, solteira, estudante, residente e domiciliada à Rua Itaparenga, nº 49, Centro Amaré; MARCI MARIA DUBAN, RG nº 2.401.117, brasileira, solteira, estudante, residente e domiciliada à Rua dos Campesinos, nº 1101, apto 44 nesta cidade; MAURA FERZALA BULLEHARI, RG nº 5.100.473, brasileira solteira, estudante, residente e domiciliada à Rua Domingos Oswald Bataellia, nº 282, São Paulo, tendo sido declaradas eleitas pela Assembleia Geral.

São Paulo, 17 de outubro de 1.981.

*Miriam Martinho Rodrigues*  
 Miriam Martinho Rodrigues  
 Presidente

*Rosely Roth*  
 Rosely Roth  
 Secretária

1º OFÍCIO DO REG. CIV. DAS PESSOAS FÍSICAS  
MICROFILMADO SOB N.º 2352 *g*

Em seguida, procedeu-se à distribuição dos cargos, tendo sido eleito na presidência MARIA ESTEVEIA DE LUCENA, na secretaria MARCI MARIA DUBAN, na tesouraria ROSEMARY RODRIGUES LOPES, MAURA FERZALA BULLEHARI e MIRIAM MARTINHO RODRIGUES, ambas na suplência.

Nada mais havendo a deliberar, foi suspensa a sessão pelo tempo necessário à lavatura, em duplicata, desta ata, o que foi feito em duas folhas datilografadas.

Reaberta a sessão, foi dita "ata lida e aprovada por todas as fundadoras presentes, ficando uma via em poder da Entidade tendo a outra destino legal.

São Paulo, 17 de outubro de 1.981.

*Miriam Martinho Rodrigues*  
 Miriam Martinho Rodrigues  
 Presidente

*Rosely Roth*  
 Rosely Roth  
 Secretária

273 TABELIONATO  
273 - DE JORNADA DIÁRIA  
DA CORREÇÃO, 504-111-257-5300  
Reservado por assinatura a R\$ 250,00  
*Miriam do Carmo*

S. PAULO, 11 DE OUTUBRO DE 1981  
EM TESTE: *[Assinatura]*  
A VERBADE

TAB. DE REG. CIV. E NOTAR.  
EST. DE SP  
L. S. R. 100  
SELLOS ESTADUAIS  
L. 8000  
PREV. SOCIAL  
PAGOS PV VERBA

PRIMEIRO TABELIONATO DE NOTAS  
ALDO NEVES GODINHO - TABELIONATO  
ALDO NEVES GODINHO FILHO - Oficial Major  
RUA S. JOÃO DO BOM FIM, 100 - S. PAULO, SP  
CNPJ nº 00.000.000/0000-00

*[Assinatura]*

← **FIGURAS 01/41-42**

Estatuto de fundação do GALF. Fonte: Cf. link: <https://drive.google.com/file/d/1Hndz1D0trOfhTWoBdZdsRE81OywDuyk/view>

**GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA**

RUA AURORA, 736, 1º ANDAR, SÃO PAULO, SP

HORÁRIO: 18:00 às 21:00



## 01/02/02 O NÚMERO 0

A experiência de produção e publicação de texto no “Lampião da Esquina” teria despertado o desejo de desenvolvimento de um jornal específico para divulgação das ideias lésbicas feministas. O primeiro número do CCC é definitivamente diferente dos demais, tanto no estilo e métodos de produção quanto no grupo responsável, por isso optamos por analisá-lo separadamente dos demais números da publicação. O número zero é um jornal de quatro páginas, formato tabloide, elaborado na Editora Afa em São Paulo, impresso em janeiro de 1981 (Lessa, 2008) e lançado durante o III Congresso da Mulher Paulista em março do mesmo ano (Martinho, 2021), que anuncia em sua capa uma entrevista com a cantora Angela Roro e não possui indicação de preço.

Para Míriam Martinho (2021) o jornal teria sido produzido pelo Grupo Lésbico Feminista, já Cardoso (2004) atribui ao Movimento Lésbico Feminista (MLF), fundado em 1980, a produção do veículo. Segundo esta pesquisadora o MLF teria mudado de nome para Grupo Lésbico Feminista e posteriormente para Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF). Na última página do jornal, em texto escrito por Míriam, a autora menciona que o Grupo Lésbico-Feminista já teria 2 anos de atividade, enquanto o “Grupo de Ação Lésbica-Feminista” estaria em seu primeiro ano. Se seguirmos esses dados podemos estimar que o LF data de 1979 – ano da criação do subgrupo dentro do Somos – e o GALF dataria de 1980 – ano da separação ou independência do grupo em relação ao Somos e anterior ao seu registro oficial em cartório. Tais informações atestam mais uma vez a emaranhada trama a respeito das identificações do grupo.

O Grupo Lésbico-Feminista ao longo de quase dois anos de atividades lutou por construir uma organização sem a figura autoritária da liderança, seja ela “orgânica” ou, “instituída pela experiência”, fale ela em nome dos “ideais do grupo” ou em nome dos “outros que não tem voz” [...]

A vivência do Grupo de Ação Lésbica-Feminista, em seu primeiro ano de atuação, trouxe essas constatações e muitas perguntas que nos repetimos frequentemente. (Martinho, 1981, p. 4)

Nesta edição inaugural encontramos um conselho editorial composto por: Fanny, Maria Serrath e Teca, com a colaboração de Maria Carneiro da Cunha, Nair Benedito e Cristina (responsável pela fotografia). Apesar da indicação do conselho editorial, percebemos que algumas responsáveis são identificadas por seus apelidos ou apenas pelo primeiro nome. Diferentemente do “Lampião da Esquina”, a identificação das responsáveis pelo desenvolvimento da publicação não é uma tarefa simples. Ao que indicam as pesquisas as mulheres à frente do “ChanaComChana” não tinham um envolvimento prévio com os meios de comunicação impresso, e nem todas assumiam publicamente a sua identidade lésbica. Míriam Martinho (2021) relaciona tal fato à heteronormatividade da sociedade.

Para Cardoso (2004) o número zero do jornal “ChanaComChana” teria sido produzido em meio a um clima de tensões dentro do grupo, que

vinham desde a metade do ano de 1980. Diferenças ideológicas e políticas acabaram resultando no afastamento de muitas das integrantes, algumas delas passaram a fazer parte do grupo feminista SOS Mulher e outras formaram o Terra Maria Opção Lésbica. Segundo a pesquisadora é só em fevereiro e março de 1981, após a produção do número zero, com a entrada de novas participantes que o grupo ganha uma nova vida. Havia a intenção de continuar a publicação, porém esses planos foram interrompidos devido às dificuldades financeiras do grupo, que só conseguiu publicar essa primeira edição graças ao apoio financeiro de Teca (Batista, 2020), e à falta de definição com relação a linha editorial do jornal. A continuidade do “Chana” se dará através da publicação de um boletim homônimo, realizada pelo GALF, 23 meses após o número zero do jornal.

## 01/02/02 O BOLETIM CHANACOMCHANA

O BOLETIM CHANACOMCHANA é um espaço criado por mulheres lésbicas para mulheres lésbicas e todas as pessoas que queriam debater conosco. Queremos que ele seja um veículo de informação, discussão, humor, namoro, poesia e sonho para todas que o fizerem e para quem for lê-lo também. Ele é um dos frutos dos 3 anos e meio de atividades do GALF (Grupo de Ação Lésbico-Feminista) (ChanaComChana, nº 1, dez./1982, p. 2)

Os 12 demais números do CCC são entendidos como boletins e foram publicados pelo GALF entre 1982 e 1987. O primeiro número do boletim só é publicado mais de um ano após o lançamento do jornal, em dezembro de 1982. O boletim era produzido quase que artesanalmente, esteticamente se aproximava muito dos (fan)zines punks, com a diagramação simples e a estética do faça você mesmo (Do It Yourself – DIY), os textos eram datilografados e havia muita colagem. O boletim poderia ser reproduzido através de impressão *offset* ou mimeografado (Martinho, 1990). O formato, menor do que o tabloide, facilita a produção e a circulação do boletim. Para Míriam Martinho (2021, n.p.), o “Chana” era produzido “[...] num layout pop-pobre que misturava colagens de fotos, textos, letras adesivas, guache, nanquim, corretivos, etc, aproveitando um pouco de minha experiência com artes plásticas”.

Os fanzines surgiram na década de 1930 nos Estados Unidos. A palavra é uma união em *fanatic* + *magazine*: *fanatic*, já que os primeiros exemplares teriam sido produzidos por fãs de ficção científica; e *magazine* devido à proximidade com o formato de uma revista. Posteriormente, na década de 1970 os fanzines ganham força com o movimento punk na Inglaterra, e as publicações traziam a mesma abordagem independente das bandas e ajudavam a espalhar informações sobre *shows*, agendas, entrevistas e críticas de novos lançamentos (Negri, 2005; Triggs, 2006). “Os fanzines punk tentaram recriar visualmente o mesmo burburinho – um ethos encapsulado pelos Sex Pistols, que notoriamente comentaram no New Music Express ‘Não estamos interessados em música... estamos interessados no caos’”<sup>19</sup> (Triggs, 2006, p. 70).

19

Do original: “Punk fanzines attempted to recreate the same buzz visually – an ethos encapsulated by the Sex Pistols who famously remarked in the New Musical Express ‘We’re not into music... we’re into chaos.’ Todas as traduções realizadas para este trabalho são de responsabilidade do autor.

Fanzines costumam ser pequenas publicações amadoras, de pequena tiragem e produção artesanal, o que lhes confere certa liberdade, e eles não estão vinculados a uma editora, sua produção, reprodução e venda é independente, com periodicidade livre e irregular. Normalmente são produzidos por pessoas que querem compartilhar suas ideias e informações sobre assuntos que gostam ou que estão envolvidas. De acordo com Negri (2005) são publicações sem fins lucrativos, sem vínculos com editoras e que não se preocupam com a vendagem (Negri, 2005; Triggs, 2006). No caso do “Chana”, apesar da publicação não se identificar como um fanzine, o boletim foi uma produção independente e de pequena tiragem, porém havia sim uma preocupação com a vendagem dos exemplares, para que fossem cobertos pelo menos os custos de produção.

No método de produção dos fanzines destacam-se a colagem de textos e imagens – que muitas vezes podem ter sido retiradas de outras revistas, livros e jornais –, a utilização de trechos de músicas e os desenhos manuais. O resultado costuma ser um “copia e cola”, uma mistura entre caligrafia e textos reproduzidos de forma mecânica, desenhos, fotografias e rabiscos que não segue *grids* ou regras rígidas de diagramação, podendo resultar inclusive em textos pouco legíveis (Negri, 2005). A falta de um projeto gráfico no “ChanaComChana”, com as mudanças nos tamanhos das letras, nos espaçamentos e na organização das manchas de texto, por vezes dificulta o processo de leitura, sem, no entanto, comprometer a compreensão dos conteúdos. Em alguns momentos os textos são abruptamente interrompidos ao final de uma página, para serem continuados apenas várias páginas à frente.

Esse processo, que está associado à filosofia do “faça você mesmo”, resulta num *design* muitas vezes “caótico” que a historiadora Teal Triggs (2006) relaciona com uma estética da resistência, interpretado por ela como uma crítica aos meios de produção em massa. A impressão dos fanzines – ou simplesmente zines – pode ser feita mimeografada, através de fotocopiadoras, impressoras caseiras ou até mesmo com impressoras *offset* – este último método resulta num produto mais profissional por garantir maior qualidade no processo.

Triggs (2006) ressalta como essas publicações foram importantes na construção de uma rede de comunicação da cultura *underground*, compartilhando informações entre indivíduos que possuíam interesses em comum.

Os fanzines são democráticos na medida em que fornecem fontes acessíveis para a escrita por meio de suas estratégias de produção “qualquer um pode fazer”. Eles também encorajam a participação (com cartas de leitores por exemplo) e indicam uma reflexividade (ou refletividade neste caso) em termos de sua forma autobiográfica de comunicação<sup>20</sup>. (Triggs, 2006, p. 81)

Por certo o “ChanaComChana” foi a maneira encontrada pelo grupo, de forma autônoma, para expressar suas ideias e trabalhar na construção de uma rede entre mulheres lésbicas, que a partir do boletim conseguiam pensar sobre gênero e sexualidade.

20

Do original: “Fanzines are democratic in that they provide accessible founs for writing through their ‘anyone can do it’ production strategies. They also encourage participation (e.g. readers’ letters) and suggest reflexivity (or reflectivity in this case) in terms of their autobiographical manner of communication.”

Para buscarmos as responsáveis pelas edições do boletim, podemos averiguar os expedientes, porém a sua divulgação é inconstante, sendo que a maioria dos números não o possui, o que reforça o caráter coletivo das responsáveis. Desde setembro de 2022<sup>21</sup> Míriam Martinho Rodrigues detém os direitos autorais dos boletins “ChanaComChana” na condição de organizadora. Já com relação à autoria dos textos publicados nos 12 números, é possível identificar a autoria de alguns deles, mas não de sua totalidade, sendo que muitas vezes a indicação de autoria é feita através de apelidos ou da indicação apenas do primeiro nome da autora.

Com relação à tiragem há algumas divergências. Cardoso (2004) defende que o número seria de em média 200 exemplares por edição, já Míriam Martinho (2021) na página “Um Outro Olhar” e Batista (2020) falam de uma tiragem de 500 exemplares, pois esta seria a cota mínima para impressões em *offset*, da qual por volta da metade era efetivamente vendida. Oliveira (2019) fala de uma tiragem de 300 exemplares, mas acreditamos que tenha havido um engano na interpretação do texto na revista “UOO”, o qual mencionava que, para cobrir as despesas da impressão *offset*, seria necessária a venda de pelo menos 300 cópias do boletim.

A impressão em off-set aumenta consideravelmente o custo do boletim e exige que, no mínimo, 300 exemplares de cada edição, sejam vendidos para bancar o custo. Por isso, optávamos por obter a impressão de graça, como já citado, o que implicava um bom dispêndio de tempo e paciência. (Martinho, 1990, p. 17)

21

O certificado do registro pode ser acessado no site da “Câmara Brasileira do Livro” através do link: <https://www.cblservicos.org.br>

Como é possível perceber pelo texto de Míriam Martinho (2021) publicado na página “Um Outro Olhar”, o grupo buscava meios de imprimir os boletins sem custos, através do contato com diretórios acadêmicos de faculdades ou na Câmara Municipal de São Paulo, onde o grupo utilizava a cota de impressão de parlamentares que apoiavam o movimento, como por exemplo a vereadora Irede Cardoso. Outra estratégia utilizada foi a de xerocar os exemplares, produzindo apenas o número de cópias necessárias para o envio às associadas do GALF e aos grupos parceiros. Esse método de reprodução ajudava a reduzir as sobras de exemplares não vendidos.

O conceito do “faça você mesma” não estava restrito apenas à produção e montagem dos boletins, pois a distribuição e venda também eram feitas pelas próprias integrantes do grupo. Elas enviavam os exemplares das assinantes pelo correio e vendiam o “Chana” no circuito lésbico da época e em eventos que participavam, tudo feito no corpo a corpo, cara a cara. Segundo Míriam Martinho (2021) para que o CCC fosse vendido em bancas de jornais e revistas, elas teriam que melhorar a qualidade gráfica do material, o que acarretaria um aumento no preço.



A quantidade de páginas do boletim aumenta à medida que os números vão sendo publicados, como pode ser observado no quadro 01.05, variando de 11 páginas no nº 1 de dezembro de 1982 até 38 páginas no nº 12 em fevereiro de 1987. A periodicidade da publicação era inconstante, tendo no máximo 3 publicações anuais nos anos de 1983 e 1985. Apesar dessa irregularidade podemos perceber em suas páginas e nos anúncios de assinatura que o boletim se definia como bimensal do número 2 ao 5, trimestral do número 6 ao 9 e quadrimestral do número 10 ao 12. Ao tabularmos algumas informações sobre a publicação foi possível observar que os intervalos entre os números variam de dois a seis meses.

#### CHANACOMCHANA - ANÁLISE DAS 13 EDIÇÕES

Nº	PUBLICAÇÃO	Nº DE PÁGINAS	ASSINATURA	PERIODICIDADE	PREÇO UNITÁRIO
0	JAN-81	4	/	/	/
1	DEZ-82	11	/	/	/
2	FEV-83	13	6 N°S POR CR\$700	/	/
3	MAI-83	16	6 N°S POR CR\$1000	BIMENSAL	/
4	SET-83	19	6 N°S POR CR\$1500	/	/
5	MAI-84	14	6 N°S POR CR\$6000	BIMENSAL	/
6	NOV-84	14	5 N°S POR CR\$8000	TRIMESTRAL	CR\$1000
7	ABR-85	23	5 N°S POR CR\$10000	/	CR\$2000
8	AUG-85	26	5 N°S POR CR\$18000	TRIMESTRAL	CR\$3500
9	DEZ-85	28	5 N°S POR CR\$20000	/	CR\$5000
10	JUN-86	35	4 N°S POR CZ\$40	QUADRIMESTRAL	CZ\$10
11	OUT-86	34	4 N°S POR CZ\$60	/	CZ\$15
12	FEV-87	38	4 N°S POR CZ\$100	/	CZ\$25

#### QUADRO 01/05 ↑

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

O boletim nº 1 não possui nenhuma indicação de preço unitário ou de assinatura. Do nº 2 em diante passam a ser anunciados os valores das assinaturas e a partir do nº 6 encontra-se a informação do preço unitário do boletim. É possível acompanhar a inflação que impactava a vida dos brasileiros ao observarmos os preços do “Chana”. Lembrando que durante o seu intervalo temporal de publicação (1981-1987) ocorre no Brasil o lançamento do Plano Cruzado em fevereiro de 1986, pelo então presidente José Sarney. Desse modo os números 2 a 9 do boletim possuem indicação de preço em cruzeiros, enquanto os seguintes informam o valor em cruzados. O preço unitário passa de CR\$ 1000,00 em novembro de 1984 para CR\$ 5000,00 em dezembro de 1985 e de CZ\$ 10,00 em junho de 1986 para CZ\$ 25,00 em fevereiro de 1987. Entre fevereiro de 1983 e dezembro de 1985 o preço das assinaturas sofreu um aumento de 2700%. Com relação às assinaturas, que poderiam ser

enviadas para qualquer lugar do país, o número de exemplares anuais incluídos também varia ao longo dos anos, o que é compreensível, já que a periodicidade do boletim também vai sendo alterada, como vimos anteriormente. Em 1986 a assinatura incluía 6 exemplares, passando por 5 exemplares em 1985 até chegar a 4 exemplares em 1986.

Com relação ao seu conteúdo, são poucas as seções fixas, das quais podemos destacar: informes, poesias, Heteros e troca de cartas. No boletim encontramos entrevistas, depoimentos, textos autorais, traduções, resenhas que abordam a lesbiandade, lesbofobia, questões políticas... além de charges e tirinhas. “O conteúdo do ChanacomChana era composto de longos artigos com relatos sobre eventos lésbico-feministas, agenda lésbico-feminista, comportamento e sexualidade da mulher lésbica e legislação envolvendo os direitos das mulheres lésbicas” (Cardoso, 2004, p. 102).

Assim como o “Lampião da Esquina”, o “ChanaComChana” possuía uma seção dedicada a receber cartas de suas leitoras denominada “Troca Cartas”. Míriam Martinho (1990) comenta sobre ela na “Um Outro Olhar” nº 12 num texto intitulado “Troca-Cartas: uma eterna dor de cabeça”:

[...] o Troca-Cartas era publicado, gratuitamente [...] acreditávamos estar prestando um serviço à comunidade que, grata, nos compensaria com seu apoio.

Entretanto, tal fato nunca ocorreu. A maioria das correspondentes só se interessava realmente por arrumar uma mulher e mais nada. Não só não conseguíamos melhorar o nível de consciência dessas lésbicas como também acabávamos exploradas. Percebemos que a estrutura era assistencialista e alienante e decidimos alterá-la, passando a cobrar os anúncios publicados. Assim, no mínimo, elas seriam obrigadas a contribuir de alguma forma.

Esta estrutura é a que prevaleceu até agora, embora ainda não tenha se mostrado satisfatória. Primeiro, porque as pessoas passam e repassam o troca-cartas, causando-nos grandes prejuízos. Segundo, porque a presença de bissexuais, na lista de correspondentes (uma concessão liberal de nossa parte), provoca constantes reclamações da parte das lésbicas. (Martinho, 1990, p. 19)

Chama a atenção no depoimento de Míriam a ideia de que por estarem buscando parceiras românticas e/ou sexuais as lésbicas seriam menos conscientes e mais alienadas, associação que não parece fazer muito sentido, já que as atitudes não são excludentes. Neste trecho percebemos também uma quebra de expectativas com relação às contribuições das leitoras em troca daquilo que a publicação lhes oferecia. Vale lembrar que o “Lampião da Esquina” já havia passado por situação muito semelhante, pois os leitores acabaram utilizando a seção “Cartas na Mesa” como plataforma para contatos românticos e sexuais, o que, como vimos, levou à criação da “Troca-Troca”, voltada especificamente para a troca de contatos entre os leitores. No caso do “Lampião”, os editores também tentaram, sem sucesso, explorar financeiramente esse uso que o público fazia do espaço da publicação.

CHANACOMCHANA - LOCALIDADES DAS  
REMETENTES NA SEÇÃO DE CARTAS

LOCAL/NÚMERO	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	TOTAL
CO-DF - BRASÍLIA									■		■	2
CO-GO - GOIÂNIA										■		1
CO-MS - CAMPO GRANDE									■	■		2
CO-MS - TRÊS LAGOAS					■	■						2
ND-BA - FEIRA										■		1
ND-BA - SALVADOR	■	■	■					■	■	■	■	7
ND-BA - S. ANTÔNIO DE JESUS										■		1
ND-CE - FORTALEZA							■	■				2
ND-MA - SÃO LUÍS	■			■	■	■						4
ND-PE - RECIFE	■	■									■	3
ND-PE - TABOATÃO					■							1
ND-PI - TERESINA										■		1
NT-AM - MANAUS							■					1
SD-ES - VILA VELHA										■		1
SD-MG - BELO HORIZONTE							■		■	■	■	4
SD-MG - SÃO JOSÉ DA LAPA										■		1
SD-MG - SILVEIRANIA						■						1
SD-RJ - ITAPERUNA										■	■	2
SD-RJ - NITERÓI										■	■	2
SD-RJ - PADRE MIGUEL											■	1
SD-RJ - RIO DE JANEIRO	■	■						■		■	■	4
SD-SP - CAMPINAS							■					1
SD-SP - CAMPOS DO JORDÃO						■						1
SD-SP - CAPELA DO ALTO					■	■	■					3
SD-SP - CARAPICUÍBA					■							1
SD-SP - DOIS CÓRREGOS										■		1
SD-SP - GUARULHOS	■			■					■	■		4
SD-SP - LINS				■	■							2
SD-SP - OSASCO								■		■	■	3
SD-SP - PINDAMONHANGABA						■						1
SD-SP - POÁ							■					1
SD-SP - PRAIA GRANDE							■					1
SD-SP - RIBEIRÃO PIRES						■						1
SD-SP - RIBEIRÃO PRETO										■		1
SD-SP - RIO CLARO										■		1
SD-SP - RIO PEQUENO					■							1
SD-SP - SANTANA					■							1
SD-SP - SANTANA DE PARNAÍBA									■	■		2
SD-SP - SANTO ANDRÉ								■		■		2
SD-SP - SANTOS						■		■				2
SD-SP - S. B. DO CAMPO							■					1
SD-SP - S. CAETANO DO SUL										■		1
SD-SP - SÃO CARLOS										■		1
SD-SP - S. JOSÉ DO RIO PRETO	■	■										2
SD-SP - SÃO JOSÉ DOS CAMPOS								■		■		2
SD-SP - SÃO MIGUEL PAULISTA										■		1

LOCAL/NÚMERO	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	TOTAL
SD - SP - SOROCABA										■		1
SD - SP - SÃO PAULO	■	■		■	■	■	■	■	■	■	■	10
SD - SP - SUZANO									■	■	■	3
SL - PR - APUCARANA									■	■		2
SL - PR - CURITIBA										■	■	2
SL - PR - MARINGÁ					■	■						2
SL - RS - CACHOEIRA DO SUL							■		■			2
SL - RS - CACHOEIRINHA									■			1
SL - RS - CANOAS							■	■				2
SL - RS - CAXIAS DO SUL											■	1
SL - RS - FARROUPILHA									■			1
SL - RS - GRAVATAÍ										■	■	2
SL - RS - SANTA MARIA							■					1
SL - RS - SAPIRANGA										■		1
SL - RS - SARANDI								■				1
SL - RS - TRAMANDAÍ									■			1
AN-USA - IOWA CITY									■	■		2
AN-USA - PITTSBURGH						■						1
AS-COL - BOGOTÁ							■					1
TOTAL POR NÚMERO	5	5	4	3	9	12	12	11	14	30	14	

← QUADRO 01/06

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao analisar as cartas publicadas no boletim a partir do nº 2 podemos constatar o seu alcance nacional e em especial a sua excelente difusão no estado de São Paulo. O “ChanaComChana” publicou cartas de 65 cidades diferentes, vindas de todas as regiões do país e inclusive da Colômbia e dos Estados Unidos. Só no estado de São Paulo foram cartas de 28 cidades diferentes. No boletim nº 3 (1983) é publicada uma carta da leitora Vânia, de Três Lagoas, que reforça a importância do “Chana” para as lésbicas que não vivem nas grandes cidades, “[...] esse boletim é ótimo como meio de transmissão para nós lésbicas aqui do interior que não temos oportunidade de ler tais assuntos” (ChanaComChana, nº 3, mai/1983, p. 13). Como medida de comparação, o “Lampião da Esquina” em 38 números recebeu e publicou cartas de 26 municípios diferentes do estado de São Paulo em suas seções de correspondências – “Cartas na Mesa” e “Troca-Troca”. A abrangência do boletim é consequência do trabalho de divulgação realizado pelo GALF que, segundo Cardoso (2004), mantinha contato com grupos internacionais e levava os boletins para outras cidades em congressos e festas. Em maio de 1983 o “Chana” chega a apresentar uma lista de eventos que contaram com a participação do GALF e que comprova o empenho de suas integrantes na criação de uma rede e na disseminação das ideias do grupo:

- II e III Congressos da Mulher Paulista (80 e 81)
- Encontro Feminista de Valinhos (80)
- Organização do 8º de março de 83
- Participação no grupo SOS Mulheres de São Paulo (81)

- Participação no Fórum Feminista de SP (83)
- Encontro Nacional sobre Saúde da Mulher (84)
- I Encontro Brasileiro dos Grupos Homossexuais Organizados (EBGHO)
- Passeata contra a repressão a lésbicas e bichas movida pelo delegado Richetti (1986)
- Comemorações do 4 anos do Movimento Homossexual Brasileiro (82)
- Comemorações dos 4 anos dos Grupos Ação Lésbica Feminista e Outra Coisa de Ação Homossexualista (83) (ChanaComChana, n° 8, ago./1985, p. 1)

No CCC não encontramos tantas dicas culturais como no “Lampião”, fato que pode estar relacionado à sua periodicidade esparsa e irregular, que torna complicada a indicação e sugestão de eventos, *shows* e espetáculos para suas leitoras, uma vez que um mesmo número do boletim poderia circular e ser vendido durante mais de 5 meses após o seu lançamento até a chegada do número subsequente.

Com relação aos anúncios, estes são poucos e começam a aparecer no número 2, sendo em sua maioria de espaços do circuito lésbico e gay, justamente onde os boletins eram vendidos, como o Ferro's Bar <sup>56</sup> [ROSA\_56], o bar Canapé <sup>26</sup> [ROSA\_26], o For Us <sup>37</sup> [ROSA\_37], o Enfin's Bar <sup>34</sup> [ROSA\_34] a sauna Thermas Danny <sup>5</sup> [AMARELO\_5] e a Boite Bughouse <sup>10</sup> [VERDE\_10].

O “ChanaComChana” teve a sua última edição publicada em fevereiro de 1987. Neste mesmo ano o GALF e outros 4 grupos latino-americanos da Argentina, México, Uruguai e Costa Rica, se filiam à ILGA (na época International Lesbian and Gay Association, e hoje International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association), num movimento de aproximação aos coletivos lésbicos internacionais que buscavam a formação de uma rede lésbica na América Latina. A admissão destes grupos só é possível graças ao patrocínio fornecido por outras entidades, no caso do GALF o apoio veio do grupo sueco RFSL-Malmö. Ainda em 1987, no mês de setembro, o grupo lança o primeiro número de um novo boletim, chamado “Um Outro Olhar” (UOO).

A identidade gráfica do “Chana” lembra bastante os trabalhos do coletivo inglês “See Red Women's Workshop”, do qual participaram mais de 40 mulheres de diferentes origens e que surgiu com a iniciativa de três estudantes de Arte. A expressão “See Red” em inglês significa algo como “sangue nos olhos” no português popular e era uma forma de indicar que as mulheres estavam irritadas com o contexto social em que viviam. As mulheres compartilhavam suas habilidades e aprendiam juntas técnicas de impressão (como a serigrafia), carpintaria e reparos gerais. Elas defendiam uma produção coletiva, sem a indicação de crédito individual, e o grupo se manteve com a venda de seus trabalhos (como cartazes e calendários) e através de doações. Os principais temas eram: sexualidade, identidade e opressão. O coletivo buscava comunicar suas ideias e ajudar a construir uma sociedade na qual as relações de gênero, raça e classe não fossem determinantes das desigualdades e subordinações. Elas combatiam a imagem negativa e sexista que a propaganda e a publicidade utilizavam para representar as mulheres (Coelhion, 2016; Dowling, 2017; Furman, 2017; Reynolds, 2017).

FIGURA 01/48 →

Imagens de anúncios do “Chana”. Fonte: ChanaComChana, n° 6, nov./1984, p. 13

**\* ANÚNCIOS \***

---



“um pedacinho do seu mundo das 12:00 até..... de 3ª à domingo”

Rua Santo Antonio, 922 - Tel.: 259-2492  
Bairro do Bixiga - Bela Vista - São Paulo

---

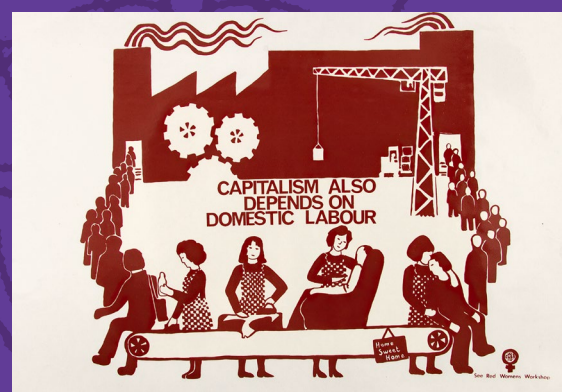


**FERRO'S BAR**  
RESTAURANTE - PIZZARIA  
R. Martinho Prado, 119 - S.P.  
Tela. 257-9903 - 258-0004

---



**FOR US - UM TOQUE DE REQUINTE NO MUNDO GAY**  
CASA DE CHÁ - CAFE COLONIAL  
CHÁS E SUCOS NATURAIS - SORVETES  
- RODIZIO DE DOCES E SALGADOS  
- AMERICAN BAR - MÚSICA AMBIENTE  
DIARIAMENTE DAS 17:00 AS 23:00 - FECHA 2ª  
Moema - AV. CIBARAS, 416 - F. 544-9050  
preço promocional - Cr\$ 7000,00



← FIGURAS 01/49-51

Comparação entre ilustrações publicadas no “ChanaComChana” ao lado de pôsteres produzidos pelo coletivo See Red Women's Workshop (1974-1990).  
Fonte: ChanaComChana, n° 2, 5 e 8 e See... (n.d., n.p.)

Os boletins podem ser entendidos como um trabalho coletivo, muitas vezes sem indicação de autoria individual. Para além da questão do receio de se assumir nas páginas do “Chana”, essa característica parece ser mais comum nos trabalhos executados por mulheres do que por homens, como foi debatido no evento “Onde Estão as Mulheres Arquitectas”<sup>22</sup>. Elas estariam mais abertas a dividir os créditos pela realização dos trabalhos e menos preocupadas com o reconhecimento individual.

O “ChanaComChana” desempenha um papel de maior importância na articulação do movimento lésbico brasileiro e também é símbolo da relevância da cidade de São Paulo neste movimento. Batista (2020) faz uma tabulação de periódicos feitos por e para lésbicas no Brasil, sendo possível constatar que a capital paulista foi responsável por 10 publicações num total de 19. Não que o objetivo aqui seja comparar o “ChanaComChana” com o “Lampião da Esquina”, mas, ao colocarmos as publicações lado a lado, percebemos que, apesar de o “Lampião” possuir mais edições, o “Chana” é mais longo do que o jornal gay. O “Chana” foi uma plataforma para que se trocassem informações, fossem realizados debates sobre os temas de interesse das lésbicas brasileiras. Para Cardoso (2004, p. 143) “[...] o LF, já nos anos de 1980, estava pondo em debate questões interseccionais”.

22

Evento realizado em 2017 no Centro Cultural São Paulo e organizado por Catherine Otondo – Base Urbana.

## 01/03 O NEGÓCIO DO MICHÊ

A terceira obra trata-se do livro “O negócio do michê: Prostituição viril em São Paulo”, do antropólogo e poeta argentino Néstor Perlongher (1987). Perlongher (1949-1992) veio de uma família judia que vivia num subúrbio operário de Buenos Aires, ele se formou em Sociologia ainda em sua cidade natal e foi militante e dirigente do Partido Obrero. Na juventude já havia entrado em conflito com os preconceitos das estruturas partidárias de esquerda, denunciando que o machismo e a misoginia eram contradições dentro da luta operária. Aderiu à Frente de Liberación Homosexual de la Argentina (FLH), tendo produzido uma mudança em sua organização, que teria passado de um centralismo democrático para uma organização federativa de grupos. Perlongher alertava para os perigos da normatização, institucionalização e massificação da cultura gay<sup>23</sup>, defendia a figura da *marica* e da *loca*<sup>24</sup> como resposta contracultural a este processo, no que poderíamos chamar de tática anarcoqueer. Para ele a marica seria o homossexual rebelde, autêntico, a verdadeira ruptura com a cultura machista.

Foi preso pela ditadura argentina em 1976. Na virada dos anos 1980 migrou para a cidade de São Paulo, em busca de um ambiente mais aberto para continuar sua luta, escrever e expressar as suas ideias. Apesar dos dois países sul-americanos estarem passando por ditaduras militares, os depoimentos da época dão conta de uma perseguição maior aos homossexuais e àqueles de sexualidades desviantes na Argentina. Havia no país vizinho um controle mais severo com relação aos valores morais da sociedade do que o que se identificava no Brasil da abertura política nos primeiros anos da década de 1980. Nestor faleceu em novembro de 1992 vítima da AIDS.

Perlongher viveu no centro da capital paulista, chegando a morar na Rua Rego Freitas, com Teca (membra do Grupo Lésbico Feminista, ver seção “ChanaComChana”), a quem dedica o texto da sua dissertação. Ele cursou o mestrado de antropologia social na Universidade de Campinas, recebendo financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o que trouxe uma certa estabilidade para a sua condição de imigrante no Brasil, e foi professor da mesma instituição até 1985.

“O Negócio do Michê” foi escrito como sua dissertação de mestrado, apresentada em 1986, sob a orientação da Professora Mariza Corrêa, inicialmente o autor teria recebido o apoio e orientação de Peter Fry na pesquisa. Nos agradecimentos aparecem os nomes de João Silvério Trevisan, Darcy Penteado (ver seção “Lampião da Esquina”), Peter Fry, Suely Rolnik, Heloísa Pontes, Edward MacRae, Roberto Piva e Glauco Matoso. A obra datilografada, com mais de 300 páginas, possui 6 capítulos, mais introdução e um texto conclusivo denominado “O negócio do desejo”, e é dividida em duas partes: “Etnografia das margens” e “O negócio”. Trata-se de uma pesquisa de caráter etnográfico, que dialoga com a antropologia urbana da Escola de Chicago, realizada entre

23

O debate sobre a normatização da homossexualidade pode gerar linhas de discussão interessantes. Dentro do próprio movimento homossexual alguns acreditam que a luta não deveria se pautar na busca de “aceitação” dos LGBT dentro de uma sociedade patriarcal, machista e preconceituosa, mas sim na construção de uma nova sociedade capaz de sustentar novos modelos de sexualidade, relacionamentos e famílias. A concepção de uma homossexualidade “legalizada”, dócil, normatizada pode trazer ainda mais dano para aqueles que não se enquadram neste modelo, perpetuando mecanismos de exclusão.

24

A marica e a loca podem ser “traduzidas” como bicha efeminada, bicha bichérma, bicha poc, bicha cuja performance não teria passabilidade enquanto homem heterossexual.

março de 1982 e janeiro de 1985 no centro de São Paulo, em específico na região da Praça da República, investigando o universo da prostituição homossexual. A partir de caminhadas, entrevistas e observações o pesquisador produz uma representação do universo homossexual paulistano, relacionando corpos e territórios e investigando o papel do dinheiro nas trocas sexuais entre homens (homossexuais ou não, de acordo com as autoidentificações), como veremos mais adiante. O subtítulo “prostituição viril” foi utilizado para diferenciar o tipo de prostituição estudada pelo pesquisador daquela exercida por travestis. Ao analisar as relações entre michês e clientes, Perlongher (1987) identifica 4 condicionantes estruturais: classe social (os michês eram geralmente mais pobres), idade (os michês eram geralmente mais novos), gênero (os michês performavam uma masculinidade desejada) e cor/raça.

O pesquisador apresenta um mapa no qual identifica os espaços estudados e uma série de quadros que tabulam as informações coletadas em campo. No ano seguinte ao da apresentação, 1987, a pesquisa é publicada como livro pela Editora Brasiliense e no ano de 2008 houve uma reedição do livro pela Fundação Perseu Abramo. Perlongher já havia trabalhado com este mesmo tema na Argentina, chegando inclusive a publicar os textos “La incidencia del abandono familiar en la prostitución homosexual masculina” e “Prostitución homosexual: el negocio del deseo” em 1981, indicando que quando chegou ao Brasil ele já possuía uma versão preliminar da sua pesquisa.

Nas referências bibliográficas da dissertação é possível identificar alguns trabalhos precursores como o texto “Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo”<sup>25</sup> escrito por José Barbosa da Silva e publicado na “Revista de Sociologia” em 1959, o texto de Paulo Ottoni “A prostituição homossexual e o travesti” de 1981 e a dissertação de mestrado “Michê” de Sérgio Alves de Almeida, defendida na PUC-SP em 1984. Perlongher mobiliza em seu texto os escritos de Gilles Deleuze e Felix Guattari explorando os conceitos de “desterritorialização” e “retorritorialização”. Na visão de Júlio Simões (2008) o seu debate em torno da obra deleuze-guattariana é anterior ao destaque que estes autores receberam posteriormente na academia e no entanto o trabalho do argentino não recebeu o reconhecimento merecido.

25

O “Lampião da Esquina” nº11, de abril de 1979 (p. 17) apresenta o ensaio “Homossexualismo: duas teses acadêmicas”, no qual discorre sobre a pesquisa de José Barbosa da Silva. De acordo com o jornal, o autor analisa as relações entre o desenvolvimento da homossexualidade e o desenvolvimento urbano, constatando que a tendência das cidades é se desenvolver por meio de círculos concêntricos que deixariam áreas decadentes no centro destinadas a atividades comerciais e administrativas, enquanto as residências se deslocam para áreas mais afastadas. Para Barbosa da Silva o centro da cidade, onde o controle social é menos rigoroso, é propício para a exploração do prazer e do vício. Segundo o texto jornalístico, José Barbosa da Silva já no final dos anos 1950 produziu um mapeamento da região ocupada por homossexuais em São Paulo, identificando pontos importantes, como os cinema Oasis, Art-Palácio, Marabá, Cairo, Pedro II, Cinemundi e Santa Helena e os bares Nick Bar, Pari Bar, Mocambo, Jeca, Cremerie, Bahma e Baiúca. A outra pesquisa precursora apresentada no ensaio do “Lampião” é a dissertação de mestrado “O homossexual visto por entendidos” desenvolvida por Carmen Dora Guimarães no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade do Rio de Janeiro em 1977.

Na leitura do texto de Perlongher (1987) uma das primeiras coisas que chamam atenção é o universo de termos identitários utilizados pelo autor, alguns ainda fazem parte da cultura homossexual e outros caíram em desuso e voltaram, ou não, ao vocabulário: bicha, viado, gay, entendido, bofe, tia, fanchona, gay macho, marica, mona, boy, maricon. De acordo com Júlio Simões, para o podcast “Larvas Incendiadas #27”, em 2019, ao entrar nestes territórios marginais e desviantes descritos por Perlongher as pessoas sofrem processos de reclassificação a partir dos códigos presentes no território, a taxonomia não é fixa, mas depende da circulação dos corpos no espaço.

Este mesmo universo identitário variado está presente nas páginas do “Lampião”. O antropólogo pontua uma mudança no modelo das relações entre homens – a qual já aparecia nas pesquisas de Peter Fry<sup>26</sup> – que estariam deixando a tipologia bicha/macho, em que um homossexual efeminado se relaciona com outro homossexual mais masculinizado para o surgimento de um modelo gay/gay, impulsionado pela vanguarda teatral da época e que segundo o autor seria um modelo mais igualitário.

Tais mudanças na tipologia das relações também são observadas nas obras de Chauncey (1994) e Beachy (2014). Chauncey (1994) ao tratar das sexualidades desviantes, do contexto novaiorquino da virada do século XIX para o XX, não se refere ao que conhecemos hoje como homens gays, uma vez que esta identidade ainda não tinha sido completamente formada. O autor ao longo da obra fala de *fairies*, *pansies*, *queers*, *degenerates*... Uma série de nomes utilizados para se referir a homens que não performavam aquilo que se esperava na sociedade da época, eram efeminados em seus movimentos corporais, sua indumentária, linguagem... e buscavam trocas sexuais com outros homens. Ainda não está nítido se é válida uma apresentação de todos estes termos com seus significados aproximados e sua evolução, já que cada um deles identifica uma identidade desviante diferente e alguns vão entrando em desuso ao mesmo tempo em que novos aparecem ou são resgatados e ressignificados.

Néstor Perlongher (1987) identifica o território ocupado pelos homossexuais como “zona moral”:

[Robert E.] Park concebe a noção de “região moral” para referir-se às zonas de perdição e vício das grandes cidades (espécie de esgoto libidinal das megalópoles, condição residual que ecoa em alguns topônimos, como “Boca do Lixo”). (Perlongher, 1987, p. 25)

A constância de certas populações em agruparem suas perambulações à procura de sexo, diversões, prazeres e outros vícios próximos à ilegalidade, em áreas especializadas das megalópoles, mereceu um status particular na Sociologia Urbana com a aplicação da categoria de “região moral”. (Perlongher, 1987, pp. 46–47)

26

Como pontua Júlio Simões em entrevista concedida ao podcast “Larvas Incendiadas”, em 2019.



O autor mobiliza pesquisas do final dos anos 1950 para mapear as demais estruturas presentes nesta região. Fariam parte da zona moral: bares, boates, saunas, cinemas, praças, esquinas, ruas, banheiros, estações, casas de cômodo, casas de prostituição e apartamentos pequenos. A região chega a ser dividida em dois núcleos distintos: a “Boca do Luxo”, mais próxima do Largo do Arouche e da Rua Marquês de Itu, e sua prima pobre, a “Boca do Lixo”, que ficaria localizada nas cercanias da Av. São João – até o Largo do Arouche – e da Praça da República.

27

Parece interessante pensar na ocupação de áreas centrais realizada por culturas marginais, pensar a marginalidade do centro e a centralidade das margens. Para isso, parece ser um bom ponto de partida o artigo “Periferias’ móveis: (homo)sexualidades, mobilidades e produção de diferença na cidade de São Paulo” de Bruno Puccinelli e Ramon Pereira dos Reis (2020).

28

Caberia uma pesquisa mais detalhada do termo, especialmente a partir das palavras destacadas: aventureiro, improdutivo, errante e vadio, pois acreditamos que se aproximam bastante da cultura homossexual do período que se aventura e se desloca na cidade, que é considerada improdutivo pela lógica da reprodução heterossexual.

É interessante a menção aos apartamentos pequenos, pois denotam uma direção contrária à ocupação da família heterossexual tradicional. Pode-se inferir que estes atraíam jovens, casais sem filhos, mães solteiras, imigrantes e outros grupos familiares que estão fora da heteronorma. Numa tradução de João Silvério Trevisan, publicada no número 7 de “Lampião”, em dezembro de 1978, temos indícios de como os homossexuais mexicanos conseguem burlar o controle da família patriarcal heterossexual, com a qual estariam muito ligados devido ao costume de coabitar ou sempre estar nas proximidades dos familiares. Nesse aspecto, “[...] muitas bichas têm seus cubículos só para programas: em geral, um grupo de amigos aluga em comum quartinhos de empregada que ficam no terraço dos edifícios, separados dos apartamentos.” (Lampião, n° 7, 1978, p. 8).

Fica perceptível o papel e a importância desses pequenos espaços livres da vigilância e do controle familiar para a expressão das sexualidades desviantes. Em conversas com pessoas LGBT são comuns as histórias de expulsão do lar, castigos e cerceamento das liberdades no momento em que a família “descobre” a sexualidade dos jovens. Alguns corpos estão na rua por conta dos traumas sofridos no ambiente doméstico. Essa ocupação das ruas, no entanto, não passa livre de consequências.

Os corpos dissidentes que transitam ou ocupam essa região da República em São Paulo dos finais de 1970 e do início dos anos de 1980 dividem espaço e se relacionam com outras culturas marginais/centrais<sup>27</sup>, como prostitutas, michês, malandros, trombadinhas, pivetes, bandidos, engraxates, bicheiros, bêbados, mendigos, malucos e outros. Em diversos momentos o autor utiliza o termo “lumpen”, que significa indivíduo sem compromissos; que não trabalha; aventureiro; desempregado; improdutivo; errante; vadio; velhaco. Etimologicamente a palavra teria origem em *Lumpen*, que significa “trapo, farrapo”, e *Lump*, “pessoa desprezível, patife, velhaco”. O termo teria sido introduzido por Marx e Engels a partir de “lumpemproletariado”<sup>28</sup>.

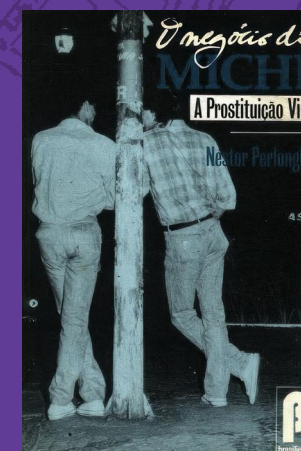
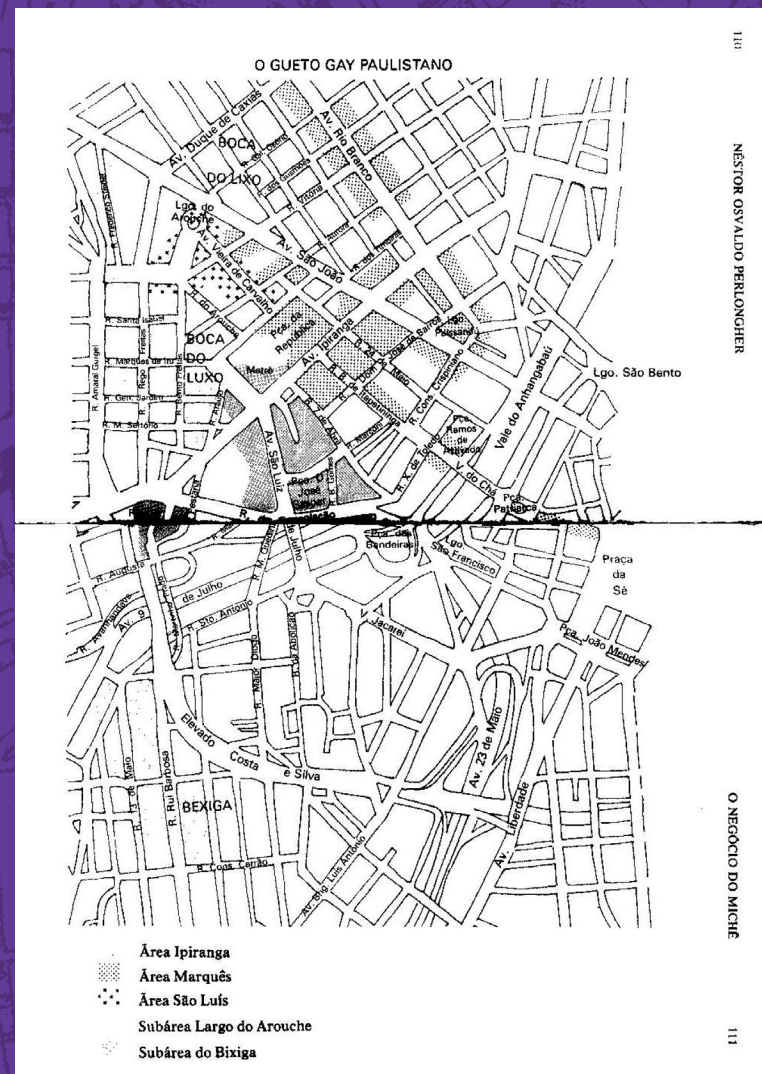


FIGURA 01/52 ↑

Mapa apresentado por Perlongher no livro “O Negócio do Michê”. Fonte: Perlongher (1987, pp. 110–111)

FIGURAS 01/53–54 →

Capas das edições de “O Negócio do Michê”. Fonte: Do michê... (2009, n.p.)

Perlongher (1987), através do trabalho de Helena Cohn Cordeiro e de Armando Correa da Silva, atribui a deterioração dessa região à mudança do centro urbano da cidade de São Paulo para a Avenida Paulista, entre 1955 e 1970. Neste ponto é interessante observar como os corpos LGBT vão conectar esses dois centros, mantendo uma ligação entre a região da Praça da República e a Avenida Paulista, tanto na vida cotidiana em seus fluxos e ocupações como também de forma eventual com a Parada do orgulho LGBT, cujo percurso vai do – não tão – novo ao antigo centro. Arriscamos eleger a Rua Augusta como a principal artéria que irriga essa expansão, e como pode ser visto no mapa, resultado desta pesquisa e apresentado no capítulo 03, alguns estabelecimentos começam a se implantar na rua, permitindo essa ligação – por exemplo, a Livraria Cultura <sup>8</sup> [LARANJA\_8] e a Boate Medieval <sup>4</sup> [VERDE\_4].

Para Júlio Simões (2019), em entrevista ao podcast “Larvas Incendiadas”, Néstor se mostra um precursor ao tratar da questão queer e olhar para a identidade como um processo, mostrando a instabilidade dos sistemas classificatórios da sexualidade e de gênero. Richard Miskolci e Larissa Pelúcio chegam a colocá-lo como o primeiro teórico queer “brasileiro” no prefácio que escrevem para a edição de 2008 do “Negócio do Michê”.

## 01/04 O QUE DIZER DAS FONTES?

As obras cumpriram o seu papel e nos transportaram para uma outra São Paulo. Testemunhos que nos dão vislumbres de um território onde outros termos são utilizados ou onde os mesmos termos possuem outros significados – entendidos, fanchonas, ladies, bofes, machos –, onde outros (e os mesmos) problemas são enfrentados – o preconceito, o medo, a violência e repressão policial –, onde percebemos a busca por parceiros, amigos e companheiros, da mesma forma como observamos atualmente grupos em busca de identificação, compreensão, expressão, liberdade e respeito.

Espaços de lazer são espaços transitórios, estão em constante transformação, passam por reformas, mudam de proprietário, mudam de público, fecham e abrem em novos lugares, e os espaços identificados neste trabalho não são uma exceção, ainda que haja algumas permanências, como veremos nos próximos capítulos. Agora, independentemente da mudança dos espaços, é relevante pontuar como a região permanece sendo estratégica para o grupo pesquisado ao longo desses mais de quarenta anos e como as três obras apresentadas neste capítulo comprovam tal importância.

O “Lampião da Esquina” apresenta um grande potencial para pesquisas que se dediquem à cidade do Rio de Janeiro, uma vez que as referências à capital carioca são mais numerosas do que àquelas da capital paulista, tendo em vista que a sede do jornal e a maior parte do seu corpo editorial se encontravam lá. Destaque deve ser dado ao potencial do “ChanaComChana” e do acervo “Um Outro Olhar”, disponibilizado por Míriam Martinho<sup>29</sup>, e do GALF<sup>30</sup> para a pesquisa dos espaços do circuito lésbico paulista.

Tanto o “Lampião” quanto o “Chana” auxiliaram no fortalecimento do movimento homossexual organizado, abriram espaço para discussões, debates e até mesmo desentendimentos. Nas seções de cartas ambos funcionaram como “aplicativos de encontros” do passado, colocando as pessoas em contato e diminuindo o distanciamento e a solidão.

É evidente que existem limitações no estudo das obras. Podemos mencionar, por exemplo, o público-alvo dos periódicos, que estavam muito conectados com a classe média urbana intelectualizada, com pouca aderência às classes mais baixas. Outra questão importante que deve ser pontuada é que, apesar de as fontes pesquisadas revelarem uma predominância na ocupação da região central da cidade, isso não significa que não existissem espaços de frequência bi e homossexual na periferia.

Espera-se que a Arquitetura e o Urbanismo possam continuar a reconhecer essas e outras fontes como alternativas importantes para o estudo das cidades e seus espaços, “Lampião da Esquina”, “ChanaComChana” e “O Negócio do Michê” são trabalhos pioneiros e ainda podem ser muito explorados por arquitetos e urbanistas.

<sup>29</sup>

Cf. link: <https://www.umoutroolhar.com.br/>

<sup>30</sup>

Que faz parte do Acervo Edgard Leuenroth da Unicamp.

gané aos neofascistas

7/200  
- Atualizado

ind

São Paulo

trans

lo  
mp  
in

crimes con  
0 foram n

mun  
0 mo

02

TRA A DISCRIMI  
AOS - RUP

RACIA  
- SEXU

LITTA CIDADE E SELIS GRUPOS

A pós a análise das fontes documentais e antes da apresentação oficial do mapeamento produzido a partir da tabulação das informações encontradas, iremos nos dedicar, nesta parte, à cidade e a alguns de seus grupos, em especial àqueles que se conectam com os dissidentes sexuais.

A palavra metrópole tem origem no grego “metér/metρός”, que significa mãe, e “polis”, que significa cidade. Metrópole é a cidade-mãe. São Paulo está entre as 5 maiores cidades do mundo e no imaginário brasileiro ocupa o lugar da “cidade grande”. Há uma associação de que os centros urbanos seriam espaços de abertura e diversidade enquanto os interiores seriam locais de maior tradicionalismo. Leshner (2008) comenta sobre isso ao mencionar que os jovens se mudavam para São Francisco porque lá eles “poderiam” ser gays, e Nascimento, Fernandez e Martins (2010) também escrevem sobre a maior aceitação dos centros urbanos. Muitas vezes esses sujeitos estão fugindo de experiências traumáticas que aconteceram no ambiente doméstico, escolar ou urbano ou do medo de tais experiências, indo em direção às cidades nas quais esperam encontrar maior liberdade e aceitação.

A grande cidade - seja Londres, Manhattan ou Montreal - figura como “casa” para protagonistas que buscam possibilidades eróticas além dos limites do provincianismo da cidade pequena.

Ao mesmo tempo, ela é considerada um local de perigo formidável, ameaçando a sobrevivência social e física de gays, lésbicas e mulheres sexualmente independentes de qualquer orientação, bloqueando ou comercializando dissidências queer no tráfego comercial convencional <sup>07</sup>. (Chisholm, 2001, p. 232)

São Paulo é a maior metrópole brasileira e povoa o imaginário nacional como o lugar das oportunidades. Oportunidade de sucesso, de se destacar pessoal e profissionalmente no cenário nacional. Mas também oportunidade de anonimato e de vivência de práticas que, em outros lugares, podem parecer impossíveis para muitas pessoas, seja pela exposição de um desejo socialmente estigmatizado seja pela existência de um aparelho urbano (composto de locais, mas também serviços) que as possibilita. (Grunvald, 2016, p. 129)

**07**

Do original: “The big city - whether London, Manhattan, or Montreal - figures as ‘home’ for protagonists seeking erotic possibilities beyond the confines of small-town provincialism. At the same time, it figures as a site of formidable danger, threatening the social and physical survival of gay men, lesbian and sexually independent women of any orientation, while blockading or marketing queer dissidence in mainstream, commercial traffic.”

Essa ideia do “aqui você pode ser gay” também ocorre com São Paulo. A cidade-mãe recebe pessoas que vieram de outras cidades, acreditando que, ali, poderão construir novas subjetividades ou expor subjetividades que ainda não ocupavam o espaço público. Vemos isso na história de Bianca, relatada por Vi Grunvald (2016, p. 165), que nasceu em Campinas, mas que “precisava vir para São Paulo de toda forma” realizar o sonho de assistir a um show da Madonna. Esse pensamento também aparece na entrevista de Fernanda, realizada por Vi Grunvald e transcrita abaixo:

É porque essa propaganda, isso é a minha opinião, que vendem de que São Paulo, que é uma cidade de tolerância, é mentira. É uma cidade que pode acontecer tudo, né? De melhor e de pior. Geralmente o que há de melhor tá pertinho do que há de pior. Então, assim, em virtude disso eu preferi não sair. Eu fiquei num hotel no centro de São Paulo, perto da Avenida Paulista, marquei encontros... (Grunvald, 2016, p. 334)

## 02

O fato de não haver uma concentração residencial homogênea de homossexuais é uma das razões que leva à queda da hipótese de gueto homossexual em São Paulo, se considerarmos a definição de gueto proposta pelo sociólogo Louis Wirth, como bem apontaram Nascimento e Fernandez (2010).

No “Lampião” de dezembro de 1980 já é possível identificar essa visão de São Paulo como cidade das possibilidades, a reportagem “Caçando eirás no meio da cabunga” compara a capital paulista com Nova Iorque, no sentido em que em ambas as cidades todo lugar é lugar para a busca de parceiros sexuais.

Em Nova Iorque, qualquer lugar é lugar. Em São Paulo, a capital desvairada da Paulicéia sacana, é quase assim. Escadarias de edifícios, escadarias de ladeiras, praças e ruas de footing, bares, saunas, cinemas e no caso específico: banheiros públicos ou não. (Lampião da Esquina, n° 31, dez./1978, p. 5)

## 03

“Ricardo e Vânia”, de Chico Felitti, é a biografia de Ricardo Correa da Silva, cabeleireiro e maquiador que ficou popularmente conhecido como “Fofão da Augusta”.

O antropólogo Néstor Perlongher (1987) já reconhecia, na década de 1980, a região da Praça da República mais como um território de fluxos e descolamentos do que de fixações, segundo ele os homossexuais que viviam na região dividiam a vizinhança com núcleos de classe média conservadora<sup>02</sup>, tratava-se de uma área de micromigrações, derivas e nomadizações. Assim, vamos nos deter sobre os termos indicados por Perlongher: o primeiro [migrações] dá conta de histórias como a de Ricardo<sup>03</sup>, que saiu de Araraquara, interior de São Paulo, e se mudou para a capital “[...] por ser diferente dentro de uma família tradicional [...] Era diferente por ser ambicioso, gay, artista e esquizofrênico” (Felitti, 2019, p. 7). Ou como menciona a matéria “No Vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas”, do número 6 do “Lampião” (nov./1978, p. 7), que expõe a migração daqueles que se sentiam ameaçados por uma série de crimes cometidos contra pessoas LGBT. A carta de JCL publicada no número 4 de “Lampião” evidencia a atração exercida pelo grande centro urbano, em suas promessas de anonimidade e liberdade, atuando nas migrações LGBT.

[...] Em São Leopoldo, sob o ponto de vista guei, não há ambiente para nós. Primeiro por ser muito próximo de Porto Alegre, e o pessoal para não se molestar, prefere deslocar-se para lá [...] Caxias, tão famosa no cenário nacional, aceita mais um criminoso ou assassino do que um homossexual. (Lampião da Esquina, n° 4, ago./1978, p. 19)

[...] gays que [...] fugiram desses pequenos e miseráveis povoados e tratam de criar um lugar ao sol e encontrar o ritmo de uma cidade que se apresenta como uma ilha de liberdade, embora a experiência mostre que se trata de um lugar muito mais duro. (Cortés, 2008, p. 175)

Essas (micro)migrações poderiam representar uma mudança definitiva para a cidade grande, mas também ocorriam de forma temporária, para um final de semana ou feriado, por exemplo, como é possível perceber no depoimento de Regis, que relata suas experiências na São Paulo dos anos 1970-80 para Fraccaroli (2019, p. 79):

[...] vinham do Rio de Janeiro, das cidades do interior, Minas. Conheci muita gente de fora de São Paulo! Gente que se hospedava num hotel no final de semana, tinha uns hotéis baratos e passavam sexta, sábado e domingo aqui. Pra aproveitar, pra arranjar companhia.

Quando não há receptores para os ritornos emitidos por eles, os sujeitos saem em busca de espaços, lugares, signos com os quais possam se identificar, reforçando sua subjetividade (Cortés, 2008; Guattari, 2012). No entanto, a mudança para a cidade grande, como pontua Cortés (2008), não é garantia de aceitação e respeito à diversidade.

As derivas e nomadizações estariam relacionadas aos deslocamentos realizados nos territórios urbanos. Por um lado, as derivas propostas pelos situacionistas nos levariam a percorrer a cidade sem trajetos pré-definidos, trazendo aspectos lúdicos para a urbanidade. Em nosso contexto de estudo, a perambulação dos corpos, por vezes recebe o nome de *trottoir*<sup>04</sup>, o termo que em francês significa literalmente “calçada”, mas que na linguagem popular expressa o ato de prostituir-se, andar pelas ruas à procura de clientes, quando se está na calçada, andando sem destino, ou seja, quando não se usa a calçada como uma via a caminho de um ponto determinado, se estaria à procura do sexo.

Por outro lado, a figura do nômade urbano moderno – que aparecerá também na figura do *flâneur* –, é diferente do nômade tradicional e faz referência aos deslocamentos da vida, vida esta que acontece nos intervalos, entre os momentos de fixação. O magnetismo que impulsiona os deslocamentos não aparece apenas na relação interior e metrópole, mas também dentro das cidades, numa lógica centro e periferia, como Perlongher evidencia através das conversas com o michê F., que “abandona periodicamente o lar familiar - onde é rejeitado por [ser] ‘marginal’ - e se instala em moradias transitórias” (1987, p. 177) na região central, onde passa a noite em busca de trabalho. Se no caso da deriva os trajetos não são pré-definidos, para os nômades (pelos menos para os tradicionais) o caminho é importante, eles seguem uma rota que pode ser mais significativa do que o próprio destino final.

## 04

Outro termo também utilizado parece se referir aos deslocamentos urbanos, a pé, em busca de encontros foi o “footing”, aparece nas edições n° 2 e n° 31 do “Lampião da Esquina”, por exemplo. Porém diferentemente do “trottoir” ele não carrega uma relação de proximidade com a prostituição.

Não podemos negar, ainda, que o nomadismo do grupo estudado foi influenciado pela repressão policial – no caso do centro de São Paulo cabe lembrar as *blitze* do delegado Richetti, na década de 1980. A polícia, enquanto uma organização fundamentada por princípios patriarcais e machistas, realizava uma espécie de “reintegração de posse” a serviço da heteronormatividade, com isso os corpos dissidentes saem em busca de novos territórios. Este foi o caso da Galeria Metrôpole, da Rua Nestor Pestana, do Largo do Arouche e da Vieira de Carvalho. A repressão policial que muitas vezes é endossada pela própria vizinhança<sup>05</sup> – como no Largo do Arouche e na Praça Roosevelt, onde os moradores de classe média apoiavam a Operação Richetti<sup>06</sup> e chegavam a jogar sacolas de excrementos e garrafas contra os homossexuais – não pode ser vista como única determinante destes deslocamentos, na medida em que estes não são apenas reativos às violências sofridas pelos corpos LGBT, isto é, os deslocamentos são também ações propositivas.

O historiador Robert Beachy (2014) apresenta uma relação interessante quanto ao papel das forças de segurança no desenvolvimento de uma cena gay berlinense. O principal objetivo da polícia alemã não seria o de eliminar os bares e eventos frequentados pelos homossexuais, apesar das batidas policiais a tais estabelecimentos. A estratégia adotada foi tolerar o surgimento destes locais, pois pensavam que se tentassem impedi-los eles poderiam se esconder, tornando o seu controle muito mais difícil.

À medida que a cidade se expandia geograficamente, uma política de monitoramento de cada parque e espaço público não era mais econômica ou mesmo realista. Portanto, em vez de interditar agressivamente a atividade sexual potencialmente ilegal – o que a deixaria submersa e fora de vista – a nova abordagem era tolerar a confraternização homossexual dentro de certos limites.<sup>07</sup>  
(Beachy, 2014, p. 67)

05

Kian Goh (2017), em seu artigo “Safe cities and queer spaces: The urban politics of radical LGBT activism”, expõe a importância da vizinhança na criação de espaços seguros para a juventude queer, abordando a questão das diferenças geracionais no uso dos espaços urbanos.

FIGURA 02/01 →

A peça “As 3 uíaras de sp city” (2018) da dramaturga Ave Terrena Alves e dirigida por Diego Mosckovich parte dos relatórios da Comissão Nacional da Verdade para levar ao palco a perseguição sofrida pelas travestis, prostitutas e homossexuais durante os anos de 1970 e 1980 em São Paulo. Na imagem as atrizes Danna Lisboa e Verônica Valentino estão em cena. Fonte: Dramaturgia pluriversal 1 – narrativas LGBT+ (n.d., n.p.)



A possibilidade de que uma proibição e perseguição mais severa levaria os homossexuais para o submundo foi exatamente o que ocorreu em Nova Iorque, como relatado por Chauncey (1994). Segundo o autor, os anos da proibição – entre 1920 e 1933, que restringia a produção e venda de bebidas alcoólicas e visava controlar a sociabilidade pública – resultaram numa expansão de um submundo do sexo e da ilegalidade.

Em 1885 a polícia alemã teria criado o “Departamento de Homossexuais”, e Beachy (2014) chama a atenção para a escolha do termo “homossexual”, que seria um indício da força de tal subcultura na Alemanha. A expansão do uso do termo “homossexual” na Alemanha também se deve à atuação do Dr. Magnus Hirschfeld, médico, sexólogo e fundador do Comitê Científico Humanitário (1897), uma das primeiras organizações pelo direito dos LGBT da história, e do Instituto para o Estudo da Sexualidade (1919), onde se realizou provavelmente a primeira cirurgia de redesignação sexual, nos anos 1930.

Mas o nomadismo não se refere apenas ao território físico, o processo de desterritorialização dos corpos das suas casas familiares e costumes tradicionais e reterritorialização nas zonas morais produz marcas no corpo, nas indumentárias, nos comportamentos que acabam por modificar as *performances*. Como visto na obra de Perlongher (1987), mesmo dentro da zona moral, a percepção que se tinha de um *michê* muda de acordo com o seu deslocamento: um mesmo corpo poderia ser interpretado e identificado em diferentes espectros dos termos identitários, se aproximando mais do extremo do macho ou do extremo da bicha de acordo com o local no qual se encontrava. Os ritornos podem ser os mesmos, mas se os receptores mudam a interpretação pode mudar.

Assim como os LGBT participam da construção de um imaginário urbano, de uma cultura urbana e da formação da metrópole; esta também participa na construção da subcultura de minorias sexuais e de gênero. É fundamental entender a urbanidade a partir destes corpos marginais e dissidentes, de seus fluxos e ocupações. Seria possível pensar numa metrópole, num contexto urbano cosmopolita, sem a existência das dissidências sexuais? Parece pré-requisito das grandes cidades possuir o seu “bairro LGBT”, o que levanta uma bandeira de alerta a respeito da cooptação destas subjetividades.

É necessário ter cautela com a associação entre “liberdade sexual” e os grandes centros urbanos, já que em algumas situações essa propaganda pode ser utilizada para maquiagem realidades perversas. Chen Misgav (2019) demonstra em seu artigo “Planning, justice and LGBT urban politics in Tel-Aviv: A queer dilemma” como Israel se utiliza da imagem de aceitação da diversidade sexual promovida por Tel-Aviv para relativizar crimes humanitários cometidos contra populações palestinas. No Chile da ditadura vemos que, mesmo em situações de grande risco, a população LGBT pode ser utilizada como “cortina de fumaça”.

06

O delegado da Polícia Civil José Wilson Richetti foi um dos responsáveis pelas operações e rondas que ficaram conhecidas pelo seu nome e tinham como objetivo “limpar a cidade de vagabundos, anormais (também conhecidos por homossexuais), dacaídas ou mundanas, marginais e desocupados em geral [nas palavras do próprio delegado era preciso] [...] tirar das ruas os pederastas, maconheiros e prostitutas” (Lampião da Esquina, nº26, jul./1980, p. 18). Segundo reportagem do “Lampião” (nº26, jul./1980) nos quinze primeiros dias da operação que havia começado em maio de 1980, 4 000 pessoas já haviam sido detidas. As ações policiais focaram seus esforços na Boca do Lixo, na rua Rego Freitas, na Av. Ipiranga, no Largo do Arouche e na Av. Vieira de Carvalho. Richetti é reconhecido como um dos agentes da repressão pelo Memorial da Resistência de São Paulo (José Wilson Richetti, n.d.).

07

Do original: “As the city expanded geographically, a policy of monitoring every park and public space was no longer cost-effective or even realistic. So instead of aggressively interdicting potentially illegal sexual activity – which would drive it underground and out of view – the new approach was to tolerate homosexual fraternization within certain limits.”

Em certas circunstâncias, os homossexuais podiam fazer pegação à vontade, em lugares mais freqüentados por turistas; buscava-se, assim, dar a impressão de que “a liberdade tinha sido reconquistada no Chile”. Mas quando saíam desses lugares, as infelizes bichas eram imediatamente agarradas por uma patrulha militar ou pela polícia secreta. (Lampião da Esquina, nº 7, dez./1978, p. 7)

Na lógica capitalista liberal, sempre que for conveniente os grandes centros urbanos poderão ser apresentados como espaços da diversidade, o que não é garantia de que a vida cotidiana de corpos LGBT não seja marcada por preconceitos, assédios e agressões. Discurso e prática podem estar bem distantes. Nessa perspectiva, nos parece promissora a investigação sobre os grupos dissidentes em cidades pequenas e inclusive no meio rural, para que esses territórios não sejam reduzidos à classificação de espaços intolerantes, como é o caso das publicações “Farm boys: Lives of gay men from the rural midwest” (1996) de Will Fellows, que traz depoimentos de homens gays que cresceram em fazendas do centro-oeste dos Estados Unidos durante o século XX, e “Queering the countryside: New frontiers in rural queer studies” (2016) editada por Mary L. Gray, Colin R. Johnson e Brian J. Gilley, que reúne textos de uma dezena de autores que tratam das questões de sexualidade e gênero em territórios rurais.

## 02/01 SERES URBANOS

Os centros urbanos, além do seu magnetismo, também produziram alterações nas *performances* e compreensões de gênero. Wigley (1992) expõe algumas destas implicações nos textos de Alberti (1988a, 1988b), nos quais o arquiteto italiano defendia que o espaço do homem era a rua e que, caso permanecesse muito tempo em casa, ele se tornaria cada vez mais afeminado. O filósofo Michel Serres (1994) utiliza a mitologia grega para falar do homem cidadão, relacionando-o com Hermes, uma figura masculina, o deus errante das viagens e do comércio, ao mesmo tempo que faz um contraponto com a deusa Héstia, uma figura feminina, protetora do lar, dos laços familiares e da vida doméstica.

Sobre essa relação entre urbanidade e masculinidade, nas primeiras décadas do século XX tivemos algumas reviravoltas. Como pontuado por Wigley (1992), se para Alberti (1988a, 1988b) o homem deveria estar nas ruas da cidade para fugir dos perigos da feminilidade do espaço doméstico, a metrópole torna-se um espaço perigoso para a masculinidade heterossexual. Surge então uma oposição entre o homem urbano cidadão e o homem viril. Enquanto o primeiro seria repleto de trejeitos e levaria uma vida “acomodada” graças aos recursos urbanos, o segundo seria o “homem de verdade”, o “macho”, capaz de sobreviver aos perigos da natureza, podendo ser ilustrado pela imagem do caçador ou lenhador por exemplo. O “homem de verdade” é aquele que domina a natureza, sem necessitar dos luxos e *gadgets* da urbanidade.

As cidades modernas da pós-revolução industrial passam a ser vistas como ambientes urbanos repletos de estímulos, pressupostos como a causa de sexualidades desviantes, sendo o homem gay a imagem prototípica da vida urbana (Gandy, 2012; Marcus, 2005). Mas, antes da figura do gay, queremos tratar de outros desviantes, para então tecer relações com os corpos LGBT. Iremos nos deter nas figuras do dândi, do *flâneur* e do boêmio, máscaras que fizeram parte do universo do poeta francês Charles Baudelaire e que permitiram que ele circulasse pela sociedade em busca de experiências novas (Menezes, 2009).

Os homens que se destacavam na sociedade pela sua preocupação estética ficaram conhecidos como dândis. Para Baudelaire (1988) eles teriam a elegância como profissão, com a ocupação de cultivar o belo, satisfazer suas paixões, sentir e pensar. O dândi se entrega à multidão à procura de novas sensações. Ao se dedicar à estética, ao belo, aos ornamentos e aos acessórios, elementos marcadamente “femininos”, parece ocorrer um questionamento quanto à *performance* de gênero e à sexualidade do dândi, ele quebra as expectativas quanto à *performance* de masculinidade ao se aproximar de um universo muitas vezes lido como frívolo. Para Baudelaire (1988), a modernidade era o transitório, o efêmero, o contingente. Ele exaltava o presente, a mudança, o capricho, o ornamento, o charme e a delicadeza; atributos característicos da relação com o feminino.

É possível traçar paralelos entre o dândi e o “metrossexual”, que como lembra Vi Grunvald (2016) foi um personagem muito popular nos anos 2000. Ao que parece o “metrossexual” transformou o homem cidadão, repleto de trejeitos e preocupado com a aparência em alvo do desejo sexual tanto de mulheres quanto de outros homens, na conexão entre “metropolitano” e “sexual”.

Já o *flâneur* é o caminhante urbano, que percorre os *boulevards* da cidade moderna, atraído pelas suas luzes, suas cores, suas vitrines e seus cartazes publicitários, ele explora e conhece seus caminhos sem direção definida ou propósito determinado. Ele se sente em casa fora de casa, onde pode acompanhar a vida cotidiana da multidão.

O surgimento de espaços públicos de prazer/lazer criou uma figura pública com disposição para vagar, observar e folhear as cenas de rua: o flâneur [...]

O flâneur só pode existir nas grandes cidades – as metrópoles –, pois as pequenas não lhe oferecem o mesmo espaço para os passeios e para a observação. O flâneur passa a maior parte do seu tempo apenas olhando o espetáculo urbano, em que observa particularmente as novas invenções. (Menezes, 2009, p. 7)

Marcos Antonio de Menezes (2009) aproxima o *flâneur* de Baudelaire com os personagens de Edgar Allan Poe, em especial com “O Homem da Multidão”, que percorre a cidade e permanece anônimo em meio às aglomerações citadinas. Neste sentido vale pontuar que o francês foi o tradutor das obras do estadunidense e discute “O Homem da Multidão” (1840) de Poe em “O pintor da vida moderna” (1863), obra escrita em 1859-60 e publicada em 1863 no jornal “Figaro”, na qual ele descreve tanto o *flâneur* quanto o dândi.

Já o termo boêmia é utilizado para se referir a um estilo de vida que estaria relacionado a pessoas felizes, simples e sem preocupações, como músicos, artistas e/ou escritores que levariam uma vida dita não convencional, errantes, aventureiros ou vagabundos. A palavra teria se originado do francês para designar os habitantes da Boêmia e no século XV foi utilizada, de forma equivocada, para se referir aos ciganos. É interessante observar que teatro e ciganos se conectam através das artes circenses e das trupes teatrais. No século XVII o termo foi empregado para se referir também aos artistas que começaram a se estabelecer em regiões de classe baixa, onde os aluguéis eram mais baratos – como nos bairros ciganos. Desta forma entendemos que a boêmia tem relações com um estilo de vida fora dos padrões sociais, uma aproximação com as artes – em especial a música e a literatura –, com um visual “excêntrico” e com atividades noturnas.

Pablo Ansolabehere (2019) já determina que o lugar da boêmia é na cidade e discorre algumas características do grupo:

[...] a falta de apego ao trabalho habitualmente associada à vida boêmia, ainda que seu gosto pela noite, pelas reuniões com outros amantes das artes e das letras ao redor das mesas de cervejarias e cafés, o consumo de álcool, o esbanjamento, a ausência de qualquer vislumbre de vida familiar. (Ansolabehere, 2019, p. 38)

A cidade burguesa é vista como hostil. Como solução, cria-se um território marginal e secreto que surge da ocupação de alguns espaços e de certas práticas específicas, dentre elas o “noctambulismo” enquanto forma de intervenção urbana. Os boêmios fariam uma deriva, uma peregrinação de bar em bar, sempre em busca do próximo, daquele local que ainda estivesse aberto para prolongar a noite. Parece semelhante aos mecanismos postos em ações pelos grupos LGBT, que estão nas ruas em busca de satisfazer seus desejos, nas calçadas, nas esquinas, nas saunas, do bar para a balada e da balada para o after<sup>08</sup>. Os depoimentos de Lair e Bira para Fraccaroli (2019) falam sobre como nos anos 1970-80 ao sair pela região da República no centro de São Paulo eles permaneciam na região até pelo menos às cinco da manhã, horário em que os ônibus voltariam a circular na cidade. Nisso e além,

Marginalizado \_ explica o policial \_ o homossexual esconde-se da opinião pública e vive uma vida onde tenta imitar o dia-a-dia do homem comum. Trabalha em lojas e em empresas diversas e só à noite procura amigos e tem aquilo que se pode chamar de vida privada. Alguns procuram companhia ao acaso, nas ruas, já que nas grandes cidades as pessoas não precisam se esconder para passarem algumas horas juntas, bebendo e discutindo sobre um assunto de interesse comum. (Lampião da Esquina, n° 6, nov./1978, p.7)

[...] seres que não se sentem seguros na sociedade, por isso buscam a multidão e se “escondem” nela, no burburinho, para se perder mais tarde na solidão dos lugares menos concorridos e, talvez, mais proibidos. (Cortés, 2008, p. 172)

Em Nova Iorque, Chauncey (1994) relaciona a emergência do Greenwich Village como um polo gay ao desenvolvimento de uma comunidade boêmia. Nas décadas de 1910 e 1920 a região já era nacionalmente reconhecida como centro da boêmia e muitos tinham sido atraídos para lá devido às formas de morar acessíveis e aos inúmeros serviços presentes na região.

Em muitos aspectos o Village era um verdadeiro exemplar de distrito de quartos mobiliados, e como tal oferecia quartos baratos para homens e mulheres solteiros que desejavam desenvolver uma vida social livre de obrigações familiares e que valorizavam muito mais a expressão da criatividade do que a remuneração em seus trabalhos<sup>09</sup>. (Chauncey, 1994, p. 229)

Os preços acessíveis das moradias e dos serviços também eram convidativos e somado a isso o Village havia construído uma reputação de tolerância ao não conformismo ou à excentricidade, o que tornava a região ainda mais atrativa. Os próprios homens boêmios já eram considerados por alguns como queer, por conta dos cabelos compridos, das roupas coloridas, do interesse nas artes e pela falta de interesse no casamento e na conquista financeira, tidos como dois grandes objetivos da vida do homem heterossexual. Segundo Chauncey (1994) isso provocava questionamentos quanto à masculinidade dos homens boêmios, que teriam sido vistos como não masculinos e até mesmo como não estadunidenses “[...] em alguns contextos chamar os homens de ‘artísticos’ tornou-se um código para chamá-los de homossexuais”<sup>10</sup> (Chauncey, 1994, p. 229).

08

“After” é o prolongamento da balada que se iniciou à noite e segue pela madrugada e manhã do dia seguinte.

09

Do original: “In many respects the Village was a prototypical furnished-room district, for it offered cheap rooms to unmarried men and women who wished to develop social lives unencumbered by family obligations and to engage in work likely to be more creative than remunerative.”

10

Do original: “[...] in some contexts calling men ‘artistic’ became code for calling them homosexual.”



Novamente, assim como no caso dos dândis, a sexualidade é questionada a partir da *performance* de um corpo, porém, apesar de uma certa tolerância e da aproximação entre boêmios e dissidentes sexuais, nem todos os boêmios respeitavam e aceitavam as sexualidades desviantes – inclusive, segundo Chauncey (1994), alguns faziam uso da linguagem científica da época para sustentar seus preconceitos e sua homofobia.

Se inicialmente os gays são atraídos para o Village devido a sua reputação boêmia, isso vai mudar especialmente durante e após a Primeira Guerra Mundial. A construção das linhas de metrô e o alargamento de vias vão alterar profundamente a região, e o aumento dos aluguéis fará com que muitos não consigam permanecer por ali. Um dos efeitos desta transformação, segundo a pesquisa de Caroline Ware<sup>11</sup> citada por Chauncey (1994), é de que muitos jovens que se identificavam com o Village, mas que não conseguiam viver nas proximidades e acabavam habitando com a sua família ou até mesmo com outros jovens em áreas mais baratas da cidade, mantiveram o Village como o seu principal centro social, passando as noites em suas ruas e seus estabelecimentos.

O Village atraía então boêmios, gays, lésbicas e jovens vindos de diversas partes do país ou da própria Nova Iorque em movimentos pendulares, contudo as mulheres lésbicas e os homens gays, com o tempo, se transformariam em protagonistas deste território.

11

Caroline F. Ware publicou pela primeira vez, em 1935, o livro "Greenwich Village, 1920-1930: A comment on American civilization in the post-war years", reeditado em 1994 pela University of California Press.

FIGURA 02/02 ↓

Paul Cadmus, Greenwich Village Cafeteria (1934).  
Fonte: Paul Cadmus – Greenwich Village Cafeteria 1934 (n.d., n.p.)



Parte da atração de um distrito de entretenimento como o Village, e também como o Harlem, era de que este se constituía num espaço liminar onde os visitantes eram encorajados a desconsiderar algumas das injunções sociais que normalmente restringiam seu comportamento, onde eles podiam observar e vivenciar comportamentos que em outros ambientes – particularmente em seus próprios bairros – poderiam ser considerados questionáveis o suficiente para serem suprimidos.<sup>12</sup> (Chauncey, 1994, p. 236)

12

Do original: "Part of the attraction of an amusement district such as Greenwich Village, like that of Harlem, was that it constituted a liminal space where visitors were encouraged to disregard some of the social injunctions that normally constrained their behavior, where they could observe and vicariously experience behavior that in other settings - particularly their own neighborhoods - they might consider objectionable enough to suppress."

O Bowery, outro bairro localizado na *Lower Manhattan*, no início do século XIX já começava a se estabelecer como centro de entretenimento com a instalação de teatros e salas de concerto. Já nos anos 1950 e 1960 teria se tornado um reduto da cena artística e literária de Nova Iorque acolhendo artistas e músicos que buscavam moradias baratas para viver e criar. Nos anos 1970 o Bowery foi uma importante referência espacial para a cena punk, lá estava localizado o clube CBGB, aberto em 1973 e muito presente nas entrevistas coletadas por Legs McNeil e Gillian McCain para o livro "Mate-me por favor", que documenta a história do movimento punk por meio dos relatos de "estrelas, groupies, empresários, ex-mulheres e namoradas, fotógrafos e repórteres alternativos" (McNeil & McCain, 2014, p. 2).

↓ FIGURA 02/03

Paul Cadmus, YMCA Locker Room (1933).  
Fonte: YMCA Locker Room (n.d., n.p.)



É possível notar nos depoimentos a liberdade comportamental em relação às experiências sexuais, aos comportamentos sociais e aos modos de vestir entre artistas e músicos da época. Lee Childers (fotógrafo e empresário), por exemplo, fala sobre como os membros da banda The New York Dolls se vestiam “de mulher” e usavam maquiagem, mencionando como isso era considerado cool na época, apesar de todos os integrantes se identificarem como heterossexual. Na leitura de Childers nenhum deles seria heterossexual, o que mostra como a identificação da sexualidade do outro muitas vezes é realizada a partir da leitura dos códigos de comportamento e indumentária daquele corpo (Mcneil & McCain, 2014).

Como sabemos, homens vestidos com roupas consideradas femininas ou usando maquiagens não eram nenhuma novidade. Ainda assim, isso rompia com o que se esperava da imagem de vocalistas de bandas de rock dentro daquele contexto. Jerry Nolan, o baterista do New York Dolls, comenta como no início a plateia presente nos shows era composta por gays, para logo em seguida reforçar que ele e os demais colegas de banda eram “loucos por garotas” (Mcneil & McCain, 2014, p. 225), chegando a dizer que o estilo adotado por eles ajudaria a atrair as mulheres, que veriam aquela “transgressão” como um ato de coragem.

É importante pontuar, porém, que dentro dessa cena punk, mesmo experiências sexuais com pessoas do mesmo gênero não implicavam necessariamente em uma autoidentificação como homossexual, como observamos no depoimento do empresário Danny Fields abaixo.

Então era um escancarado, mas não era gay, graças a Deus. A gente detestava bares gays. Bares gays? Oh, por favor, quem queria ir a bares gays? No Max's você podia trepar com qualquer um, e isso é que era o bonito da história. (Mcneil & McCain, 2014, p. 55)

No entanto, há um grupo que interseccionava o universo punk e que aparece nos relatos do livro de McNeil e McCain (2014): estamos nos referindo à corte de Andy Warhol. O escritor Al Aronowitz, que foi o primeiro empresário do Velvet Underground, descreveu o grupo ao redor do artista referência da pop arte como um “show freak”, como podemos ver em seguida.

[...] sempre tive um mau pressentimento em relação à Factory, porque todos aqueles freaks arrogantes me davam nojo com sua arrogância e seus maneirismos, o jeito como andavam, se pavoneando por lá. (Mcneil & McCain, 2014, p. 22)

Billy Name, fotógrafo que chegou a colaborar com Warhol, relatou como a Factory fazia parte de um circuito que incluía o Max's Kansas City<sup>13</sup> e as boates gays do Village em uma peregrinação que se estendia pela noite, madrugada e manhã do dia seguinte e era alimentada pelo uso de drogas (Mcneil & McCain, 2014).

A Factory foi a fábrica de experimentações artísticas e culturais que se tornou um ponto de encontro para indivíduos criativos e transgressores da época. A visão do diretor Jonas Mekas difere da exposta por Aronowitz, percebendo a Factory como um local de acolhida para os indesejáveis, um

13

Uma casa noturna que ficava situada no bairro Union Square em Nova Iorque, frequentado por artistas, músicos, poetas, cineastas e indivíduos da cena underground, que se tornou ponto de encontro da cena punk, especialmente na década de 1970. Tal espaço recebeu apresentações de bandas como The Velvet Underground, The New York Dolls, Blondie e Ramones.

espaço livre de julgamentos e reprovações, o que irá permitir justamente a consolidação dessa corte de desajustados e rejeitados pelos demais grupos sociais. Jonas Mekas pontua que para ele

Andy Warhol e a Factory nos anos 60 eram como Sigmund Freud. Andy era Freud. Ele era o analista, havia aquele imenso divã na Factory e lá estava Andy, ele não dizia nada, você podia projetar qualquer coisa nele, pôr qualquer coisa, podia desabafar, jogar tudo em cima dele, e ele não ia te repelir. Andy era pai, mãe irmão, tudo. Então é por isso que aquelas pessoas se sentiam tão bem perto dele – elas podiam estar naqueles filmes, podiam dizer e fazer qualquer coisa que quisessem porque não seriam reprovadas, aí estava a genialidade dele. Andy admirava todas as estrelas: portanto, pra agradar todas aquelas pobres almas desesperadas que apareciam na Factory, ele as chamava de superstars. (Mcneil & McCain, 2014, p. 25)

A Factory se tornou um espaço fundamental para a expressão e celebração da comunidade LGBT da época, onde nomes como da *drag queen* Jackie Curtir e da artista trans Candy Darling se tornaram musas de Andy Warhol em produções artísticas que questionavam as normas de gênero e de identidade sexual.

Relatos dessa Nova Iorque disruptiva chegavam até o Brasil. Em maio de 1979 o “Lampião” responde a uma nota publicada no jornal “O Globo” que se referia à casa noturna Studio 54, que funcionou entre 1977 e 1986 e que foi frequentada por Andy Warhol e sua comitiva. O texto do “Lampião” começa carregado de ironia e deboche, como é típico do jornal.

O inteligentíssimo e culto colunista social Ibrahim Sued deu uma nota em sua coluna de O Globo, conclamando os pais de família brasileiros, de passagem por Nova York, a não permitirem que seus filhos frequentem a discoteque Studio 54, naquela cidade, um antro, segundo ele, “de homossexuais e lésbicas, viciados em drogas e que perderam a vergonha”. (Lampião da Esquina, n° 12, mai./1979, p. 16)

Podemos compreender o Village e o Bowery como territórios onde seria possível ter novas experiências, que não estivessem pautadas nas normas sociais vigentes, vizinhanças que atrairiam corpos que estão até mesmo em outras cidades (Chauncey, 1994). Os corpos desviantes deixariam suas cidades atraídos pela reputação de determinados territórios, uma reputação boêmia, ou uma reputação não conformista, vista em jornais, revistas, filmes, livros ou espalhada através de conversas com conhecidos.

Próximo à boemia e em alguns momentos até mesmo se misturando a ela, estava o universo teatral. Em ambos haveria uma certa abertura para comportamentos dissidentes e, de certo modo, estão “descolados” da cultura dominante. Seriam então terrenos férteis para o desenvolvimento de subculturas sexualmente dissidentes. Se estas pessoas já eram estigmatizadas pelo seu modo de vida não convencional, parecia natural que os boêmios e a classe teatral fossem mais receptivos com comportamentos sexuais fora do padrão. Neste sentido cabe pontuar o espetáculo “Les Girls”, que teria sido o primeiro no Brasil a “apresentar

travestis numa moldura técnica e artística de fato profissionalizante” (Lampião da Esquina, nº 5, out./1978, p. 12) em 1963 no Rio de Janeiro.

Outra semelhança entre os corpos dissidentes, marginais, boêmios e a vanguarda teatral seria o uso noturno da cidade. Durante o dia a cidade é heterossexual e “produtiva”, à noite enquanto a família heterossexual descansa a marginalidade se apropria, cria, inventa cidades possíveis nos lugares estranhos, escuros e vazios (Cortés, 2008).

É nas trincheiras da arte que se encontram os núcleos de resistência dos mais consequentes ao rolo compressor da subjetividade capitalística, a da unidimensionalidade, do equívoco generalizado, da segregação, da surdez para a verdadeira alteridade [...] A arte aqui não é somente a existência de artistas patenteados mas também de toda uma criatividade subjetiva que atravessa os povos e as gerações oprimidas, os guetos, as minorias... (Guattari, 2012, pp. 105-106)

A experiência urbana da preservação do anonimato nas grandes cidades resultaria num fortalecimento da liberdade pessoal e numa superação da solidão moral (Cortés, 2008). Os corpos LGBT deixam para trás territórios onde “todo mundo me conhece” e onde se sentiam isolados e reprimidos e exploram a grande cidade e seus desafios. Na metrópole os dissidentes se encontram e as dificuldades impostas pela marginalidade – seja ela geográfica, social, cultural, sexual... – podem atuar na aproximação desses grupos, que acabam se movimentando juntos.

De acordo com o “Lampião da Esquina” (nº 27, ago./1980), em 4 de julho de 1977, no Rio de Janeiro, teriam ocorrido duas tentativas de manifestação pública homossexual, que fracassaram por falta de participantes. No ano seguinte, em 7 de julho de 1978 o movimento negro realiza uma manifestação contra a discriminação racial no centro de São Paulo (Lampião da Esquina, nº 15, ago./1979), retornando às ruas em 17 de outubro de 1979 numa passeata com quase 500 pessoas (Lampião da Esquina, nº 18, nov./1979) e em 20 de novembro do mesmo ano, dia nacional da consciência negra, contando com o apoio do Grupo Somos e grupos feministas (Lampião da Esquina, nº 19, dez./1979). Em setembro de 1979 prostitutas – mulheres e travestis – saíram às ruas em passeata para pedir justiça, após o assassinato de Maria Regina (Lampião da Esquina, nº 19, dez./1979), reivindicação que também está presente na manifestação de dezembro do mesmo ano, quando

[...] no centro de São Paulo, umas cem prostitutas da Boca do Lixo fazem uma passeata de três horas, terminando diante da Seccional de Polícia, onde berram palavras de ordem obscenas e exigem melhores condições de trabalho – fim das extorsões (pagam Cr\$ 500,00 por semana para a polícia) e dos maus-tratos (são espancadas e jogadas no xadrez, sem culpa formada); isso sem falar dos assassinatos impunes como o do ricoço Dan Blum contra Maria Regina. O delegado William do Amaral, responsável pelo fechamento de vários hotéis daquela área, aconselha as putas a mudarem de vida, trabalhando como domésticas em casas de famílias. (Lampião da Esquina, nº 21, fev./1980, p. 2)



← FIGURA 02/04

No centro Darcy Penteado, um dos editores do “Lampião da Esquina” no ato de 13 de junho. Fonte: Caetano et al. (2018, p. 41)



FIGURA 02/05 →

Em agosto de 1978 o “Lampião” trazia uma entrevista com Clóvis Moura, presidente do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA), a respeito da manifestação ocorrida nas escadarias do Teatro Municipal contra a discriminação racial. Fonte: Lampião da Esquina nº 4, ago./1978, p. 6



← FIGURA 02/06

Participação do Grupo Somos na manifestação de 20 de novembro de 1979. Fonte: Caetano et al. (2018, p. 14)

No dia 13 de junho de 1980, os grupos de homossexuais, negros e feministas se unem, com o apoio de estudantes e trotskistas, a fim de mobilizar e convocar um ato público após a prisão de um sociólogo nas operações rondão do delegado Richetti. Os manifestantes teriam saído do Teatro Municipal e marchando pela Avenida São João, pela Praça Júlio Mesquita e pelo Largo do Arouche entoando gritos como: “O GUEI JAMAIS SERÁ VENCIDO”; “AMOR FEIJÃO ABAIXO O CAMBURÃO”; “LUTAR, VENCER, MAIS AMOR E MAIS PRAZER”; “AMOR, TESÃO, ABAIXO A REPRESSION”; e “O AROUCHE É NOSSO!”. (Lampião da Esquina, nº 26, set./1980, p. 18).

Os corpos dissidentes percorrem a cidade, andam pela cidade, conhecem e dominam seus caminhos, seja por escolha ou por necessidade, e “Caminhar pela cidade é uma forma de prática cultural, uma maneira de transformar a geometria abstrata e objetiva que organiza as ruas e as praças em uma configuração pessoal do espaço urbano” (Cortés, 2008, p. 171). Assim, estes sujeitos desenvolveram um entendimento mais sensível do território urbano, de maior entrega, construída a partir da caminhada nômade, da deriva, da *flanagem* e do *trottoir*.

## 02/02 UMA CIDADE ENTENDIDA

Consideramos importante abordar a questão de como estão/são identificados os sujeitos no foco deste trabalho que se dedica aos espaços de lazer ocupados e utilizados por pessoas homossexuais e bissexuais. Compreendemos que estes não são os únicos corpos a ocupar ou frequentar estes locais, uma vez que as fontes consultadas para esta pesquisa e analisadas no capítulo 01 atestam também a presença de outros corpos dissidentes, como é o caso das travestis e também o compartilhamento de espaços com corpos heterossexuais. Ao tomarmos a decisão de nos referirmos aos homens e às mulheres homo e bissexuais, o fazemos devido, justamente, às fontes que serviram de alicerce à pesquisa: o “Lampião da Esquina”, que se identifica como um jornal gay e ao “ChanaComChana”, um boletim produzido por mulheres lésbicas. Além dos gays e das lésbicas estamos assumindo, como premissa, a existência de pessoas que se identificavam como bissexuais, ainda que no recorte temporal da pesquisa o debate acerca de uma identidade bissexual estivesse carregado de preconceitos, como podemos observar na definição de “bissexual” publicada no “Lampião da Esquina” nº 24 (maio/1980)

Algo que não existe, quem se diz bissexual é apenas uma bicha não assumida, com tendências ao machismo, ao autoritarismo. Há quem diga, também, que o bissexualismo é apenas uma manifestação esquizofrênica. (p. 15)

Nos últimos anos vem crescendo a utilização de um termo que poderia abarcar tanto homo quanto bissexuais, trata-se do “queer”, que inclusive já apareceu no texto desta tese. Consideramos importante tratar brevemente do seu significado, especialmente, por reconhecermos que ele não é íntimo do campo da arquitetura e do urbanismo. O termo surgiu nos Estados Unidos e foi utilizado a partir da década de 1920 para se referir de forma pejorativa a lésbicas, gays e transexuais. A sua tradução é uma questão que aparece em praticamente todos os trabalhos que tratam do assunto. Parece não ser possível traduzi-lo de forma satisfatória para nenhum outro idioma. “Queer” significa algo como “estranho”, “peculiar”, “excêntrico”. Alguns autores chegam a fazer uma associação entre o “queer” e os vocativos pejorativos que foram ressignificados em contextos locais, como viado, bicha ou marica (Sutherland, 2009; Zamboni, 2013), mas não entendemos essas equivalências como suficientes, visto que, além da diferença de contexto, esses vocativos latinos se referem apenas a práticas homossexuais do sexo masculino, sendo menos abrangentes do que o termo em inglês.

Queer está relacionado a uma certa desobediência às normas, um inconformismo, de modo que é possível encontrar pessoas LGBT que não assumam atitudes disruptivas e podem não estar à margem da sociedade por outras questões (especialmente sociais). Da mesma forma como podemos encontrar sujeitos queer que são cisgêneros e heterossexuais. Para Preciado (2011), na multidão queer estão todos aqueles que

resistem ao processo de tornar-se normal: feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, chicanas, pós-coloniais; fazendo do queer uma combinação entre sexualidade e ação política. Enquanto a sigla LGBT fixa os indivíduos em grupos, o queer é uma abertura (Cottrill, 2006) a possibilidade de não se comprometer com uma determinada subjetividade, que mesmo estando às margens vem atrelada a uma série de expectativas.

A partir da difusão das pesquisas, o termo passa a ser cada vez mais utilizado, ganhando territórios para além da esfera acadêmica. Em 1996 a letra “Q” é incluída na sigla LGBTQAI+, que passa a agregar: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, assexuais, pessoas intersexo e mais. No Brasil o termo passa a ser cada vez mais utilizado nas redes sociais, em festas, eventos e palestras, inclusive com novas flexões como “cu-ir”.

De acordo com Marcus (2005), que tem um posicionamento alinhado com o de outros pesquisadores latino-americanos, como veremos adiante, o termo começa a ser muito utilizado devido a sua abertura, podendo se referir com uma única palavra a diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, mas justamente por isso já deixa um alerta para esse uso indiscriminado. A autora acredita que o termo estaria se proliferando a ponto da inutilidade, como um neologismo que significaria transgressão a qualquer norma. As vantagens do uso estão em pensar que ele cobre uma amplitude de subjetividades não normativas. Só que, neste caminho, queer pode ter-se transformado numa superpalavra (Rivas, 2011), que diz muito sem dizer nada.

Para Rivas (2011) o termo queer perde a sua força linguística e política na América Latina. Apesar de ser utilizado como uma posição de resistência frente às normatizações do gay e da lésbica, usá-lo aqui implica uma descontextualização histórica e política. Mesmo o termo “gay” tem sua abrangência e representatividade debatidas na Bolívia por Edgar Soliz e Roberto Condri (2019) do Movimento Maricas Bolívia, eles associam “gay” a um estereótipo de homem branco, masculino, rico e de corpo atlético, que não se aproxima da realidade do homem indígena boliviano. Neste caso, eles preferem o uso dos termos marica, *maricón* e *maraco*, que se posicionam distantes do estereótipo de masculinidade, sendo utilizados usualmente para se referir, ainda de forma pejorativa, aos homossexuais mais afeminados. Soliz e Condri (2019) não estão empenhados apenas na resignificação dos termos, mas também no debate sobre suas raízes indígenas, a pobreza e a situação de classe <sup>14</sup>.

Na perspectiva da produção acadêmica, essa falta de proximidade com o termo teria auxiliado na sua rápida institucionalização dentro das universidades latino-americanas, já que não causaria tensões ou animosidades. Conforme Rivas (2011), o surgimento dos primeiros trabalhos universitários sobre teoria queer seguiram sem grandes embates ou dificuldades, devido à falta de familiaridade com o termo, o que não aconteceria caso as pesquisas utilizassem expressões como bicha, *maricas*, sapatão ou veado.

14

Cf. a entrevista de Edgar Soliz Guzmán para Nicolas Wasser, publicada em 2021 na revista *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Gúzman e Wasser, 2021).

15

O questionário foi produzido na plataforma Google Forms e foi divulgado através das redes sociais e através do informativo da secretaria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP durante os meses de outubro e novembro de 2021. As perguntas e respostas obtidas podem ser visualizadas no apêndice B desta tese, na página 279. Destacamos ainda que a seleção dos participantes foi aleatória.

Em um questionário *online* respondido por 142 pessoas <sup>15</sup>, ao serem perguntadas se já ouviram ou leram o termo queer antes, 89,4% dos respondentes afirmaram que sim e apenas 10,6% disseram nunca ter tido contato com o termo; destes quase a totalidade se identifica como heterossexual; e apenas um homem gay e um homem bissexual, ambos na faixa dos 30 anos, afirmaram nunca ter ouvido ou lido o termo anteriormente. Com relação a quão bem compreendem o termo, mais da metade das pessoas afirmaram entender bem ou muito bem o significado de “queer” e apresentaram, com as suas palavras, definições que na sua maioria se aproximam dos significados do termo, destacando-se respostas que colocam o queer como “não hétero”, “não cis” e “fora do padrão/norma”. Cabe salientar que a grande maioria dos respondentes <sup>16</sup> (75,9%) possuem, pelo menos, o ensino superior completo, sendo assim os resultados mostram a permeabilidade que o termo obteve no meio acadêmico nos últimos anos.

Hija de Perra (2015) – atriz e transformista chilena –, de forma mais dramática, também faz críticas ao uso do termo na América Latina. Aponta que muito antes de surgir o termo nos Estados Unidos as identidades ditas como queer já estavam por aqui: os homens e as mulheres indígenas vistos como afeminados, fogosas e “sem-vergonha”. Hija de Perra (2015) e Rivas (2011) concordam ao salientar que agora, na América Latina, qualquer reapropriação de um termo pejorativo será remetida ao queer. A atriz também está atenta às ameaças do sistema capitalista de “neutralizar as reivindicações queer e integrá-las como ‘estilo de vida’” (Zizek, 2005, p. 69 *apud* Perra, 2015, p. 6), fazendo com que o queer se torne uma nova moda ou uma nova norma.

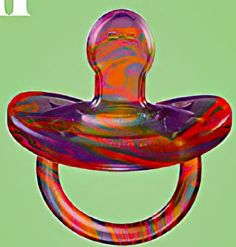
A partir da década de 1980 começa a ser desenvolvida a teoria queer por diversos pesquisadores que seguiam a vertente pós-estruturalista nos estudos sobre sexualidade, particularmente nos Estados Unidos, mas é só em 1990 que irá receber essa determinação com a palestra de Teresa de Lauretis na Universidade da Califórnia. Judith Butler, Eve Sedgwick e David Halperin são precursores na área, todos inspirados pelas leituras de Jacques Derrida e Michel Foucault, em especial pelos escritos da história da sexualidade, e seus estudos estão intimamente ligados ao movimento feminista, trabalhando numa nova forma de pensar a realidade social.

Butler (2003) desenvolve as noções de performatividade, colocando as sexualidades e os gêneros como manifestações de uma *performance*, sendo possível performar uma bicha, uma sapatão, um homossexual, uma travesti ou um hétero. As *performances* vão incluir o gestual, os movimentos, os estilos, as linguagens e indumentárias. Ao compreendermos os gêneros como manifestações dessa performance, assumimos que não existiria uma identidade pré-existente, com a qual faríamos a comparação, não sendo possível dizer que alguém não é “homem o suficiente” ou “mulher o suficiente” (Rendell, Penner & Border, 2003). Estabelecemos também que as concepções destas performances são alteradas no tempo e espaço, ser bicha hoje na cidade de São Paulo é diferente do que foi na década de 1960, ou do que é ser bicha no interior do norte brasileiro.

16

Tal índice pode ser atribuído devido à forma de divulgação do questionário, realizada através de grupos de pesquisadores e da secretaria da FAU/USP.

# Mater- nidades cuir



Gracia Trujillo y Eva Abril (eds.) ©



FIGURAS 02/07-10

Imagens que mostram o uso de cu-ir e do termo queer em cursos, publicações e podcasts. Fontes: Eva & Gracia (2000); Matriarkas #6 – Você conhece a palavra do CUIR/QUEER? (n.d., n.p.); Revista PÓS abre chamada para o dossiê: “Teoria Queer/Cuir e o Ensino de Arte” (2022, n.p.); e #55: Elizabeth Lewis – Linguística Cu(ir) (2021, n.p.)



FIGURA 02/11 ↑  
Hija de Perra .  
Fonte: Moreira (2017, n.p.)

17

O levante de Stonewall, como ficou conhecido, ocorreu em 28 de junho de 1969 e marcou o movimento de libertação LGBT nos Estados Unidos. Os frequentadores do bar Stonewall Inn no Greenwich Village reagiram à violência policial, que era comum na época, e resistiram, o que desencadeou uma série de conflitos que continuaram por vários dias, gerando uma onda de protestos que marcam o início da organização política e social do movimento LGBT. Para Lesher (2008), é após a manifestação de Stonewall em 1969 que se tem início o movimento contemporâneo de visibilidade para os direitos gays.

Matthew Gandy (2012) coloca quatro diretrizes fundamentais para a teoria queer: (I) a desconstrução da norma sexual; (II) a implementação de agendas ativistas pós-Stonewall<sup>17</sup>; (III) a reapropriação positiva do termo queer; e (IV) o aumento do escopo e do método das pesquisas acadêmicas sobre aspectos culturais, históricos e geográficos da sexualidade humana.

A teoria queer desafia a normatividade – tanto a normatividade hétero quanto homo (Vallerand, 2010) – ao lidar com corpos e manifestações marginais, avessos, desobedientes e dissidentes. Marginais pois não participam livremente do contexto urbano. Aversos por mostrar o que “não poderia ser mostrado”, expor aquilo que deveria estar “escondido”. Desobedientes pelo fato de re-existirem, apesar dos preconceitos e proibições. E dissidentes por se desprenderem do grupo dito majoritário que está no controle.

Nos últimos anos alguns trabalhos foram desenvolvidos sob a perspectiva de gênero no campo da arquitetura, e, mesmo que não se relacionem diretamente com as questões de sexualidade, acreditamos ser importante reconhecer essas iniciativas. Como vimos, as questões de gênero e de sexualidade partilham de uma mesma trama de autores, questionamentos e pontos de vista. Algumas das pesquisas buscam desfazer ou minimizar o processo de invisibilização sofrido pelas mulheres na teoria e prática da arquitetura, resgatando sua produção e creditando sua autoria; outras visam discutir e reocupar o papel das mulheres no espaço urbano, sua utilização dos espaços públicos e do transporte público, por exemplo; tópico importante também é o debate sobre as condições de trabalho na área de arquitetura e a falta de efetivação de direitos. Todos esses temas podem ser encontrados na Biblioteca Feminista do grupo Elas da FAU, que conta com o apoio do Coletivo Arquitetas Invisíveis e também foram debatidos no evento internacional “Onde estão as mulheres arquitetas”, que aconteceu no Centro Cultural São Paulo em 2017.

MENU G1 JORNAL HOJE BUSCAR

Edição do dia 19/07/2011  
19/07/2011 14h27 - Atualizado em 19/07/2011 14h27

## Confundidos com casal gay, pai e filho são agredidos em São Paulo

O Brasil é o país com o maior número de crimes contra gays no mundo e muitos casos acabam em mortes. Em 2010 foram noticiadas 260 mortes.

Marcelo Ferri  
Campinas

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

Produto G1 +

FIGURA 02/12 ↑

Em 2022, na cidade de São João da Boa Vista (SP), pai e filho foram agredidos após terem sido “confundidos” com um casal gay. A demonstração de afeto entre os dois, que estavam abraçados, foi interpretada como incompatível com a heteronorma. Fonte: Ferri (2011, n.p.)

Advém da teoria queer um termo importante para a pesquisa e que inclusive já utilizamos anteriormente no texto, sendo essencial para o debate das subjetividades dissidentes no espaço urbano. Trata-se da heteronormatividade. “A heteronormatividade, ou a matriz heterossexual, é um termo teórico queer que pode ser definido como a estrutura que marca todos, e tudo, como heterossexual até que se prove o contrário”<sup>18</sup> (Bonniever, 2007, p. 370). A norma, portanto, é hétero.

Segundo Preciado (2011), a heterossexualidade é um regime político cuja premissa é coito-cêntrica e genitalista (Gontijo, 2004). A heteronormatividade ao lado de estruturas sexistas e patriarcais acabam por ridicularizar e negligenciar aspectos sexuais e de gênero do nosso ambiente construído (Bonniever, 2007), prejudicando inclusive aqueles que se identificam como heterossexuais.

Para abordarmos o termo é importante compreender que a dualidade hétero x homo nem sempre existiu. Apesar de não haver uma concordância para o seu início, a maioria dos autores acredita que ela tenha se estabelecido a partir do meio do século XIX (Marcus, 2005). É importante salientar que esta não é a única dualidade com a qual lidamos, o cenário é complexo, pois, além dela, podemos perceber disputas de poder dentro das sexualidades dissidentes. Para pesquisadores como Gandy (2012), Puccinelli (2013) e Pontes (2014), após medidas de “legalização” da homossexualidade, em alguns países ocidentais, emerge a figura de um homossexual ideal, de uma sexualidade permitida, que não é permissiva. A sexualidade do “bom gay” é controlada e homogênea, oposta àquela do gay promíscuo.

A cidade na qual a pesquisa se desenvolve – São Paulo –, assim como as demais, foi construída e dirigida de acordo com uma série de princípios que pensam defender o interesse do homem branco e hétero (Antunes, 2015). No raciocínio da heteronorma urbana é preciso controlar os corpos, saber onde estão e com quem estão para garantir que eles não estejam desafiando as estruturas de poder da cidade. Ali,

Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida. Essas diferenças não são “representáveis” porque são “monstruosas” e colocam em questão, por esse motivo, os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes dos “normais”. (Preciado, 2011, p. 18)

Para perdurar nessa cidade, a “multidão queer” necessita adotar estratégias de sobrevivência, seja ela de mimese ou de embate. No primeiro caso temos aqueles que se “disfarçam” de hétero/cis para não ameaçar a hegemonia heterossexual. É o caso dos homossexuais que estão “dentro do armário” ou que mesmo assumidos podem emular subjetividades mais próximas da heteronorma em determinados ambientes, como nos locais de trabalho. Já nas estratégias de embate temos as “bichas afeminadas” e “lésbicas caminhoneiras” que resistem à normalização.

18

Do original: “Heteronormativity, or the heterosexual matrix, is a queer theoretical term which can be defined as the structure that marks everyone, and everything, as heterosexual until proved otherwise.”

Segundo Gandy (2012) o *cruising*<sup>19</sup> seria um exemplo dessa “ameaça” gay à estabilidade do homem heterossexual na cidade, capaz de gerar violência e ansiedade. Da forma exposta por ele, é como se as ocupações queer no espaço fossem a causa para as violências sofridas pelos sujeitos, quando na verdade o que gera violência é o pensamento preconceituoso e a crença na necessidade constante de provar publicamente a heterossexualidade.

Neon Cunha, conforme posto pela Fundação Rosa Luxemburgo (FRL) (2021), propõe a mutação da teoria queer para a teoria bicha, dado que a potência da bicha está em não performar a heteronormatividade, na rebeldia e na autenticidade, também vistas por Néstor Perlongher na loca. Na teoria bicha haveria a substituição do “espaço de disputa” pelo “espaço de construção”. Na música “Enviadescer”, a artista Linn da Quebrada enaltece a transformação efetuada pelas bichas e propõe que o “macho discreto”<sup>20</sup> abandone a *performance* heteronormativa, como pode ser visualizado na letra da música inscrita adiante.

19

Ato de procurar por possíveis parceiros sexuais em locais públicos ou bares.

20

O termo é utilizado para se referir às pessoas do gênero masculino, que apesar de manterem relações sexuais com outras pessoas do mesmo gênero não se identificam abertamente como gays ou bissexuais, mantendo estas relações em segredo ou no “sigilo”.

21

Trecho da música “Enviadescer” de Linn da Quebrada, pode ser ouvida em <https://youtu.be/MFmZj4SyrRY> (acesso em 26/04/2023)

22

Destacamos a publicação “Mapping desire: Geographies of sexualities” (1995), organizada por David Bell e Gill Valentine.

O reconhecimento da heteronorma vai influenciar não só a experiência urbana dos sujeitos queer como também a produção científica, inclusive aquela do campo da arquitetura. Para alguns autores como Vallerand (2010) e Rendell, Penner e Border (2003) as áreas da antropologia e da geografia foram as primeiras a sugerir as relações entre gênero, sexualidade e espaços. Grande parte dessas primeiras pesquisas, no que teria sido denominado “geografias da homossexualidade”<sup>22</sup>, teriam focado na relação entre consumo e exibição da sexualidade.

Não há dissidências sexuais sem corpos. A antropóloga Brenda Farnell em “Theorizing ‘the body’ in visual culture” (2011) explica que a partir do final dos anos 1970 houve uma explosão de literaturas acadêmicas que tratam do “corpo”, muitas delas produzidas através de vieses inter e multidisciplinares, influenciadas pelo pós-estruturalismo e estimuladas pelos trabalhos de Michel Foucault, Pierre Bourdieu e pela teoria feminista.

Ei psiu! Você aí, macho discreto  
Chega mais, cola, aqui  
Vamo bater um papo reto  
Que eu não tô interessada no seu grande pau ereto

Eu gosto mesmo é das bichas, das que são afeminadas  
Das que mostram muita pele, rebolam, saem maquiadas  
Eu vou falar mais devagar pra ver se consegue entender  
Se tu quiser ficar comigo, boy...

Vai ter que enviadescer  
Enviadescer, enviadescer

Ai meu deus, o que que é isso quêssas bicha tão fazendo?  
Pra todo lado que eu olho, tão todes enviadescendo  
[...]

Mas não tem nada a ver com gostar de rola ou não  
Pode vir, cola junto as transviadas, sapatão.

(Linn da Quebrada, Enviadescer, 2017b)<sup>21</sup>

A autora fala do legado de Platão e Descartes, durante a ascensão das ciências no século XVII, para a separação entre mente e corpo e para a perpetuação dessa dualidade, justamente com as demais: mental/comportamental, razão/emoção, subjetivo/objetivo, interior/exterior, imaterial/material. Ela divide o interesse pelo corpo em três tipos de pesquisa, de acordo com a sua abordagem: (i) discursos sobre o corpo; (ii) discursos do corpo; e (iii) discursos a partir do corpo.

Da primeira fase fariam parte os estudos de corpos não ocidentais – poderíamos até dizer não brancos –, que eram vistos como objetos culturais, analisados a partir do olhar do colonizador. São interessantes as observações da autora quando menciona que estes corpos muitas vezes foram vistos com curiosidade e desgosto. As práticas corporais não familiares ao homem branco geravam repulsa, como por exemplo “[...] o ‘excesso’ de gesticulação, os rituais ‘exóticos’, as danças ‘selvagens’ [...]”<sup>23</sup> (Farnell, 2011, p. 141), descritas por exploradores, missionários ou etnólogos no século XIX. É válido pontuar que tais práticas deixaram suas marcas no fazer etnográfico, não ficando restritas ao passado, de modo que ainda hoje é possível perceber a presença do olhar ocidental e colonizador no campo da antropologia.

Corpos foram rotulados como “primitivos” a partir de uma comparação com relação às normas físicas e de comportamento europeias “aceitáveis”, quanto mais dispare nesta comparação, mais primitivo o corpo, sendo necessários esforços coloniais para “civilizar” os selvagens, civilização que passa(va) pelo controle radical das práticas corporais: roupas, pelos, hábitos de alimentação, posturas, contatos sexuais, trejeitos, éticas de trabalho e atividades rituais.

Percebemos uma grande potência de conexão com a pesquisa desenvolvida, uma vez que os corpos queer também são classificados como estranhos, barulhentos e escandalosos. Pessoas LGBT são reconhecidas pelos seus movimentos, seu jeito de andar, de falar, de “desmunhecar”, pelas vozes estridentes, pelas danças provocativas, por caminhar rebolando ou desfilando, pela presença ou falta de pelos no corpo... A estes corpos também se impõe um vetor civilizatório, que se manifesta na imagem do bom gay ou da boa lésbica. Aquele que não chama atenção, que é “discreto”, que “nem parece gay”, “que é lésbica, mas é feminina”.

Com o pós-modernismo, o campo da arquitetura teria começado a se interessar pelo que é peculiar, pela diversidade e pelo que está fora da cultura ocidental, para a partir da década de 1990 abrir o debate sobre as questões de gênero, sexualidade e espaços (Antunes, 2015; Cottrill, 2006). Nos espaços podem atuar mecanismos para controlar a sexualidade, como no caso das discriminações LGBTfóbicas disfarçadas de restrições de acesso ou códigos de conduta em ambientes vigiados, com circuitos internos de tv, a serviço da heteronormatividade. Também reconhecemos como o controle da sexualidade é capaz de produzir a arquitetura (Wigley, 1992), o que pode ser percebido em casos nos quais a homofobia atua como mecanismo transformador do espaço urbano, por exemplo na perseguição ou fechamento de lugares dedicados a públicos “não aceitos socialmente”.

23

Do original: “[...] ‘excesses’ of gesticulation, ‘exotic’ rituals, and ‘wild’ dancing [...]”



## Casa de shows é condenada a pagar R\$ 4 mil por impedir entrada de mulher trans no interior de SP

Caso aconteceu em uma casa de shows de Barra Bonita (SP), em 2017. Decisão, que cabe recurso, foi dada em janeiro deste ano. Mulher trans disse à Justiça que funcionários impediram entrada alegando trajes inadequados.

Por Mariana Bonora e Júlia Nunes, G1 Bauru e Marília  
22/01/2020 12h00 · Atualizado há 3 anos



### FIGURA 02/13 ↑

Na cidade de Barra Bonita (SP), Hellen Monterromero Pinheiro foi impedida de entrar na casa noturna. Fonte: Bonora e Nunes (2020, n.p.)

Na arquitetura o debate sobre corpos e gênero<sup>24</sup> aparece nas produções de Vitruvius, que, no livro número quatro de seus dez livros para a arquitetura, tece comparações entre as colunas gregas com corpos humanos e pode ser observado também no interesse de alguns arquitetos modernos da virada do século XIX para o XX pelo design de vestuário, como observado por Araújo (2012, 2014, 2017).

O ponto de inflexão é que essas discussões começam agora a ser debatidas desde a ótica das questões de gênero e de sexualidade, levantadas pelo feminismo e pela teoria queer. Teoria queer e feminismo compartilham entre si uma série de interesses comuns. Kathy Rudy (2000) mostra em quatro pontos, como ambos se aproximam, com relação à natureza do gênero e da sexualidade, listadas a seguir:

- O reconhecimento do papel da interpretação no entendimento dos aspectos da vida humana. Atitudes, eventos e relacionamentos requerem sempre uma interpretação mais aprofundada das questões. Da mesma forma como o feminismo atuou com problemas que antes não pareciam específicas das questões de gênero, a teoria queer aborda problemas que antes não pareciam específicos da sexualidade;
- A ideia de que identidades sexuais (assim como o gênero) são localizadas na história e socialmente construídas podendo significar e reunir diferenças em diferentes épocas. O gênero e a orientação sexual estão relacionados à *performance*;
- O ativismo político queer adota um estilo de confronto semelhante ao do feminismo, numa prerrogativa de que as políticas não serão aceitas de forma pacífica; e
- A noção de *sex-positivity*. Todo sexo é positivo, desde que seja mutuamente consensual.

### 24

Sobre esse assunto vale destacar a dissertação de mestrado “Gênero e sexualidade na teoria da arquitetura” (2020) de Jaime Solares Carmona.

Apesar das aproximações, a autora coloca uma possível tensão: o fato de que a imagem do queer foi construída em cima de atributos como ser público, feroz (*fierce*) e provocativo (*in your face*<sup>25</sup>); características que Rudy (2000) associa ao masculino. Nessa conformidade estaríamos repetindo mecanismos de desvalorização daquilo tido como do universo feminino, como o cuidado da vida diária, da casa, das crianças e a inteligência emocional. A autora faz um alerta importante para que ao desconstruir as categorias de homem e de mulher não se desvalorize o que historicamente foi da esfera feminina.

Alguns autores como Deborah Fausch (1994), Bradley Quinn (2003), Leila Kinney (1999), Katarina Bonnevier (2007) e Beatriz Colomina (1992) irão revisitar os textos clássicos da arquitetura, para a partir das produções contemporâneas reinterpretar aquilo que havia sido debatido. Bonnevier (2007), por exemplo, vai colocar explicitamente como “Ornamento e crime” (Loos, 1910), além de sexista, também seria homofóbico, uma vez que Adolf Loos parte de uma visão preconceituosa do universo feminino como sendo próprio da ornamentação e da futilidade, que na sua visão seriam atributos que deveriam ser superados pela modernidade.

Ao revisitar as produções clássicas, as relações de sexualidade estarão menos escancaradas do que aquelas sobre gênero, mas é perceptível como andaram sempre lado a lado. Fundamental para autores (Araújo, 2017; Bonnevier, 2007; Wigley, 1992) que se dispuseram a essa investigação são os escritos do arquiteto alemão Gottfried Semper. Em “O Estilo”, publicado em 1863, ele inverte a validação simbólica tradicional do campo da arquitetura que considera a estrutura acima da superfície entendendo esta como algo do campo feminino. Além de identificar uma origem da arquitetura situada no campo dos ofícios tidos como menores e que tradicionalmente fizeram parte do universo feminino: os têxteis.

Outra abordagem apresentada por Katarina Bonnevier (2007) é a pesquisa da produção de espaços produzidos a partir de uma ótica queer: se o sujeito produz o espaço e se o espaço é capaz de produzir o sujeito. A autora se dedica ao estudo de três arquiteturas que estavam diretamente vinculadas aos sujeitos queer, mais especificamente às mulheres lésbicas e bissexuais – uma arquiteta (Eileen Gray) e duas escritoras (Natalie Barney e Selma Lagerlöf). Ela investiga quais as características próprias desses espaços, suas implicações à construção de uma subjetividade queer e suas estratégias de sobrevivência em meio ao universo heteronormativo, como por exemplo a existência do que chama de “arquitetura drag”: um interior queer revestido com um exterior patriarcal.

Após essa exposição sobre o significado do termo queer, seu desdobramento na teoria queer e algumas aproximações no campo da arquitetura e do urbanismo, partimos então para as manifestações espaciais desse grupo na metrópole.

### 25

Expressão utilizada para situações nas quais se assume uma posição de confronto.

## 02/02/01 LIMA SUBCULTURA SEXUALMENTE DESVIANTE NA CIDADE

Retornamos ao contexto de Nova Iorque estudado pelo historiador George Chauncey (1994), que já havia reconhecido que os bairros operários seriam muito mais tolerantes com os corpos desviantes do que os territórios das classes médias no final do século XIX. Na Nova Iorque do final do século XIX e início do século XX, uma subcultura<sup>26</sup> sexualmente desviante (que ainda não se denominava como gay) estava vinculada aos territórios negros e de imigrantes (especialmente irlandeses e italianos). Bairros operários ocupados por populações marginais e vulneráveis. A relação que a classe trabalhadora estabelecia com as sexualidades presentes em seu território seria muito mais aberta do que aquela vista na classe média urbana. Segundo ele, os próprios sujeitos da classe média buscavam os bairros operários à procura de uma certa “liberdade”<sup>27</sup>. Nessa ótica,

O antigo dogma de que o mundo gay teria se originado em essência como um fenômeno da classe média, no qual apenas homens brancos e de classe média teriam os recursos para criar, e o novo dogma de que teria sido criado nas páginas dos jornais da elite médica, tinham uma influência contínua. Mas o mundo gay mais visível do início do século XX, como sugerem as chamadas do *Baltimore Afro-American*, estava no mundo da classe trabalhadora, centrada nos bairros negros e de imigrantes irlandeses e italianos ao longo das áreas portuárias, e aproveitavam as formas sociais da cultura da classe trabalhadora.<sup>28</sup> (Chauncey, 1994, p. 10)

Chauncey (1994) faz algumas observações interessantes sobre as características destes bairros. Uma delas, que gostaríamos de discutir, é a relação entre sexo, privacidade e moradia. Nos bairros operários da cidade de Nova Iorque, negros, imigrantes europeus ou mesmo estadunidenses vindos de outros estados costumavam viver em pensões, cortiços ou residências muito adensadas. Estas moradias ofereciam pouca privacidade a seus ocupantes e nem sempre possibilitavam o lazer e o entretenimento, fazendo com esses sujeitos buscassem estes usos fora de casa (Chauncey, 1994). Beachy (2014) também pontua que os homossexuais berlinenses dividiam espaços com os outros membros da classe trabalhadora sem grandes problemas.

Naquele contexto, Nova Iorque crescia como uma cidade de jovens, na sua maioria homens. A cidade dos solteiros. Estes buscavam formas de morar muito específicas: pensões ou casas que alugavam quartos e muitas vezes serviam refeições a preços acessíveis. Portanto o “espaço privado” que dispunham era apenas o quarto, que muitas vezes acabava sendo compartilhado (Chauncey, 1994).

É interessante comparar estas moradias com a residência da classe média, cheia de compartimentações: os espaços reservados para o preparo dos alimentos, para a alimentação, para o entretenimento, para o descanso, para a limpeza dos corpos, para a limpeza da casa... Na residência qual é o espaço do sexo? Há o espaço do sexo na arquitetura residencial? Seria o quarto (do casal)? E para os jovens? O banheiro? Onde os jovens transam? Na cidade? Lembrando que a relação sexual é tida como um assunto

26

Nota pós-banca: Ao utilizarmos o termo subcultura, é importante destacar que não desejamos depreciá-la ou considerá-la inferior à cultura dominante. Pelo contrário, encaramos as subculturas como manifestações subversivas e expressões vitais que enriquecem a trama da diversidade cultural. Embora o prefixo “sub” seja frequentemente associado a uma ideia de inferioridade, propomos uma perspectiva alternativa: pensar que o que está “abaixo” de algo pode, na verdade, ser sua fundação e sustentação, seus alicerces. Além disso, podemos refletir que, muitas vezes, é preciso estar “abaixo” de algo, para que se possa crescer, proliferar e se fortalecer, como raízes subterrâneas.

27

Sobre o Brasil, penso se este seria o trajeto das rodas de samba e do carnaval. Em Vitória me lembro dos deslocamentos que fazíamos para os ensaios das escolas de samba, para alguns (ou muitos) o único momento em que penetravam aqueles territórios.

privado, que na sociedade burguesa deve ser mantida em “segredo”, longe do olhar dos curiosos. O sexo é central para a questão, e tanto Chauncey (1994) quanto Beachy (2014) pontuam a aproximação entre os territórios homossexuais com os territórios da prostituição.

Voltando ao contexto nova-iorquino, os jovens e solteiros então buscam na cidade os espaços para o seu entretenimento e prazer sexual, tarefa que é facilitada quando se está livre do controle familiar. Para aqueles jovens que estão sob a tutela da família – em especial os jovens de classe média – a solução pode ser se deslocar além dos seus bairros de origem. Para Chauncey (1994) nos bairros trabalhadores o controle familiar seria menor do que nos bairros da classe média.

É importante pensarmos no tamanho e no adensamento dos imóveis. Quais as diferenças entre o controle familiar nos bairros operários e nos bairros de classe média e qual a relação deste controle com os espaços da domesticidade? Haveria uma relação com o fato de os imóveis serem menores e mais adensados horizontalmente? Podemos pensar que o adensamento dos bairros operários leva a uma convivência mais próxima com o vício e o sexo? Aqui nos lembramos de uma entrevista da cantora Anitta comentando sobre os temas do funk brasileiro na qual ela menciona que o funk canta a realidade das comunidades, se as letras falam sobre sexo é porque o sexo faz parte do cotidiano (Batista, 2018). Vício e sexo fazem parte tanto da vida dos bairros operários quanto da vida dos bairros de classe média, a diferença talvez esteja na compartimentação dos espaços e na possibilidade de que estas ações sejam realizadas em ambientes privados.

Segundo Chauncey (1994, p. 34), “As avenidas e as ruas estavam cheias de teatros, museus baratos e salões onde homens e mulheres encontravam alívio de seus empregos e dos cortiços lotados”<sup>29</sup>. Nos bairros trabalhadores existiam então estes importantes espaços de desconpressão, que no pensamento burguês, do final do século XIX, acabaram sendo identificados como “zona de meretrício” ou “zona moral” ou apenas “zona”. Em contrapartida, a sociabilidade da classe média seria mais “privatizada” e mais “ritualizada”. Dentro desse quadro,

A reticência sexual e a devoção à família tornaram-se marcas registradas do cavalheiro da classe média na ideologia burguesa, que presumia que os homens de classe média conservavam sua energia sexual junto com seus outros recursos. Os pobres e as classes trabalhadoras, ao contrário, caracterizavam-se nessa ideologia pela falta de tal controle [...] <sup>30</sup>. (Chauncey, 1994, pp. 35-36)

Existiria na cidade uma segregação espacial das imoralidades, que deveriam estar afastadas das vizinhanças de classe média, no pensamento burguês as zonas representariam a imoralidade da classe trabalhadora. Mais adiante veremos como estas zonas vão se tornar verdadeiras atrações turísticas, populares entre as classes médias, uma forma de “[...] testemunhar a depravação da classe trabalhadora enquanto confirmam sua superioridade”<sup>31</sup> (Chauncey, 1994, p. 36).

28

Do original: “The old dogma that the gay male world originated as an essentially middle-class phenomenon, which only white middle-class men had the resources to create, and the newer dogma that it was created in the pages of elite medical journals, have had continuing influence. But the most visible gay world of early twentieth century, as the headlines in the *Baltimore Afro-American* suggest, was a working-class world, centered in African-American and Irish and Italian immigrant neighborhoods and along the city’s busy water-front, and drawing on the social forms of working-class culture.”

29

Do original: “The boulevard and surrounding streets were alive with theaters, dime museums, saloons, and dance halls, Where men and women found relief from their jobs and crowded tenement homes.”

30

Do original: “Sexual reticence and devotion to family became hallmarks of the middle-class gentleman in bourgeois ideology, which presumed that middle-class men conserved their sexual energy along with their other resources. The poor and working classes, by contrast, were characterized in that ideology by their lack of such control [...]”

31

Do original: “[...] witness working-class “depravity” and to confirm their sense of superiority.”

No Brasil não nos parece ser difícil pensar que parte da classe média associa as favelas a espaços do vício, das drogas e da putaria. Já sobre os anos de 1890, Chauncey (1994) fala da prática de “slumming”, em Nova Iorque, que seria esta incursão em territórios da classe trabalhadora vistos como “exóticos”. Beachy (2014) comenta como a Berlim da República de Weimar atraía escritores, pesquisadores, psiquiatras, etnógrafos e curiosos com interesse de conhecer a cena homossexual, e estes eram acompanhados pelos agentes policiais aos bares e bailes organizados pela comunidade. As viagens, possibilitadas pelo desenvolvimento industrial, faziam parte do repertório moderno, neste universo era possível experimentar aquilo que a capital alemã poderia oferecer: o impulso voyeurístico, a prostituição<sup>32</sup>, o *crossdressing* em público, bares e clubes que atendiam ao público homossexual. Outro fator mencionado por Beachy (2014), que contribuía para a chegada de visitantes, era a inflação alemã que fazia com que os estrangeiros tivessem uma grande vantagem na conversão das moedas.

É importante pensar sobre a exploração dessas vizinhanças e espaços como locais “exóticos”, especialmente quando são alvos dos olhares de “forasteiros”. bell hooks (2019) elabora essa questão ao analisar o papel da diretora Jennie Livingston – uma mulher branca – em “Paris is burning” (1991), neste raciocínio ela mobiliza o ensaio “Teleology on the rocks” no qual a autora Patrícia Williams descreve um “tour” realizado por um grupo de pessoas brancas pelo bairro do Harlem e pontua que não foi dado à comunidade local o direito de decidirem se gostariam ou não de serem “observadas como museus vivos” (hooks, 2019, p. 273). Para a pesquisadora, Livingston faz uso de uma suposta neutralidade do “olhar branco” e não questiona a posição que assume na direção de um filme que explora um contexto do qual ela não faz parte, com possibilidade de corromper ou desvirtuar as concepções daqueles corpos ali expostos. Segundo hooks (2019), Livingston comporta-se

[...] como se de algum modo tivesse feito um favor para essa subcultura gay [...] marginalizada ao apresentar a experiência deles a um público mais amplo. Tal postura obscurece as recompensas substanciais que ela recebeu por esse trabalho. (hooks, 2019, p. 274).

Para hooks (2019) o filme que mostra a cena do Ballroom dos anos 1980, por fim, acaba por transformar as expressões de corpos negros dissidentes em mercadoria, enfraquecendo a potência revolucionária dos bailes drag.

A classe trabalhadora tolerava e respeitava a subcultura gay que se desenvolvia em seu meio, prova disso seriam as interações entre queers e não queers, retratadas no trecho a seguir.

32

Berlim já havia ficado conhecida pela prostituição masculina desde antes da Primeira Guerra Mundial.

O mundo gay foi, além disso, notavelmente integrado na vida dos bairros operários onde surgiu. Os homens gays não apenas modelaram seus próprios clubes e eventos sociais nos de outros homens da classe trabalhadora, como também socializaram ampla e abertamente com os trabalhadores “normais”. A maioria dos salões que frequentavam era frequentada por uma multidão mista de homens gays e heterossexuais. Ainda que existissem gays suficientes para apoiar um salão exclusivamente gay.<sup>33</sup> (Chauncey, 1994, p. 44)

A citação acima trata de um contexto muito específico, ao mencionar o desenvolvimento de um mundo gay na cidade de Nova Iorque nas últimas décadas do século XIX. O autor se refere em especial aos territórios do Bowery e do Harlem, sendo que neste último ele realiza um importante recorte racial, em razão de se tratar de uma vizinhança negra. A realidade apresentada por Chauncey (1994) se distancia da forma como José Miguel Cortés (2008) descreve a relação entre gays e o território:

Talvez os gays tenham sido o único setor social minoritário capaz de engendrar uma densa rede de contatos, relações, encontros, etc.; os únicos que se empenharam em disputar determinadas e importantes parcelas de ocupação espacial; as únicas minorias que criaram as próprias “cidades” dentro da cidade genérica. (p. 160)

33

Do original: “The gay world was, moreover, remarkably integrated into the life of the working-class neighborhoods in which it took shape. Gay men not only modeled their own social clubs and events on those of other working-class men, but socialized extensively and overtly with “normal” workingmen as well. Most of the saloons they frequented were patronized by a mixed crowd of gay and straight men. This was not because there were too few gay men to support a separate gay saloon culture.”

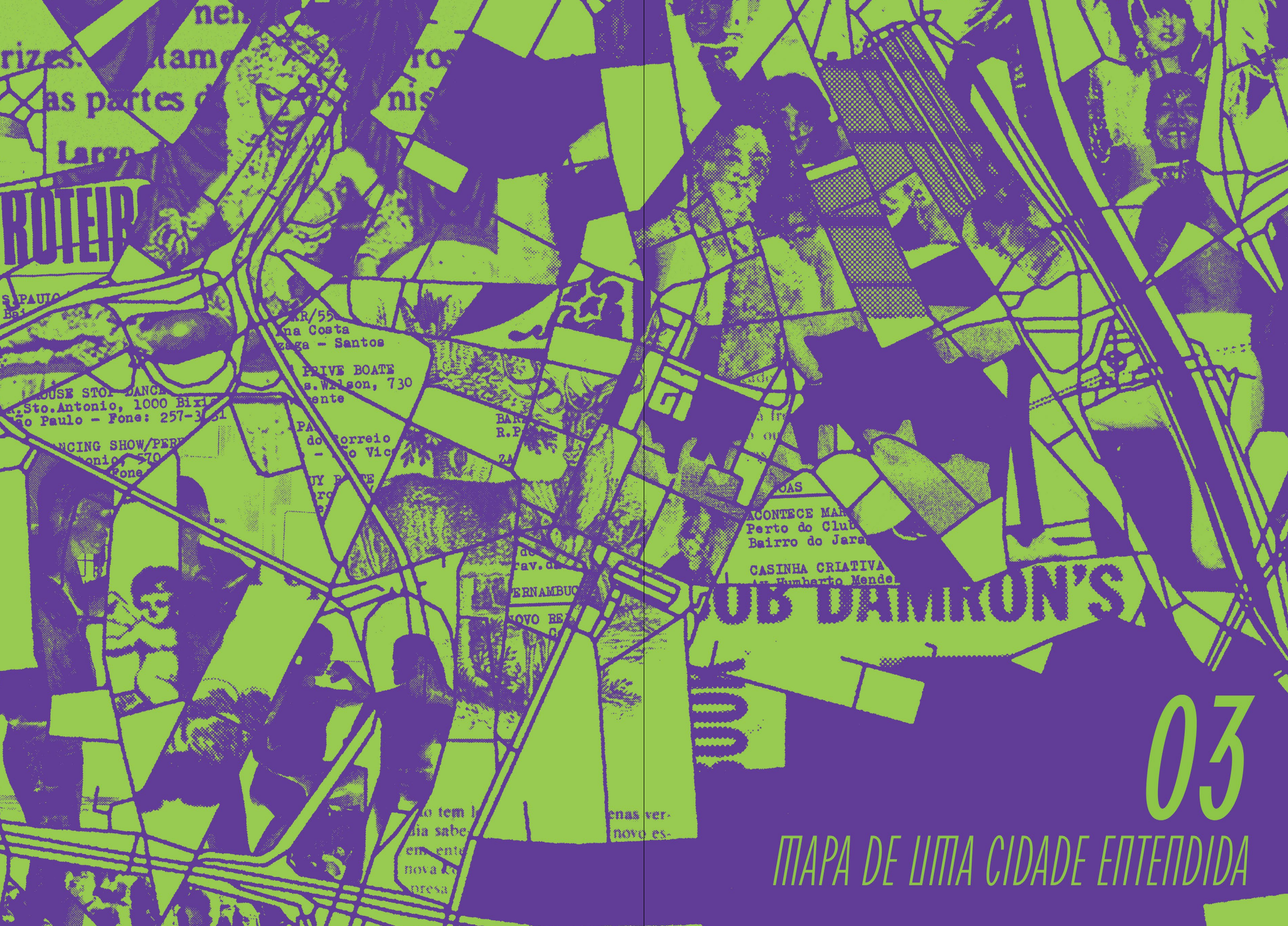


FIGURA 02/14 →

Divulgação do clube gay “Silhouette”, famoso em Berlim nos anos 1920 e 1930. Fonte: Beachy (2014, p. 375)

De fato acreditamos que os gays foram capazes de construir, organizar e divulgar uma “[...] rede de contatos, relações, encontros, etc. [...]” (Cortés, 2008, p. 160), rede esta que foi fundamental para a sobrevivência desses corpos. As pessoas LGBT foram e continuam sendo capazes de imaginar e criar um “sonho feliz de cidade” e provavelmente não são as únicas com essa capacidade, porém o espaço das cidades foi e continua sendo disputado por diferentes agentes. Nisso, é importante se questionar o seguinte: quando uma minoria, como a dos corpos sexualmente dissidentes, é capaz de criar a sua cidade dentro da cidade, isso se dá como parte de uma transformação propositiva que busca construir espaços mais democráticos e diversos ou isso ocorre sob a orientação de interesses capitalistas?

Com essa questão, por ora ainda aberta, fechamos os debates sobre a cidade e os grupos, para no próximo capítulo discutirmos o mapa e apresentarmos os mapeamentos dos espaços de lazer de homens e mulheres bi e homossexuais.



# RÓTEIRO

S. PAULO  
Beleza

HOUSE STOL DANCE  
R. Sto. Antonio, 1000 Bixiga  
São Paulo - Fone: 257-3351

DANCING SHOW/PERFORMANCE  
R. Sto. Antonio, 570  
São Paulo - Fone: 257-3351

BR/55  
Ana Costa  
Zaga - Santos

PRIVE BOATE  
R. Wilson, 730  
Santos

PAZ DO TORREIRO  
R. do Torreiro  
- São Vicente

CLUB DANCE  
R. do Torreiro  
- São Vicente

BAR  
R. P...

ZAR

PERNAMBUCO  
NOVO RE...



ACONTECE MAR...  
Perto do Club...  
Bairro do Jara...

CASINHA CRIATIVA  
Av. Humberto Mendel...

# CLUB DAMIRON'S

# 03

## MAPA DE UMA CIDADE ENTENDIDA

...o tem l...  
...ia sabe...  
...em ent...  
...nova to...  
...presa

...enas ver...  
...novo es...

**D**e acordo com o historiador, cartógrafo e geógrafo inglês Brian Harley (2009) “[...] os mapas são um meio de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens” (p. 3). A geógrafa Rosângela Doin de Almeida (2010), por sua vez, pontua que,

Para os cartógrafos, o mapa é uma representação da superfície da Terra, conservando com esta relações matematicamente definidas de redução, localização e de projeção no plano. Sobre um mapa-base, assim obtido, pode-se representar uma série de informações, escolhidas por interesses ou necessidades das mais diversas ordens: política, econômica, científica, educacional etc. (p. 13)

Mapas são formas de linguagem que, com o passar dos anos, evoluíram e se transformaram juntamente com o seu público, que se ampliou e ficou cada vez mais familiarizado com o léxico cartográfico.

No passado, reis, papas, imperadores, generais e outras figuras de autoridade patrocinaram a produção de mapas com o intuito de utilizá-los como parte da consolidação do poder político, religioso e social. Como exemplo, podemos notar que

Nos jornais, nas telas de televisão e nos inúmeros desenhos de sátira política, os chefes militares são sempre representados em frente aos mapas, para confirmar ou reafirmar àqueles que os olham o direito imprescritível ao poder sobre o território. (Harley, 2009, p. 15)

Hoje os mapas de alta precisão são produzidos por meio de imagens de satélite e disponibilizados pelas grandes empresas de tecnologia. Eles mudaram de suporte, deixaram os papéis e tecidos para serem acessados através das nossas telas luminosas e aparecem em sites e aplicativos de navegação, de transporte, de delivery e até mesmo de relacionamento. Utilizamos mapas no nosso dia a dia para procurar pontos de interesse, para compartilhar a nossa localização, para acompanhar a chegada de mercadorias ou serviços, para calcular nossas rotas e até mesmo para visualizar paisagens urbanas de outras cidades. Nisso,

Os mapas invadem de maneira invisível a vida cotidiana. Assim como o relógio, símbolo gráfico da autoridade política central, introduziu a “disciplina do tempo” nos ritmos dos trabalhadores da indústria, as linhas dos mapas, ditando a nova topografia introduziram uma “disciplina do espaço”. (Harley, 2009, p. 8)

Conforme argumenta Harley (2009), parece haver uma utopia estabelecida na sociedade de que os mapas seriam representações exatas, neutras e isentas da realidade. O autor afirma, porém, que por trás da criação de um mapa se esconde um conjunto de relações de poder que devem ser cuidadosamente analisadas, já que ele pode ser uma ferramenta de controle espacial, podendo auxiliar na consolidação de uma autoridade estatal, além de ser instrumento de vigilância e elemento de propaganda. Mapas podem validar uma disputa territorial, podem determinar permissões e proibições, podem facilitar ações governamentais, auxiliando na manutenção do *status quo*.

No entanto, o autor parece não acreditar que os mapas, que muitas vezes adquirem o *status* de mapas-leis – como é o caso daqueles que fazem parte dos planos diretores urbanos –, também podem propor requalificações, mudanças na estrutura social e urbana, diversificando e promovendo uma ocupação mais justa e igualitária dos espaços. Segundo ele,

Os mapas aparentemente objetivos se caracterizam também por manipulações freqüentes de seu conteúdo. A censura cartográfica implica uma representação intencionalmente errônea que visa a enganar os usuários potenciais, geralmente aqueles considerados como oponentes do *status quo* territorial. (Harley, 2009, p. 10)

Neste sentido basta lembrar de atualizações do Google Maps que “retiraram” favelas do Rio de Janeiro do mapa em 2013 (Favelas desaparecem de busca no Google Maps, 2013), apagamento que foi enfrentado pelo projeto “Tá no Mapa” da organização AfroReggae, que mapeou ruas e estabelecimentos das comunidades cariocas (Silveira, 2013). Além de suprimir informações, como no caso mencionado, os mapas também podem supervalorizar certos elementos, criando deformações na representação cartográfica (Harley, 2009).

Uma certa desconfiança de Harley (2009) com relação aos mapas aparece também quando ele não enxerga espaço para as expressões populares, os modos alternativos ou subversivos. Na sua visão, “mapas são essencialmente uma linguagem de poder e não de contestação” (Harley, 2009, p. 20). O pesquisador parece desconsiderar a produção de mapas vernaculares, ou produções como os mapas táteis Inuit relatados por Victor Papanek (1995).

Os mapas táteis produzidos com pedaços de madeira ou ossos de animais mapeiam a costa do território Inuit, auxiliando-os a se localizar numa paisagens cujas referências ambientais e geográficas são diferentes daquelas que estamos acostumados, são adaptações às condições extremas em que vivem e aos materiais disponíveis, excelentes para a utilização nas embarcações.

Cabe mencionar também as experiências cartográficas produzidas pela Internacional Situacionista através da sua psicogeografia. Como podemos ver nos textos de Jacques (2003) e Leonidio (2015), na ilustração “The Naked City: illustration de l’hypothèse des plaques tournantes em psychogéographique” de 1957, Guy Debord realiza uma colagem com recortes de um mapa da cidade de Paris e setas vermelhas para produzir um novo mapa – ou uma nova experiência – cuja função primordial não é descrever a morfologia do território, mas sim se tornar um “dispositivo de ações subjetivas” (Moreira, 2014, p. 38) a partir de paixões, afetos, eixos e fluxos dos sujeitos. Por meio de mapas subjetivos os situacionistas propõem uma nova forma, mais lúdica, de uso e ocupação da cidade.

A seguir apresentamos e discutimos alguns mapas que tratam da ocupação de corpos LGBT no território. São mapas que mostram não apenas espaços, mas que tratam também de fluxos, socializações, encontros e memórias. Mapas produzidos por pesquisadores, por organizações sociais, *startups* ou através de colaboração coletiva. Veremos mapas-múndi e mapas focados apenas numa única cidade, região ou país. Percebemos que nas últimas décadas tais iniciativas se popularizaram, o que, em parte, é devido à popularização do uso dos mapas em nosso cotidiano, que facilitou a compreensão desta linguagem, e de mecanismos de edição e criação de mapas.

FIGURA 03/02 ↓  
Ilustração “The Naked City: illustration de l’hypothèse des plaques tournantes em psychogéographique” de Guy Debord. Fonte: Jacques (2003, n.p.)

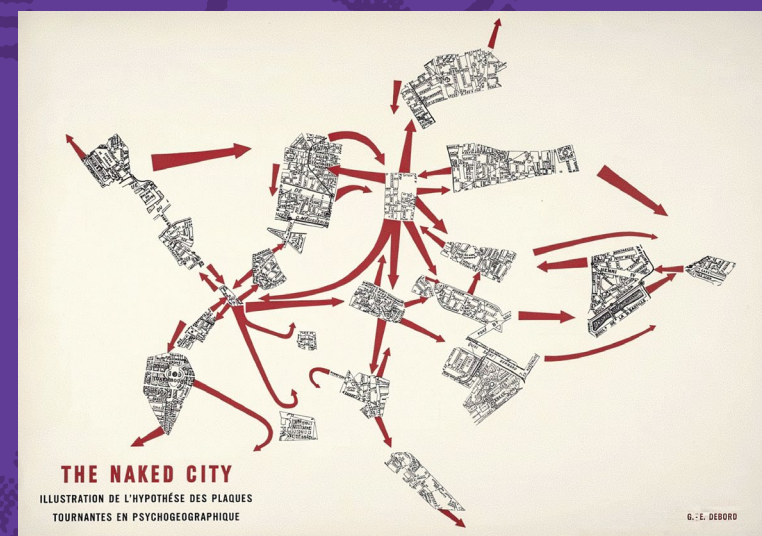


FIGURA 03/01 ↓  
Mapas táteis Inuit.  
Fonte: Papanek (1995, p. 258)



## 03/01 ALGUNS MAPAS

Serão apresentadas, de forma breve, dez iniciativas que tratam do mapeamento de espaços ocupados, utilizados ou frequentados por pessoas LGBT, são três mapas-múndi, quatro que focam no contexto estadunidense e três focados na realidade brasileira. Destacam-se as cidades de Nova Iorque, nos Estados Unidos, e São Paulo, no Brasil, como focos deste projeto.

O levantamento dessas iniciativas foi realizado com o intuito de buscar mapeamentos de espaços LGBT que já tivessem sido realizados anteriormente. A partir da análise desses diferentes mapas foi possível identificar metodologias de trabalho que incluíam estratégias de categorização e apresentação dos dados, que auxiliaram na produção do mapa “cidade entendida”. A pesquisa de similares comprovou que o mapeamento produzido para a pesquisa é inédito no contexto brasileiro ao mesmo tempo que está alinhado com projetos desenvolvidos para as cidades de St. Louis e Nova Iorque nos Estados Unidos, como veremos a seguir.

07

Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <https://www.queeringthemap.com/>

## 03/01/01 QUEERING THE MAP

Em 2017 o designer canadense Lucas LaRochelle lançou o “Queering the Map”<sup>01</sup>, que se apresenta como uma plataforma de “contra-mapeamento” cujo objetivo é gerar uma documentação digital da experiência LGBTQ2IA+ (Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, Questioning, Two-Spirit, Intersex, Asexual and more) localizada no território. O nome em tradução para o português significa algo do tipo: “Tornando o Mapa Queer”.

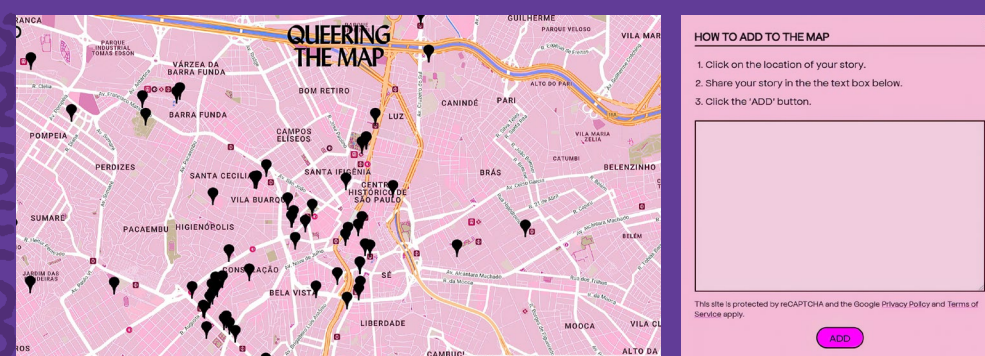
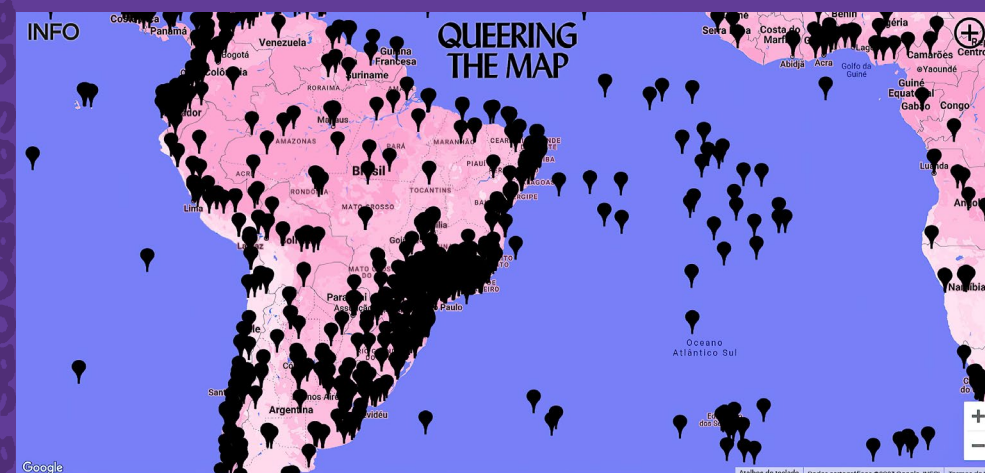
O projeto utiliza como mapa-base os gráficos do Google Maps, que recebem um filtro rosa. Na tela vemos um mapa-múndi com inúmeros pins pretos espalhados por todo lugar, com alta densidade nos Estados Unidos e no continente europeu, os pins mudam de cor e ficam rosa quando o cursor passa sobre eles. Trata-se de uma produção comunitária, cada pin guarda uma pequena crônica da vida queer, e os usuários podem escolher um ponto no mapa para compartilhar suas histórias, dentre as quais destacamos encontros, histórias de “saídas do armário”, termos de relacionamento, episódios violentos etc. Essas inserções passam por moderação, que filtra discursos de ódio, preconceitos e spam antes de ficarem disponíveis e transformarem o mapa em um grande arquivo da vida queer.

Em 2019, conforme Lucas LaRochelle (2019), seu idealizador, a plataforma já teria mais de 80 000 contribuições em 23 idiomas diferentes. Ele assume, contudo, que o resultado pode parecer bagunçado, contraditório e confuso, mas que isso faz parte da produção coletiva e que o projeto marca a presença desses corpos no território, em ruas, praças, parques, casas e diversos espaços, urbanos ou não, criando uma plataforma para relatos que muitas vezes são invalidados, contestados ou apagados em outros meios. “Queering the Map” inclusive já foi atacado por apoiadores do presidente Trump, que incluíram *pop-ups* com as mensagens “Donald Trump melhor presidente” e “Make America Great Again” (Abraham, 2018).

A plataforma é intuitiva e de fácil utilização, o mapa-base do Google facilita a experiência por já estarmos habituados com a sua interface. O filtro rosa marca uma diferença, de modo que percebemos que, apesar de estarmos utilizando a base do Google, trata-se de um outro tipo de mapa.

↓ FIGURAS 03/03-06

Interface do projeto “Queering the Map”. Fonte: Queering the Map



onde conheci o primeiro menino que eu fiquei na vida, foi a melhor sensação do mundo, e saudades de todos os momentos em que passamos juntos



03/01/02 PLACES OF PRIDE

02

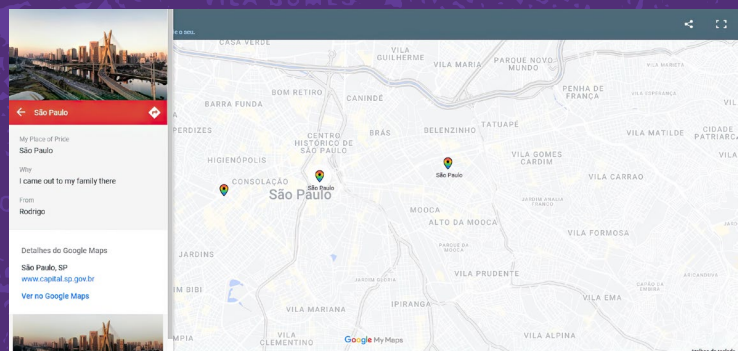
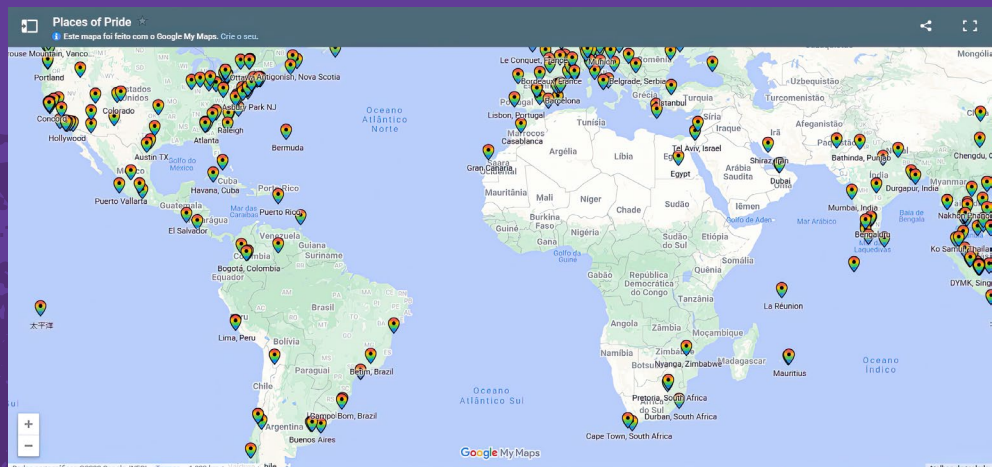
Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <https://www.google.com/maps/d/u/0/view?mid=1a440C7dYGE3w7n06Ftrp7LtiU&ll=2.8093203229267796%2C0&z=2>

03

Do original: "a public collection of places that reflect cherished memories and personal triumphs of love and pride – from you, the LGBTQI Community and beyond".

"Places of Pride"<sup>02</sup>(do português, "Lugares de Orgulho") parece ter uma proposta bem semelhante ao "Queering the Map". O projeto se descreve como "uma coleção pública de espaços com memórias queridas e triunfos pessoais de amor e orgulho da comunidade LGBTQI" (*Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Queer, Intersex*)<sup>03</sup>. O mapa foi lançado em 2016 e apresenta um número de inserções bem menor do que a plataforma apresentada anteriormente, não sendo possível identificar autoria ou responsabilidade pela sua produção ou divulgação.

O mapa também utiliza a base do Google Maps, mas dessa vez sem nenhum filtro ou edição. Os *pins* são coloridos numa alusão à bandeira LGBT, alguns apresentam descrições que justificam a sua inclusão no mapa, mas outros não. Estas descrições, por sua vez, são escritas em idiomas variados, não havendo um padrão na descrição dos pontos, o que sugere uma contribuição colaborativa de diferentes pessoas. A utilização da plataforma também é bem fácil e intuitiva. No momento dos testes, porém, ele se encontrava fechado para edição, ou seja, não conseguimos acrescentar novos *pins*.



FIGURAS 03/07-08 Interface do projeto "Places of Pride". Fonte: Places of Pride

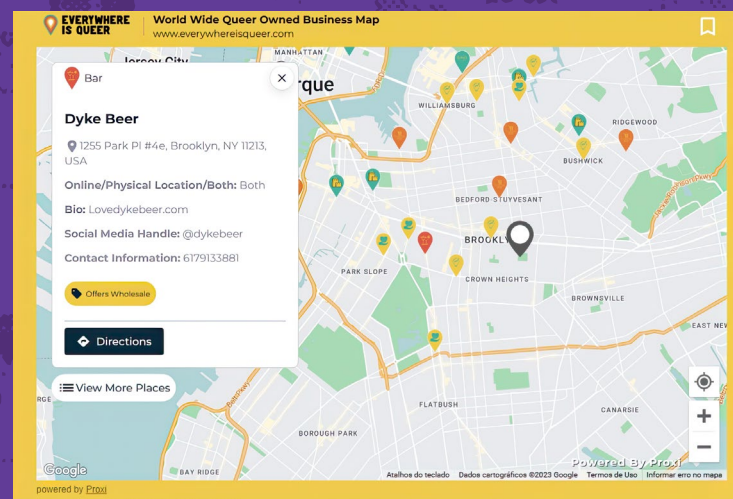
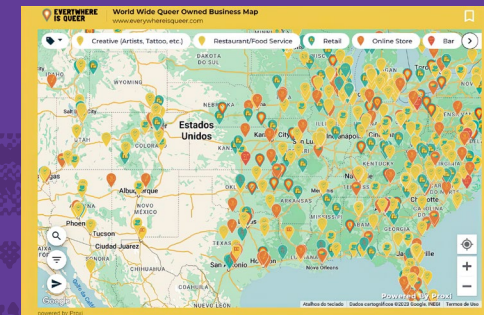
03/01/03 EVERYWHERE IS QUEER

O projeto "Everywhere is Queer"<sup>04</sup>, fundado por Charlie Sprinkman, conta com uma descrição breve em seu *website*, em que seu idealizador fala sobre suas viagens e da constante procura por espaços queer em diferentes cidades. O mapa apresenta empresas pertencentes a pessoas queer. Para fazer parte do mapeamento, você deve se aplicar no próprio site, que conta também com uma plataforma de oferta de empregos e uma loja *online*, na qual é possível realizar doações para o projeto.

O mapa utiliza uma base do Google Maps e, segundo as descrições, apresentaria pontos em todo o mundo. O que observamos, no entanto, é uma grande densidade de locais nos Estados Unidos e na Europa (fato que também ocorreu com o "Queering the Map"). Os locais são divididos nas seguintes categorias: criativos (artistas e estúdios de tatuagem); restaurantes e comida; comércios; lojas *online*; bares; fazenda e cuidado com animais; terapeutas; academias; acampamentos de verão ou recreação ao ar livre; cabeleireiros e barbeiros; bem-estar; imobiliária; suporte legal e financeiro; e outros. São mais de 1 500 pontos nos EUA e é possível fazer a busca por nomes.

04

Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <https://www.everywhereisqueer.com/>



FIGURAS 03/09-11 Interface do projeto "Everywhere is Queer". Fonte: Everywhere is Queer

## 03/01/04 MAPPING LGBTQ ST. LOUIS

O projeto “Mapping LGBTQ St. Louis”<sup>05</sup>, iniciado em 2016 na Washington University in St. Louis com financiamento da Mellon Foundation, foi liderado por Andrea Friedman e Miranda Rectenwald e contou com a participação de mais 20 pesquisadores, entre especialistas e assistentes. A equipe começou com uma lista de bares, restaurantes e outros estabelecimentos frequentados por pessoas LGBT, previamente compilados por uma organização local. Isso foi feito para, então, mapear qualquer espaço que de alguma forma fosse frequentado por indivíduos que não se encaixavam na sociedade heteronormativa – com esforço para incluir locais que também refletiam diversidade econômica, racial e de classe – no intervalo temporal que vai de 1945 a 1992 na Cidade de St. Louis e em sua região metropolitana entre os estados de Illinois e Missouri, nos Estados Unidos. A expectativa expressa na página do projeto é de que ele possa crescer ao estimular mais pesquisas que expandam o recorte espacial e temporal das informações mapeadas.

05

Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <https://wustl.maps.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=45bb4d-c80bb4890a6759112923b6d5f>

06

Do original: “protect individuals against discrimination because of race, marital status, familial status, sexual orientation, sex, color, age, religion, disability, national origin or ancestry, or legal source income”.

07

Destacamos que, para etapas futuras da pesquisa aqui apresentada, o acesso às listas telefônicas pode ser importante na localização de alguns pontos, cujos endereços não puderam ser confirmados, ou mesmo para acompanhar as mudanças geográficas de alguns estabelecimentos ao longo dos anos.

Esse recorte temporal foi determinado em um extremo pelo fim da Segunda Guerra Mundial (1945), momento em que a região passou por grandes transformações econômicas e populacionais, e no outro extremo pelo ano de 1992, em que a cidade de St. Louis aprovou o Decreto 62.710 de não discriminação que “protege indivíduos contra discriminações de raça, estado civil, situação familiar, orientação sexual, sexo, cor, idade, religião, deficiência, nacionalidade ou ascendência e fonte de renda”<sup>06</sup>.

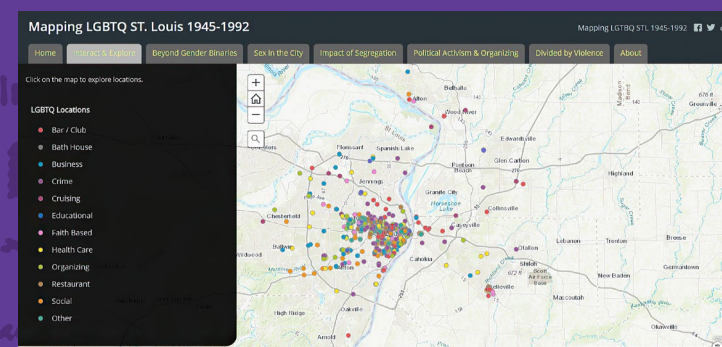
Para o desenvolvimento desse trabalho os pesquisadores, liderados por Andrea Friedman e Miranda Rectenwald, utilizaram fontes primárias, com busca de materiais em arquivos digitais, consultas a publicações gays e lésbicas, guias de viagens e listas telefônicas que foram especialmente úteis na checagem dos endereços<sup>07</sup>. Os pesquisadores tiveram à sua disposição gravações de histórias orais e entrevistas que faziam parte de acervos públicos e que foram relevantes para preencher algumas lacunas, por fim também recorreram a debates online em grupos de Facebook para resolver certas ambiguidades.

Além disso, os pesquisadores criaram tabelas com as informações coletadas na pesquisa, elas mostravam os anos de funcionamento, as mudanças de nomes e de local, e indicavam a data de fechamento dos estabelecimentos. As tabelas apresentaram muitas lacunas de informação sobre esses espaços e destacaram que os locais voltados para mulheres e pessoas trans estavam especialmente subdocumentados. O projeto “Mapping LGBTQ St. Louis” identificou bares, clubes, saunas, bailes de *drag*, comércios, centros comunitários, centros de saúde, espaços religiosos, grupos de apoio, locais públicos de encontro sexual, locais de crimes e outros, documentando um grande número de espaços. Sempre que possível eles foram localizados de forma precisa, ocorreram casos, no entanto, em que foi necessária uma indicação aproximada do local a partir da pesquisa realizada.

Com a organização das informações, esse projeto produziu um mapa em uma base ArcGIS dentro da plataforma StoryMaps<sup>08</sup>, que disponibiliza alguns templates e permite um certo nível de personalização, ainda assim o código HTML/CSS da página foi customizado para aproximar o mapa da linha editorial do projeto “Mapping LGBTQ St. Louis”. O resultado final é um mapa com pontos coloridos divididos em 12 categorias: bar/club, sauna (casa de banho), comércio, crime, cruising, educacional, espaços de fé, assistência à saúde, organizações, restaurante, social, e outros. Ao clicar no ponto é exibida uma pequena caixa com informações sobre o local – localização, tipo de espaço, datas, breve descrição e em alguns casos imagens e indicação de links para mais informações. Além do mapa é disponibilizada também uma animação que possibilita ver o número de espaços aumentando ao longo das décadas. O uso do mapa é intuitivo e simples, mas seria interessante poder filtrar os pontos isolando-os de acordo com as categorias ou datas, por exemplo.

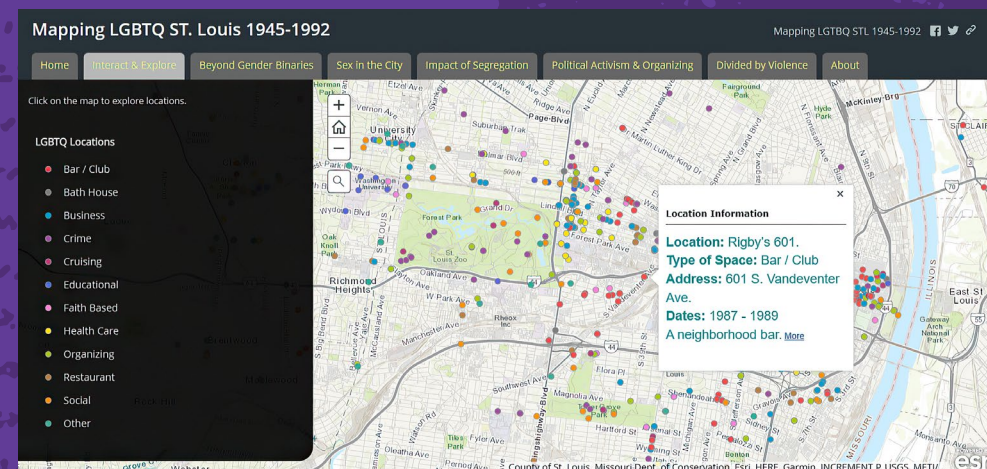
08

Cf. <https://storymaps.arcgis.com/>



FIGURAS 03/12-13

Interface do projeto “Mapping LGBTQ St. Louis”. Fonte: Mapping LGBTQ St. Louis



## 03/01/05 MAPPING GAY GUIDES

O projeto “Mapping the Gay Guides” (MGG)<sup>09</sup> também se dedica ao estudo das geografias queer. Desenvolvido pelos professores Amanda Regan e Eric Gonzaba com a participação de outros 19 pesquisadores – alunos de graduação e pós-graduação – e com o apoio da California State University Fullerton e da Clemson University, esse projeto tem como objetivo principal mapear os espaços encontrados nos guias de viagem, voltados ao público gay, conhecidos como “Bob Damron’s Address Book”.

Bob Damron foi proprietário de bares gays na cidade de São Francisco e ao longo dos anos, enquanto cuidava dos negócios, passou a catalogar outros espaços gays no país. A primeira edição do guia foi publicada por ele em 1964, com uma tiragem de 3.000 cópias. Desde então, os guias se tornaram publicações anuais e auxiliaram as pessoas a identificar locais receptivos à comunidade LGBTQ.

O trabalho dos pesquisadores começou com a digitalização dos guias e a tabulação das informações encontradas. Os locais publicados eram organizados por estado e cidade, na maioria das vezes tinham a indicação de endereço, uma breve descrição e a indicação do que Bob chamou de “amenidades”, tratava-se de um sistema de códigos que caracterizavam os locais, como “AH” para “After Hours”, que indicava estabelecimentos cujo funcionamento se estendia pela noite e madrugada, ou “M” de “Mixed”, para indicar que nos locais havia também uma presença heterossexual.

No ano de 2019 foi lançada uma versão preliminar do projeto, que mapeava apenas os espaços situados no estado do Alabama, e, em fevereiro de 2020 o projeto foi oficialmente inaugurado com locais do sul dos Estados Unidos. Nos meses seguintes, com o projeto já no ar, foram sendo adicionados os locais e as informações de outros estados. Em 2021 o projeto recebeu um investimento do National Endowment for the Humanities, permitindo a continuação e ampliação do seu escopo, quando se expandiu o recorte temporal da pesquisa, que totaliza, no ano de 2023, 785 espaços mapeados.

No mapa interativo, produzido através de uma base ArcGIS (Sistema de Informação Geográfica), os espaços são todos identificados com pins azuis, que reagem ao clique mostrando um pequeno card com: nome, localização (cidade/estado), descrição, tipologia e amenidades apresentadas pelo guia. A categoria “tipologia” não constava nos guias, mas foi adicionada pelos pesquisadores, e dela fazem parte as subcategorias: bar/club, hotéis, igrejas, teatros, restaurantes, negócios, saunas, livrarias e áreas de *cruising*. O usuário pode escolher filtros para ano, localização, tipologia e amenidades, o que auxilia na visualização e análise das informações.

Logo abaixo do mapa fica disponível uma tabela que mostra a lista de espaços com a tabulação das informações dos *cards* e o *status* da localização (verificada ou não). Alguns espaços indicados nos guias não puderam ser localizados de forma precisa, seja porque o guia indicava que era necessário “perguntar no local” ou pelo fato de os endereços

09

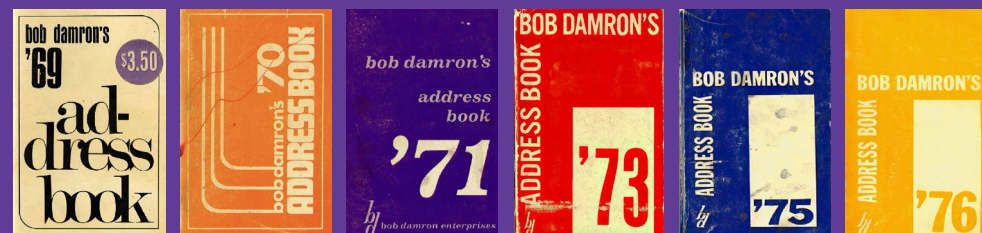
Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <https://www.mappingthegayguides.org/viz/map/>

estarem incompletos, o que demandava um trabalho de verificação. Os pesquisadores alertam que mesmo os espaços que não foram localizados foram incluídos, para demonstrar o crescimento no número de espaços LGBTQ ao longo dos anos, ainda sabendo que isso poderia complexificar a interpretação. Para resolver este possível problema foi incluído um filtro que permite apenas a exibição dos locais verificados.

O projeto tem um código aberto e possui uma interface amigável e de fácil utilização. Na visualização com pouco zoom os espaços são agrupados em círculos coloridos, sem que as cores estejam associadas a nenhuma categoria. Esse agrupamento auxilia na visualização e evita que os *pins* cubram a imagem dos territórios, já que eles só começam a aparecer à medida que aumentamos o *zoom* da imagem.

↓ FIGURAS 03/14-19

Capas do Bob Damron's Address Book.  
Fonte: Mapping the Gay Guides (2022, n.p.)



FIGURAS 03/20-22 ↓

Interface do projeto “Mapping the Gay Guides”.  
Fonte: Mapping the Gay Guides

**Mapping the Gay Guides**

This map may take a moment to load.

Choose a location: All locations

Choose an amenity feature: Show all

Choose a location type: Show all

Show only verified locations

Reset Filters

The map to the right displays the location of each entry in Bob Damron's Address Book between 1965 and 1980 along with information about how the locations were classified by the Damron Corporation. The dropdown menus above and the slider to the right can be used to filter the data by state, amenity feature, location type, or year.

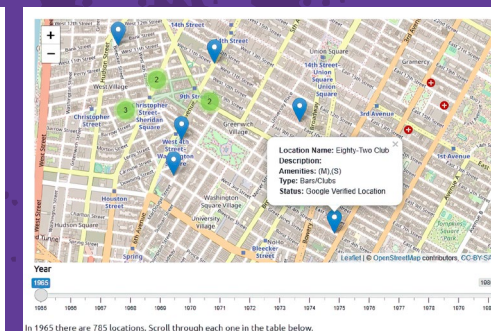
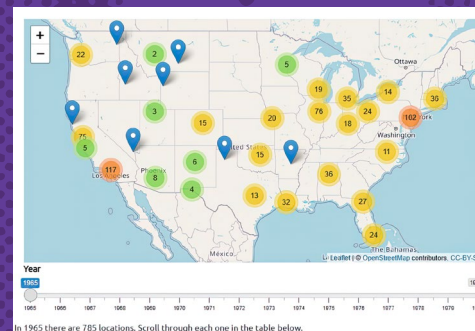
You can learn more about Bob Damron's Address Books and our methodology for mapping these locations on our methodology page.

Year: 1965

In 1965 there are 785 locations. Scroll through each one in the table below.

Show 50 entries

Search:



## 03/01/06 AN EVERYDAY QUEER NEW YORK

Os mapas disponibilizados pela plataforma “An Everyday Queer New York”<sup>10</sup> (do português, “Um Cotidiano Queer em Nova Iorque”) fazem parte das pesquisas realizadas para o livro “A queer New York: Geographies of lesbians, dykes and queers” (2020) da pesquisadora Jen Jack Giesecking, que teve como fontes principais os arquivos do “Lesbian Herstory Archives”, situado no Brooklyn, e entrevistas realizadas com 47 lésbicas que viveram entre 1983 e 2008. Giesecking contou com o apoio de mais de uma dezena de outras/os pesquisadoras/es e com bolsas e financiamentos de uma série de instituições entre 2008 e 2021, condições que segundo ela foram fundamentais no desenvolvimento do projeto. A pesquisa tabulou tanto as organizações sociais quanto os espaços frequentados por lésbicas e pessoas queer no intervalo temporal de 1983 a 2008. A pesquisadora demonstra consciência de que nenhum mapa será capaz de tornar visível toda a história queer, pois as vidas desses corpos são muito complexas e dinâmicas para serem mapeadas em pontos fixos e linhas.

Foram produzidos dois mapas interativos e muito interessantes através de uma base ArcGIS. Um primeiro focado nas organizações, que utiliza um fundo cinza claro e quadrados para a identificação dos pontos em seis cores diferentes, para cada uma das seguintes categorias: eventos, correspondência, marchas/passeatas, encontros, escritórios e *zap*<sup>11</sup>, os pontos ainda estão classificados nas seguintes subcategorias: ativismo (*zaps*/ações diretas); etárias (juventude ou terceira idade); AIDS; anticapitalistas; antiguerra ou antimilitares; artes; coalizão / aliança; pessoas com deficiência; meio ambiente; família, casamento e adoção; feministas; e saúde (física e mental).

Além da possibilidade de filtrar as informações dos mapas dentro das categorias e subcategorias, é possível acrescentar no mapa uma camada com uma das seguintes informações demográficas: valor habitacional médio; renda familiar média; aluguel bruto médio; porcentagem de pessoas brancas, pretas, hispânicas ou estrangeiras; e porcentagem de pessoas com diplomas universitários.

Ao passar o cursor sobre os quadrados, surge um pequeno balão com a identificação do ponto, seu ano de fundação e de encerramento e ao clicar surge um balão com descrições detalhadas sobre aquela organização, com período em que esteve em atividade, tipo, descrição, foco, endereço e escala dos esforços.

O segundo mapa – em construção – está focado nos espaços para lésbicas e queers, coletados a partir da pesquisa em 25 publicações lésbicas. Ele difere do primeiro por ter um fundo cinza escuro e pontos marcados em círculos. As categorias apresentadas em diferentes cores são: bar/festa LGBTQ; negócio LGBTQ; espaços políticos; espaços para socialização; serviços; bar/festa; negócio; e eventos. Ao passar o cursor sobre o ponto ele fica vermelho e ao clicar aparece um balão com informações básicas – menos detalhadas do que no primeiro mapa como: categoria, alguns

10

Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <http://jgieseking.org/AQNY/the-maps/>

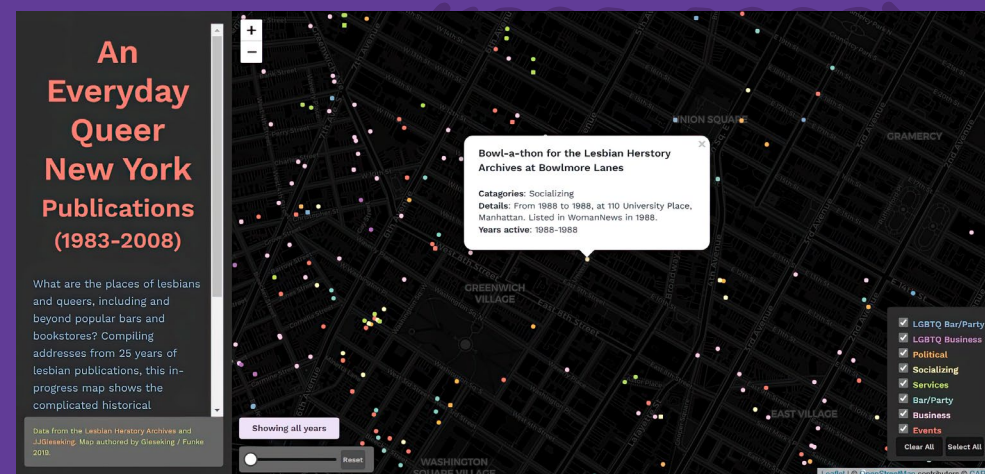
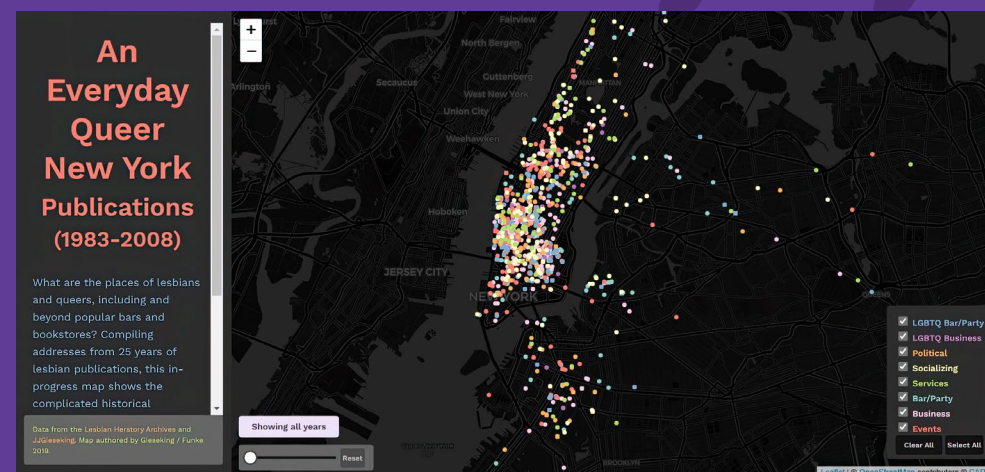
11

Cf. Zap (action) (2023).

detalhes e anos de funcionamento. Em ambos os mapas é possível filtrar as informações ano a ano.

A possibilidade do uso de filtros e o cruzamento com dados demográficos tornam os mapas do projeto “An Everyday Queer New York” ricas fontes de análise de dados. Para Giesecking (2020) os mapas podem ser utilizados juntamente com o livro, como um reforço visual, mas também é possível começar com as informações do mapa e depois partir para o livro.

# An Everyday



### FIGURAS 03/23-24

Interface do projeto “An Everyday Queer New York”.  
Fonte: An Everyday Queer New York

lesbian publications, this in-progress map shows the complicated historical

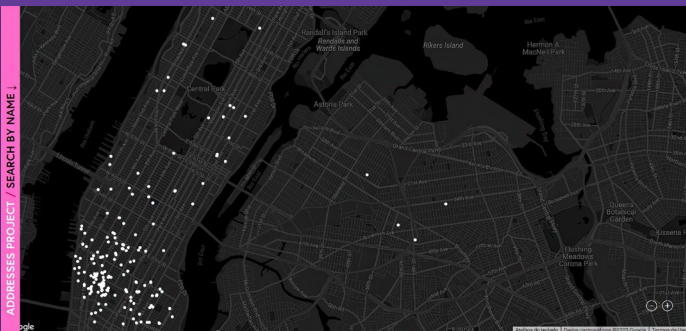
03/01/07 ADDRESSES PROJECT

12

Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <https://addressesproject.com/map>

O mapa "Addresses Project"<sup>12</sup>(do português, "Projeto Endereços") investiga espaços lésbicos na cidade de Nova Iorque do início dos anos 1990 até os dias atuais. Os pesquisadores Gwen Shockey, Riya Lerner e Zak Green recorrem a histórias orais, entrevistas e documentos sobre a história do movimento pelos direitos LGBT para realizar o mapeamento. O projeto recebeu financiamento do coletivo Dyke Bar Takeover e aceita doações particulares.

O mapa utiliza uma base do Google Maps com o fundo escuro, na qual os espaços são marcados com pequenos pontos brancos, ao clicar neles a plataforma abre uma coluna lateral com informações adicionais. Muitos pontos ainda estão incompletos, indicando um trabalho em progresso. A interface lembra bastante a do "An Everyday Queer New York", que inclusive é mencionado como uma das referências para o projeto.

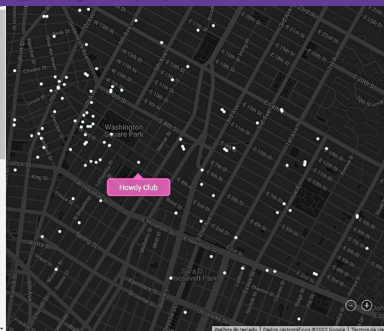


**HOWDY CLUB**  
47 WEST 3RD STREET, NEW YORK, NY  
OPEN IN THE 1940S  
Image forthcoming!

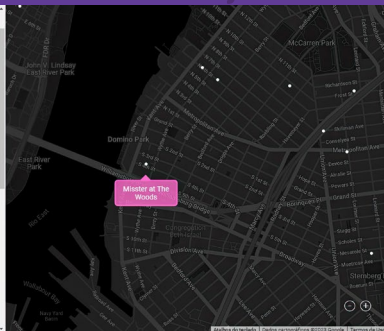
“The Village belonged to the girls. The boys weren't here. The boys were uptown and in Central Park and who knows where! We don't care where they were. So, Gail went to all these places and somebody told me that when you went to these places if somebody thought you looked interesting they would ask you if you wanted to work at... like the Howdy Club for instance. So, she did. As Buddy Bubbles Kent said, 'The mafia was very good to the gay girls.' Gail was, as her girlfriend Eileen said, 'A glorified waitress.' [Laughing]”

— LISA DAVIS, INTERVIEW WITH GWEN SHOCKEY, 2020  
Read Lisa Davis's Oral History Interview

“There were also clubs with similar floor shows in...”



**MISSTER AT THE WOODS**  
48 S 4TH STREET, BROOKLYN, NY  
ACTIVE FROM 2012 TO THE PRESENT (THE WOODS IN 2018, PICTURED)



...RK, NY  
The boys weren't here. Central Park and who were. So, Gail went to what when you went to looked interesting they like the Howdy Club as her girlfriend Eileen

FIGURAS 03/25-27 Interface do "Addresses Project". Fonte: Addresses Project

03/01/08 NOHS SOMOS

O mapa LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais e mais) da "Nohs Somos"<sup>13</sup> também utiliza como base os gráficos do Google Maps e apresenta espaços frequentados por pessoas LGBTI+, que avaliam e comentam os mesmos, o que estimula a criação de uma rede segura para a comunidade. A ideia teria surgido em 2018, quando a organização era um coletivo em Florianópolis - SC e tinha como objetivo, que se mantém até os dias atuais, utilizar a tecnologia como aliada contra a LGBTfobia. Segundo dados disponibilizados pela "Nohs Somos" são mais de 600 cidades cadastradas no mapa e mais de 7 700 lugares avaliados. Em 2019 a "Nohs" Somos passa a se definir como uma startup de impacto social recebendo investimentos financeiros e estabelecendo parcerias com grandes empresas como Ambev e L'Oréal.

13

Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <https://mapalgbti.nohsomos.com.br/addressesproject.com/map>

FIGURA 03/28 →

Avaliação "por letra" dos estabelecimentos no mapa LGBTI+ da "Nohs Somos".  
Fonte: Nohs Somos

Avaliação por letra

4.9 - Bissexuais    4.7 - Gays    4.8 - Lésbicas

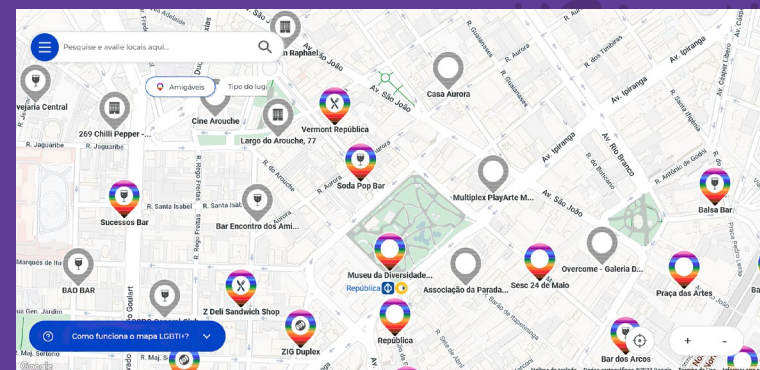
4.4 - Outras    4.5 - Pansexuais    5 - Héteros

Neste local as pessoas se sentem

À vontade (14)    Bem (5)

FIGURAS 03/29-30 ↘

Interface do mapa LGBTI+ da "Nohs Somos".  
Fonte: Nohs Somos.



**Vermont República**  
4.6 ★★★★★  
Restaurantes · 14 avaliações · 5 comentários  
Av. Moisés de Carvalho, 900 - República, São Paulo - SP, 01270-000, Brasil

Como chegar? Entenda a avaliação

Selecione

Esopo LGBTI+ (0)

Avaliação por letra

5 - Bissexuais    4.5 - Gays    4.5 - Lésbicas

5 - Pansexuais    4.5 - Héteros    5 - Transexuais

Salba Mais

Vermont República 4.6 ★★★★★ (14 avaliações)

Soda Pop Bar 4.8 ★★★★★ (12 avaliações)

Caneca de Prata 4.8 ★★★★★ (31 avaliações)

Dedalo

Para acessar o mapa, também chamado de “Bares de Respeito” – o que reforça a parceria da *startup* com a Ambev –, é necessário fazer um cadastro informando identidade de gênero, orientação sexual, data de nascimento, cidade onde vive e criar um *login* com *e-mail* e senha. Na plataforma os locais são avaliados de 0 a 5 estrelas e com isso são categorizados em “amigáveis”, recebendo um *pin* com as cores do arco-íris, quando sua avaliação está entre 4 e 5 estrelas; lugares imparciais com avaliação entre 3 e 3.9 estrelas; lugares não amigáveis com pontuação abaixo de 3 estrelas; e lugares sem pontuação. A plataforma permite que você veja a média da pontuação do local por grupo que realizou a avaliação, entendendo que alguns espaços podem ser amigáveis para homens gays, mas não sejam tão receptivos às pessoas trans, por exemplo.

Os locais são divididos em doze categorias de acordo com os usos: restaurantes, cafés, saúde e bem-estar, supermercados, parques, serviços, hotéis, *shoppings*, conveniência, arte e cultura, bares e baladas, e outros; e quatro subcategorias de acordo com a faixa de preço dos serviços. A plataforma permite a aplicação de filtros, ou seja, o usuário pode determinar que o mapa mostre apenas “hotéis amigáveis” por exemplo.

Os locais podem receber “selos” a partir das suas avaliações, por exemplo: espaço LGBTI+, antirracista, atendimento acolhedor, público respeitoso, trans amigável, melhor custo-benefício, e produto/serviço de qualidade. É interessante observar como ocorre uma mistura entre pautas políticas com características relacionadas ao preço e aos serviços prestados. Em São Paulo me parecem poucos os espaços mapeados e avaliados, especialmente quando posicionamos o mapa na região entre a Praça da República e a Av. Paulista. Nos testes a plataforma apresentou alguns travamentos, sendo necessária a atualização da página.

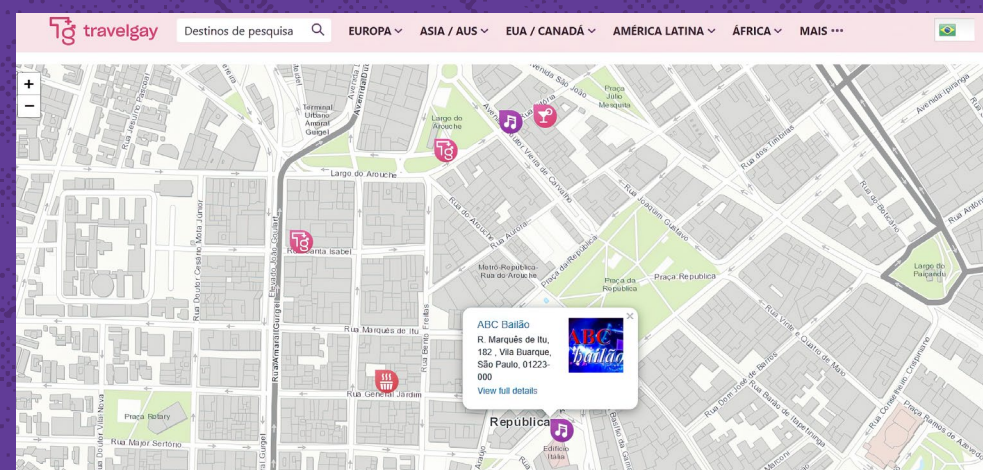
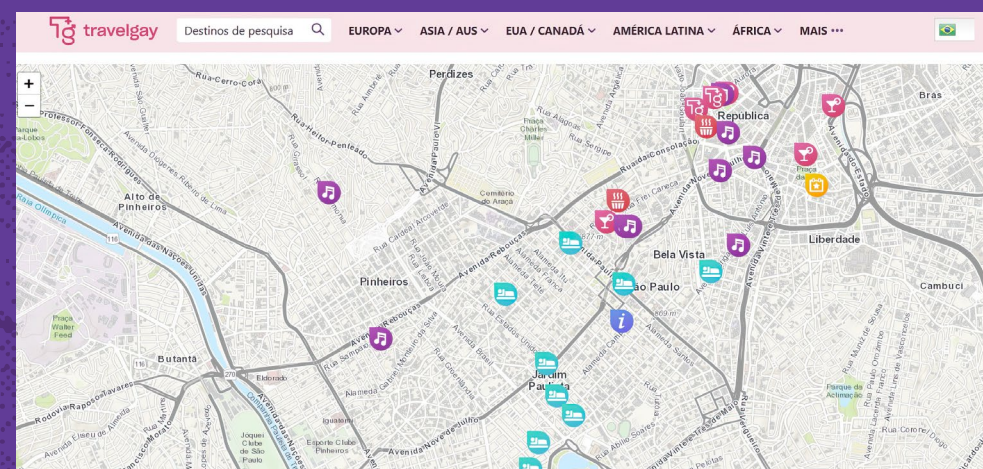
## 03/01/09 SÃO PAULO GAY MAP 2023 - TRAVEL GAY

O domínio “Travel Gay”<sup>14</sup>, que pertence à companhia inglesa OUT4YOU, desde 2011 disponibiliza informações *online* voltadas para turistas gays com o objetivo de ajudá-los a encontrar bares, boates, saunas, *spas*, praias, lojas, hotéis e outros serviços durante as suas viagens. No site é possível encontrar mapas de diferentes cidades do mundo, todos produzidos a partir de uma base ArcGIS. No Brasil estão disponíveis mapeamentos para: Florianópolis, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

O *site* disponibiliza poucas informações sobre a criação dos mapas, e no caso de São Paulo o material aparenta estar desatualizado, com estabelecimentos que já não estão funcionando e com um número relativamente pequeno de pontos, sendo que nove são hotéis, de um total de trinta locais.

<sup>14</sup>

Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <https://pt.travelgay.com/S%C3%A3o-Paulo-gay-mapa/>



### FIGURAS 03/31-32 ↑

Interface do mapa “São Paulo Gay Map 2023 - Travel Gay”.  
Fonte: São Paulo Gay Map 2023 - Travel Gay

03/01/10 #MAPALGBT - VOTELGBT

A organização "Vote LGBT"<sup>15</sup> atua desde 2014 com o objetivo de aumentar a representatividade LGBT+, especialmente no ambiente político nacional. Desde 2016 atua também com pesquisas e em 2019 iniciou o mapeamento de espaços acessíveis a pessoas LGBT na cidade de São Paulo. Segundo a organização, o mapeamento não inclui apenas espaços físicos, mas também grupos, festas, equipamentos públicos, centros de referência, espaços de cultura, esporte, jogos, grupos religiosos, serviços de saúde, e mais. Dentro do próprio site é possível contribuir com a identificação de novos espaços. Apesar de se anunciar como um mapa, trata-se na verdade de uma lista desses itens, sem categorização, com uma breve descrição e links para mais informações<sup>16</sup>.

15

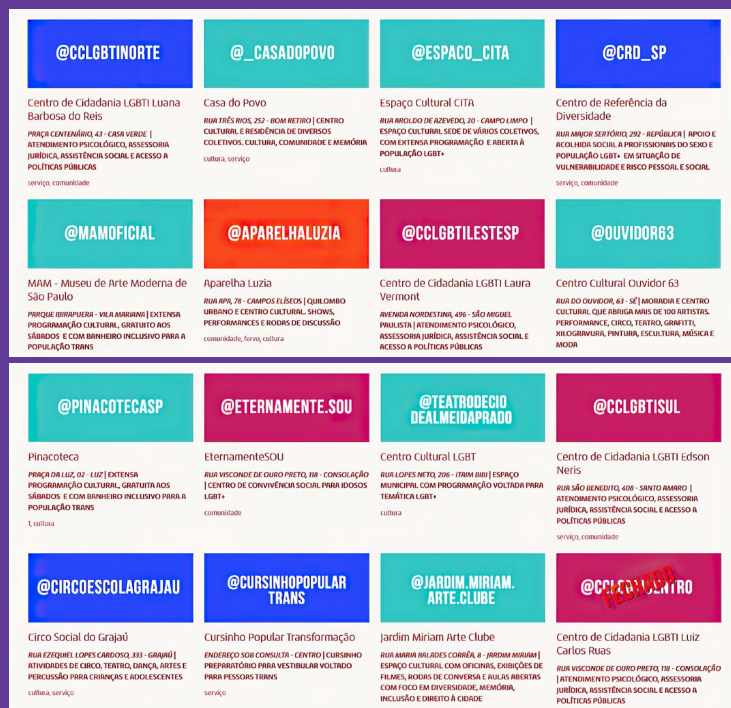
Para a análise e descrição do projeto foram utilizadas as informações disponíveis na plataforma acessível em <https://votelgbt.org/mapa>

16

Durante o desenvolvimento desta pesquisa a plataforma foi atualizada e em abril de 2023 passava a exibir o "mapa lgbt+ abc" que utilizando uma base Google Maps apresenta espaços voltados para a população LGBT+ na região do ABC paulista – Santo André, Diadema, Mauá, São Caetano do Sul, Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires e São Bernardo do Campo – subdivididos em sete categorias: assistência, política, fervero, sociabilidade, cultura, atividade física e religião.

FIGURAS 03/33-34

Interface do "#MapaLGBT - VoteLGBT". Fonte: #MapaLGBT - VoteLGBT



Os projetos apresentados mostram diversas estratégias e iniciativas para o mapeamento de espaços LGBT no espaço. "Addresses Project", "Na Everyday Queer New York", "Mapping Gay Guide" e "Mapping LGBTQ St. Louis" são trabalhos que envolvem uma pesquisa histórica dos espaços e ocupações LGBT no território e são justamente aqueles produzidos com pesquisadores, recebendo o apoio de instituições de ensino e financiamentos diversos. "Bares da Diversidade", "Everywhere is Queer", "SP Gay Map" e "#MapaLGBT - VoteLGBT" estão focados na identificação de serviços ou espaços de consumo, sendo interessantes recursos para viajantes. Por fim "Queering the Map" e "Places of Pride" são marcados pela construção colaborativa e por localizar no espaço pontos "imateriais" como memórias e declarações.

03/02 ESPAÇOS LGBT

Neste trabalho identificamos e mapeamos espaços frequentados por gays, lésbicas e bissexuais. Na busca por pesquisas que já tenham se debruçado sobre este tema, observamos uma diferença na denominação por parte dos autores entre espaços queer e espaços gays que parece seguir as diferenças no significado dos termos. Enquanto o espaço queer seria mais inclusivo, o espaço gay seria mais direcionado apenas ao homem gay (Leshner, 2008), lembrando que mesmo sendo espaços para minorias é possível que ali sejam implementados os mesmos mecanismos de expulsão (Vallerand, 2010).

Nos mapas apresentados no item anterior é possível notar a utilização dos termos queer, gay, LGBT e suas variações como LGBTI+. A escolha do termo parece estar relacionada aos objetivos dos mapas, aos materiais utilizados no mapeamento e, naturalmente, aos objetos que estão sendo mapeados. Ao destacar o termo queer, estratégias como "Queering the Map", "Everywhere is Queer" e "An Everyday Queer New York" ampliam o seu público-alvo e o número de pontos mapeados, o que também ocorre com "Places of Pride". Ao destacar o termo "orgulho"<sup>17</sup>, o mapa torna menos restritivas as possibilidades de contribuições, diferentemente do que ocorre com as iniciativas "Mapping LGBTQ St. Louis" e "Mapping Gay Guides", que por sua vez possuem uma ligação direta com a fonte utilizada no mapeamento. Nos mapeamentos brasileiros vale pontuar a não utilização do termo queer, o que pode estar relacionado a sua pouca popularização, especialmente fora do circuito acadêmico.

Teremos autores que ao se referirem aos espaços queer fazem uso das significações do termo, prestando características dos sujeitos para o espaço. Gandy (2012), por exemplo, propõe aproximações entre os espaços queer, os *terrain vague* de Solà-Morales e os espaços anômalos ou marginais (do inglês, "unruly spaces"), em que todos seriam territórios que não podem ser controlados ou governados, de uma revolta latente, "Aqueles que não desempenham um papel claramente definido, ou que são caracterizados por uso ou propriedade mal definidos, ou que foram apropriados para usos diferentes daqueles para os quais foram originalmente destinados"<sup>18</sup> (Gandy, 2012, p. 734). Para Cortés (2008) são espaços de dúvida que ao escapar do processo de normalização constroem a sua força libertadora.

Ao tratarem das questões sobre sexualidade e espaços, emerge nas pesquisas o conceito de "heterotopias", da geografia humana de Michel Foucault. Para o filósofo francês trata-se de "lugares que funcionam em condições não hegemônicas", espaços do interstício, "um lugar que está fora de todos os outros lugares, mas que ainda assim pode ser localizado" (Foucault, 2001, p. 352 *apud* Cottrill, 2006, p. 361). "Heterotopias, escreve Lefebvre, é o outro lugar, o lugar do outro, simultaneamente excluído e entrelaçado"<sup>19</sup> (Gandy, 2012, p. 737). Foucault chega a dar exemplo de heterotopias que se relacionam diretamente com o universo LGBT, como: casa de sexo, saunas e enclaves gays, como destacado por Cottrill (2006).

17

Vale pontuar que nos Estados Unidos as paradas, que no Brasil ficaram popularmente conhecidas como "Parada Gay", são chamadas de "Pride Paredes", ou "Paradas do Orgulho" na tradução livre. No caso de São Paulo é interessante observar que elas ocorrem oficialmente desde 1997 e são organizadas pela Associação da Parada. Desde então apenas em quatro edições, entre 2000 e 2003, foram divulgadas como "Parada do Orgulho Gay", ou seja, na grande maioria das edições, inclusive nas mais recentes, são identificadas como "Paradas do Orgulho".

18

Do original: "Those that do not play a clearly defined role, or which are characterized by ill-defined use or ownership, or that have been appropriated for uses other than those for which they were originally intended."

19

Do original: "'Heterotopy' writes Lefebvre, is 'the other place, the place of the other, simultaneously excluded and interwoven.'"

Outros autores trazem de forma mais expressiva as questões da sexualidade dos corpos e, ao discutirem espaços queer, estão tratando de espaços ocupados ou que se relacionam de alguma maneira a uma minoria – censitária, simbólica, ideológica – anormal, numa ocupação física ou cognitiva.

Estamos falando de espaços que foram projetados ou se encontram inseridos no espaço urbano, que, como vimos, são construídos através do pensamento da matriz heterossexual, visando fortalecer a ordem e a normatividade. O que iremos perceber é que no momento da ocupação LGBT isso fica em segundo plano, pois é o grupo dito minoritário que vai estabelecer os novos objetivos do espaço e como eles serão atingidos (Leshner, 2008). Tratamos de espaços da dúvida e da ambiguidade, ricos na exposição às/das diferenças, lugares de resistência que não desejam ser assimilados no processo de normalização pelo heteronormativismo (Mendes, 2011).

Para tratar destes espaços podemos recorrer à classificação proposta por Christopher Reed (1996), que identifica três escalas distintas para o espaço queer: o **monumento**, o **edifício** e a **vizinhança**. É possível pensar em pelo menos mais uma escala dos espaços queer, para tratar daqueles que se constituem virtualmente, em especial, com o auxílio das redes sociais, comunidades, fóruns e grupos, representando importantes locais de trocas de informação para os sujeitos. No momento não iremos tratar da escala do virtual<sup>20</sup>, vamos nos deter em abordar brevemente cada um dos itens da classificação de Reed (1996).

## 03/02/01 O ПОПЫТЕНТО

No “ChanaComChana” nº 9 de dezembro de 1985 lemos o seguinte:

O 1º monumento dedicado unicamente às mulheres lésbicas e homens gays mortos em campos de concentração nazistas foi descerrado, em maio deste ano, em Hamburgo, Alemanha Ocidental, segundo relato da United Press International. Feito de granito rosa, o monumento foi erigido no local do campo de concentração de Neuengamme por um grupo chamado Homossexuais Alternativos Independentes. O monumento leva a seguinte inscrição: “Dedicado às vítimas homossexuais do Nacional Socialismo, 1985”. Aproximadamente 150 pessoas compareceram a cerimônia de inauguração.

Acredita-se que entre 250.000 a 500.000 lésbicas e gays morreram em campos de concentração nazistas. (Gay Community News, Boston). (p. 3)

Os monumentos são estratégias de notável visibilidade, mas pouco comuns, e como exemplos Reed (1996) cita o monumento da *Gay Liberation* de George Segal em Greenwich Village e o *Homomonument* em Amsterdam. No Brasil, na cidade de São Luís do Maranhão, foi inaugurado em 2016 o primeiro monumento LGBT do país, trata-se de uma estátua em tamanho real do indígena Tibira<sup>21</sup>, que teria sido a primeira vítima de homofobia em terras brasileiras, quando foi condenado à morte em

20

Para conhecer melhor as relações LGBT no espaço virtual é possível buscar a tese “Heterotopias on-line: Sociabilidades e performatividades juvenis LGBT no Facebook” (2019) de Carla Lisboa Grespan.

21

Neste caso cabe discutir uma possível “essencialização” da identidade gay. É razoável considerar que um indígena do Brasil Colonial não se autoidentificasse como um homem homossexual, portanto ainda que ele não estivesse em conformidade com a masculinidade esperada por um homem europeu da época (o que provavelmente se aplicaria a todos os homens indígenas) isso não significa necessariamente que Tibira fosse gay, pelo menos não do modo como passamos a entender “gay” a partir do final do século XIX e início do XX.

1614. O responsável pela pesquisa a respeito de Tibira é o antropólogo e militante Luiz Mott. Ainda que não seja puramente uma escultura, o projeto “Meu coração bate como o seu”, do Estudio Guto Requena, descrito como um “híbrido entre mobiliário urbano e escultura” (Meu coração bate como o seu, 2018) foi instalado na Praça da República em 2018 como parte do projeto “Hack the City”. O trabalho composto por cilindros metálicos que reproduziam depoimentos em áudio de pessoas LGBT e o som de seus batimentos cardíacos, coletados durante as gravações dos depoimentos, ocupou um importante espaço para a história LGBT brasileira, mas desde 2021 não se encontrava mais na praça.

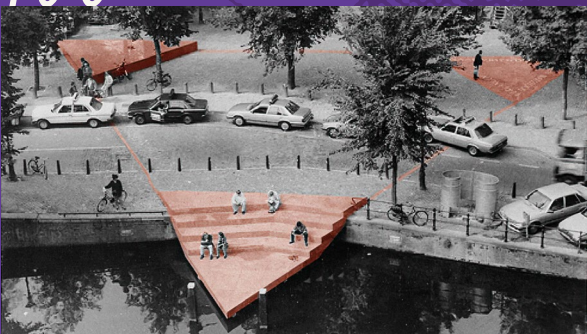
Há espaço para discussão dos monumentos como ferramentas na construção de uma memória coletiva LGBT na cidade através da pesquisa destes e de outros projetos. Esse debate se conecta com as discussões a respeito de qual o tipo de memória que queremos construir através dos monumentos públicos urbanos. Em vista disso vale pontuar a pesquisa coordenada por Cássia Caneco e Felipe Moreira para o Instituto Pólis em novembro de 2020 que realizou um levantamento dos monumentos da cidade de São Paulo, localizando-os, identificando as pessoas homenageadas, os artistas responsáveis pelas obras, analisando sua materialidade, suas dimensões, implantações e o contexto em que foram produzidos. A pesquisa revela que a grande maioria dos monumentos paulistas prestam homenagens a homens brancos – incluindo personagens “controversos” ligados à ditadura militar e à manutenção da escravidão – sendo muitas vezes implantados em territórios de maioria populacional negra.

↓ FIGURA 03/35

Monumento Gay Liberatoron no Christopher Park em Nova Iorque. Fonte: Gay Liberation: history (n.d., n.p.)







✦ **FIGURAS 03/36-37**  
Homomonument  
em Amsterdam.  
Fonte: Homomonument  
(2022, n.p.)



↓ **FIGURA 03/38**  
Monumento em homenagem  
ao indígena Tibiras  
em São Luís no Maranhão.  
Fonte: Rodrigues (2022, n.p.)

**FIGURA 03/39** ↓

Meu coração bate como o seu do Estudio Guto Requena na Praça da República. Fonte: Fotografia por Ana Mello (Meu coração bate como o seu/Estudio Guto Requena, 2018, n.p.)



## 03/02/02 O EDIFÍCIO

Ao tratar de edifícios, estamos considerando espaços fechados, capazes de criar um outro meio social no espaço urbano. São espaços que participam ou não numa relação de vizinhança, podendo estar isolados na matriz heterossexual da cidade ou conectados uns aos outros, numa relação mútua de fortalecimento. Os edifícios LGBT podem ser bares, restaurantes, hotéis, galerias, banheiros, cinemas, teatros, boates, saunas, residências... Nos anos 1970 e 1980 estes espaços fechados representavam uma oportunidade para homens e mulheres homo e bissexuais expressarem seu carinho e afeto, como percebemos no relato de Bira para Fraccaroli (2019): “Beijar sim! Todo lugar fechado, seja boate ou barzinho fechado. Tinham uns barzinhos muito legais, fechados, sobretudo barzinho de lésbica, que tinha som ao vivo, cantoria, correio elegante, não tinha problema nenhum!” (p. 118).

Mas o que seria determinante para denominarmos um edifício ou espaço como LGBT? Como podemos identificar um espaço LGBT? Quais os seus atributos e características? Há edifícios totalmente LGBT ou totalmente não LGBT? A seguir organizamos algumas características encontradas na bibliografia a partir da leitura de Reed (1996), Antunes (2015), Córtes (2008), Gandy (2012), Vallerand (2010), Cottrill (2006), Podmore (2001), Nascimento e Fernandez (2010), Leshner (2008) e Mendes (2011).

Parece que duas possibilidades são importantes na consolidação desses espaços: a ocupação e a intencionalidade projetual. A ocupação está diretamente relacionada à subjetividade dos sujeitos (gestos, vozes, indumentária) e inclusive a seus “códigos secretos” – como aponta Podmore (2001) ao relatar as estratégias das lésbicas para reconhecerem umas às outras – que seriam capazes de tornar lésbico um espaço anteriormente heteronormativo. Ao levantar a questão da ocupação é de se esperar que alguns autores considerem que só existam espaços LGBT através da presença desses sujeitos, como Leshner (2008) e Reed (1996), que desconsideram a capacidade que as marcas deixadas na pós-ocupação ou que os signos tenham de transformar o espaço.

Quanto à intencionalidade projetual, não parece ser essencial para a determinação de um espaço, mas pode ajudar bastante, como veremos a seguir. Antunes (2015) acredita na influência da intencionalidade do arquiteto na produção de espaços LGBT, no caso do Complexo Bourbon em Montreal, apresentado por Vallerand (2010). Por um lado, as estratégias projetuais do arquiteto e do idealizador – ambos homens héteros – parecem ter sido fundamentais para o sucesso do complexo de entretenimento voltado para o público gay. Por outro lado, não faltam exemplos de ocupações e usos LGBT em edifícios abandonados. Por exemplo, uma antiga Igreja na Rua 13 de Maio, em São Paulo, já foi casa para uma balada da cena alternativa durante anos, o Clube Glória, e mesmo tendo passado por alterações continuava sendo possível identificar o local do antigo altar, dando pistas de sua antiga função.

No mapeamento realizado para esta pesquisa, foi possível observar espaços ocupados por LGBT, que posteriormente tiveram outros usos, como é o caso do Gay Club, na Rua Santo Antônio 5 [VERDE\_5], edificação que já foi utilizada como academia de exercícios e como igreja. Há espaços que mantiveram os usos, mas que passaram por uma mudança em seu público-alvo ou mesmo aqueles que resistem até os dias de hoje como o Balneário Amazonas 2 [AMARELO\_2] e as Thermas Danny (hoje Thermas 484) 5 [AMARELO\_5].

Autores como Leshner (2008), Reed (1996) e Vallerand (2010) comentam como é frequente a reapropriação de espaços que foram abandonados na criação de espaços queer. São vistos exemplos como galpões abandonados e construções em áreas que foram ao longo do tempo desprezadas pela cidade; permitindo uma maior liberdade ao grupo, uma vez que o olhar controlador já não seria tão efetivo nestes lugares. Os espaços queer encontram menos resistência no que Néstor Perlongher (1987) chama de “zonas morais”, ao dividir espaços com outros extratos sociais excluídos e marginalizados. Em São Paulo, as festas de música eletrônica alternativa, que incluem em seu público pessoas LGBT, têm ocupado galpões das antigas zonas industriais da cidade. É o caso de festas como a Mamba Negra e da Sangra Muta, por exemplo.

Reed (1996) explora a relação do espaço queer com o entorno ao dizer que eles prosperam em locais com grande tráfego de pedestres, situação característica em especial após as campanhas de visibilidade – “We are here, we are queer”, “Out of the closets, into the street” – que levaram o público LGBT a se expor às outras camadas da sociedade, (re)ocupando (antigos e) novos espaços públicos. Essa característica específica foi relevante para o que Jon Binnie e Beverly Skeggs averiguaram num bairro de Manchester, no qual após o estabelecimento de um bar gay a sensação de segurança na vizinhança aumentou, especialmente para as mulheres, pois o estabelecimento além de manter uma grande visibilidade com a rua, também ocupava as calçadas de seu entorno (Puccinelli, 2017).

Os edifícios também podem acabar transformando a vizinhança ou a área do entorno imediato, transformações que inclusive alcançam a esfera social. A implantação de um espaço de frequência LGBT, atraindo corpos dissidentes para aquele local provoca mudanças na paisagem urbana, se pensarmos que os corpos também compõem essa paisagem. É o que acontece com a sede da organização não governamental (ONG) Casa 1 em São Paulo, um centro de acolhida, centro cultural e clínica social para jovens LGBT em situação de vulnerabilidade. Suas instalações no bairro do Bexiga são ocupadas por moradores, usuários e voluntários que representam a diversidade defendida pela instituição. Ao se abrir para a vizinhança imediata, a Casa 1 possibilita trocas entre os moradores e trabalhadores do bairro com a ONG, em atividades programadas como cursos e oficinas, mas também em interações cotidianas espontâneas, como no caso das crianças e adolescentes que passavam as tardes brincando no centro cultural ou na biblioteca<sup>22</sup>.

22

Relato desde a experiência como voluntário na Biblioteca Comunitária Caio Fernando Abreu durante o ano de 2018 e que faz parte dos equipamentos da Casa 1.



← FIGURA 03/40

Mamba Negra em 2017.  
Fonte: Fotografia por Rogerio Cassimiro (Mamba Negra é eleita pelo júri a melhor festa de 2017; público escolhe Amem, 2017, n.p.)



← FIGURAS 03/41-42

Mamba Negra. Fonte: Fotografia por Felipe Gabriel e Marcelo Paixão (Moura, 2021, n.p.)



← FIGURA 03/43

Mamba Negra  
Fonte: Kale (2018, n.p.)

Muitos autores, sobre essa dinâmica, tratam do que definem ser uma qualidade efêmera dos espaços queer (Córtes, 2008; Leshner, 2008; Mendes, 2011; Vallerand, 2010). Estamos lidando com espaços “sempre em trânsito” e “sempre inacabados”, eles se reapropriam dos códigos da cidade para subvertê-los, sem aceitar uma condição única (Mendes, 2011). Acreditamos que cabem discussões a respeito dessa associação dos espaços queer com noções de efemeridade, em especial quando relacionadas a algo fugaz, passageiro, transiente; estas são características tipicamente “femininas” para o pensamento heteronormativo. Acredito que seja possível constituir uma arquitetura efêmera que se relacione também com características como mobilidade, adaptabilidade e resiliência<sup>23</sup>, o que justifica a constante necessidade de pesquisa e investigação destes espaços.

A ideia de que os primeiros espaços gays teriam estabelecido pouca ou nenhuma comunicação com o entorno, se estabelecendo em ambientes fechados, defensivos e de difícil identificação, muito provavelmente, levou Betsky (1997) a considerá-los como invisíveis. Esta conclusão, porém, pode ter provocado certos enganos. Chauncey (1994) considera a invisibilidade como um dos três mitos que busca combater em sua obra sobre os espaços gays de Nova Iorque, juntamente com o isolamento e a internalização.

- O mito da Invisibilidade, segundo o qual o mundo gay estaria escondido, quando na verdade os homens gays eram figuras extremamente visíveis na Nova Iorque do início do século XX. “Homens gays desenvolveram um sistema altamente sofisticado de códigos subculturais – códigos de vestimenta, oratória e estilo – que permitiam que eles se reconhecessem nas ruas, no trabalho, em festas e bares”<sup>24</sup> (Chauncey, 1994, p. 4)<sup>25</sup>.
- O mito do Isolamento, que dizia que a hostilidade aos gays teria levado o grupo a uma vida solitária. Para o Chauncey (1994), apesar das leis que dificultaram a organização dos homens gays – e outros grupos marginalizados – ao criminalizarem o comportamento sexual, a associação entre as pessoas e seus estilos, os homossexuais conseguiram construir esferas de autonomia. Estas conexões, ainda que cuidadosas, tornavam a vida destes sujeitos possível na cidade, já que através delas encontravam-se empregos, moradias, romances e amizades.
- O mito da Internalização, que determinava que os homens gays teriam internalizado a visão da cultura dominante, de que eles seriam “doentes, perversos e imorais”, e estes sentimentos os teriam levado a aceitar o policiamento de suas vidas ao invés de resistir à cultura dominante. Porém, na década de 1930, bares e outros estabelecimentos comerciais já reagiam judicialmente às proibições legais impostas a gays e lésbicas, e em 1920 detentos homossexuais já expressavam orgulho da sua condição e diziam que não queriam ser “curados” (Chauncey, 1994). É importante não confundir a inexistência de grupos com ações organizadas com uma aceitação a uma política homofóbica. Acreditamos que os pequenos encontros entre amigos e a exibição dos corpos no espaço público podem, sim, ser considerados como manifestações micropolíticas.

23

Como foi observado na pesquisa sobre arquiteturas ciganas e nômades em Araújo (2017).

24

Do original: “Gay men developed a highly sophisticated system of subcultural codes - codes of dress, speech, and style - that enabled them to recognize one another on the streets, at work, and at parties and bars”.

25

As insígnias da homossexualidade destacadas pelo autor estão relacionadas à indumentária. A grande questão aqui é perguntar “invisível para quem”? A utilização destes códigos não será uma exclusividade do contexto estadunidense, aparece também no Brasil com o “bajubá” ou “pajubá”, por exemplo. Para saber mais, ver “Linguagens pajubeyras: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade” (2017) de Carlos Henrique Lucas Lima.

É cabível pensar que descobrir os locais de encontro para LGBT dependia (e ainda pode depender) de uma rede de informações. Existiram bares ou clubes que não se relacionavam com o exterior, possuíam entradas discretas, sem janelas nem letreiros, e ainda existem espaços gays que se estabelecem através de tais estratégias, que se invisibilizam buscando evitar repressões relacionadas a um maior preconceito ambiental (Nascimento & Fernandez, 2010) ou para atrair um público que ainda esteja “dentro do armário”. Podemos dizer que os espaços utilizam as mesmas estratégias dos sujeitos para a sobrevivência no espaço heterossexual da cidade e também podem estar “dentro do armário”. É possível falar de edifícios que parecem héteros por fora, mas são queer por dentro, como a “arquitetura drag” que aparece nos estudos de caso de Bonnevier (2007).

Dois exemplos atuais destes espaços “invisíveis” ou que não se destacam na paisagem urbana são as saunas Espaço Lagoa, situada na Rua Pedro Taques, com uma fachada que não oferece nenhum sinal do estabelecimento ali situado, e Thermas 484, na Rua Jaguaribe, que ocupa o mesmo imóvel onde já funcionou a Thermas Danny. Talvez as saunas sejam os espaços com as fachadas mais “discretas”, o que por si só já poderia ser tema de uma investigação, que poderia passar por sua comunicação visual urbana e seus frequentadores.

↓ FIGURAS 03/44-45

Fachadas da Thermas 484 na Rua Jaguaribe e do Espaço Lagoa Sauna na Rua Pedro Taques. Fonte: Google Earth Street View.



Em vez de pensarmos em espaços invisíveis, podemos tratá-los como espaços do segredo, como no caso do Estúdio Duda Fernandez, apresentado por Vi Grunvald (2016) em sua tese de doutorado. Lá muitos sujeitos puderam experimentar suas primeiras experiências de travestimento. É interessante refletir sobre a importância desse tipo de local ao longo da história. Espaços secretos e escondidos permitiram o encontro, a socialização e as trocas entre os corpos e sexualidades dissidentes.

Os roteiros produzidos e divulgados pelo "Lampião" e pelo GALF, inclusive, desempenham um papel importante na descoberta destes espaços. Ao longo de suas edições o "Lampião" apresentou roteiros produzidos pelo seu corpo editorial ou mesmo através da colaboração de leitores, e vinte e uma cidades foram contempladas com roteiros no jornal. Dentre as atividades do GALF também estava a produção e envio de roteiros para mulheres de diferentes cidades. Essas iniciativas de listagem e divulgação de espaços, no entanto, não parecem ser unânimes. Em carta publicada no "Lampião da Esquina" nº 9, a leitora Ana Teresa demonstra preocupação com a produção dos roteiros: "O roteiro de que você fala é uma coisa muito delicada; é arriscado, na situação em que vivemos, tornar determinados ambientes 'oficiais', principalmente no caso das mulheres" (Lampião da Esquina, nº 9, fev./1979, p. 15).

ROTEIROS PUBLICADOS NO "LAMPIÃO DA ESQUINA"

LOCAL	LAMPIÃO - NÚMERO
MANAUS	10
SÃO PAULO	13, 31
NITERÓI	13
BELO HORIZONTE	13, 23
SALVADOR	14, 16, 32
BRASÍLIA	16
SANTOS	16
PARATY	16
FLORIANÓPOLIS	17
SÃO LUÍS	17
RECIFE	17
RIO DE JANEIRO	19, 31
SOROCABA	20
JUAZEIRO DO NORTE	20
JUIZ DE FORA	23
MACEIÓ	23
VITÓRIA	24
GOIÂNIA	27
BELÉM	27
PELOTAS	28
PORTO ALEGRE	29

QUADRO 03/07

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

FIGURA 03/46

Página do "Lampião" com roteiros para Niterói e Belo Horizonte. Fonte: Lampião da Esquina, nº 13, jun./1979, p. 4

FIGURA 03/47

Roteiro Lésbico produzido pelo GALF. Fonte: Fotografia do autor a partir de original do AEL

ora  
min  
am  
oi  
ô  
A

No roteiro “Viva São Paulo”, desenvolvido por e para mulheres e publicado no “Lampião da Esquina” nº 13, é possível encontrar os depoimentos delas sobre o que seria “o lugar entendido ideal”. Percebe-se que o lugar entendido ideal é um espaço da liberdade, onde se pode curtir sem a preocupação da repressão:

Ah! Música legal, leve assim, luz escura também... Aberto e livre, sem homens de bigodes [...]

Eu penso que um lugar entendido ideal não deveria existir porque cria-se o gueto. Os homossexuais são discriminados e nós não podemos ser tratados assim, a ponto de termos um lugar específico para ficar, entende? Mas, no momento diante de nossa realidade, ainda não temos força para sairmos do gueto e termos as mesmas possibilidades que temos dentro dele. Então, nesse sentido, os locais entendidos são necessários e, sendo assim... vale apenas estar aqui [...]

Um lugar ideal... pra mim? Um ambiente art nouveau, com uma livraria especializada: serviço de chá ou café e nas altas madrugadas jazz brabeira, com garçons e garçonetes de caras bem surrealistas, e, é óbvio, sem repressão [...]

Deveria ser bar, boate ou mesmo um salão de chá, onde nós entendidas pudéssemos fazer ou falar tudo, sem nenhum tipo de repressão, nem por parte dos frequentadores, nem dos donos do lugar. Uma coisa de que não gosto são as manifestações violentas, mas estas são exatamente um problema dos lugares, e sim do comportamento homossexual frente à repressão, sabe? É tentar afirmação assumindo um comportamento masculino. (Lampião da Esquina, nº 13, jun./1979, p. 5)

Os espaços LGBT se transformam ao longo dos anos e nessa trajetória são relevantes os movimentos de visibilidade pós-stonewall e também o surto de AIDS na década de 1980. Para Leshner (2008) esse é o momento em que os espaços LGBT buscam uma maior interação com a sociedade num enfoque mais político e social. Se antes os bares e baladas estavam em locais escondidos, com entradas discretas localizadas em ruas escuras, becos sem saída ou no porão de edificações, sem nenhuma comunicação com a rua ou o espaço público, após 1969 isso começa a mudar<sup>26</sup> (Leshner, 2008; Vallerand, 2010).

De acordo com Vallerand (2010), o aumento da visibilidade dos bares e clubes gays foi fundamental para que as concentrações LGBT ocupassem ruas e bairros, mas o autor também reconhece que, com a visibilidade e a concentração os LGBT, chamam mais atenção e estão mais expostos à exploração, ao assédio e à homofobia.

Mas qualquer lugar pode ser um espaço LGBT? Para Reed (1996) todo espaço tem o potencial de se tornar LGBT. Devemos reconhecer que espaços não LGBT existem, mas que, até mesmo eles, podem ser contestados, ainda que temporariamente. É o que acontece nas ações do Guerrilla Gay Bar (GGB)<sup>27</sup>, movimento que se iniciou na cidade de São Francisco e se espalhou por diversas outras e que propõe a ocupação de

26

Importante frisar que a falta de visibilidade destes espaços não significava, no entanto, que eles seriam apolíticos.

27

O nome foi inspirado nas Guerrilla Girls, que são um grupo de artistas feministas anônimas cujo objetivo é combater o sexismo e o machismo no mundo da arte. O grupo foi formado em Nova Iorque em 1985, tendo a missão de trazer a público a desigualdade de gênero e raça dentro da comunidade artística (Guerrilla Girls, 2017).

locais tradicionalmente vistos como não LGBT. Basicamente, um grupo de pessoas se organiza para ir a um desses locais – sem que os frequentadores ou donos saibam –, vão chegando e aos poucos representam um grupo considerável e vão transformando o espaço através das suas *performances*. Dessa forma passam a observar as interações com os outros frequentadores e funcionários do local. Se formos levar as considerações de autores de que o espaço LGBT existe bastando haver a ocupação destas pessoas nos locais, então as iniciativas do GGB estariam transformando aqueles locais, mesmo enfrentando resistências para o atendimento e tendo represálias quanto às suas manifestações.

O que além da presença de pessoas LGBT pode ajudar nessa transformação do espaço? Podmore (2001) cita que a presença de um funcionário LGBT pode ajudar, e isso é observado na pesquisa de Puccinelli (2013) ao comentar a estratégia da banca de jornais da Frei Caneca de contratar apenas funcionários gays, numa preocupação do dono de aumentar as vendas ao facilitar o diálogo entre o atendente e os consumidores. Também é possível tornar um espaço LGBT através do resgate da sua memória, como no caso do Museu da Diversidade, situado na Estação República do metrô de São Paulo. A Praça, acima da estação, faz parte da história dos espaços de frequência homossexual na cidade, além de ter sido o local onde em 2000 ocorreu um crime homofóbico amplamente divulgado no Brasil, a morte do adestrador de cães Edson Nêris da Silva (Corrêa, 2000). Outra possibilidade é favorecer um espaço queer através de suas características físicas, e é o que aconteceu com o projeto do Complexo Bourbon em Montreal, que aparece na pesquisa de Vallerand (2010) ao especificar as diferenças entre o clube gay dos demais. Esses teriam menos espaços de lounge, privilegiando ambientes para o “flerte” e paquera com utilização de espelhos (aumentando a possibilidade de encontro de olhares) ou corredores que servem como *runways*<sup>28</sup> para “desfile os looks”.

Dentro dos edifícios há uma categoria que merece atenção especial: o espaço doméstico. Como reforçado por Reed (1996), foram poucos os trabalhos que se dedicaram à domesticidade queer. Por um lado, é em casa que alguns sujeitos podem encontrar um espaço seguro, no ambiente privado – normalmente representado pelo quarto –, para a possibilidade de experimentar diversas expressões antes de colocá-las a prova aos olhares da cidade. Por outro, o ambiente doméstico também pode marcar o início do enfrentamento com o preconceito e o desrespeito, em alguns casos chegando a situações de grande trauma, como a expulsão do lar. Por exemplo, Gaúcho, um michê carioca, em entrevista publicada no “Lampião da Esquina” nº 1 (maio/1978), relata como teria saído da casa da sua família em decorrência das brigas que tinha com o pai, a partir de então ele teria começado a “batalhar na calçada”. Muitas vezes o sujeito não dispõe de ambientes privados seguros e acaba estabelecendo novas configurações de domesticidade no espaço público.

28

O desfile também é visto nas pesquisas sobre prostitutas, como comentado pela Professora Silvana Nascimento em “FAU Encontros | Sexo e Arquitetura na Cidade”, realizado em 7 de abril de 2021 (FAUUSP, 2021).

Vagner foi expulso da casa onde morava com a tia. “Não tinha mais como. Parei de ir à escola. Eu saía maquiado, passava a noite fora. Eles tinham medo que eu virasse mulher. Eles tinham medo que eu fosse quem eu era.” Vagner tinha dezesseis anos. Pegou um ônibus e foi direto para o centro de São Paulo. (Felitti, 2019, p. 116)

Vi Grunvald (2016) apresenta sujeitos que têm/tiveram dificuldade para encontrar locais onde pudessem se montar e se desmontar com tranquilidade. Essa leitura me lembra um relato do orientador desta tese, o Professor Dr. Jorge Bassani, que mencionou ter presenciado um grupo de jovens dentro de um vagão da CPTM realizando uma montagem<sup>29</sup>.

Na final de “RuPaul’s Drag Race” – um *reality show* de competição entre *drag queens* na tv estadunidense – de 2015, a finalista Violet Chachki teve que responder a seguinte pergunta: “Que conselho você daria para um jovem que se monta de Drag, mas que ainda não se sente seguro para contar para a família?” A participante disse que o jovem deveria continuar se montando dentro do seu quarto, sem que a sua família soubesse, até que sentisse segurança para contar à família. A resposta buscava priorizar a segurança da pessoa queer e a possibilidade de que ela continuasse se montando, já que contar a família poderia desencadear reações violentas ou persecutórias.

29

Termo utilizado para se referir ao processo de produção, no qual podemos trocar de roupa, aplicar maquiagem e colocar peruca. Uma preparação para assumir outra *persona*. Muito utilizado por *crossdressers* e *drag queens*.

Foi nesse período que, pela primeira vez, teve o direito a uma porta. “Eu nunca tive quarto, e nessa casa tinha um quarto só meu.” Lá dentro, escrevia poemas e pintava. Aos doze anos, pintou numa folha de sulfite uma cabeça de um homem da qual saía uma outra cabeça de mulher. “Eu era muito triste. Era uma vida de sufoco, de falta de liberdade”. (Felitti, 2019, p. 108).

Ela [a *crossdresser*] mantém sua vida pessoal e o mundinho dela é dentro do quarto. (Grunvald, 2016, p. 140).

Evidente que nem todos os corpos possuem essa alternativa do espaço privado, ou do espaço para o segredo. Nem todos têm um quarto só seu. Aqui é impossível não lembrar do livro de Virginia Woolf (1990), “Um teto todo seu”. E mais, nem todos estão satisfeitos com o fato de manter essa montagem aprisionada no espaço de seu quarto. Parece que o desejo de que ela ocupe os espaços públicos é mais forte, como no caso dos meninos na CPTM, que provavelmente estavam se preparando para expor essa montagem em algum outro local, como fica evidente neste caso. Veremos a seguir como essas questões trarão consequências que extrapolam o espaço doméstico. É como no grito que marca a história dos movimentos de libertação “out of the closets and into the streets!” – do português, “fora dos armários e para o meio das ruas”.

Armários são importantes mobiliários em nossos quartos, neles guardamos nossos pertences, peças da nossa indumentária. A expressão “sair do armário” é popularmente conhecida para se referir àqueles que estão se assumindo publicamente como LGBT, deixando para trás um momento ou período no qual escondiam esta subjetividade fora da norma. Segundo Chauncey (1994) no contexto estadunidense existe uma noção de que antes de Stonewall os gays viveriam num closet (armário) que os deixava isolados, invisíveis e vulneráveis, no entanto essa ideia do “*closet*” não teria sido

encontrada pelo autor em nenhum momento antes dos anos 1960, o que para ele demonstra que muito provavelmente os gays antes de tal década não se viam “dentro de um armário”. O que é encontrado por ele são homens gays relatando viver uma vida dupla, ou utilizando uma máscara, o que não sugeriria um isolamento, mas uma habilidade de negociar duas vidas diferentes – uma heteronormativa e outra não<sup>30</sup>.

A expressão em inglês “coming out”, que em português teria como equivalente “sair do armário”, teria origens na cultura feminina, referindo-se aos rituais de debutantes<sup>31</sup>, quando as mulheres eram formalmente introduzidas na sociedade. Segundo Chauncey (1994) inicialmente a expressão “coming out” (saindo) foi utilizada para indicar que os sujeitos estariam saindo do mundo heteronormativo e entrando no mundo gay de forma temporária, uma vez que estes movimentos de sair de um mundo para entrar em outro eram constantes, e mais, a expressão seria utilizada entre interlocutores do mundo gay. Teria sido apenas a partir dos anos 1960, com a associação entre “coming out” e armários que a expressão passou a ser utilizada com interlocutores do mundo não gay, como maneira de “formalizar” a sua sexualidade.

É possível destacar alguns trabalhos que se dedicaram ao estudo de um espaço homossexual a partir de uma visão mais poética, trata-se desse espaço do *closet* (armário). Stewart (1995) realiza uma história dos *closets*, desde o seu surgimento como espaço privado e de acesso restrito na domesticidade inglesa, conhecido também como *study*, até o desenvolvimento do *closet* contemporâneo materializado em espaço para o armazenamento de itens, em especial a indumentária. Henry Urbach (2003) trabalha com os dois significados principais do *closet*: o de lugar no qual escondemos a nossa bagunça e de lugar do qual saímos para ocupar as ruas e espaços públicos.

As relações são muito profícuas e pertinentes se pensarmos que a indumentária pode representar parte importante da construção de uma subjetividade que esteja fora da heteronorma. O *closet* seria o primeiro espaço seguro do LGBT, o espaço de experimentação, de desconstrução de uma subjetividade que possa ter sido imposta para a construção de uma nova. Da mesma forma que o *closet* nas residências ajuda a manter longe dos olhos quaisquer bagunças ou itens que não devem compor o ambiente, o armário atua como mecanismo de manutenção da norma heterossexual no espaço urbano, mantendo subjetividades queer afastadas do domínio público.

As pesquisas do antropólogo Daniel Miller – em especial sua publicação “Stuff” de 2010 –, dedicadas ao estudo da cultura material, podem contribuir para esta linha de investigação. Segundo Miller (2013) a nossa indumentária “pode nos representar e revelar uma verdade sobre nós, mas também pode mentir” ela “faz de nós o que pensamos ser” (pp. 22–23). Põe-se um olhar, portanto, sobre “[...] o travestimento não como um processo secundário que desloca um Eu original, mas como o processo mesmo pelo qual toda e qualquer subjetividade é criada e recriada? Mesmo seus pais estão travestidos deles mesmos” (Grunvald, 2016, p. 117).

30

No trabalho de doutorado de Vi Grunvald (2016), é possível observar tal tipo de negociação de subjetividades com as *crossdressers* que fizeram parte da pesquisa.

31

Rituais estes que serão reinterpretados pelos bailes de *drag*, como visto por bell hooks (2019) em “Olhares Negros”.

Como afirmaria RuPaul Charles, criador e apresentador do “Rupaul’s Drag Race”, “We’re all born naked, and the rest is drag”, algo como: “Todos nascemos nus, todo o resto é drag”. Esse “resto” seria então o que nos representa, que revela uma verdade ou mentira sobre nós, que cria e recria a nossa subjetividade e que está em nossos armários.

### 03/02/03 A VIZINHANÇA

Ao se espalharem e se conectarem através do tecido urbano, os espaços LGBT podem acabar formando uma vizinhança. Em grandes centros urbanos, como é o caso de São Paulo, é possível identificar uma série de espaços LGBT que são reconhecidos popularmente como tal, estabelecendo relações entre si e com o espaço ao redor, como a Rua Frei Caneca – estudada por Puccinelli (2013, 2017) – e a região do Arouche e Praça da República<sup>32</sup>.

Ao atingir a escala da vizinhança, há abertura para o debate do espaço gay realizado através do conceito de gueto. Nascimento e Fernandez (2010) se baseiam na definição cunhada por Wirth de que gueto seria um local no qual os membros de um grupo majoritário teriam que se adaptar ao modo de vida de um grupo minoritário. A origem da expressão estaria relacionada à concentração da população judaica em regiões urbanas específicas durante a Segunda Guerra Mundial. No cerne do termo, portanto, está a relação entre dois grupos, dos quais um deles deve buscar estratégias de sobrevivência através da aproximação e construção de redes comunitárias.

O termo “gueto” aparece tanto no “Lampião da Esquina” quanto no “ChanaComChana” para se referir aos territórios ocupados e frequentados por homens e mulheres homossexuais. Havia inclusive em alguns relatos um desejo de “sair do gueto”, no sentido de poder frequentar com segurança e tranquilidade todos os outros espaços da cidade. Porém esse referido gueto não impunha uma acomodação do grupo heterossexual aos costumes dos homossexuais. Basta levar em consideração as repressões e disputas como as *blitze* do Delegado Richetti e os desentendimentos entre os proprietários dos estabelecimentos do dito gueto e seus frequentadores.

Dentre os bairros que foram objetos de pesquisa, o Castro na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, é o que concentra a maior parte da produção científica, aparecendo inclusive na publicação “The city and the grassroots” do sociólogo espanhol Manuel Castells, para quem a ocupação dos espaços pelos homens gays parte de um desejo de se libertar da opressão cultural e sexual (Leshner, 2008). Apesar de o Castro dominar as produções sobre guetos e bairros gays, encontramos também menções ao “The Village” em Toronto, “Gay Village” em Montreal, “Chueca” em Madrid, “Greenwich Village” em Nova Iorque e “Marais” em Paris (Leshner, 2008; Vallerand, 2010).

No Brasil destacamos os trabalhos de Puccinelli (2013, 2017), Nascimento e Fernandez (2010) e Nascimento, Fernandez e Martins (2010), nos quais os autores discutem a existência ou não de guetos gays em São Paulo e Salvador. No caso de São Paulo, Puccinelli atesta a não existência de um gueto, e isso ele comprova ao destacar que não há uma concentração

32

É fundamental compreender que a ocupação LGBT vai além da rua Frei Caneca ou da região central, muitas são as possibilidades de reorganização e reapropriação dos espaços urbanos.

residencial de pessoas LGBT na área de grande frequência gay da capital paulista, nem a predominância de serviços voltados especificamente para este público. Para Puccinelli o que temos em São Paulo são enclaves, ou pessoas que escolheram ocupar o mesmo espaço que seus pares. Já em Salvador os autores não colocam uma posição tão definitiva, utilizam o termo gueto, mas ao mesmo tempo determinam manchas que demarcam os espaços de maior sociabilidade gay na capital baiana.

Um ponto deixado de lado pelos autores, é que para se ter a formação de um gueto, nos moldes do que aconteceu nos Estados Unidos e Canadá, é preciso ter um número considerável de LGBT que estejam incluídos de forma efetiva no mercado de trabalho e que tenham condições financeiras para se estabelecer em moradias numa determinada região, possibilitando a criação e o desenvolvimento de uma rede de serviços que os atendam. No Brasil ainda lidamos com questões que interferem de forma negativa na trajetória educacional e profissional do jovem LGBT.

Em determinado momento histórico o gueto ou bairro gay pode ter representado uma possibilidade de sobrevivência e convivência para o grupo LGBT, mas a partir dele podemos levantar algumas questões para repensá-lo enquanto um espaço de diversidade. Primeiro que a concentração da população minoritária pode facilitar os ataques de ódio, uma vez que de antemão já se sabe onde encontrá-la (Leshner, 2008; Vallerand, 2010). Segundo que foram pesquisadas as relações entre a frequência gay em determinados espaços com as dinâmicas de especulação imobiliária e gentrificação urbana (Puccinelli, 2013, 2017), e os gays seriam um dos primeiros a chegar no processo de gentrificação, sendo indicativos de seus primeiros estágios. E terceiro que não é pelo fato de serem espaços LGBT que estejam livres de mecanismos de segregação ou sejam sinônimos de tolerância. Por exemplo, os moradores do Castro “pré-gay” eram em sua maioria imigrantes irlandeses e aos poucos eles foram sendo “expulsos” para dar lugar ao bairro gay, que na visão de Leshner (2008) é bastante homogeneizado, pois não inclui gays de outras etnias, como latinos e negros, e nem mulheres.

Ainda que notemos suas questões e limitações – o que é de grande importância – é preciso reconhecer a relevância do Castro não apenas enquanto espaço físico, mas enquanto espaço social. Seu território é uma manifestação da memória e da cultura LGBT materializada na cidade através de seus signos, como as bandeiras do orgulho LGBT; a praça memorial Harvey Milk e a sua história de luta e resistência; e os corpos e suas manifestações de subjetividades anormais.

No mapa desenvolvido para a pesquisa, e que apresentamos a seguir, podemos perceber a grande concentração de espaços na região central da cidade entre os anos de 1978 e 1987, áreas de grande movimento e circulação de pedestres. É possível notar a acumulação de pontos em ruas, praças e parques, o que nos leva a imaginar um cenário de fluxos de pessoas entre esses espaços, do bar para a boate, da boate para a sauna e assim por diante, já que esses estabelecimentos não funcionam de forma isolada.

## 03/03 VAMOS APRESENTAR UM MAPA

Mais de quarenta anos depois, nos dedicamos ao mesmo território pesquisado por Néstor Perlongher (1987), com o objetivo de apresentar um mapeamento dos espaços de lazer destinados a gays, lésbicas e bissexuais, abrangendo o período de 1978 a 1987. É importante ressaltar que tais espaços foram identificados a partir dos documentos analisados no capítulo 01. Esse exercício permitiu compreender as contribuições que esses espaços proporcionaram para a metrópole, especialmente para uma região central que continua sendo ponto de referência para uma população de corpos sexualmente dissidentes que construiu seu território em meio a uma urbanidade heteronormativa.

Após a leitura dos materiais, foram realizados fichamentos e tabulações<sup>33</sup> que resultaram numa listagem inicial que passou por uma etapa de validação, para confirmar se de fato os espaços situavam-se na cidade de São Paulo, seguida da identificação de seus endereços, já que a minoria possuía indicação de endereço completo, o que demandou a consulta de outras fontes documentais para que então os espaços pudessem ser mapeados.

Escolhemos utilizar como base o Google Maps devido à familiaridade com a plataforma e por acreditar que ela dispõe de recursos interessantes como a personalização dos *pins* e a criação de categorias com a possibilidade de filtragem. Dentre os estilos de mapa disponibilizados pela plataforma, optamos pelo estilo “Divisão política clara”, pois assim poderíamos diferenciar a sua aparência daquela que estamos acostumados a ver no Google Maps e deixar o nosso mapa com cores menos saturadas, o que conferiu mais destaque aos pontos inseridos e diminuiu as interferências visuais da base que mostra o desenho urbano – quadras e vias – e os nomes dos bairros.

O mapa-base representa a morfologia atual do território. Nele foram aplicados pontos de uma cidade do passado, os quais foram numerados para facilitar a sua identificação e referência no texto da tese. Além disso, os pontos foram divididos nas seguintes categorias (separadas por cores): bar/restaurante ● [ROSA]; comércio e serviço ● [LARANJA]; espaço público ● [VERMELHO]; banheiro ● [ROXO]; cinema e teatro ● [AZUL]; boate ● [VERDE]; grupo, organização social e pessoa de interesse ● [CINZA]; e sauna ● [AMARELO]. Com a montagem do mapa foi possível perceber que alguns espaços continuam existindo e funcionando com o mesmo uso, mas muitos já não estão presentes na paisagem urbana atual, tendo sido alterados ou mesmo demolidos. Nestes casos, quando necessário, foram realizados alertas sobre essas alterações do tecido urbano que impactaram nos pontos mapeados. O mapa “cidade entendida” construído por meio da pesquisa empreendida na tese encontra-se disponível online<sup>34</sup>.

O mapa pode ser utilizado em parceria com a tese ou separadamente, podendo inclusive servir como apoio para outras pesquisas e investigações. Ao longo do texto os espaços mapeados podem ser indicados da seguinte forma ● [ROSA\_01] seguindo a lógica [COR\_NÚMERO], sendo que a “cor” indica uma das oito categorias e

33

Consultar Apêndice A, na página 271.

34

Cf. <https://bit.ly/cidade-entendida>

o número apenas facilita a sua localização na legenda do mapa. O mapa apresentado se estabelece como uma interessante ferramenta de visualização das informações coletadas, através dele é possível ver concentrações e vetores de deslocamento. Ainda, o mapa auxilia na construção de um acervo da história da presença de corpos dissidentes da cidade e no entendimento da importância de determinados espaços e territórios para essa comunidade. Acreditamos que futuramente o recorte temporal do mapa possa ser ampliado com a análise de outras fontes, por exemplo a publicação “Um Outro Olhar”, que dá sequência aos legados do “ChanaComChana”. O mapa auxilia na construção de um acervo da história da presença de corpos dissidentes da cidade e no entendimento da importância de determinados espaços e territórios para essa comunidade.

Entendemos o mapa como um trabalho em constante construção, uma vez que pontos listados e ainda não localizados podem ser mapeados através de novas informações. Em março de 2023 o mapa conta com mais de 200 pontos e confirma a grande concentração de pontos na região da Praça da República. Alguns pontos se destacam devido ao seu descolamento dessa região central, na zona sul percebemos a Biblioteca Municipal Presidente Kennedy ● [ROXO\_18] – atual Biblioteca Pref. Prestes Maia –, na zona norte o banheiro do Metrô Santana ● [ROXO\_8] e na zona leste a Sauna Alterosas ● [AMARELO\_1] e as sedes do Grupo Libertos de Guarulhos ● [CINZA\_2] e [CINZA\_3].

No “Lampião da Esquina” nº 30, de novembro de 1980, a reportagem “Louca viagem aos buracos de São Paulo” apresenta alguns pontos de pegação na capital, dentre eles um que acreditamos se tratar da Sauna Alterosas, localizada no bairro “Vila Patriarca”. Na descrição é possível se ter uma ideia da paisagem urbana que se encontrava na época, ao se afastar do centro:

Numa rua suburbana [...] sem asfalto, um prédio verde-cheguei (ou chez-gay) [...] uma cômica placa, “é proibida a entrada de menores” [...] seu salão principal, mixto de sauna e play-ground, onde há o tradicional bar e lanchonete [...] os michês cobram uma taxa que varia entre 150,00 (ou paga-se a entrada deles, na saída, é claro) e 400.0. (Lampião da Esquina, nº 30, nov./1980, p. 6)

Cada ponto no mapa contém um breve texto, informando a fonte em que foi citado, e pode também contar com citações, imagens e links para mais informações. Foram criadas algumas *hashtags*, como #lésbicas e #travestis, para facilitar o agrupamento de pontos de acordo com quem os frequentava. Ao navegar pelo mapa é possível filtrar as categorias na coluna da esquerda; ao escolher um ponto específico, sua identificação e descrição irão ficar visíveis nesta coluna; quando o ponto possuir uma galeria de imagens, basta clicar na imagem que aparece no alto, acima da identificação do ponto, para que a plataforma abra a galeria completa. A seguir trataremos brevemente sobre cada uma das categorias, sempre que possível fazendo conexões entre a revisão bibliográfica e o mapeamento.



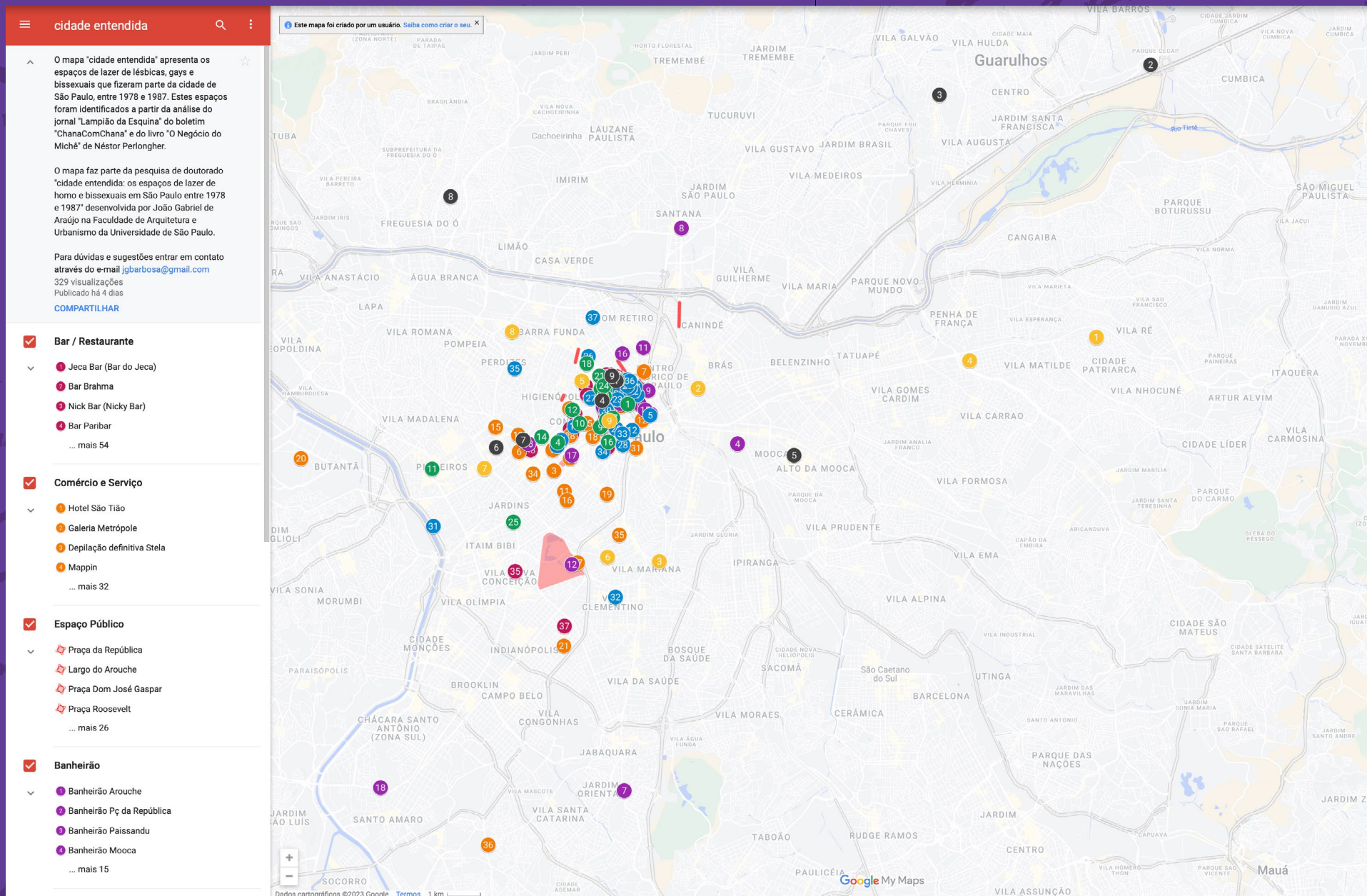


FIGURA 03/48

Interface do mapa elaborado pelo autor a partir dos dados coletados na pesquisa. Fonte: Imagem do mapa elaborado pelo autor

## 03/03/01 BAR/RESTAURANTE

São sessenta pontos rosas no mapa que representam a categoria mais numerosa. Para Olivier Vallerand (2010), cuja pesquisa está centrada nos bares gays de Montreal, é possível identificar os LGBTQ a partir dos lugares que eles frequentam, sendo os bares importantes manifestações da sua cultura material e espaços para se entreter, conversar, se organizar, nutrir e trocar informações sobre outros lugares, serviços e profissionais, especialmente na década de 1960. Os bares gays são verdadeiras instituições culturais e sociais do mundo LGBTQ (Leshner, 2008).

Vallerand (2010) realiza uma análise sobre as tipologias dos bares gays em Montreal e sua evolução ao longo dos anos. Ele e Leshner (2008) atestam as dificuldades de se estudarem estes espaços devido à repressão da homossexualidade ao longo dos anos e da qualidade efêmera dessas arquiteturas do lazer e da noite. De fato, a maioria dos pontos mapeados não estão mais presentes na cidade, mas alguns permanecem até os dias de hoje, como: o Bar Brahma 2 [ROSA\_2], o Caneca de Prata 6 [ROSA\_6], o Almanara da Basílio da Gama 13 [ROSA\_13], a Churrascaria Boi na Brasa [ROSA\_21], O Gato que Ri 45 [ROSA\_45] e o restaurante Planeta's 49 [ROSA\_49]. Em alguns outros casos o uso permaneceu, mas com um estabelecimento de outro nome, como é o caso do ponto na esquina da Ipiranga com a São João, em frente ao Bar Brahma, que no passado foi o Jeca Bar 1 [ROSA\_1], mas que em março de 2023 se tornou o local do Sampa Bar e Restaurante.

Sobre os bares paulistas da época vale destacar um depoimento publicado no “Lampião da Esquina” n° 24 (maio/1980), que demonstra certo espanto, de uma carioca, ao constatar que, diferentemente do que ocorria no Rio de Janeiro, em São Paulo os bares funcionam durante toda a madrugada. Tal diferença reforça a vocação metropolitana da capital paulista. Na listagem de bares e restaurantes gostaríamos de destacar histórias relacionadas a dois pontos mapeados: o Ferro's Bar 56 [ROSA\_56] e o Caneca de Prata 6 [ROSA\_6].

O primeiro é um acontecimento quase lendário da história lésbica paulista que ocorreu no Ferro's e evidenciou bem a disputa por espaços de lazer, mostrando como mesmo espaços ocupados pelas lésbicas não estavam garantidos. O ChanaComChana n° 4 de setembro de 1983 descreve o que se passou no Ferro's no dia 19 de agosto de 1983 como um “Happening Político”. Tratou-se de um ato organizado que ficou conhecido como levante do Ferro's, sendo possível encontrar publicações *online* que comparam a situação com uma espécie de “Stonewall Brasileiro” – por exemplo, o artigo “Levante ao Ferro's Bar: o Stonewall brasileiro”, publicado por Joseane Pereira no “Uol” em 2019.

As mulheres do GALF costumavam vender o Chana no Ferro's, porém relatavam sofrer violência do porteiro com ameaças ou puxões. Com tudo previamente organizado, no dia 19 de agosto, no momento que o porteiro do estabelecimento tentou impedir que as militantes do GALF entrassem no estabelecimento, quem já estava dentro do local – homens homossexuais do grupo Outra Coisa, mulheres feministas e ativistas

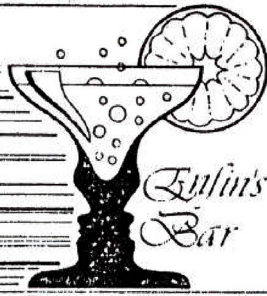
dos direitos civis, militantes e políticos dos partidos de oposição mais identificados com as lutas minoritárias – começou a gritar “Entra! Entra! Entra!”. A vereadora Irede Cardoso, do Partido dos Trabalhadores (PT), começou a discursar e foi acompanhada por Rosely Roth, militante do GALF, que subiu numa cadeira para denunciar o que estava acontecendo. Com o ato foi estabelecido um acordo entre os proprietários do local e suas frequentadoras. O episódio mostra essa complexa relação entre proprietários que não faziam parte do grupo LGBT e quem apenas “tolerava” os frequentadores de seus estabelecimentos.

O segundo episódio que gostaríamos de destacar está relatado no texto “São Paulo: A guerra santa do Dr. Richetti” de João Silvério Trevisan, publicado no “Lampião da Esquina” n° 26 de julho de 1980. Ao descrever a difícil situação enfrentada pelos dissidentes sexuais na cidade de São Paulo, agravada pelas investidas do delegado José Wilson Richetti, Trevisan relata a manifestação popular ocorrida em 13 de julho de 1980, quando segundo ele um grupo de quase mil pessoas caminham do Teatro Municipal até o Largo do Arouche. Ao passar pela Vieira de Carvalho, Trevisan relata que o Caneca de Prata – e outros estabelecimentos “sustentados pelas bichas” – havia fechado suas portas, fazendo com que sua clientela, formada por viados de classe média, segundo o autor, acompanhasse de dentro do bar a manifestação. A situação marca para Trevisan uma fronteira, de um lado estão aquelas pessoas que estavam sofrendo com o avanço da repressão e que decidiram se manifestar a respeito, ainda que com todos os riscos em jogo: travestis, prostitutas, desempregados, homossexuais assumidos e quem pertencia às classes mais baixas; de outro lado estariam homossexuais de classe média, acompanhando tudo através da porta de vidro. A história mostra bem que bares – e demais estabelecimentos comerciais –, apesar de estabelecerem uma forte conexão com as calçadas e as ruas, são espaços do consumo e, como tal, possuem seus mecanismos de exclusão.

Vallerand (2010) na sua pesquisa tenta pensar no futuro desses espaços, perguntando se eles irão desaparecer e qual a importância deles para as novas gerações. Sobre os questionamentos levantados, as novas gerações parecem ter organizado grupos e comunidades, no espaço virtual, para se fortalecer e também para descobrir novos lugares e conseguir indicações de profissionais e serviços; sem que isso impeça a ocupação dos territórios urbanos. É possível observar também que o comércio informal, parte incontestada das cidades brasileiras, desempenha um importante papel na ocupação de espaços pela juventude LGBT, como podemos observar atualmente na Rua Augusta, onde é grande a quantidade de ambulantes vendendo bebidas, especialmente na esquina com a Av. Paulista e nas proximidades do acesso ao metrô. Vale mencionar também a ocupação que ocorre na esquina entre as Ruas Peixoto Gomide e Frei Caneca, que, apesar de o ponto de referência no cruzamento ser o conhecido Bar da Lôca<sup>35</sup>, nos finais de semana costuma ocorrer uma grande aglomeração de jovens no local, e a grande maioria não está necessariamente no bar, mas ocupa as calçadas e a própria rua.

35

O nome é uma referência à boate “Aloka”, situada na Rua Frei Caneca, um pouco acima do bar.



ENTENDIDOS (AS)

DESCONTRACÃO,  
AMBIENTE  
ACONCHEGANTE,  
MÚSICA AO VIVO  
DE QUINTA A DOMINGO

**ENFIN'S BAR**  
PERTINHO DA AUGUSTA

Rua Peixoto Gomide 147 esquina c/ Frel Caneca

**\* ANÚNCIOS \***

**CANAPÉ**  
BAR E  
POESIA  
Bebidas  
Drinks  
Sobremesas  
Música  
Shows  
Danças  
Lanches

"um pedacinho  
do seu mundo  
das 12:00 até.....  
de 3ª a domingo

Rua Santo Antonio, 922 - Tel.: 259-2492  
Bairro do Bixiga - Bela Vista - São Paulo

---

**FERRO'S BAR**  
RESTAURANTE - PIZZARIA  
R. Martinho Prado, 119 - S.P.  
Tela. 257-9903 - 258-0004 -

---

**FOR US - UM TOQUE DE REQUINTE  
NO MUNDO GAY**  
CASA DE CHÁ - CAFÉ COLONIAL  
CHÁS E SUCOS NATURAIS - SORVETES  
- RODÍZIO DE DOCE E SALGADOS  
AMERICAN BAR - MÚSICA AMBIENTE  
DIARIAMENTE DAS 17:00 AS 23:00 FECHA 2ª  
Moema - AV. CIBARAS, 416 F.: 544-5050  
preço promocional - Cr\$ 7000,00



ENTENDIDOS (AS)

◀ FIGURA 03/49

Anúncio do Enfin's Bar

31 [ROSA\_34].

Fonte: ChanaComChana,  
nº 11, out./1986, p. 10

◀ FIGURA 03/50

Anúncio de bares, incluindo o Ferro's  
Bar no "ChanaComChana"

29 [ROSA\_26] 35 [ROSA\_56]

37 [ROSA\_37]. Fonte:

ChanaComChana, nº 6,  
nov./1984, p. 13

## A CONTECEU

### Lésbicas reivindicam seus direitos num bar

➤ Depois de sistematicamente impedidas de vender seu jornal, um boletim bimensal, no Ferro's Bar — conhecido em São Paulo por sua freqüência formada na grande maioria por lésbicas —, sob a alegação de incentivar a homossexualidade, integrantes do Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF) resolveram furar o cerco na noite do dia 20. Para tanto, convocaram a imprensa, políticos e representantes da Comissão dos Direitos Humanos. Por volta das 23 horas, um grupo de participantes do GALF, liderado por Rosely Roth, 23 anos, tentou entrar no bar: foi barrado com violência. A vereadora Irene Cardoso, do PT, improvisou um discurso, criticando a posição dos proprietários do bar, classificando-os de antidemocratas. Sob aplausos e gritos de "entra, entra", Rosely entrou com suas companheiras, subiu em uma das mesas, discursou por longos minutos e no final, muito aplaudida, acabou vendendo dezenas de jornais.



Foto: Cristina Villares

4/2

**CHANACOMCHANA**  
GRUPO AÇÃO LÉSBIKA FEMINISTA 4

**FERRO'S BAR,  
DIA 19 DE AGOSTO:  
UMA VITÓRIA CONTRA  
O PRECONCEITO**



**A OPÇÃO PELA AUTONOMIA**      **'FIM DE CASO': LÉSBIKAS NO TEATRO**

FIGURA 03/51 ➤

Levante do Ferro's Bar. Fonte:  
Fotografia de Cristina Villares,  
reprodução do autor a partir de  
recorte de revista que faz parte do  
acervo do AEL

FIGURA 03/52 ➤

Capa do "ChanaComChana" nº 4.  
Fonte: ChanaComChana, nº 4,  
set./1983, p. 1

## 03/03/02 COMÉRCIO E SERVIÇO

A categoria laranja no mapa conta com mais de trinta pontos mapeados, numa grande variedade de estabelecimentos: hotéis, galerias comerciais, clínica de depilação, loja de departamento, clínica veterinária, escritório de advocacia, livraria, bibliotecas, galerias de arte, centros acadêmicos, quadra de escola de samba, *sex shop*, fliperama, e outros.

Os hotéis mapeados são os espaços dos encontros e das transas. Para pessoas sexualmente dissidentes era importante reconhecer quais hotéis estavam abertos a recebê-los, como reforçou Bira em entrevista registrada por Fraccaroli (2019) “[...] você precisava ir naquele que você sabia que eles iam te deixar entrar e não eram todos, você precisava saber qual que podia e qual que não podia” (p. 103). Alguns dos hotéis listados permanecem em funcionamento, como o Hotel São Tião <sup>1</sup> [LARANJA\_1] (hoje, São Sebastião) e o Hotel Luver <sup>28</sup> [LARANJA\_28]. O edifício de três pavimentos onde funcionou o Hotel Mister Gay <sup>30</sup> [LARANJA\_30] na década de 2010 abrigou um bar alternativo, no final de 2021 a edificação foi demolida como parte das obras da linha laranja do metrô de São Paulo.

Aparecem também as galerias comerciais<sup>76</sup>, uma tipologia arquitetônica marcante no centro novo da capital paulista, que trazia uma diversidade de serviços, lojas, passeios cobertos e espaços semipúblicos. Destacamos a Galeria Metrôpole <sup>2</sup> [LARANJA\_2], que foi construída nos anos 1960 num local que já era previamente ocupado por grupos LGBT, e a Galeria Califórnia <sup>24</sup> [LARANJA\_24], que estava no caminho entre o Teatro Municipal e a Praça da República e que, assim como a anterior, possuía um cinema.

Nesta categoria não estão listados apenas espaços propriamente ditos de lazer, como no caso dos endereços dos profissionais liberais, da Depilação Stela <sup>3</sup> [LARANJA\_3], da Editora Afa <sup>31</sup> [LARANJA\_31] ou do Centro de Convenções Rebouças <sup>33</sup> [LARANJA\_33]. Optamos por identificá-los no mapa devido às relações que podem estabelecer com os demais espaços, criando um território de grande vigor.

Podmore (2001) ao longo do texto comprova como a atração das lésbicas para uma vizinhança está relacionada à existência de uma série de serviços, num espaço heterogêneo e diverso que valorizava as ruas como um importante lugar para as atividades diárias, possibilitando interações cotidianas casuais: os encontros, os olhares, as conversas.

Para uma subcultura sexual que gira em torno de momentos fugazes de contato comunal em bares e boates, ou espaços contidos como centros femininos e lares, esse contato social aleatório desempenha um papel importante no reforço das identidades lésbicas porque enfraquece a separação entre locais de sociabilidade lésbica e da vida cotidiana.<sup>37</sup> (Podmore, 2001, p. 345)

36

Para mais informações, consultar a dissertação de mestrado “Edifícios e galerias comerciais: Arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60” (2005) de Cynthia Augusta Poletto Aleixo.

37

Do original: “For a sexual subculture that revolves around fleeting moments of communal contact in bars and nightclubs, or contained spaces such as women’s centers and other women’s homes, this haphazard social contact plays an important role in the reinforcement of lesbians identities because it undermines the separation of sites of lesbian sociability from everyday life.”

**Depilação Definitiva**  
**STELA**  
Eletrocoagulação com aparelhos importados. Não deixa manchas nem cicatrizes. Tratamento para o rosto e variadas partes do corpo. Unisex.  
Rio: Largo do Machado, 29/808. Fone: 265-0130.  
São Paulo: Peixoto Gomide, 1.419. Fone: 288-5163.

**Depilação definitiva**  
**Stela**  
Rosto e corpo  
Tratamento. Método: eletrocoagulação, com aparelhos importados, os mais modernos dos Estados Unidos. Não deixa manchas nem cicatrizes. Ambos os sexos.  
Rio: Largo do Machado, 29/808 Fone 265-0130  
São Paulo: Alameda Franca, 616, s/01

← FIGURAS 03/53-54

Primeiro e último anúncio “Depilação Definitiva Stela” no “Lampião” n° 4 em novembro de 1978 e no n° 37 em julho de 1981 <sup>3</sup> [LARANJA\_3].  
Fonte: Lampião da Esquina, n° 6, nov./1978, p.14 & Lampião da Esquina, n° 37, nov./1981, p. 12

Os pontos desta categoria são fundamentais para criar essa atmosfera urbana de encontros também durante o dia, e não apenas no período noturno, marcado pelo funcionamento dos bares e das boates. Encontros que muitas vezes ocorrem nas ruas, praças e parques, mapeados na próxima categoria.

## 03/03/03 ESPAÇO PÚBLICO

A fala de Regis registrada por Fraccaroli (2019) retrata uma visão da nossa próxima categoria, na qual destacamos ruas, avenidas, viadutos, praças, parques e largos.

[...] os espaços públicos eles eram bem demarcados na metrópole. Vieira, Largo do Arouche, é... São Luís, Praça Dom José Gaspar, aqui a Praça Roosevelt, que é essa aqui em cima. Fervia, bicho! Mas fervia! Cê não dava conta, parecia feira. Começava a chegar sete, oito da noite, nove dez, onze, porra, bombava. Neginho pegava uma cerveja no bar e tomava e ia pra praça, sentava e ficava, ficava lá, porque enturmava em pequenos coletivos, quatro, cinco e aí passava. (Fraccaroli, 2019, p. 78)

Na sua maioria são espaços marcados pela concentração de outros pontos de interesse. Ao redor da Praça da República a malha viária está quase toda destacada. São espaços dos deslocamentos, mas também dos encontros e das propostas, espaços de sociabilidades não vinculados necessariamente ao consumo, por outro lado é onde estamos mais expostos. Vejam o que lemos na seção de cartas do “Lampião da Esquina” n° 11, de abr./1979: “Vocês sabiam que aqui é proibido para os homossexuais andarem nas ruas e na Praça da República mesmo com documento registrado, se não vão para os 3°, 4° e 1° distrito e de lá só saem quando eles bem entendem” (p. 18).

O “Lampião” nº 13 apresenta uma matéria com o título “Uma praça chamada república”, ela seria o local mais conhecido das bichas paulistas. No ano de 1979 quando o texto é publicado, ela é descrita como “horrorosa, maltratada, esquecida de qualquer senso estético” (Lampião da Esquina, nº 13, jun./1979, p. 6), situação que só teria se agravado com as obras do metrô. Segundo a reportagem, enquanto o Largo do Arouche, vizinho da praça, e a Rua Vieira de Carvalho, que realiza uma ligação entre os dois, seriam mais frequentados pela classe média, interessada em “desfilar” e mostrar suas roupas de marca, a República seria mais popular, recebendo a todos, em especial as travestis, que apareceriam durante a noite. Apesar da reportagem afirmar que na Praça da República “sempre há alguém disponível”, alguns meses antes, no nº 11 de abril de 1979 o “Lampião” alertava para a possibilidade de repressão policial a qualquer momento, além de pontuar as dificuldades e complexidades das relações ali estabelecidas.

A inauguração da estação de metrô na Praça da República teria sido um evento marcante para a ocupação deste espaço por corpos dissidentes periféricos. Perlongher (1987) atesta a perda do caráter diferenciado da região da Marquês de Itu com a facilidade de acesso promovida pelo transporte sobre trilhos. Passados 38 anos da inauguração da estação, ela ainda pode ser apontada como fator capaz de popularizar o território LGBT do Largo do Arouche, que outrora já esteve no status mais elevado, mas que agora em comparação com a Rua Peixoto Gomide (entre as Ruas Augusta e Frei Caneca) é tido como mais popular (Puccinelli & Reis, 2020). A observação dos autores em campo mostra como a frequência na Peixoto Gomide é entendida entre os jovens enquanto algo que aumentaria o *status* de suas subjetividades, ao passo que tentam disfarçar ou justificar o fato de também frequentarem o Largo do Arouche para evitar serem alvo de chacotas.

O relacionamento pessoal na praça [da República] é carregado de tensão e medo, por diversos motivos. O mais importante de todos é o preconceito de cor e social (são fatores interligados, não?). Os entendidos mais pobres, ou seja, os negros, imigrantes recém-chegados de outros Estados, operários da construção civil, só contam com a praça da República para suavizar a solidão da cidade grande. Por causa disso também os sexuais são claramente marcados no contato público – aparentemente só há bofes e bichas na praça, embora a credibilidade dessa permanência de papéis num contato mais profundo seja discutível. (Lampião da Esquina, nº 13, jun./1979, p. 6)

De acordo com o “Lampião” nº 30 (nov./1980), a presença de homens gays neste território já ocorria há pelo menos duas décadas, pois foi nas vizinhanças da República que um homem chamado Zilk Ribeiro, no final dos anos 1950, teria aberto um dos primeiros bares gays do Brasil, o “Barroquinho” <sup>18</sup> [ROSA\_18], mais especificamente onde hoje está a Galeria Metrôpole <sup>2</sup> [LARANJA\_2]. A reportagem reforça também o papel dos amplos calçadões da Ipiranga (em especial entre a São João e a São Luís) e da São João (entre o Largo do Paissandu e do Arouche), como locais não apenas de passagem, mas também de encontros e transações onde

“os michês se exibem e batalham seu pão” (Lampião da Esquina, nº 30, nov./1980, p. 6), especialmente após às oito da noite. Ao longo dos anos os corpos dissidentes estiveram presentes nos espaços públicos da metrópole, mas suas interações e expressões parecem ter se transformado, é o que nos mostra a fala de Lair ao comparar a experiência da sua juventude na São Paulo dos anos 1970-80 com o que vê atualmente na cidade:

[...] hoje eu vejo o pessoal andando de mão dada na Paulista, se beijando na Paulista eu fico às vezes “ah”, olhando e pensando: “meu Deus”, porque no meu tempo nada disso acontecia. Isso é uma coisa que acontece atualmente, no metrô então eu fico... na época, não, nada disso era permitido. (Fraccaroli, 2019, p. 70)

O depoimento de Bira parece seguir no mesmo sentido ao dizer que “A rua não era como era hoje”, pois segundo ele as pessoas “não ficavam se pegando [...] não ficavam de mãos dadas [...] não ficava dando beijos” (Fraccaroli, 2019, p. 117).

Julie A. Podmore<sup>38</sup> (2001) examina as relações entre sexualidade feminina e o espaço das ruas, ela contesta a concepção de que lésbicas são menos visíveis nos espaços, ou imperceptíveis aos observadores e constrói as relações de sociabilidade de mulheres homossexuais na sua relação com a rua e o espaço urbano, tendo como foco um grupo de lésbicas residentes do Boulevard St. Laurent em Montreal. Seu primeiro passo foi reconhecer que as ruas são importantes espaços de subversão, são territórios mais acessíveis para se questionar a hegemonia heterossexual e podem ser uma metáfora para uma sociedade pluralista, tanto que são objetos de pesquisa para estudos queer que se dedicam a temas como o sexo em público, *cruising* e as ocupações carnavalescas, como as paradas do orgulho, por exemplo.

A autora ao longo do texto comprova como a atração das lésbicas para esse lugar está relacionada à existência de uma série de serviços, num espaço heterogêneo e diverso que valorizava as ruas como um importante lugar para as atividades diárias, possibilitando interações cotidianas casuais: os encontros, os olhares, as conversas.

Para Sally Munt a cidade ajudou a construir a sua identidade lésbica, uma que lhe foi dada através dos olhares dos outros e pelos olhares que ela distribuiu às pessoas que estavam passando, ou não, nas ruas (*apud* Reed, 2006). A construção da subjetividade passa pela visibilidade dessa construção, o encontro de si mesmo através do encontro com o outro (Pontes, 2014).

Podmore (2001) realiza entrevistas em sua pesquisa de campo que comprovam o prazer das mulheres pela liberdade de flertar na rua, descrito como uma tensão positiva criada pela sensação de incerteza e perigo (controlado). Essa associação do flerte no espaço público está diretamente vinculada às relações do desejo, também levantadas por Puccinelli (2013). Estar visível no espaço público é também estar visível para os seus iguais e para aqueles aos quais você direciona o seu desejo. Segundo Podmore (2001), o Boulevard St. Laurent é um espaço onde o desejo pelo outro se realiza, enquanto, para Puccinelli (2013), a questão vai

## 38

Ao debaterem questões sobre lésbicas e espaços públicos, autoras como Bonnevier (2007) e Podmore (2001) comentam sobre os escritos do poeta francês Charles Baudelaire – em especial o livro “As flores do mal” –, para quem as lésbicas seriam as verdadeiras heroínas modernas, apesar de o autor representar o amor lésbico como manifestação estéril e infeliz.

além do desejo aos pares ao se questionar se os sujeitos desejam também o espaço e quais características tem esse espaço.

Acreditamos que a incerteza e o perigo (controlado) mencionados por Podmore (2001) ocorrem pois o flerte homossexual representa uma insubordinação à heteronorma urbana. O depoimento de P.J. para Fraccaroli (2019) resgata como essas interações aconteciam entre homens na São Paulo das décadas de 1970-80:

Ah! Lembrei dessa, preciso te contar, você precisa saber dessa, não sei se os outros te contaram. Os olhares! Quando você passava na rua, você olhava, o outro olhava e de repente seguia e você virava pra ver. Quando você virava, o outro virava e aí parava. (p. 166)

A matéria “The Buenos Aires Affair”, publicada no “Lampião” nº 22 de março de 1980, mostra como o flerte no espaço público pode até mesmo desafiar a heteronorma em contextos de grande repressão como o da Argentina da ditadura militar. O texto descreve um cortejo entre homens que começa com a troca de olhares e se desenrola numa perseguição urbana, na qual ao mesmo tempo em que se deslocam pela cidade os sujeitos mantêm a confirmação do interesse um pelo outro através dos olhares que se encontram na multidão. Essa deriva da sedução, esse jogo no tabuleiro da cidade, também funciona como teste, para garantir que não se está entrando numa armadilha. Caso uma das partes envolvidas seja na verdade um policial disfarçado – agente da heteronorma – o mesmo desistiria do jogo antes do seu fim, fim este que pode acontecer ao se encontrar um local identificado como seguro, uma rachadura na matriz heterossexual.

Mesmo que temporária, essa subversão dos códigos da heteronorma também pode ser observada em alguns eventos efêmeros, de ocupação e ressignificação da cidade, como por exemplo o carnaval de rua, que, segundo Gontijo (2004) – interessado nas manifestações da festa na capital do Rio de Janeiro –, pode abrir brechas para o questionamento do status quo, pode possibilitar o encontro com as diferenças e o entendimento da sua posição dentro delas, o que seria essencial na construção de uma relação de respeito. Em São Paulo, além do carnaval de rua<sup>39</sup>, em amplo crescimento desde 2014, eventos como a “Virada Cultural” e “SP na rua”<sup>40</sup> demonstram grande potencial nesse mesmo sentido<sup>41</sup>.

O maior exemplo desse tipo de ocupação eventual é a Parada do Orgulho LGBT, que em São Paulo completou vinte e três edições em 2019 – seguidas de duas edições virtuais em 2020 e 2021, voltando a ocorrer presencialmente em 2022 –, mantendo o posto de maior manifestação LGBT do mundo. Na capital seu percurso reforça e consolida a presença LGBT nas imediações da Av. Paulista e em parte do Centro, já marcadas pela grande frequência de corpos dissidentes. Em São Francisco, Lesher (2008) destaca como os percursos das diversas paradas de orgulho ampliam o “raio-gay” da cidade, ao não passarem, apenas pelo Castro, mas sim por territórios que usualmente não seriam ocupados por corpos dissidentes.

39

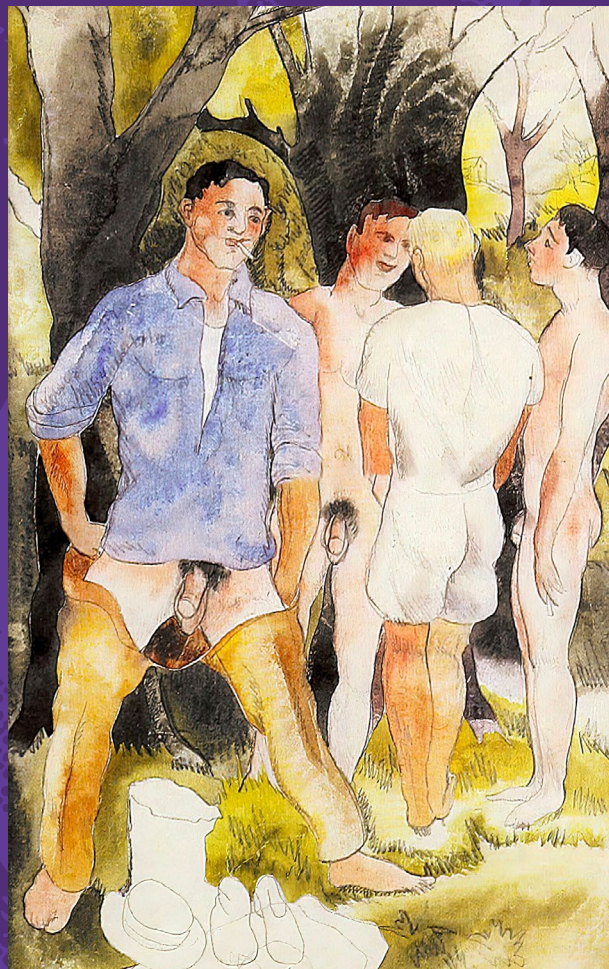
Sobre o carnaval de rua de São Paulo, conferir a coluna “Cotidiano da Metrópole” (fev./2020) da Rádio USP com o professor e pesquisador Nabil Bonduki, disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/crescimento-do-carnaval-de-rua-e-resultado-de-politica-de-estimulo-a-diversidade/>

40

As festas de rua sofreram uma pausa entre 2020 e 2023, os anos pandêmicos. Caberá observar como será o retorno destes eventos numa cidade marcada pelas sequelas da covid-19.

41

Ao tratar destes eventos cabe também uma discussão sobre a gentrificação dos espaços centrais da cidade, sobre este tema indicamos a tese “A ambiguidade da cultura na transformação urbana: A região central de São Paulo em análise” (2021) de Guilherme Galuppo Borba.



← FIGURA 03/55

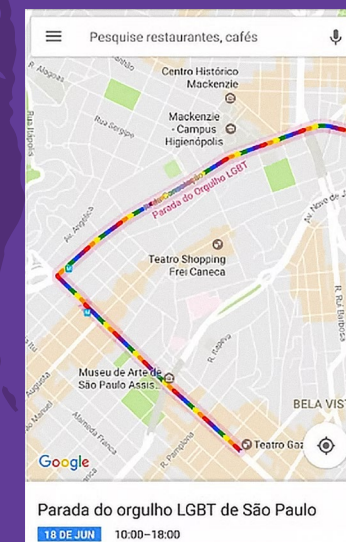
Charles Demuth, Quatro figuras masculinas (1930). Fonte: Demuth, Charles (1883-1935) (2023, n.p.)

← FIGURA 03/56

Charge publicada no “ChanaComChana” nº 7. Fonte: ChanaComChana, nº 7, abr./1985, p. 8

↓ FIGURA 03/57

Indicação do trajeto da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2017 realizada pelo Google Maps, começando na Av. Paulista e terminando na Praça Roosevelt. Fonte: Google Maps vai indicar trajeto da Parada LGBT em SP com cores do arco-íris (2017, n.p.)



Banheirismo – Nova concepção política e ideológica, assumida pelos que gostam de frequentar banheiros. Os públicos naturalmente. (Lampião da Esquina, nº 31, dez./1980, p. 18)

No mapa, banheirão e saunas são duas categorias diferentes. Os banheiros públicos que eram conhecidos como pontos de pegação (19 pontos) aparecem no mapa na cor roxa e as saunas (9 pontos) na cor amarela. Entendemos ambos como espaços dos encontros sexuais. Para Aaron Betsky (1997) os espaços gays são espaços do orgasmo, este é o foco principal, aquilo que se almeja alcançar diretamente ou indiretamente. Já Jean-Ulrick Désert (1997, p. 20 *apud* Leshner, 2008, p. 38) prefere considerá-los como espaços sensuais, são espaços da sensorialidade, incluindo aquela relacionada aos atos sexuais, como pode ocorrer em saunas e clubes de sexo, espaços voltados para a satisfação dos desejos e fantasias, desde a fantasia de expressão e demonstração de uma subjetividade que não é normalmente exposta publicamente até a expressão do desejo pelo outro.

Banheiros são alvos de constantes disputas envolvendo corpos LGBT, haja vista a luta das pessoas trans pelo direito de usar o banheiro de acordo com o gênero com que se identificam e o policiamento realizado em banheiros de espaços públicos e semipúblicos com o intuito de coibir práticas sexuais, como ocorreu na rede de academias Smart fit e seu botão anti “conduta inapropriada” instalado em 2019 (Smart Fit instala..., 2019). A análise das fontes documentais mostrou medidas adotadas pela heteronormatividade para aplacar as suas fobias. A reportagem do “Lampião da Esquina” nº 12, de maio de 1979, relata como o engenheiro Noel de Almeida, que presidiu a Companhia do Metropolitano do Rio de Janeiro, haveria declarado que não haveria banheiros públicos nas estações:

[...] Noel deu de presente a sua contribuição pessoal à “moral” e aos “bons costumes” da população, anunciando que em suas estações não haveria banheiros. Por que? Ora, viajado que é, ele constatou que nos banheiros de metrô “acontecem as piores coisas”. Quer dizer, o engenheiro partilha da idéia geral de que os banheiros públicos funcionam como uma espécie de quartéis-generais da falange subterrânea e obscura dos homossexuais. Para ser mais claro: todo mundo, quando entra num banheiro, vai satisfazer as chamadas “necessidades fisiológicas”, exceto as bichas; essas, quando entram lá, é sempre para fazer as “piores coisas”. (Lampião da Esquina, nº 12, maio/1979, p. 4)

O fechamento de banheiros públicos, como medida para evitar os encontros sexuais entre homens, também foi efetuado pela ditadura militar argentina, como visto nos números 21 (fev./1980) e 34 (mar./1981) do “Lampião”. Tais ações, que intervêm em prol da heteronormatividade, desconsideram a importância dos banheiros como equipamentos públicos urbanos e resultam numa cidade desconectada das necessidades de seus habitantes, especialmente aqueles da classe trabalhadora.

Já no número 23, de abril de 1980, o jornal relata uma campanha de difamação dos grupos homossexuais organizados que estaria ocorrendo em São Paulo. Tratava-se de um rumor de que a principal, e única, pauta do movimento seria a reivindicação por banheiros públicos que seriam apropriados pelas bichas para a utilização de atos sexuais, nitidamente um completo esvaziamento das pautas do movimento homossexual organizado.

Além dos banheiros, a pesquisa também se defrontou com dois outros espaços nos quais os encontros sexuais são possíveis: as saunas e as casas de massagem. As saunas são anunciadas nos periódicos, mas são pouco mencionadas nos textos e reportagens, o que pode indicar uma certa discricção com relação a estes espaços, algo que inclusive foi observado na análise de suas fachadas. Em entrevista para Fraccaroli (2019), Bira, a partir da sua experiência na capital paulista entre os anos 1970-80, comenta que nas saunas ele se sentia muito mais seguro, sendo possível transar com vários parceiros sem medo da repressão, sem sujeira e sem mau cheiro.

Sábado, dia 10 de novembro, às 23 horas, a polícia parou com dois carros diante da sauna For Friends, em São Paulo, e invadiu o local com revólveres e metralhadoras à mão. Os frequentadores não puderam sair até uma hora da madrugada, mas não houve flagrantes ou prisões. Será que a sauna esqueceu de contribuir para a caixinha em novembro? (Lampião da Esquina, nº 19, dez./1979, p. 16)

No trecho retirado da seção “Bixórdia” do “Lampião” poderíamos pensar que parece contraditória a sensação de segurança mencionada por Bira, porém ao analisarmos o ocorrido de forma atenta é possível observar que mesmo numa situação de batida policial à sauna For Friends [AMARELO\_6] ninguém foi preso ou fichado. A partir daquilo que o texto deixa subentendido, é possível supor que esse ambiente seguro das saunas era garantido através de propinas pagas pelos estabelecimentos às forças policiais.

Com relação às casas de massagem há uma referência no “Lampião” nº 30, de novembro de 1980, na matéria “Chame Babilônia”, em que Aguinaldo Silva estava em busca de michês que atendessem em domicílio na capital paulista, algo que segundo ele seria fácil de se encontrar no Rio de Janeiro, bastando olhar a sessão de “massagens” dos jornais cariocas. Apesar de certa dificuldade inicial ele acaba obtendo a indicação de uma casa de massagens situada na Av. Ibirapuera, e o estabelecimento é descrito da seguinte forma, por uma de suas atendentes, com quem o repórter teria conversado por telefone:

Os rapazes são ativos e passivos, atendem aqui ou em sua casa e, neste último caso, além de dois mil cruzeiros pelo serviço, cobram também o táxi. Nós estamos aqui diariamente, de dez à meia-noite, inclusive aos domingos. Se o senhor vier até aqui, pode escolher entre vários; eles têm de 18 a 25 anos e tem pra todo gosto: louro, moreno, preto, etc. (Lampião da Esquina, nº 30, nov./1980, p. 5)

**Thermas Danny****Saunas e bar**Rua Jaguaribe 484  
Telefone 667101  
São Paulo

Encontre um amigo

Venha à

**THERMAS  
DANNY****sauna e  
massagem**Rua Jaguaribe, nº 484  
Fone 66-7101  
São Paulo

EM SÃO PAULO, A OPÇÃO É

**THERMAS  
DANNY****sauna  
e massagem**Rua Jaguaribe, nº 484  
Fone 66-7101  
São Paulo**FIGURAS 03/58-61** ↗ ↘

Anúncios da Thermas Danny no "Lampião" e no "Chana" 5 [AMARELO\_5].

Fonte: Lampião da Esquina, nº 5, out./1978, p. 14; Lampião da Esquina, nº 28, set./1980, p. 18; Lampião da Esquina, nº 32, jan./1981, p. 11; e ChanaComChana, nº 7, abr./1985, p. 23

**thermas  
danny** RELAX  
CLASSE A

Rua Jaguaribe, 484 - São Paulo  
Aberta diariamente  
Fone: 66-7101

**FIGURA 03/62** →

Roteiro dos banheiros publicado no "Lampião" nº 31 de dezembro de 1980. Fonte: Lampião da Esquina, nº 31, dez./1980, p. 5

**Roteiro eclético  
dos WCs paulistas**

- \* Praça Ramos de Azevedo
- \* Piso superior do Túnel da Av. 9 de Julho
- \* Estações de Metrô: São Bento, Jabaquara, Sé e Santana
- \* Fábrica Antártica da Mooca
- \* Largo Paissandu
- \* Praça da República
- \* Parque da Luz
- \* Rodoviária Central (Praça Júlio Prestes)
- \* Bibliotecas Municipais Mário de Andrade (Centro) e Pres. Kennedy (Santo Amaro)
- \* Galeria Prestes Maia (Viaduto do Chá)

**DEZ CONSELHOS PARA  
BA NHEIRISTAS**

1. Saque a barra, perscrute a conjuntura mictrória; antes de agir, insinue, quantas vezes forem necessárias, do modo mais sensual possível.

2. Procure esses locais nos horários de pique: das 7 às 9; das 11 às 13; das 17 às 19.
3. Não se sinta obrigado a contribuir com as cabinhas estrategicamente dispostas nas portarias.
4. Não entre no WC do Largo do Arouche: exploração, chantagem e pacto com michês.
5. Quando a fetidão for demais e o tesão ibidem, não fuja da rala: convide o ilustre passageiro para um passelo mais confortável. O tesão é a máquina motora desta História.
6. Nem tudo que reluz é ouro.
7. Tamanho não é documento.
8. Cuidado com michês e assaltantes — conselho não-paternalista para os incrivelmente mais inocentes ou pusilânimes.
9. O peixe morre é pela boca.
10. Não fique tensobcecado: assim o tesão não pinta.

**FIGURA 03/63** ↓

Anúncio da Sauna Le Rouge 80 no "Lampião" 8 [AMARELO\_8]. Fonte: Lampião da Esquina, nº 29, out./1980, p. 11

**Le Rouge 80**

**SAUNA**  
- A opção -

Sauna-Vapor  
Sauna-Seca  
American-Bar  
Private-Rooms  
Massagistas

Piscina Aquecida  
Semi-Olimpica  
Hidromassagem  
Com Turbilhão  
Andar Superior  
Sala de Repouso

**"RECORTE ESTE ANÚNCIO  
VÁLIDO COMO CONVITE"**

Rua Germaine Buchard, 286  
Próximo ao Pq. Água Branca  
Fone: 262-1155 — São Paulo

**FIGURAS 03/64-65** ↗ ↘

Anúncios da Sauna Fragata no "Lampião da Esquina" 7 [AMARELO\_7]. Fonte: Lampião da Esquina, nº 20, jan./1980, p. 10 &amp; Lampião da Esquina, nº 22, mar./1980, p. 4

**Enfim  
Fragata**

Rua Francisco Leitão 71  
Bairro Cerqueira César  
São Paulo  
Divirta-se

\*\*\*\*\*

Breve, em São Paulo,  
uma nova opção

**Fragata**

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*



Em dezembro de 1980, no número 31, o “Lampião” apresenta um roteiro pelos banheiros de São Paulo, no qual é possível observar que na sua grande maioria eles estão instalados em parques, praças e estações de metrô, locais de grande circulação que poderiam favorecer encontros rápidos e quase anônimos. Uma preocupação da época que está presente nos relatos daqueles que se aventuravam no “banheirismo” seria o risco de se encontrar nos banheiros agentes policiais “disfarçados” ou mesmo michês, o que poderia resultar em detenção ou em chantagem seguida de extorsão. Tal situação é relatada no “Lampião” nº 23, de abril de 1980, num texto cujo objetivo era alertar os usuários do banheiro do Cine Bristol <sup>14</sup> [AZUL\_14] e do Cine Paissandu <sup>17</sup> [AZUL\_17]

Atenção, bichas de São Paulo que fazem pegação na região da Av. Paulista: tem um lanterninha bonitinho no cine Bristol que anda achando gente desprevenida, no banheiro. Ele fica espiando, até pegar um flagrante. Aí começa um papo de malandro, ameaçando fazer escândalo, levar pra gerência e pra delegacia. Até receber dinheiro (e ele reclama quando recebe pouco) [...] Aliás, a mesma coisa andou acontecendo no cine Paissandu e as bichas andaram correndo atrás do lanterninha. (p. 10)

No caso do Cine Bristol e do Cine Paissandu, as inclusões no mapa foram realizadas dentro da categoria “Cinemas e Teatros”, por entendermos que o que acontecia nos banheiros era parte das relações que ocorriam nestes locais, e também pelo fato de o acesso a estes banheiros estar condicionado ao acesso aos cinemas em primeiro momento.

### 03/03/05 CINEMAS E TEATROS

Foram mapeados 37 pontos referentes a cinemas ou teatros, com uma grande concentração entre o teatro municipal e o Largo do Arouche. Iremos aproveitar este tópico para comentar as aproximações entre a classe teatral e as pessoas sexualmente dissidentes.

Um número expressivo das matérias publicadas pelo “Lampião” tratavam da cena cultural brasileira: estreias de filmes, peças teatrais, exposições, lançamentos de discos e livros, o que reflete os interesses do corpo editorial que pertencia à classe média intelectualizada, mas que também faz sentido com aquilo que o público procurava, como vemos no depoimento de Clóvis salientando uma das preocupações do momento: “estar em dia com determinados filmes ou discos, para poder levar um papo com o pessoal homossexual da época que era muito intelectualizado” (Perlongher, 1987, p. 77). Para Perlongher (1987) a classe teatral guiava os rumos do mundo gay da classe média, e Trevisan afirma para o “Lampião” nº 2, de junho de 1978, que: “[...] na última temporada teatral de São Paulo, havia 25 peças em cartaz, das quais 11 apresentavam temática, personagens ou situações homossexuais” (p. 2).

A reportagem “O teatro é uma arte guei?” veiculada no “Lampião” nº 37 de julho de 1981 relata uma onda de espetáculos que de alguma maneira tangenciam a questão homossexual nos teatros de São Paulo e do Rio

de Janeiro, pontuando a peça “Gata em teto de zinco quente” de Tenesse Willians de 1958 como precursora desse movimento ao mostrar “o homossexual de uma forma séria e não preconceituosa” (p. 13), o texto credita ao espetáculo “Panorama visto da ponte”, do início dos anos 1960, o feito de ter colocado no palco do teatro brasileiro, pela primeira vez, um beijo entre dois homens. Abaixo apresentamos uma lista das peças mencionadas pela referida reportagem:

- “A Tragédia de Vera Maria de Jesus, Condessa da Lapa” de Fernando Mello
- “Greta Garbo, Quem Diria, Acabou no Irajá” de Fernando Mello
- “Os Rapazes da Banda” de Mart Crowley
- “A Gaiola das Loucas” de Jean Poiret
- “A Longa Noite do Antílope Dourado” de Fernando Mello
- “O Amor do Não” de Fauzi Arap
- “Ópera do Malando” de Chico Buarque
- “Teresinha de Jesus” de Ronaldo Chiambroni
- “À Direita do Presidente” de Vicente Pereira e Mauro Rasi
- “Não Me Maltrate Robson” de Paulo Affonso Grisoli
- “Boy Meets Boy” de Bill Solly e Donald Ward
- “Rapazes da Banda” de Mart Crowley
- “As Tias” de Aguinaldo Silva e Doc Comparato
- “Village” de Iran Evans
- “Blue Jeans” de Zeno Wilde e Wanderley A. Bragança
- “Bent” de Martin Sherman
- “Macho Beleza” de Tito Alencastro
- “Garotos de Aluguel” de Carlinhos Lira

Em sua pesquisa, Heloisa Pontes (2019) levanta a hipótese de Gorelik de que “as cidades e suas representações se produzem mutuamente” (p. 299). Notadamente São Paulo está produzindo representações nas quais o homossexual está presente. É impossível não mencionar a importância do teatro de revista para as artistas transexuais e travestis que ocupavam os palcos e as produções, sendo protagonistas do entretenimento<sup>42</sup>. O teatro de revista ainda era o local das vedetes, importantes personagens para a sociabilidade lésbica, como mencionado na entrevista de Cassandra Rios para o número 5 do “Lampião”.

Miriam – [...] ali pelos anos 50, a expressão da homossexualidade feminina era bastante difícil, muito complicada. E uma de suas saídas – que você consegue mostrar nesse livro – era exatamente torcer pelas vedetes, sair com as vedetes, procurar a companhia das vedetes. Como é essa história? Você vivia isso? Você conheceu esse meio? Como é que você percebeu isso?

Cassandra – Eu, frequentava, sim, fiquei conhecendo, eu fui sofrendo conforme foram derrubando aqueles grandes teatros, Santana, Paramount, Odeon. (Lampião da Esquina, nº 5, out./1978, p. 10)

42

Parte desta história pode ser vista no documentário “Divinas Divas” (2017), de Leandra Leal.

Em Nova Iorque, na virada do século XIX para o XX, os espetáculos teatrais e de *cabaret* representavam provavelmente a principal forma de entretenimento citadino, juntamente com os *saloons*. A atividade teatral envolve atores, diretores, maquiadores, figurinistas, cenógrafos, dançarinos, o próprio público, entre outros.

4.3

Do original: “A gay enclave had quietly developed in Times Square before 1920s because the theater and the district’s Other amusement industries attracted large numbers of gay men who worked as chorus boys, actors, stagehands, costume designers, and publicity people; waiters and club performers; busboys and bellhops [...] the theatrical milieu did offer them more tolerance than most workplaces [...]”

4.4

Lembramos que para Ricardo – na biografia escrita por Chico Felitti (2019) – a profissão de cabeleireiro é o que irá permitir a sua mudança do interior para a capital São Paulo.

4.5

Do original: “By the late 1920s, gay men had become a conspicuous part of New York City’s nightlife. They had been visible since the late nineteenth century in some of the city’s immigrant and working-class neighborhoods, and since the 1910s in the bohemian enclave of Greenwich Village. But in the 1920s they moved into the center of the city’s most prestigious entertainment district, became the subject of plays, films, novels, and newspaper headlines, and attracted thousands of spectators to Harlem’s largest ballrooms”.

Um enclave gay se desenvolveu discretamente na Times Square antes da década de 1920 porque o teatro e outras indústrias do entretenimento da região atraíram um grande número de homens gays que trabalhavam como coristas, atores, ajudantes de palco, figurinistas e publicitários; garçons e artistas de clube; garotos de ônibus e mensageiros.

[...] o meio teatral ofereceu a eles mais tolerância do que a maioria dos locais de trabalho [...] <sup>43</sup>. (Chauncey, 1994, pp. 301–302)

Parece haver uma divisão homossexual do trabalho, observada ao identificarmos a presença, ou mesmo a expectativa, de que pessoas homossexuais ocupem determinadas funções, como pode ocorrer no universo das expressões artísticas, da moda, da beleza e dos cuidados pessoais <sup>44</sup>. Tais estereótipos são discutidos no “Lampião” n° 9 de fevereiro de 1979:

Depois, tem aquele velho clichê: uma bicha tem que ser cabeleireiro, costureiro, maquiador, ou então fazer parte dos trabalhos intelectuais – artistas plásticos, escritores, jornalistas – ou estar infalivelmente ligado ao meio teatral, seja ator ou simples bilheteiro. Na verdade, o homossexual busca essas atividades por instinto de sobrevivência. Como são, na sua maioria, seres de grande sensibilidade e inteligência, geralmente com talento invejável, ‘enclausuram-se’ nessas espécies de guetos profissionais onde as suas habilidades são aceitas com razoável grau de liberdade. Mesmo porque esse tipo de trabalho reforça a imagem de marginalidade – trata-se de ‘atividades não produtivas’, de acordo com os padrões vigentes – que a sociedade faz questão de atribuir à condição do homossexual. (p. 3)

Nos anos 1920 a indústria de entretenimento nos Estados Unidos passa por transformações. A ascensão dos cinemas foi sentida com muita força pelos teatros e *saloons*, de modo que para sobreviver alguns deles se transformaram em locais de pegação ou tentaram emplacar shows burlescos.

No final da década de 1920, os gays se tornaram uma parte distinta da vida noturna de Nova Iorque. Eles eram visíveis desde o final do século XIX em alguns bairros de imigrantes e de classe trabalhadora da cidade, e desde a década de 1910 no enclave boêmio do Greenwich Village. Mas na década de 1920 eles se mudaram para o centro do distrito de entretenimento mais prestigiado da cidade, se tornaram o assunto de peças, filmes, romances e manchetes de jornais e atraíram milhares de espectadores aos maiores salões de baile do Harlem. <sup>45</sup> (Chauncey, 1994, pp. 325–327)

Chauncey (1994) ainda comenta que, quando terminam os espetáculos, artistas e público se dirigem às ruas e calçadas, encontrando a boemia e modificando o público dos bares da cidade ao longo da noite. Aqui mais uma vez percebemos a interação entre os espaços e a cidade e os fluxos entre eles. A observação realizada por Chauncey (1994), sobre o protagonismo dos gays nos palcos do entretenimento, vai de encontro com a pesquisa de Heloisa Pontes (2019) mencionada anteriormente, para quem os gays e demais sujeitos sexualmente dissidentes podem aparecer nas produções como atores e atrizes, fisicamente presentes nos palcos, ou podem ter as suas histórias contadas no palco por meio de outros corpos – tópico que abriria discussões sobre representação versus representatividade –, como ocorre com a peça “Bent”, que aborda a perseguição sofrida pelos Homossexuais durante o Terceiro Reich na Alemanha Nazista e cujos atores principais se identificam como homens heterossexuais (Lampião da Esquina, n° 34, mar./1981, p. 13). Segundo a reportagem do Lampião, a peça teria sido capaz de expor a um amplo público formado não apenas por “sapatões, bichas e trichas”, mas também por “altos burgueses, bofes, cocotinhas, heterossexuais, policiais e mães” à história de opressão dos corpos sexualmente dissidentes. Caberia questionar se os corpos e histórias LGBT nos palcos do entretenimento estariam ali para reverter sua existência ou para entreter o sistema heteronormativo e reforçar estereótipos e preconceitos. Este debate é abordado no documentário de Sam Feder “Revelação” (2020), que trata do impacto de Hollywood na comunidade trans. A autora bell hooks (2019) chama de “recurso cômico” esse mecanismo presente na cultura de massa no qual atores, muitos deles negros, se travestem ou se apresentam como *drags* para provocar riso. Para ela a disseminação dessas imagens através da televisão e dos filmes colabora na manutenção do racismo e machismo: “A mulher negra [...] representando a imagem da qual todos têm permissão para rir e desprezar” (hooks, 2019, p. 262).

Os cinemas foram, e em alguma medida continuam sendo, importantes equipamentos para as pegações nas áreas centrais de São Paulo, mas essa análise de Chauncey (1994) nos leva a questionar o seguinte: como os cinemas “tradicionais” se tornaram cinemas de pegação? Esse fato possivelmente está relacionado às transformações da indústria de entretenimento, como a popularização dos televisores, dos aparelhos VHS (Video Home System) e das locadoras de vídeo e especialmente da construção de *shopping centers* que contavam com novas salas de cinema, onde os usuários poderiam gozar de um ambiente controlado (pelo consumo). Segundo a Agência Nacional do Cinema (Ancine), em 2021, 90% das salas de cinema do Brasil estavam instaladas em *shopping centers*. A difícil concorrência enfrentada pelos cinemas de rua contra as salas de cinema dos shoppings pode tê-los levado a buscar novos públicos.

Em maio de 1981 o “Lampião de Esquina” nº 36 veicula uma grande reportagem sob o título de “Tiradentes, sublime tentação” sobre o processo de perseguição e degradação enfrentado pelos tradicionais cinemas da Praça Tiradentes, conhecido território teatral, no Rio de Janeiro. O texto mostra os desafios enfrentados por estes espaços frente às transformações urbanas em curso nas grandes metrópoles. Naquele momento os cinemas São José e Marrocos haviam sido fechados por atos de interdição que demandavam o cumprimento das exigências relativas à segurança, higiene e restauração dos edifícios. Tal decisão teria impactado o impressionante número de três mil pessoas por dia.

A corrida em direção à Lapa fez com que a Tiradentes, no decorrer dos anos, fosse perdendo seu prestígio. O glorioso teatro de revista, que teve suas raízes ali, muda para os cabarés e cafés da antiga Lapa. Vários teatros e cinemas da Praça são demolidos ou transformados em lojas. (Lampião da Esquina, nº 36, maio/1981, p. 12)

A reportagem descreve como era o funcionamento do Cine São José antes da interdição.

Dezesseis horas. Mais pessoas chegam. É a festa. A platéia, pasmem, encontra-se lotada. Ninguém parece se incomodar com o insuportável cheiro de mijo que penetra pelas ventas, ou as incessantes mordidas de carrapatos ou pulgas, que dominam o recinto. A péssima projeção e o forte ruído dos alto-falantes sequer são percebidos [...] Dezenove horas. Houve uma radical mudança na frequência [...] travestis [...] bichas [...] negros enormes [...] São vinte e duas horas [...] Muitos vão para casa [...] Outros permanecem nas esquinas e nos bares. (Lampião da Esquina, nº 36, maio/1981, p. 12)

O plano das autoridades municipais para a região envolveria “1) Preservação e revitalização de imóveis e espaços urbanos; 2) Promoção de atividades culturais e 3) Integração com as comunidades” (Lampião da Esquina, nº 36, maio/1981, p. 13). O jornal, no entanto, se mostra preocupado em como não expulsar aquela população marginalizada que já ocupava o território, mas sim incluí-la neste novo projeto.

No que diz respeito aos espaços teatrais, a pesquisa demonstrou que eles foram fundamentais não apenas para a sociabilidade de homens e mulheres homossexuais, mas também para o surgimento dos grupos organizados, o que pode ser observado, em especial, no caso do Teatro Ruth Escobar <sup>34</sup> [AZUL\_34], onde ocorreram: (i) o Festival das Mulheres nas Artes; (ii) a apresentação da peça “Olho no Olho” de Crisóstomo – repórter do “Lampião” com o intuito de arrecadar dinheiro em campanha para a defesa da sua acusação infundada de pedofilia; (iii) o I Congresso da Mulher Paulista; (iv) a festa “Viva a Homossexualidade”; e (v) talvez o acontecimento mais importante ocorrido no teatro relacionado à história do movimento homossexual, o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO).

## 03/03/06 BOATES

Na categoria boates foram mapeados mais de 20 pontos. Em 1978 o “Lampião” já noticiava o sucesso das casas noturnas em São Paulo e no Rio de Janeiro: “Verdadeiras multidões invadem as boates, e seus faturamentos estão deixando muitas pessoas com boa situação financeira, graças ao povo guei” (Lampião da Esquina, nº 6, nov./1978, p. 13). A expansão das boates em São Paulo a partir dos anos 1970 vai marcar um rompimento com a classe teatral que não as recebia com muito entusiasmo, pois as viam de forma depreciativa, como algo do “populacho”. Os dados parecem indicar que o vetor dos teatros se consolidou na região do Bixiga, enquanto as boates se expandiam pela Rua Augusta em direção à Av. Paulista e aos Jardins.

É interessante notar que a montagem de espetáculos nas boates e casas noturnas, como Homo Sapiens <sup>3</sup> [VERDE\_3], Castelinho e Medieval <sup>4</sup> [VERDE\_4], contava com figurinos <sup>46</sup>, *ballet* e cenografia. Existe nestas apresentações a utilização de conhecimentos específicos do universo teatral, um saber fazer. Nos últimos anos podemos citar os espetáculos realizados pela Blue Space, conhecida pelos shows de *drag*, que mantém essa tradição.

O ambiente das boates é onde se dança, se encontram os amigos e se busca por parceiros, Lair descreve para Fraccaroli (2019) as boates que frequentou entre 1970-80 em São Paulo como lugares onde “se tinha liberdade total pra dançar, beijar, ninguém incomodava, polícia nem ninguém. Lá dentro era livre, você podia beijar quem você quisesse, você podia... só não tinha sexo explícito porque não dava” (p. 69). Nas boates e casas noturnas também se organizam grupos, como no caso do time de futebol feminino da Boate Moustache <sup>12</sup> [VERDE\_12], o Café Futebol Club (ChanaComChana, nº 1, dez./1982) e ocorrem reuniões, como aconteceu com o GALF na *boite* Bughouse <sup>10</sup> [VERDE\_10].

Estes espaços, porém, também estavam sob disputa, e as relações entre usuários e proprietários nem sempre eram das melhores. As mulheres do GALF costumavam frequentar a boate Mistura Fina <sup>23</sup> [VERDE\_23] e também realizavam lá sessões de bingo com o objetivo de arrecadar dinheiro e estabelecer contato com outras mulheres lésbicas. No entanto, segundo MacRae (2018), a dona do local solicitava que não fosse utilizada a palavra “lésbica” nos convites ou no material de divulgação dos eventos, pois a considerava “feia”. Segundo o pesquisador, a proprietária estava mais preocupada com os lucros do estabelecimento e para isso tentava manter as “aparências” perante as autoridades políticas. Através da consulta ao arquivo do GALF no Acervo Edgard Leuenroth pudemos identificar impressos nos quais a palavra “lésbica”, de fato, não aparece, como no caso do convite para as festas juninas, porém ela está presente em outras situações, como no convite para o 1º aniversário do grupo. Nele apesar de no título o nome estar abreviado, no qual lemos “MISTURA FINA E O GRUPO L.F.”, a seguir, é possível ler o nome do grupo escrito por extenso “Grupo Lésbico Feminista”.

<sup>46</sup>

Para saber mais, ver o artigo “Brincando com fogo: O traje de cena dos espetáculos da boate gay Homo Sapiens” (2018) de Fausto Viana.

você já conhece:  
Rua Augusta 1605 — São Paulo.  
P.S. — Nas outras noites, Show-Time, um espetáculo de Aberlardo Figueiredo

Embalado da sexta-feira à noite:  
Uma festa incrível para inaugurar, na sexta, dia 28 de julho, a boite Medieval, no endereço que



← FIGURA 03/66

Anúncio da Medieval no "Lampião da Esquina" [VERDE\_4]. Fonte: Lampião da Esquina, nº 3, jul./1978, p. 11

↑ FIGURAS 03/67-68

Palco do Homo Sapiens na década de 1980 [VERDE\_3]. Fonte: Condensa Mônica (in memory)

← FIGURA 03/69

Anúncio da Bughouse no "Chana" [VERDE\_10]. Fonte: ChanaComChana, nº 12, fev./1987, p. 15

Só para quem entende...

A BUGHOUSE promove, quem curte é você..

5.as 20:00 hs	6.as 21:00 hs.	Sábado 21:00 hs	Domingos 19:00 hs.
KARAOKÊ e Boa Noite com e be sem H	Curtição e Show às 2:00 hs.	Som da Pesada e muito embalo	Matine c/ Show brincadeiras e muito agito
TODAS NOITES M. P. B. AO VIVO!!			

BUGHOUSE DISCOTHEQUE

Onde Você é a pessoa mais importante

RUA AUGUSTA, 753 - S P. - FONE 257-3131

NAO SE PERCA DE MIM, VEM AÍ..  
"NEW BUGHOUSE"

← FIGURAS 03/70-71

Palco da Blue Space em 2019. Fonte: Fotografias de Lima Soares (Oliveira, 2021, n.p.)



NAO SE PERCA DE MIM "NEW BUGHOUSE"

Os problemas enfrentados nestes espaços podem ser muito mais graves do que supressão de um termo ou palavra, como foi relatado no “Lampião” nº 13, de junho de 1979, na matéria “E se Gilberto Freyre também fosse negro?”. No texto lemos o relato de um caso de racismo na boate 266 West 6 [VERDE\_6]:

No sábado 5 de maio [...], quatro amigos (dois negros e dois mulatos, na peculiar diferenciação cromática brasileira), marcam encontro numa nova boite supostamente gay em São Paulo; e atenção ao nome: 266 WEST, na rua Marquês de Itu. Aproximadamente à meia noite, dois deles são impedidos de entrar, sob a alegação da casa estar lotada. Um deles desconfia, atravessa a rua e constata o ingresso contínuo de elementos brancos. No dia seguinte, conversam com os outros dois amigos pretos com quem haviam marcado encontro e que são vítimas da mesma discriminação, só que às três horas da manhã. Inconformados, pedem pelo menos que lhes seja permitido “dar uma olhada”. Também foram impedidos [...]

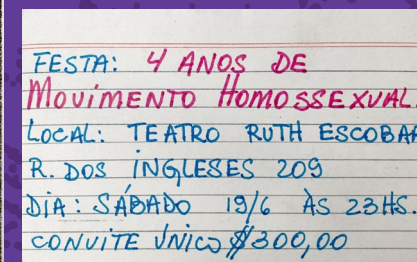
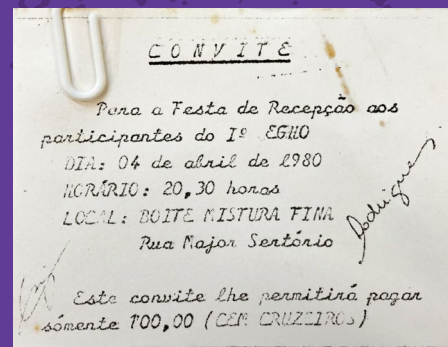
‘Nós alegamos que a maneira em que fomos recebidos pelo 266 West foi por sermos negros. Aproveitamos a ocasião para acrescentar que o homossexual brasileiro nunca deve se queixar dos preconceitos existentes na nossa sociedade enquanto ele mesmo mantiver determinadas restrições para com o seu próximo de cor’. (Lampião da Esquina, nº 13, jun./1979, p. 2)

E esse não parece ter sido o único relato negativo sobre a 266 West. Em carta enviada pela leitora Regina e publicada no “Lampião” nº 17, de outubro do mesmo ano, ela relata o preconceito sofrido no local.

Eu, a minha namorada e mais duas amigas fomos ao 266, aqui em São Paulo. E como nenhuma de nós faz o gênero sapatão – não é de nossa personalidade (e acho que cada um faz o que quer) – os rapazes do 266 olhavam para a gente como se fôssemos todas de outro planeta. Quer dizer que não é só em ambiente hétero que as mulheres são “mal-vistas” quando “desacompanhadas” de homens. (Lampião da Esquina, nº 17, out./1979, p. 18)

Como já mencionamos antes neste trabalho, o fato de um espaço estar identificado como LGBT não significa que nele não possam ocorrer ocasionalmente ou de forma sistemática casos de preconceito e opressão, que poderão atingir questões raciais, sociais e de gênero. O preconceito e a opressão podem partir de funcionários e proprietários dos estabelecimentos, mas também de outros usuários, como visto na carta de Regina, uma vez que, ao mencionar “Rapazes do 266”, podemos pressupor que estaria se referindo aos homens homossexuais.

Nenhum dos pontos mapeados por esta categoria foi capaz de permanecer na cidade ao longo dos anos, denotando a efemeridade destes empreendimentos, o que pode estar relacionado ao fato de as boates e casas noturnas terem que se conectar com os gostos de um momento específico, em termos de ritmos musicais e decoração, por exemplo. Isso pode ser observado no caso de diferentes boates



### Mistura Fina e GRUPO L. FEMINISTA

Convidam para as festas juninas nos dias, 27 - 28 e 29 de junho (sexta, sábado e Domingo) onde oferecerão: Dança da Quadrilha, Comidas e Bebidas Típicas, Quermesse, etc.

TRAJE: Típico (de preferência)  
HORÁRIO: A partir das 22:00 horas.  
Rua Major Sertório, 223 - São Paulo

VENEM AÍ  
O CLUBE  
DA LULU

### MISTURA FINA E O GRUPO L. F.

Convidam você para conhecer e participar das festas do 1º Aniversário do “Grupo Lúbia Feminista” nos dias

30-5-1980 “MULHERES NO PALCO”  
sexta feira  
21:00 horas

SHOWS exclusivamente feminino e mais a cortição que o Mistura Fina oferece

31-5-1980 “Nós... As Mulheres”  
Sábado  
21:00 horas

Venha de cabeça feita para dançar amar e ou caçar...

Rua Major Sertório, 223  
São Paulo

Aguardem o Estreio do “CLUBE DA LULU”

Sexto-Consumção  
Cr\$ 100,00  
Para quem  
apresentar  
este Convite

Sábado  
Consumção  
Cr\$ 150,00

PREÇO  
exclusivo  
para Mulheres

### FESTA NO GALE

SÁBADO. DIA 31 DE MARÇO

22 HORAS. RUA TEODORO

BAIMA. 28. SALA A (EM FRENTE

A IGREJA DA CONSOLAÇÃO, PERTO DO REDONDO.)

GALF (GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA)



### FIGURAS 03/77-78

Anúncio do Gay Club e do Studyo Twenty Four-o, ambos no “Lampião da Esquina” [VERDE\_5] [VERDE\_18]. Fonte: Lampião da Esquina, nº 4, ago./1978, p. 13 & Lampião da Esquina, nº 9, fev./1979, p. 14

## Gay Club

“Uma opção de cabeça”

Shows diários. O melhor som gay de São Paulo

Rua Santo Antônio 1000.  
Reservas: 258-8006

São Paulo

## Studyo Twenty Four-0

Boite - Discotheque

Show — 3.<sup>a</sup> 4.<sup>a</sup>. 6.<sup>a</sup>. e Domingo  
às 00h30m.

Sábado — Discotheque  
Direção de Renata

Rua das Palmeiras, 240  
São Paulo

### FIGURAS 03/72-76

Convites para festas e eventos promovidos pelo GALF. Fonte: Fotografias do autor a partir dos exemplares do AEL

que ocuparam o mesmo local no decorrer do recorte temporal da pesquisa, como no caso da Dinossauros [VERDE\_7], da Mistura Fina [VERDE\_22] e da Power [VERDE\_8], todas na Major Sertório, 223; e do Gay Club [VERDE\_5] e do Café Teatro Oscar Wilde [VERDE\_9], na Rua Santo Antônio, 1000. Ao analisarmos o uso destes espaços na cidade hoje, percebemos que o ponto onde um dia funcionou a Boate Homo Sapiens [VERDE\_3], na Rua Marquês de Itu, 182, abriga em 2023 a ABC Bailão, uma casa noturna voltada, em especial, para o público gay mais velho.

### 03/03/07 GRUPO/ORGANIZAÇÃO SOCIAL/PESSOA DE INTERESSE

Nesta última categoria, foram mapeados os endereços dos grupos homossexuais organizados, incluídos devido à sua importância e também por considerarmos que em suas sedes, que muitas vezes eram improvisadas na casa de um dos membros, não ocorriam apenas reuniões e debates, mas também encontros e pequenas festas. Nos relatos disponíveis nos periódicos é possível notar que os grupos também funcionavam como ambientes para socialização de seus membros. Basta observar como o “Lampião” descreve os programas do Somos: “[...] o grupo procura promover atividades coletivas de lazer, como festas (em bares da cidade) e viagens de passeio (já realizadas a Santos e Campos do Jordão)” (Lampião da Esquina, nº 16, set./1979, p. 9). A organização do segundo aniversário do grupo em 1980 conectou uma série de espaços do circuito homossexual na sua programação, que contava com exposição, mostra de filmes, show, festa, recital de poesia, baile a fantasia...



FIGURA 03/79 →

Anúncio no “Chana” das atividades promovidas pelo GALF [CINZA\_1].  
Fonte: ChanaComChana, nº 2, fev./1983, p. 12

**AULAS DE GINÁSTICA  
COM INICIAÇÃO A  
CAPOEIRA  
sábados  
das 15 às 17 horas**

início: 9 DE ABRIL  
informações: TEREZINHA  
FONE: 202.9062  
DE 2ª à 6ª das 15 às 17:30



**GALF** :GRUPO DE AÇÃO LÉSBICO  
FEMINISTA

CAIXA POSTAL 62.618, Cep 01.000, SP  
SEDE: RUA AURORA, 736, 1º ANDAR,  
APTO 10, SÃO PAULO, SP

As bichas e as lésbicas do SOMOS/SP, estão ouriçadíssimas, pois no próximo dia 20, será comemorado o 2º aniversário do Grupo, e que promete ser a Glória!!! [...] Dia 19 – Exposição e Venda de Obras sobre Homossexualismo, Boite Bughouse, na Augusta; Dia 20 – Mostra do Filme do 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais e Show do Grupo, na Boite Mistura Fina, Major Sertório; Dia 21 – Debate aberto sobre o Grupo SOMOS/SP, Teatro Ruth Escobar; Dia 22 – Bingo/cartela, Boite Condessa ou Le Bateau; Dia 23 – Show com cantores e Recital de poesias do pessoal do Grupo, Boite Mistura Fina; Dia 24 – “Meu Brasil Lesbicheiro”, baile a fantasia na Boite Mistura Fina. As musas da nossa redação, ficaram eufóricas com o programa, e prometem dar uma esticadinha em São Paulo e fazer aquela “Jambe le Jambe”. (Lampião da Esquina, nº 24, maio/1980, p. 11)

Os depoimentos presentes no “Lampião” e no “Chana” mostram que nem sempre era fácil encontrar espaços que aceitassem a realização de eventos promovidos pelos grupos homossexuais. Isso ocorreu, por exemplo, na organização do 1º EGHO. Em abril de 1980 é veiculada a informação de que após tentarem em muitos locais, a parte fechada do evento, dedicada ao encontro dos grupos organizados, iria ocorrer na Casa do Politécnico (Lampião da Esquina, nº 23, abr./1980), porém como já sabemos o encontro dos grupos acabou ocorrendo no Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP [LARANJA\_13].

A relação entre grupos sociais organizados pode ser uma de cooperação e apoio mútuo, mas também pode ser marcada por divergências, como já mencionamos quando relatamos a cisão ocorrida dentro do grupo Somos. Outro episódio que marca um desentendimento entre grupos foi o ocorrido entre o GALF e o Centro de Informação Mulher (CIM). Entre abril e dezembro de 1984 ambos dividiam uma sede no bairro da Luz, porém no “ChanaComChana” nº 7, abr./1985, as mulheres do GALF relatam como após 9 meses elas foram expulsas da sede pelas mulheres do CIM, que alegavam dificuldades na convivência. Por outro lado, o GALF manteve uma relação muito próxima e construtiva com o grupo Outra Coisa, como pode ser observado nas páginas do CCC, talvez pelo fato de ambos terem se formado a partir de uma dissidência do grupo Somos.

Também foram incluídos os endereços residenciais de “pessoas de interesse”, sendo que muitos destes pontos foram mapeados graças aos anúncios publicados nos periódicos, em especial na seção “Troca Troca” do “Lampião da Esquina”. Ainda que já tenhamos comentado sobre traumas que possam ter ocorrido nos espaços domésticos, nossas casas também podem ser espaços seguros para o lazer.

## 03/04 O QUE FAZER COM O MAPA?

O mapa mostrou uma vasta rede de pontos espalhados pela região da Praça da República. Inicialmente podemos nos impressionar com sua quantidade, porém é fundamental lembrar que o mapeamento resulta de um intervalo temporal de uma década, o que significa que estes espaços não são todos contemporâneos, ou seja, eles não funcionaram todos ao mesmo tempo. Pensando nisso, numa próxima etapa desta pesquisa, será interessante determinar o intervalo de tempo em que cada um desses espaços funcionou, possibilitando um filtro ano a ano que demonstre o crescimento ou redução desses locais. Vale reforçar que o mapa não mostra todos os espaços frequentados por corpos sexualmente dissidentes e nem tem essa pretensão, trata-se de um registro limitado pelo seu recorte temporal e pelas fontes consultadas.

Como foi possível perceber, não foram incluídos no mapa locais de violência<sup>47</sup>, apesar de estes terem sido encontrados na análise das fontes, como por exemplo: locais de crimes, delegacias e centros de detenção... Optamos por não os mapear por compreender que estes espaços são produções da heteronorma que buscam combater as manifestações e os corpos divergentes, enquanto um dos argumentos desta pesquisa é, justamente, pensar em um território que foi construído através da ação destes sujeitos. Foram corpos sexualmente dissidentes que construíram e asseguraram este território na centralidade metropolitana através de seus espaços de seus bares, boates, saunas, teatros, cinemas, hotéis e demais espaços de lazer a despeito das *blitze*, dos delegados, das reformas e das obras de transformação.

Esperamos que este mapa, se junte ao corpo de pesquisas desenvolvidas sobre espaços e sexualidades para incentivar o desenvolvimento de políticas de valorização da memória LGBT no território em questão. Reconhecendo e assegurando as conquistas do passado, como encontramos no CCC nº 10 de junho de 1986:

A vereadora Irede Cardoso do PT, aprovou projeto (8.01.86), de sua autoria, que “determina a cassação dos alvarás de funcionamento de estabelecimentos comerciais que venham a praticar discriminações contrariando o princípio da Isonomia, ou seja, contra o direito que têm todos os cidadãos de serem tratados de forma igual perante a lei, sem discriminação de qualquer natureza”. (ChanaComChana, nº 10, jun./1986, p. 16)

Mas também contribuindo para as próximas realizações, sejam elas: o resgate da memória de locais específicos, a implantação de centros de apoio e de acolhida ou a produção de legislações, projetos e iniciativas que contribuam para uma cidade cada vez mais diversa e justa. Em suma, utilizamos um mapa quando estamos desgovernados e desejamos traçar uma rota; quando desejamos chegar em segurança ao nosso destino e sabemos que ao longo do percurso passaremos por situações adversas ou quando queremos chegar a um local que para nós pode ser novo e desconhecido.

47

Para referência sobre o mapeamento de violência aos corpos sexualmente dissidentes, buscar a dissertação de mestrado intitulada “Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo” (2019), de Vinicius Santos Almeida.



04

*COPSIDERAÇÕES FIPIAIS*



A pesquisa nasceu para pensar em quais contribuições os espaços mapeados e os sujeitos que ocupam e frequentam estes locais deixam para a cidade de São Paulo, para ponderar as transformações na nossa noção de urbanidade e para compreender o que podemos aprender através do estudo dos espaços e corpos em questão.

Percebemos que no contexto paulista, assim como no novaiorquino e no berlinense, a subcultura sexualmente dissidente realiza as adaptações necessárias para a sua sobrevivência e persiste, estando no submundo ou nos holofotes. Chauncey (2014) e Beachy (1994) caracterizam tal subcultura como típica das grandes metrópoles, todavia precisamos ter cautela com a associação de que o (único) lugar para tais corpos seja a metrópole. Ao invés de fixá-los, é preciso imaginar que eles possam estar (e estão) em todos os lugares, ainda que não encontrem condições de/ para viver da forma como gostariam.

Foi possível perceber como São Paulo, através de seus espaços e grupos, influencia as expressões de subjetividade dos sujeitos, permitindo novas experimentações que se concretizam graças à possibilidade da sensação de anonimato dentro da multidão metropolitana e através da possibilidade de identificação com outros indivíduos. Há uma expectativa de que nas grandes cidades se “tenha de tudo” (e de todos). A grande cidade promete ser capaz de oferecer recursos para a experimentação de novas subjetividades, seja através de locais para a compra de itens utilizados na construção de uma nova indumentária, de serviços para a transformação do corpo ou de situações para que se exibam os resultados dessa metamorfose.

Para a professora e psicanalista Suely Rolnik<sup>01</sup> (2021), podemos dividir a nossa subjetividade em duas: a face pessoal e a face transpessoal. A primeira seria a mais conhecida, nela percebemos o mundo a nossa volta através das formas que o mundo tem, e quando percebemos uma forma a nossa percepção está marcada por códigos. É através desses reconhecimentos que conseguimos nos localizar e localizar as coisas ao nosso redor. Quando vejo, ouço, toco... alguma coisa, tenho uma sensação, e essa minha sensação é associada às representações e aos códigos que tenho acerca dela, desta forma consigo atribuir um sentido. Esse processo vai nos permitir responder ao que está acontecendo ou ao que eu estou vendo. Nesta face o outro e as coisas estão sempre fora de mim.

**07** Fala da pesquisadora durante o ciclo de debates “Micropolíticas na pandemia: Entre o colapso e os movimentos de transfiguração” do Centro de Estudos Avançados (CEA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, disponível em: <https://youtu.be/QzaZmPi--o8>

Mas nem tudo possui uma forma definida, nem tudo pode ser visto, ouvido, tocado ou cheirado... O mundo é composto também por forças que atuam em tudo: pessoas, animais, montanhas, oceanos ... Como realizar, então, a compreensão dessas forças? Para auxiliar no nosso raciocínio poderíamos pensar no capitalismo: ele não possui uma imagem definida, não possui cheiro, não possui uma voz definida e é uma dessas forças que movimentam o mundo, impactando nossos corpos, os corpos dos animais, a natureza... é inegável que o capitalismo nos afeta – assim como as demais forças que movimentam o mundo – e causa em nossos corpos certos estranhamentos. Para apreender o movimento das forças que compõem o mundo, e que não possuem formas definidas, nós necessitamos da nossa face transpessoal. Segundo Rolnik (2021), estaríamos, porém, vivendo num regime de inconsciente que retirou o nosso acesso à face transpessoal, de modo que tentamos apreender estas forças através do repertório da nossa face pessoal e assim conseguimos no máximo nomeá-las. Isso além de não resolver a questão agrava o estranhamento provocado por elas.

As forças têm potencial para afetar os nossos corpos, provocar estranhamentos, nos deixar desestabilizados e impedir o fluxo da vida, e é neste contexto que entra em ação o desejo, entendido aqui como algo que atende ao alarme da vida, para devolver o seu equilíbrio. As respostas do desejo são as micropolíticas, e elas podem ou não devolver a vida ao equilíbrio. Quando estamos reduzidos apenas à nossa face pessoal, nossa única possibilidade é a produção de micropolíticas reativas, que seriam incapazes de devolver a vida ao equilíbrio. Vejamos o exemplo desenvolvido por Rolnik (2021). Para ela o regime em que vivemos nos leva a uma desconexão com a face transpessoal, o capitalismo nos afeta, e com isso ficamos deprimidos, doentes, desmotivados... Porém como não temos acesso à nossa face transpessoal acabamos utilizando um repertório que é: colonial, racista e capitalístico, de modo que para nos sentirmos bem frente aos estranhamentos nós compramos, exploramos ou colocamos a culpa no outro através do machismo, do racismo e da LGBTfobia. Reduzidos à face pessoal somos incapazes de germinar novas possibilidades de vida.

No caso das micropolíticas ativas, as respostas do desejo conectadas com a face transpessoal da subjetividade são capazes de produzir novas possibilidades de vida, e essas novas vidas são capazes de reverberar, resolvendo os estranhamentos até que as coisas se recomponham. Deveríamos então desenvolver conhecimentos para reatar a nossa face transpessoal e assim resistir na esfera micropolítica, pois a micropolítica será capaz de guiar a macropolítica – que chamamos normalmente apenas de política. Para Suely Rolnik (2021) os movimentos negro, trans e indígena têm fortalecido essa conexão com a face transpessoal, atuando tanto na escala macro quanto na micro e não se restringindo a ocupar o lugar de oprimido ou de vítima, mas se expressando através de outros lugares, lugares propositivos que seriam capazes de criar novos sistemas.

Como vimos no decorrer da pesquisa, o movimento homossexual do final dos anos 1970 e da década de 1980 se constrói, se fortalece e se articula através dos espaços de lazer dos dissidentes sexuais.

A cidade atua sobre os corpos, e a presença desses corpos na cidade, por sua vez, também é capaz de interferir na matriz urbana. A pesquisa mostra que a ocupação realizada pelos sujeitos sexualmente dissidentes não ocorre de forma isolada e hermética, pois muitos dos locais identificados não possuem uma frequência exclusivamente homo ou bissexual e todos eles estão entremeados pela heteronormatividade.

Ainda que o foco da pesquisa esteja nos espaços do passado, ela também oferece recursos para pensarmos os espaços da cidade de hoje. De acordo com José Miguel G. Cortés (2008) o espaço público contemporâneo teria deixado de lado as manifestações espontâneas da vida social em busca de uma dita “proteção” dos indivíduos, o que nos levou a um espaço controlado e organizado, tal processo seria o resultado de questões políticas, econômicas e sociais das últimas quatro décadas. O trabalho desenvolvido mostra, porém, a consagração de um território urbano, ocupado por dissidentes sexuais, que continua pulsante e propositivo, atraindo carnavais, manifestações populares e novos corpos, apesar de forças políticas e econômicas que buscam explorá-lo, higienizá-lo e dominá-lo.

A pesquisa mostrou a erupção de um território central na cidade constituído a partir de corpos sexualmente dissidentes num momento particularmente hostil da história brasileira. Travestis, lésbicas, gays, bissexuais e demais dissidentes foram capazes de construir espaços e criar um horizonte para suas expressões de vida, transformando a própria experiência urbana, mas também, e não menos importante, a experiência urbana do outro, ou seja, produzindo reverberações para além do grupo. Através do trabalho foi possível perceber como os sujeitos não heteronormativos entendidos e os seus espaços atuam na própria imagem da metrópole, que a partir deles é vista como local da diversidade, das surpresas e do inesperado. Embora os dissidentes sexuais não sejam os únicos nesta empreitada, eles nos mostram como é possível (re)pensar um espaço urbano através do prazer, do orgasmo, do encontro, do desejo e da fantasia como partes fundamentais da vida cotidiana.

Esta pesquisa também cumpriu com o desenvolvimento de um mapa, em plataforma acessível, que mostra os espaços frequentados por pessoas homossexuais e bissexuais na cidade de São Paulo entre os anos de 1978 e 1987. Esse mapeamento mostrou espaços nas três categorias propostas por Cotrill (2006):

- Transparentes: para mídias, publicidades e espaços/eventos públicos;
- Translúcidos: para comércio, centros culturais e organizações políticas; e
- Opacos: para residências e relações íntimas.

Dentro da primeira categoria temos as praças, parques e ruas. Os espaços translúcidos são a grande maioria e incluem: comércios e serviços em geral, bares, restaurantes, cinemas, teatros, boates, sedes de grupos e organizações sociais. E para espaços opacos temos endereços residenciais e as saunas. Alguns dos espaços mapeados, em especial os banheiros, desafiam essa classificação proposta por Cotrill (2006), uma vez que são ao mesmo tempo públicos, o que os colocaria na categoria de espaços transparentes, mas podem ser utilizados para as relações íntimas, característica dos espaços opacos.

O mapa também tornou possível a visualização de marcos importantes para a memória dos dissidentes sexuais, lugares urbanos construídos pela presença desses corpos, cujas histórias comprovam sua relevância social. São espaços com grande carga simbólica não só para a população LGBT, mas também para a história cultural da cidade de São Paulo. Destacamos o Largo do Arouche e a Praça da República, talvez já popularmente reconhecidos por parte da população LGBT como importantes territórios para a história da sociabilidade dos dissidentes sexuais, mas gostaríamos de pontuar também as Ruas Martinho Prado e Santo Antônio como locais de interesse para a sociabilidade lésbica. Esperamos que a identificação destes territórios e a comprovação de sua importância social e cultural<sup>02</sup> estimule o desenvolvimento de estratégias que visem fortalecer uma memória coletiva dos corpos sexualmente dissidentes na cidade, que pode ocorrer através de políticas públicas, ações educativas, da implantação de monumentos, equipamentos de assistência social, de saúde, de lazer e de centros para a juventude, por exemplo. Gostaríamos de reforçar que o mapa está aberto a novas interpretações e que a intenção aqui não é pleitear este território como um produto apenas da vivência de corpos LGBT, mas sim reconhecer a participação do grupo em meio a muitos outros agentes.

Há que se pensar em edificações que fazem parte do mapeamento apresentado e que hoje estão abandonadas ou sem uso e também em outras que foram ocupadas por movimentos de luta por moradia, como é o caso, em fevereiro de 2023, do edifício do Cine Art Palácio, no Largo do Paissandu. Se tomarmos o Largo como exemplo, veremos as diferentes demandas que incidem sobre o território, que neste caso também são perpassadas pela memória dos corpos negros, dado que no Paissandu está implantada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e a Estátua da Mãe Preta.

Reforçamos que o trabalho contribui para o exame de temas da sexualidade dentro do campo da Arquitetura e do Urbanismo, trazendo novas bibliografias para o debate, em especial os trabalhos de George Chauncey (1994) e Robert M. Beachy (2014), obras ainda sem versões em português. A tese também se aprofunda em três fontes documentais – o “Lampião”, o “Chana” e “O Negócio do Michê” – que ainda podem render muito conteúdo dentro dos estudos urbanos.

02

Vale pontuar também, para aqueles que consideram este um fator relevante, a importância econômica dos corpos dissidentes e seus fluxos, haja visto por exemplo o impacto econômico da Parada do Orgulho em São Paulo, como relatam Meirelles (2022) e a Secretaria Especial de Comunicação (2022).

Confiamos que a pesquisa cumprirá o seu papel de incentivar a realização de novos trabalhos, mostrando possibilidades a novas pesquisadoras e pesquisadores. Caberá às futuras investigações a expansão do mapeamento apresentado que poderá: incluir novos espaços da mesma janela temporal ao analisar novas fontes documentais; mapear espaços em outras cidades, como o Rio de Janeiro – lembrando que o “Lampião” é rico em menções aos espaços da urbanidade carioca – e produzir análises entre os diferentes mapeamentos; expandir o recorte temporal para o mapeamento de espaços na cidade de São Paulo; e expandir os tipos de espaços mapeado, por exemplo os espaços privados, que ainda foram pouco explorados – neste caminho uma das referências importantes poderá ser o livro “Behind straight curtains: Towards a queer feminist theory of architecture” de Katarina Bonnevier (2007). Na década de 1960, enquanto travestis, prostitutas e homossexuais das classes mais pobres ocupavam e exibiam seus corpos nos espaços públicos, os homossexuais da classe média se reuniam em festas ou eventos privados em seus apartamentos, criando uma rede menos exposta aos olhares públicos, rede inclusive que foi alimentada por publicações como “O Snob” (1963-1969).

É intenção do pesquisador que futuramente a plataforma do mapa seja revisada, provavelmente na criação de uma interface mais amigável, melhorando questões relacionadas à usabilidade e à responsividade do mapa em diferentes dispositivos (*desktop*, *tablet* e *smartphones*). Numa próxima etapa, também poderão ser adicionadas novas camadas ao mapa com informações socioeconômicas, geográficas e censitárias, que permitam expandir as fronteiras das análises, como por exemplo valor habitacional médio; renda familiar média; aluguel bruto médio; porcentagem de pessoas brancas, negras ou estrangeiras e área média dos imóveis, de maneira semelhante ao que observamos na plataforma “An Everyday Queer New York” – apresentada no capítulo 03.

Novas etapas da pesquisa também poderiam enriquecer as informações apresentadas em cada um dos pontos mapeados com fotografias, vídeos e depoimentos de pessoas que estiveram nestes espaços. Estamos falando de locais que fizeram parte de uma cidade há 45 anos atrás, o que nos leva a crer que seja possível encontrar frequentadores dos espaços e testemunhas de suas histórias.

No que tange aos desafios para a realização da pesquisa, não há como negar que a pandemia de covid-19 tenha sido um grande contratempo ao dificultar o acesso aos acervos, ponto que gostaríamos de destacar pois acreditamos que um número maior de visitas a diferentes acervos teria beneficiado o resultado final apresentado, permitindo a incorporação de mais materiais relacionados aos espaços mapeados. Não podemos deixar de mencionar também os impactos sociais, emocionais, físicos e acadêmicos da pandemia na vida do pesquisador. No entanto, como demonstramos ao longo da tese, buscamos estratégias para superar tais dificuldades, por exemplo com a pesquisa em fontes já disponibilizadas *online* por grupos de pesquisa, acervos, arquivos ou entidades sociais.

Como todo trabalho científico, esta pesquisa possui limitações com relação ao seu alcance. Acreditamos que ela possa ser utilizada na criação de percursos históricos pela cidade semelhante aos desenvolvidos pelo curso “Memória LGBT no Centro Novo de São Paulo”. O mapa facilita a montagem de novos percursos, também permite que cada um que tenha acesso a ele crie o seu próprio caminho pelos espaços mapeados e possibilita a percepção de que os espaços conhecidos fizeram parte no passado de uma história de ocupações dissidentes. Imaginamos, por um lado, que o trabalho também poderá ser utilizado na construção de projetos que visem registrar esse território como de interesse dessa população, como na construção de políticas públicas; também pode ser uma ferramenta para saciar a curiosidade daqueles que se interessam pelo tema, inclusive para novas gerações que atualmente frequentam e ocupam o território estudado.

Por outro lado, o projeto não deve ser utilizado para mostrar que esse território estava dominado ou garantido por essa população, apesar de a tese e o mapa não salientarem as mortes, ou todos os assédios, ataques e preconceitos sofridos pelos corpos sexualmente dissidentes, nós apresentamos as dificuldades e conflitos enfrentados para a construção dessa rede, como as perseguições policiais e os conflitos entre proprietários e usuários<sup>03</sup>. Também não acreditamos que o mapa possa mostrar um passado melhor do que a realidade que encontramos hoje, pois compreendemos que desfrutamos hoje de conquistas alcançadas pela população LGBT das décadas passadas. Não se trata também de realizar comparações com relação à quantidade de espaços de ocupação e frequência LGBT do passado com aqueles em funcionamento hoje, o trabalho apresentado não oferece recursos para afirmar que antes existiam mais ou menos espaços abertos aos corpos sexualmente dissidentes.

Já mencionamos que os corpos dissidentes participam da construção do imaginário urbano metropolitano de São Paulo e também que a cidade participa na construção dessa subcultura sexual. Mas além disso foi possível perceber que a infraestrutura mapeada, de alguma maneira, permitiu e continua permitindo que esses espaços até os dias de hoje permaneçam ocupados por essa população, ainda que sem grande incentivos ou apoio, que poderiam vir, por exemplo, no sentido de oficializar este território como área de interesse para a comunidade LGBT.

A pesquisa mostrou caminhos para compreender o que atraía estes corpos para determinadas regiões da cidade e quais fatores teriam favorecido o desenvolvimento de um território dissidente na região mapeada e a permanência desse grupo na região ao longo dos anos. Neste sentido podemos mencionar: as galerias comerciais; os edifícios multifuncionais com comércios, serviços e residências; os grandes pontos comerciais que permitem a instalação de casas noturnas, bares e restaurantes; uma legislação urbana que permite os diferentes usos na região; um território de fácil acesso e que permite a chegada e a saída de pessoas através de transporte público durante o dia, mas também a noite e na madrugada; uma rede de serviços que funcione durante o dia, mas também durante a

## 03

Como salientamos na conclusão do capítulo 03, o viés da pesquisa aqui desenvolvida não passa pela investigação sobre a violência e repressão sofrida pelos corpos sexualmente dissidentes, como fazem os trabalhos de Almeida (2019), Silva Júnior (2018), Souza & Feliciano (2020) e Mendes & da Silva (2020).

noite, permitindo que se saia de um estabelecimento para o outro; uma concentração de estabelecimentos que permitem que você encontre amigos e conhecidos e que a partir de uma determinada frequência você comece a estabelecer relações de proximidade com os demais frequentadores, de forma que ainda que saia sozinho você possivelmente irá encontrar alguém conhecido, provavelmente vai conhecer alguém que more naquela vizinhança e poderá te dar abrigo em caso de necessidade, pois trata-se também de uma região muito adensada.

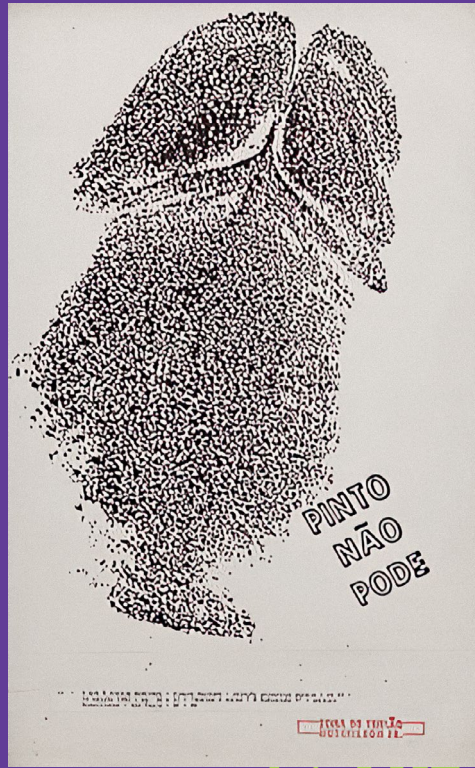
Caberá a pesquisas futuras realizar um levantamento que indique quem habitava e circulava na região da República em São Paulo nos anos 1970 e 1980, quais eram os tipos de moradias disponíveis na região e quem as ocupava. Acredito ser importante trazer características censitárias, como aquelas apresentadas por Chauncey (1994), compreendendo quem circulava pela região e, até mesmo, quais as tipologias residenciais predominantes, o que ajudará a entender se jovens e núcleos familiares não heteronormativos entendidos encontravam possibilidades de moradia, como em pequenos imóveis e no aluguel de quartos e pensões.

Também percebemos como a presença de outros grupos dissidentes, como a classe teatral e a boemia, contribuiu na consolidação do território pesquisado, colaborando para que os corpos sexualmente dissidentes continuem ocupando este território, inclusive através da utilização de seus equipamentos, como bares, cafés e teatros. Vejamos o resgate feito pela pesquisadora Heloisa Pontes (2019) da fala de Consuelo de Castro no projeto “Memória oral da Biblioteca Mário de Andrade”:

Segundo Consuelo de Castro, “havia uma cumplicidade entre o espaço e as pessoas. A cidade era nossa. Havia também uma sensação de que ela nos esconderia, de que ela era segura”. Esse sentimento de pertencimento, de intimidade com o espaço público, foi rompido com a ditadura. “Ela tirou essa sensação da gente” - nas palavras da dramaturga. (p. 311)

A retomada dos espaços da cidade após a ditadura passa justamente pelos movimentos sociais, as manifestações, marchas e caminhadas, das quais também participaram os corpos sexualmente dissidentes, que como a pesquisa mostrou mantiveram a ocupação dos espaços da cidade apesar da repressão.

Por fim, acreditamos que esta pesquisa tenha mostrado as relações entre cidade, espaços e corpos de mulheres e homens homossexuais e bissexuais. Acreditamos na importância da pesquisa e da inclusão dos temas na sexualidade no campo da Arquitetura e do Urbanismo. O mapa desenvolvido é compreendido como um relevante recurso para o fortalecimento de uma memória urbana LGBT. E confiamos que novos trabalhos estão e serão realizados apontando caminhos para a construção de novos mundos possíveis.

**FIGURA 04/07** ↑

Ditadura pode, abuso de poder pode, corrupção pode, mas pinto não pode”, Hudinilson Jr. (1981).  
Fonte: Zona de tensão (2014, n.p.)



## LISTA DE LINKS DOS MAPAS

Addresses Project.

<https://addressesproject.com/map>

An Everyday Queer New York.

<http://jgjeseking.org/AQNY/the-maps/>

ArcGIS StoryMaps.

<https://storymaps.arcgis.com/>

Cidade Entendida.

<http://bit.ly/cidade-entendida>

Everywhere is Queer.

<https://www.everywhereisqueer.com/>

Mapping Gay Guides.

<https://www.mappingthegayguides.org/map/>

Mapping LGBTQ St. Louis.

<https://wustl.maps.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=45bbd4dc80bb4890a6759112923b6d5f>

Nohs Somos.

<https://mapalgbti.nohssomos.com.br/>

Places of Pride.

[https://www.google.com/maps/d/u/0/view?mid=1\\_a4a0C7dYGE3w7no6Ftrp7L1t1U&ll=7.862919770694082%2C-12.649455421379486&z=3](https://www.google.com/maps/d/u/0/view?mid=1_a4a0C7dYGE3w7no6Ftrp7L1t1U&ll=7.862919770694082%2C-12.649455421379486&z=3)

Queering the Map.

<https://www.queeringthemap.com/>

São Paulo Gay Map 2023 - Travel Gay.

<https://pt.travelgay.com/S%C3%A3o-Paulo-gay-mapa/>

#MapaLGBT - VoteLGBT.

<https://votelgbt.org/mapa>

## LINKS DAS EXPOSIÇÕES E DOS ACERVOS

31ª Bienal. (9 set. 2014). *Zona de tensão. Anos 1980. Hudinilson Jr.*

Organização: Marcio Harum.

<http://www.31bienal.org.br/pt/post/1336>

Acervo Bajuba.

<https://acervobajuba.com.br/>

Acervo Um Outro Olhar. *ChanaComChana.*

<https://drive.google.com/drive/folders/1aGvqH-mcQPcniBky8-NdaDP7ui3XxYLO?usp=sharing>

Acervo Um Outro Olhar. *Boletim Um Outro Olhar.*

<https://drive.google.com/drive/folders/1GgNkQBrg5MYjoghBTWACbihjdj/cwWR?usp=sharing>

Câmara Brasileira do Livro. Certificado de Registro da Coleção Boletim

Chanacomchana. Participante: Miriam Martinho Rodrigues (organizadora).

Data do registro: 8 set. 2022.

<https://www.cbbservicos.org.br/registro/certificado/?hash=ox87299dfe9b27b8f3aec431556900boc2001699eb21e7ab7d46f1ba18cce7bb5#>

[certificado/?hash=ox87299dfe9b27b8f3aec431556900boc2001699eb21e7ab7d46f1ba18cce7bb5#](https://www.cbbservicos.org.br/registro/certificado/?hash=ox87299dfe9b27b8f3aec431556900boc2001699eb21e7ab7d46f1ba18cce7bb5#)

Despina. (2017). *Os corpos são as obras.*

Curadoria: Guilherme Altmayer & Pablo León de la Barra.

<https://despina.org/os-corpos-sao-as-obras/>

Instituto Moreira Salles. (2021). *Madalena Schwartz: As metamorfoses – Travestis e*

*transformistas na SP dos anos 70.* Curadoria: Gonzalo Aguilar & Samuel Titan Jr.

[https://ims.com.br/exposicao/madalena-schwartz-as-metamorfoses\\_ims-paulista/](https://ims.com.br/exposicao/madalena-schwartz-as-metamorfoses_ims-paulista/)

Memorial da Resistência de São Paulo. (2021). *Exposição Orgulho e resistências:*

*LGBT na ditadura.* Curadoria: Renan Quinalha.

<http://memorialdaresistencia.org.br/exposicoes/orgulho-e-resistencia/>

Museu de Arte do Rio. (2021). *Crônicas Cariocas.* Curadoria: Marcelo Campos,

Amanda Bonan, Luiz Antônio Simas & Conceição Evaristo.

<https://museudeartedorio.org.br/programacao/cronicas-cariocas/>

## LISTA DOS PERIÓDICOS: ЧАПАСОПЧАПА

ChanaComChana, nº 0, janeiro/1981.

(Arquivo Edgard Leurenroth/Unicamp, Campinas, SP).

ChanaComChana, nº 1, dezembro/1982.

<https://drive.google.com/file/d/1PHHyQNTCRHEaZJ6bVslWHw7vWpqJ6sw/view?usp=sharing>

ChanaComChana, nº 2, fevereiro/1983.

[https://drive.google.com/file/d/1T5SALiFY7VBdFm5HHnm10-dXwjFdh5bp/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1T5SALiFY7VBdFm5HHnm10-dXwjFdh5bp/view?usp=share_link)

ChanaComChana, nº 3, maio/1983.

[https://drive.google.com/file/d/1CmfhoRLIB8\\_5DPzwSWSFwHSYIDowVz9T/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1CmfhoRLIB8_5DPzwSWSFwHSYIDowVz9T/view?usp=share_link)

ChanaComChana, nº 4, setembro/1983.

<https://drive.google.com/file/d/1bveSuJXDxyZEXoGw7xOXprUrcfAB4gbo/view?usp=sharing>

ChanaComChana, nº 5, maio/1984.

[https://drive.google.com/file/d/1Jly6PowrzSFG7Wh5ONnvh-oRFiNd2liw/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1Jly6PowrzSFG7Wh5ONnvh-oRFiNd2liw/view?usp=share_link)

ChanaComChana, nº 6, novembro/1984.

<https://drive.google.com/file/d/1CidrKI-kGKf-jOQ9DaUOdWonCKyilt-6/view?usp=sharing>

ChanaComChana, nº 7, abril/1985.

[https://drive.google.com/file/d/1PQ3dJv-ozxDtY7iisEvXsttjKaW6A\\_M/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1PQ3dJv-ozxDtY7iisEvXsttjKaW6A_M/view?usp=sharing)

ChanaComChana, nº 8, agosto/1985.

[https://drive.google.com/file/d/1f3FoT74OxohPcGE6\\_LNijrYep-DtEPY/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1f3FoT74OxohPcGE6_LNijrYep-DtEPY/view?usp=sharing)

ChanaComChana, nº 9, dezembro/1985.

<https://drive.google.com/file/d/1gohfkNzACN6x3PpwmAXZ4Vgl-hEzAoSZ/view?usp=sharing>

ChanaComChana, nº 10, junho/1986.

<https://drive.google.com/file/d/1XUX6yb7ZefhleMkSnNm2JoHsNy3uQFX/view?usp=sharing>

ChanaComChana, nº 11, outubro/1986.

[https://drive.google.com/file/d/1Pirk4wZQb5688erHPok\\_MbRTGnpEfZMx/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1Pirk4wZQb5688erHPok_MbRTGnpEfZMx/view?usp=sharing)

ChanaComChana, nº 12, fevereiro/1987.

<https://drive.google.com/file/d/1r1VjW3zqQ7GOu2VG6PfZOYtlaNNgowex/view?usp=sharing>

## LISTA DOS PERIÓDICOS: LAMPPIÃO DA ESQUINA

Lampião da Esquina, nº 0, abril/1978.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>

Lampião da Esquina, nº 1, maio/1978.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/05-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-01-MAIO-JUNHO-1978.pdf>

Lampião da Esquina, nº 2, junho/1978.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/06-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-02-JUNHO-JULHO-1978.pdf>

Lampião da Esquina, nº 3, julho/1978.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/07-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-03-JULHO-AGOSTO-1978.pdf>

Lampião da Esquina, nº 4, agosto/1978.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/08-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-04-AGOSTO-SETEMBRO-1978.pdf>

Lampião da Esquina, nº 5, outubro/1978.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/09-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-05-OUTUBRO-1978.pdf>

Lampião da Esquina, nº 6, novembro/1978.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/10-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-06-NOVEMBRO-1978.pdf>

Lampião da Esquina, nº 7, dezembro/1978.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/11-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-07-DEZEMBRO-1978.pdf>

Lampião da Esquina, nº 8, janeiro/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/12-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-08-JANEIRO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 9, fevereiro/1979. <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/13-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-09-FEVEREIRO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 10, março/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/14-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-10-MARCO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 11, abril/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/15-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-11-ABRIL-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 12, maio/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/16-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-12-MAIO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 13, junho/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/17-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-13-JUNHO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 14, julho/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/18-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-14-JULHO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 15, agosto/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/19-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-15-AGOSTO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 16, setembro/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/20-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-16-SETEMBRO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 17, outubro/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/21-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-17-OUTUBRO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 18, novembro/1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/22-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-18-NOVEMBRO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 19, dezembro /1979.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/23-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-19-SEZEMBRO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, nº 20, janeiro/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/24-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-20-JANEIRO-1980.pdf>

Lampião da Esquina, nº 21, fevereiro/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/25-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-21-FEVEREIRO-1980.pdf>

Lampião da Esquina, nº 22, março/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/26-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-22-MARCO-1980.pdf>

Lampião da Esquina, nº 23, abril/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/27-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-23-ABRIL-1980.pdf>

Lampião da Esquina, nº 24, maio/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/28-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-24-MAIO-1980.pdf>

Lampião da Esquina, nº 25, junho/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/29-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-25-JUNHO-1980.pdf>

Lampião da Esquina, nº 26, julho/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/30-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-26-JULHO-1980.pdf>

Lampião da Esquina, nº 27, agosto/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/31-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-27-AGOSTO-1980.pdf>

Lampião da Esquina, nº 28, setembro/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/28.pdf>

Lampião da Esquina, nº 29, outubro/1980.

<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/29.pdf>



Lampião da Esquina, nº 30, novembro/1980.  
<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2015/11/30.pdf>

Lampião da Esquina, nº 31, dezembro /1980.  
<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/35-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-31-DEZEMBRO-1980.pdf>

Lampião da Esquina, nº 32, janeiro/1981.  
<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/36-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-32-JANEIRO-1981.pdf>

Lampião da Esquina, nº 33, fevereiro/1981.  
<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/37-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-33-FEVEREIRO-1981.pdf>

Lampião da Esquina, nº 34, março/1981.  
<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/38-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-34-MARCO-1981.pdf>

Lampião da Esquina, nº 35, abril/1981.  
<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/39-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-35-ABRIL-1981.pdf>

Lampião da Esquina, nº 36, maio/1981.  
<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/39-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-36-MAIO-1981.pdf>

Lampião da Esquina, nº 37, junho/1981.  
<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/41-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-37-JULHO-1981.pdf>

Lampião da Esquina, Extra 01, dezembro/1979.  
<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/02-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-EXTRA-01-DEZEMBRO-1979.pdf>

Lampião da Esquina, Extra 02, [s.d.]. 03-LAMPIAO-EDICAO-EXTRA-02.pdf ([grupodignidade.org.br](http://grupodignidade.org.br))

Lampião da Esquina, Extra 03, 1980. 04-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-EXTRA-03-1980.pdf ([grupodignidade.org.br](http://grupodignidade.org.br))

## REFERÊNCIAS

Abraham, A. (25 abr. 2018). queering the map is connecting queer moments in life. *Queering the map*. <https://i-d.vice.com/en/article/vbxkpb/queering-the-map-is-connecting-queer-moments-in-life>

Agência Nacional do Cinema. (2021). *Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro*. <https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/anoario-2021.pdf>

Agrest, D., Conway, P., & Weisman, L. K. (Orgs.). (1996). *The Sex of Architecture*. Harry N. Abrams.

AJ+ Español. (4 jan. 2019). *Ser indígena y homosexual en Bolivia* [Video]. YouTube. [https://www.youtube.com/watch?v=JZ\\_WkPMGLsw](https://www.youtube.com/watch?v=JZ_WkPMGLsw)

Alberti, L. B. (1988a). *Della Famiglia*. Columbia, University of South Carolina Press.

Alberti, L. B. (1988b). *On the Art of Building*. Cambridge, MIT Press.

Aleixo, C. A. P. (2005). *Edifícios e galerias comerciais: Arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60* [Dissertação de Mestrado, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo]. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18131/tde-07012007-201920/pt-br.php>

Almeida, R. D. de. (2010). *Do desenho ao mapa: Iniciação cartográfica na escola* (4ª ed.). Contexto.

Almeida, S. A. de (1984). "Michê" [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUC-SP].

Andrade, M. V. de. (2015). O "Orgulho de Ser": *Identidade, política e gênero no Lampião da Esquina (1978-1981)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí]. Plataforma Sucupira. [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4032381](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4032381)

Almeida, V. S. (2019). *Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.8.2020.tde-04032020-154531>

Andreoli, M. C. (2022). *Quebrando o armário: Um ensaio contra a heternormatividade nos espaços públicos* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Paraná].

Ansolabehere, P. (2019). Buenos Aires - A cidade da boemia. In A. Gorelik, & F. A. Peixoto (Orgs.), *Cidades sul-americanas como arenas culturais* (pp. 37–50). Edições Sesc.

Antunes, L. P. S. G. (2015). A arquitetura nunca mais será a mesma: Considerações sobre gênero e espaço(s). *Urbana*, 7(2), 2–23. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642600>

Após 2 anos, Parada do Orgulho LGBTQ+ volta à Paulista neste domingo; Pablo Vittar, Ludmilla e Gretchen estão entre atrações. (19 jun. 2022). *G1 Globo*. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/19/apos-2-anos-parada-do-orgulho-lgbt-volta-a-paulista-neste-domingo-pablo-vittar-ludmilla-e-gretchen-estao-entre-atracoes.ghtml>

Araújo, J. G. F. B. de. (2012). *Arquitetura por um fio: Investigações sobre moda e arquitetura* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Espírito Santo].

Araújo, J. G. F. B. de. (2017). *Arquitetura por um fio: Vestes e abrigos de povos ciganos e nômades* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP.

Araújo, J. G. F. B. de, & Barbosa, L. L. (29 set.–2 out. 2014). *História da moda e história da arquitetura: Do frívolo ao efêmero* [Conferência]. 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Gramado, RS, Brasil. [https://www.researchgate.net/publication/272787897\\_HISTORIA\\_DA\\_MODALIDADE\\_E\\_HISTORIA\\_DA\\_ARQUITETURA\\_DO\\_FRIVOLO\\_AO\\_EFEMERO](https://www.researchgate.net/publication/272787897_HISTORIA_DA_MODALIDADE_E_HISTORIA_DA_ARQUITETURA_DO_FRIVOLO_AO_EFEMERO)

Araújo, J. G. F. B. de, & Miranda, C. L. (2014). O espaço da moda: Primeira casa ou segunda pele? *Revista Ciclos*, 1(2), 158–173. <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/3558/3013>

Arquitetura Bicha [@arquiteturabicha]. (n.d.). Home [página do Instagram]. Instagram. Acesso em 18 de março de 2023, de <https://www.instagram.com/arquiteturabicha/>

Assad, I. M. (2021). *Arquitetura queer: Reflexões sobre o papel político do arquiteto e caminhos para um outro fazer arquitetônico* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Espírito Santo].

Barros, A. (25 maio 2022). Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019. *Agência IBGE: Notícias*. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019>

Batista, H. G. (7 abr. 2018). Anitta conquista Harvard em palestra: ‘Minha mãe me ensinou o valor de estudar’. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/cultura/anitta-conquista-harvard-em-palestra-minha-mae-me-ensinou-valor-de-estudar-22567946>

Batista, L. E. (2020). *Chanacomchana: Um sopro do lesbianismo paulista nos anos de 1980* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23360>

Baudelaire, C. (1988). O pintor da vida moderna. In T. Coelho (Ed.), *A Modernidade de Baudelaire* (pp. 159–212). Paz e Terra.

Brazilian Camp [@acervocampbr]. (19 novembro 2022). *Wilza Carla chegando em um elefante na finada boate Medieval, São Paulo, 1976* [Twitter]. Twitter. Recuperado em 26 abr. 2023 de <https://twitter.com/acervocampbr/status/1593966325939978240?s=20>

Bell, D., & Valentine, G. (eds.). (1995). *Mapping desire: Geographies of sexualities*. Routledge.

Betsky, A. (1995). *Building sex: Men, women, architecture, and the construction of sexuality*. William Morrow and Company.

Betsky, A. (1997). *Queer space: Architecture and same-sex desire* (1st ed.). William Morrow.

Beachy, R. (2014). *Gay Berlin: Birthplace of a modern identity*. Alfred A. Knopf.

BN Digital Brasil. (n.d.). *Rio de meninos*. <http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/alair-gomes-muito-prazer/rio-de-meninos/>

Bonduki, N. (2019). Apresentação à edição brasileira. In A. Gorelik, & F. A. Peixoto (Orgs.), *Cidades sul-americanas como arenas culturais* (pp. 7–14). Edições Sesc.

Bonnevier, K. (2007). *Behind straight curtains: Towards a queer feminist theory of architecture*. Axl Books.

Bonora, M. & Nunes, J. (2020). Casa de shows é condenada a pagar R\$ 4 mil por impedir entrada de mulher trans no interior de SP. *G1 Globo*. <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2020/01/22/casa-de-shows-e-condenada-a-pagar-r-4-mil-por-impedir-entrada-de-mulher-trans-no-interior-de-sp.ghtml>

Barbosa, G. G. (2021). *A ambiguidade da cultura na transformação urbana: A região central de São Paulo em análise* [Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.16.2021.tde-06102021-183842>

Brazda, R., & Schwad, J.-L. (2012). *Triângulo rosa: Um homossexual no campo de concentração nazista* (2ª ed.). Mescla Editorial.

Brito, A. M. M. C. e. (2016). *O Lampião da Esquina: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21357>

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira.

Caetano, M., Rodrigues, A., Nascimento, C., & Goulart, T. E. (Orgs.). (2018). *Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI brasileiro (1978-2018)* (1ª ed). Editora da FURG e Copiart.

Candido, I. M. B. (2017). *Ditadura, cultura e homossexualidade: O Lampião da esquina e a manifestação cultural de minoria (1978-1981)* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de Brasília]. <https://bdm.unb.br/handle/10483/19291>

Caneco, C., & Moreira, F. (Coord.). (2020). *Quais histórias as cidades nos contam? A presença negra nos espaços públicos de São Paulo*. Instituto Pólis. <https://polis.org.br/estudos/presencanegra/>

Cardoso, E. da P. (2004). *Imprensa feminista brasileira pós-1974* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-17052004-165710/pt-br.php>

Carmona, J. S. (2020). *Gênero e sexualidade na teoria da arquitetura* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-27032021-001317/pt-br.php>

Carneiro, J. D. (16 ago. 2018). ‘Queermuseu’, a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio. *BBC News Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>

Centro de Estudos Avançados CEA – UFRRJ. (10 mar. 2021). *Micropolíticas na pandemia: entre o colapso e os movimentos de transfiguração – com Suely Rolnik*. YouTube. [https://www.youtube.com/watch?v=QzaZmPi--o8&ab\\_channel=CentrodeEstudosAvan%C3%A7adosCEA-UFRRJ](https://www.youtube.com/watch?v=QzaZmPi--o8&ab_channel=CentrodeEstudosAvan%C3%A7adosCEA-UFRRJ)

Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC). (2021). *Mapeamento das pessoas trans na cidade de São Paulo: Relatório de pesquisa*. [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos\\_humanos/LGBT/AnexoB\\_Relatorio\\_Final\\_Mapeamento\\_Pessoas\\_Trans\\_Fase1.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/LGBT/AnexoB_Relatorio_Final_Mapeamento_Pessoas_Trans_Fase1.pdf)

Chauncey, G. (1994). *Gay New York: Gender, urban culture and the making of the gay male world 1890-1940*. Basic Books.

Chisholm, D. (2001). The city of collective memory. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, 7(2), 195–243. <https://doi.org/10.1215/10642684-7-2-195>

Ciência, saúde, gênero e sentimento (CISGES). (n.d.). *Chanacomchana*. <https://cisges.wordpress.com/fontes/chanacomchana/>

Coelhion, F. (6 nov. 2016). O Livro do “See Red Women’s Workshop”. *Update Ordie*. <https://www.updateordie.com/2016/11/06/o-livro-do-see-red-womens-workshop/>

Colomina, B. (Ed.). (1992). *Sexuality and space*. Princeton Architectural Press.

Condensa Mônica (in memory). *A Boate Homo Sapiens sob direção artística da emblemática Meyse foi sem sombras de dúvidas a mais simpática casa LGBT paulista de todos os tempos...* [Imagem]. Facebook. [https://www.facebook.com/condessamonica/posts/a-boate-homo-sapiens-sob-a-dire%C3%A7%C3%A3o-art%C3%ADstica-da-emblem%C3%Artica-meyse-foi-sem-sombra/663832233639620/?locale=es\\_LA](https://www.facebook.com/condessamonica/posts/a-boate-homo-sapiens-sob-a-dire%C3%A7%C3%A3o-art%C3%ADstica-da-emblem%C3%Artica-meyse-foi-sem-sombra/663832233639620/?locale=es_LA)

Confundidos com casal gay, pai e filho são agredidos no interior de SP; homem perdeu parte da orelha. (19 jul. 2011). *UOL notícias*. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/07/19/confundidos-com-casal-gay-pai-e-filho-sao-agredidos-no-interior-de-sp-homem-perdeu-parte-da-orelha.htm?>

Contarim, F. A. (2018). *Pisa mais! Marcando o Arouche como território de memória queer* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual de Campinas]. [https://issuu.com/fcontarim/docs/memorial\\_tfg\\_fernando\\_o](https://issuu.com/fcontarim/docs/memorial_tfg_fernando_o)

Corrêa, S. (8 fev. 2000). Integrante confirma crime de skinheads. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/isp/cotidian/ffo802200019.htm>

Cortés, J. M. G. (2008). *Políticas do espaço: Arquitetura, gênero e controle social*. Editora Senac.

Cottrill, J. (2006). Queering Architecture: Possibilities of Space(s). In Association of Collegiate Schools of Architecture (Ed.), *Getting real: Design ethos now* (pp. 359–370). Association of Collegiate Schools of Architecture.

Cruz, J. L. M. (2019). *Qual é a tua, oh Lampião? Tensionamentos em um jornal editado na e pela esquina* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás]. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9316>

Costa, A. G. (19 jun. 2022). Parada LGBTQIA+ leva 4 milhões, diversidade e 19 trios com artistas para avenida Paulista em SP. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/parada-lgbtqia-leva-multidao-diversidade-e-19-trios-com-artistas-para-avenida-paulista-em-sp/>

Cunha, J. M. G. da, Ruy, L. G., Jara, S. R. da C., & Breda, T. V. (2020). Entre fronteiras: As juventudes negras e o conflito urbano contemporâneo. *Áskesis*, 9(1), 13–17. <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/671>

Debord, G., & Smithson, R. (15 jan. 2015). Espaço, tempo e história. *Arquitextos*. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5458>

Demuth, Charles (1883-1935) – 1930 ca. Four male figure – Acquarello – Col. Da Internet.jpg. (22 jan. 2023). In Wiki Commons [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Demuth,\\_Charles\\_\(1883-1935\)\\_-\\_1930\\_ca.\\_-\\_Four\\_male\\_figures\\_-\\_Acquarello\\_-\\_Col.\\_-\\_da\\_Internet.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Demuth,_Charles_(1883-1935)_-_1930_ca._-_Four_male_figures_-_Acquarello_-_Col._-_da_Internet.jpg)

Désert, J.-U. (1997). Queer space. In G. B. Ingram, A.-M. Bouthillette, & Y. Retter (Eds.), *Queers in space: Communities, public places, sites of resistance* [pp. 17–26]. Bay Press.

Do michê ao GP: Livro sobre a vida de michês e seus clientes é lançado depois de 22 anos. (3 fev. 2009). *MundoMais*. <https://www.mundomais.com.br/noticias/2009/02/noticia-205-do-miche-ao-gp>

Dramaturgia pluriversal 1 – narrativas LGBT+. (n.d.). *Escola Itaú Cultural*. <https://escola.itaucultural.org.br/autofornativos/dramaturgia-pluriversal-1-narrativas-lgbt>

Dowling, J. (24 maio 2017). See Red Women's Workshop. *Counterprint*. <https://www.counter-print.co.uk/blogs/news/see-red-womens-workshop>

Eddine, E. A. C., Sena, A. de J., Rodrigues, J. E. de A. G., & Lima, T. R. C. (2021). The alternative media ChanacomChana and Lampião da Esquina: A trajectory of resistance, identity, and visibility. *Research, Society and Development*, 10(3), 1–15. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13233>

Epstein, R., & Friedman, J. (Diretores). (2000). *Paragraph 175* [Filme]. Cinemax, Telling Pictures, Zero Gravity Productions, Zero Film GmbH, HBO Theatrical Documentary e Chanel Four Films.

Éva, A., & Gracia, T. B. (2000). *Maternidades cuir (queer)*. Editorial Egales.

Facchini, R. (2003). Movimento homossexual no Brasil: Reconstituo um histórico. *Cadernos Ael*, 10(18/19), 81–125. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1229520>

Facchini, R. (2005). *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Garamond.

Farnell, B. (2011). Theorizing “the body” in visual culture. In M. Banks, & J. Ruby (Orgs.), *Made to be seen: Perspectives on the history of visual anthropology* (pp. 136–158). The University of Chicago Press.

Fausch, D. et al. (Orgs.). (1994). *Architecture in fashion*. Princeton Architectural Press.

FAUUSP. (7 abr. 2021). *FAU ENCONTROS | Sexo e Arquitetura na Cidade | José Lira e Silvana Nascimento*. Youtube. [https://www.youtube.com/watch?v=h-cBYEY6oyw&ab\\_channel=FAUUSP](https://www.youtube.com/watch?v=h-cBYEY6oyw&ab_channel=FAUUSP)

Favelas desaparecem de busca no Google Maps. (8 abr. 2013). *UOL Notícias*. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2013/04/08/favelas-desaparecem-de-busca-no-google-maps.htm>

Feder, S. (2020). *Revelação* [Documentário]. Netflix.

Felitti, C. (2019). *Ricardo e Vânia: O maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor*. Todavia.

Fernandes, M. (2018). Ações lésbicas. In J. N. Green, R. Quinalha, M. Caetano, & M. Fernandes (Orgs.), *História do movimento LGBT no Brasil* (pp. 91–120). Alameda.

Ferri, M. (19 jul. 2011). Confundidos com casal gay, pai e filho são agredidos em São Paulo. *G1 Globo*. <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/07/confundidos-com-casal-gay-pai-e-filho-sao-agredidos-em-sao-paulo.html>

FGV. (n.d.). Aspectos da campanha “Diretas Já”. *FGV CPDOC*. <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/AFM/audiovisual/aspectos-da-campanha-diretas-ja>

Fraccaroli, Y. (2019). *“Era um olhar e pronto”: Memórias cotidianas do homoeroticismo em São Paulo* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-11032020-110609/pt-br.php>

Freitas, E. M. de, & Pinto, R. P. do N. (2017). Ressignificando a homossexualidade: O Jornal Lampião da Esquina e a ditadura civil militar. *Emblemas: Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais*, 14(1), 23–36. <https://periodicos.ufcat.edu.br/emblemas/article/view/46889>

FRL. (13 dez. 2021). Teoria bicha: Feminismo interseccional pautado nos afetos. *Fundação Rosa Luxemburgo*. <https://rosalux.org.br/teoria-bicha-feminismo-interseccional-pautado-nos-afetos/>

Fry, P. (1982). *Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira*. Zahar Editores.

Furman, A. (2017, February 26). See Striking Posters Created by a 1970s Feminist Art Collective. *The Cut*. <https://www.thecut.com/2017/02/see-striking-posters-from-feminist-see-red-womens-workshop.html>

GALF. (17 out. 1981). *Ata de Assembleia Geral de Constituição da Entidade*. São Paulo. <https://drive.google.com/file/d/1Hnd2NIDotrQfhtWoBdZdsRE81OywDuyk/view>

Galloni, F. (2021). *Corpos dissidentes, lares desviantes: Gênero e sexualidade na configuração do lar* [Trabalho de conclusão de curso, Escola da Cidade Arquitetura e urbanismo]. [https://issuu.com/fernandagalloni/docs/corpos\\_dissidentes\\_lares\\_desviantes](https://issuu.com/fernandagalloni/docs/corpos_dissidentes_lares_desviantes)

Gandy, M. (2012). Queer ecology: Nature, sexuality, and heterotopic alliances. *Environment and Planning D: Society and Space*, 30(4), 727–747. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/d10511>

Gay Liberation: history. (n.d.). Nyc Parks. <https://www.nycgovparks.org/parks/christopher-park/monuments/575>

Gieseking, J. J. (2020). *A queer New York: Geographies of lesbians, dykes, and queer*. New York University Press.

Goh, K. (2017). Safe cities and queer spaces: The urban politics of radical LGBT activism. *Annals of the American Association of Geographers*, 108(2), 463–477. <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/24694452.2017.1392286?scroll=top&needAccess=true&role=tab>

Gonçalves, F. P. (2017). *Invisibilidade queer: Uma análise da lógica da dinâmica e morfologia urbana dos empreendimentos LGBT noturnos da cidade do Recife* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Pernambuco]. [https://issuu.com/olegarium/docs/invisibilidade\\_queer\\_felipe\\_gon\\_alv](https://issuu.com/olegarium/docs/invisibilidade_queer_felipe_gon_alv)

Gontijo, F. (2004). Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania. In L. F. Rios (Org.), *Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde* (pp. 63–68). Abia.

Google Maps vai indicar trajeto da Parada LGBT em SP com cores do arco-íris: Ação no aplicativo faz parte de iniciativas do Google para celebrar mês do orgulho LGBT. (13 jun. 2017). *G1 Globo*. <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/google-maps-vai-indicar-trajeto-da-parada-lgbt-em-sp-com-cores-do-arco-iris.ghml>

Gorelik, A., & Peixoto, F. A. (Orgs.). (2019). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. Edições Sesc.

Green, J. N. (2000). *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Editora Unesp.

Grespan, C. L. (2019). *Heterotopias on-line: Sociabilidades e performatividades juvenis LGBT no facebook* [Tese de Doutorado, Universidade LaSalle]. <http://repositorio.unilasalle.edu.br/handle/11690/1146?mode=simple>

Grunvald, V. P. (2016). *Existências, insistências e travessias: sobre algumas políticas e poéticas de travestimento* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-23032016-131857/pt-br.php>

Grunvald, V. (2019). Lâmpadas, corpos e cidades: Reflexões acadêmico-ativistas sobre arte, dissidência e a ocupação do espaço público. *Horizontes Antropológicos*, 25(55), 263–290. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000300010>

Grunvald, V. (2021). Juventude periférica, gênero, sexualidade e violência de Estado: Notas a partir de uma família LGBT na cidade de São Paulo. *Ponto Urbe*, (28). <https://journals.openedition.org/pontourbe/10508#quotation>

Grupo Dignidade. (n.d.). *Lampião da esquina*. <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

Guattari, F. (Org.). (2012). *Caosmose: Um novo paradigma estético* (2ª ed.). Editora 34.

Guerrilla girls. (27 set. 2017). In Wikipedia. [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Guerrilla\\_Girls&oldid=49962851](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Guerrilla_Girls&oldid=49962851)

Guimarães, C. D. (1977). *O homossexual visto por entendidos* [Dissertação de mestrado, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro].

Guzmán, E. S., & Wasser, N. (2021). Entrevista: Edgar Soliz Guzmán, del movimiento maricas Bolivia, por Nicolas Wasser en diciembre de 2020. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (37), 1–21, 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21501.e>

Hanna, W., & Cunha, T. (2017). Discriminação rouba de transexuais o direito ao estudo: Agressões, ameaças e diversos tipos de violência simbólica fazem com que as pessoas trans sejam especialmente suscetíveis à evasão educacional. *Correio Brasileiro*. <http://especiais.correiobrasileiro.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-de-transexuais-o-direito-ao-estudo>

Haider, A. (2019). *Armadilhas da identidade: Raça e classe nos dias de hoje*. Veneta.

Harley, B. (2009). Mapas, saber e poder. *Confins*, 5(5), 1–24. <https://doi.org/10.4000/confins.5724>

Havaianas, Datafolha, & All Out. (2022). *Pesquisa do orgulho*. [https://pesquisadoorgulho.com.br/?s=somos\\_jovens](https://pesquisadoorgulho.com.br/?s=somos_jovens)

Homomonument. (25 out. 2022). In Wikipedia. <https://en.wikipedia.org/wiki/Homomonument>

Hooks, b. (2019). *Olhares negros: Raça e representação*. Elefante.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010b). *Tabela 1287: População dos municípios das capitais e percentual da população dos municípios das capitais em relação aos das unidades da federação nos censos demográficos*. <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1287#/n6/3550308/v/591/p/all/l/v,p,t/resultado>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2019). *PNS – Pesquisa Nacional de Saúde: Orientação sexual auto identificada da população adulta*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html>

Instituto Moreira Salles (IMS). (2021). *Madalena Schwartz: As metamorfoses – travestis e transformistas na SP dos anos 70*. [https://ims.com.br/exposicao/madalena-schwartz-as-metamorfoses\\_ims-paulista/](https://ims.com.br/exposicao/madalena-schwartz-as-metamorfoses_ims-paulista/)

Isherwood, C. (1964). *A Single man*. Simon & Schuster.

Isherwood, C. (1976). *Christopher and his kind*. Farrar, Straus and Giroux.

Jacques, P. B. (3 abr., 2003). Breve histórico da Internacional Situacionista – IS. *Arquitextos*. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>

Kale, S. (12 nov. 2018). Mamba negra: The leading light of Sao Paulo's dance music scene. *Boiler room*. <https://boilerroom.tv/article/contemporary-scenes-mamba-negra>

Kinney, L. W. (1999). Fashion and fabrication in modern architecture. *Journal of the Society of Architectural Historians*, 58(3), 472–481. <http://www.arch.mcgill.ca/prof/sijpkes/aaresearch-2012/12-student-files/architecture-fashion.pdf>

Kucinski, B. (1991). *Jornalistas e Revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. Página Aberta.

LaRochelle, L. (1º nov. 2019). Co-Creating a Map of Queer Experience: An interview with Lucas LaRochelle [Entrevista]. <https://immerse.news/co-creating-a-map-of-queer-experience-bece7a743ca7>

Leal, L. (Diretora). (2017). *Divinas divas* [Documentário]. Vitrine Filmes.

Leonidio, O. (2015). Guy Debord e Robert Smithson: Espaço, tempo e história. *Arquitextos*, (176.00), 2015. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5458>

Leshner, S. R. (2008). *The making and meaning of gay space: The case of the Castro in San Francisco* [Master's thesis, New Jersey Institute Of Technology]. <https://digitalcommons.njit.edu/theses/330/>

Lessa, P. (2008). Visibilidade e ação lesbiana na década de 1980: Uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-Feminista e do Boletim Chanacomchana. *Revista Gênero*, 8(2), 301–333. <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30925>

- LGBT e prostitutas denunciam violência: Protesto expõe repressão da polícia paulista também contra negros. (13 jun. 1980). *Memorial da Democracia*. <http://memorialdademocracia.com.br/card/lgbt-e-prostitutas-denunciam-violencia>
- Lima, C. H. L. (2017). *Linguagens pajubeyras: Re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade*. Editora Devires.
- Linn da Quebrada. (2017a). *Bixa Preta* [Música]. Pajubá.
- Linn da Quebrada. (2017b). *Enviadescer* [Música]. Pajubá.
- Loos, A. (2002). Ornament and crime. In B. Miller, & M. Ward (Eds.), *Crime and ornament: The arts and popular culture in the Shadow of Adolf Loos* (pp. 29–36). Yyz Books.
- Luca, T. R. de. (2008). História dos, nos e por meio dos periódicos. In C. B. Pinsky (Org.), *Fontes Históricas* (pp. 111–154). Contexto.
- MacRae, E. (2018). *A construção da igualdade: Política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Edufba.
- Maia, T. A. P. (2022). *Heterotopias queer: Enxergando gretas nos blocos do Rio de Janeiro* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal Fluminense]. Repositório UFF.
- Mamba Negra é eleita pelo júri a melhor festa de 2017; público escolhe Amem. (29 dez. 2017). *Folha de São Paulo*. <https://guia.folha.uol.com.br/noite/2017/12/mamba-negra-e-eleita-pelo-juri-a-melhor-festa-de-2017-publico-escolhe-amem.shtml>
- Mapping the Gay Guides: Visualizing queer space and American life. (2022). *Mapping the Gay Guides*. <https://www.mappingthegayguides.org/>
- Marcus, S. (2005). Queer theory for everyone: A review essay. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 31(1), 191–218. <https://www.jstor.org/stable/10.1086/432743>
- Mariusso, V. H. da S. G. (2015). *Lampião da Esquina: Homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia]. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16505>
- Martinho, M. (1981). Exercício de liberdade. *ChanaComChana*, (0), 4. <https://cisges.files.wordpress.com/2018/09/chana-com-chana.pdf>
- Martinho, M. (1990). Do GALF para a rede: As lições que aprendemos. *Um Outro Olhar*, (12), 16–22. <https://drive.google.com/file/d/1Ga6fbyRT3VA8ysgp36o4VZkp4E9PrUXF/view>
- Martinho, M. (28 out. 2021). Memória lesbiana: 41 anos do Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) entre fato e ficção. *Um outro olhar*. <https://www.umoutroolhar.com.br/2021/10/memoria-lesbiana-40-anos-do-grupo-acao-lesbica-feminista-GALF.html>
- Martinho, M. (30 nov. 2022). Os inacreditáveis sequestros da história do GALF, do Chana, do Dia do Orgulho e da imagem de Rosely Roth. *Um outro olhar*. <https://www.umoutroolhar.com.br/2022/11/historia%20do%20GALF%20do%20Chana%20do%20Dia%20do%20Orgulho%20e%20da%20imagem%20de%20Rosely%20Roth.html>
- Mathias, S. (Diretor). (1997). *Bent* [Filme]. Arts Council England e Film4 Productions.
- Matos, J. S. (2010). Tendências e debates: da Escola dos Annales à História nova. *Historiæ*, 1(1), 113–130. <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2283>
- Matriarkas #6 – Você conhece a palavra do CUIR/QUEER? (n.d.). O podcast é delas. <https://opodcastdelas.com.br/2021/04/matriarkas-6-voce-conhece-a-palavra-do-cuir-queer/>
- Mcneil, L., & McCain, G. (2014). *Mate-me por favor: A história sem censura do punk*. L&Pm.

- Medeiros, C. P. (2016). Uma família de mulheres: Ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 535–547. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000200013>
- Meirelles, M. (18 jun. 2022). Parada LGBTQIA+ em SP: Organização prevê aumento do impacto econômico na cidade. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/parada-lgbt-em-sp-organizacao-preve-aumento-do-impacto-economico-na-cidade/#:~:text=A%20dimens%C3%A3o%20da%20parada%20C3%A9,de%203%20milh%C3%B5e-s%20de%20pessoas>
- Memorial da Resistência de São Paulo. (n.d.). José Wilson Richetti. <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/jose-wilson-richetti/>
- Mendes, L. F. (2011). Resenha: Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle social. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, 2(1), 153–157. <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1934>
- Menezes, M. A. de. (2009). O poeta Baudelaire e suas máscaras: Boêmio, dândi, flâneur. *Revista fato&versões*, 1(1), 64–81. <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/13691/5/Artigo%20-%20Marcos%20Ant%C3%B4nio%20de%20Menezes%20-%202009.pdf>
- Mendes, W. G., & Silva, C. M. F. P. da. (2020). Homicídios da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: Uma análise espacial. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(5), 1709–1722. <https://www.scielo.br/j/csc/a/4947yK7K5JTN5sHJRKTFpD/?format=pdf&lang=pt>
- Meu coração bate como o seu. (2018). *Estudio Gueto Requena*. <https://gutorequena.com/meucoracao/>
- Meu coração bate como o seu/Estudio Guto Requena. (2018). *Arch Daily*. <https://www.archdaily.com.br/br/912316/meu-coracao-bate-como-o-seu-estudio-guto-requena>
- Miller, D. (2013). *Trecos, troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material*. Zahar.
- Misgav, C. (2019). Planning, justice and LGBT urban politics in Tel-Aviv: A queer dilemma. *Documents d'Análisi Geogràfica*, 65(3), 541–562. <https://doi.org/10.5565/rev/daq.580>
- Miskolci, R., & Pelúcio, L. (2008). Prefácio. In Perlongher, N., *O negócio do michê* (pp. 11–15). Fundação Perseu Abramo.
- Moreira, D. (7 jun. 2017). Hija de Perra – Imunda e necessária. *Corporalidades*. <https://www.ufrgs.br/corporalidades/hija-de-perra-imunda-e-necessaria/>
- Moreira, V. M. (2014). Cidade Passo. Reflexões sobre uma cartografia movediça. *Revista Ciclos*, 2(3), 36–50. <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/4997>
- Moura, B. (4 ago. 2021). Conversamos com Cashu, uma das idealizadoras da festa independente Mamba Negra que completa 8 anos neste sábado. *Uol*. <https://musicnonstop.uol.com.br/mamba-negra-8-anos-entrevista-com-cashu/>
- Müller, C. (2018). *Cidade para quem? O centro de Florianópolis e a população LGBT* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/197375>
- Museu da Diversidade Sexual. (29 abr., 2020). *Você já participou de algum espaço de debate do movimento LGBTI+?* [Imagem anexada]. Facebook. Recuperado em 24 abr. 2023 de <https://www.facebook.com/museudadiversidadeoficial/photos/a.1419664374981036/2685189625095165/?type=3>
- Nascimento, É. S. do, & Fernandez, O. (25–27 maio 2010). *Espaços de sociabilidade homossexual em Salvador: Há um gueto gay?* [Conferência]. IV ENECULT: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador, BA, Brasil. <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24920.pdf>

Nascimento, É. S. do, Fernandez, O., & Martins, M. A. M. (23–26 ago. 2010). *Territórios LGBT em Salvador: Usos do espaço, sociabilidade e violência* [Conferência]. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Salvador, BA, Brasil. [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278299425\\_ARQ\\_UIVO\\_ArtigoTerritoriosLGBTemSalvador-usosdoespaço,sociabilidadeeeviolência.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278299425_ARQ_UIVO_ArtigoTerritoriosLGBTemSalvador-usosdoespaço,sociabilidadeeeviolência.pdf)

Negri, A. C. (8 set. 2005). *Quarenta anos de fanzine no Brasil: O pioneirismo de Edson Rontani* [Conferência]. V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33397517009226686802074911246237676525.pdf>

Oliveira, J. G. da S. (2019). *Militância ou profissionalização de gênero? Um estudo comparativo na imprensa feminista do Brasil, da Argentina e do Chile (1981-1996)* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-19122019-155709/pt-br.php>

Oliveira, L. de. (20 mar. 2021). Casa de shows de drag queens em SP faz 25 anos reverenciada até por Pablo Vittar: Conheça a história da Blue Space, a ‘miniBroadway’ que reúne ícones como Marcia Pantera, Silvetty Montilla e Alexia Twister. Há 1 ano, pandemia parou o espetáculo. *G1 Globo*. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/20/casa-de-shows-de-drag-queens-em-sp-faz-25-anos-reverenciada-ate-por-pablo-vittar.ghtml>

Orosio, K. L. N., & Henz, A. P. (12 jun. 2018). *Turismo LGBT: Um estudo acerca das iniciativas no Brasil* [Conferência]. 12º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu. Foz do Iguaçu, PR, Brasil. [https://www.researchgate.net/publication/336721028\\_Turismo\\_LGBT\\_um\\_estudo\\_acerca\\_das\\_iniciativas\\_no\\_Brasil](https://www.researchgate.net/publication/336721028_Turismo_LGBT_um_estudo_acerca_das_iniciativas_no_Brasil)

Otoni, P. (1981). *A prostituição homossexual e o travesti*. Mimeo.

Pacheco, D. (20 fev. 2020). Crescimento do Carnaval de rua é resultado de política de estímulo à diversidade: Em coluna, Nabil Bonduki defende ser necessário dar atenção à produção cultural local e expandir as áreas do Carnaval de rua para além dos bairros centrais de São Paulo. *Jornal USP*. <https://jornal.usp.br/radio-usp/crescimento-do-carnaval-de-rua-e-resultado-de-politica-de-estimulo-a-diversidade/>

Papaneck, V. (1995). *Architecture e design: Ecologia e ética*. Edições 70.

Parada do orgulho LGBT de São Paulo (APOLGBT-SP). (n.d.). *A maior Parada LGBT+ do mundo está de volta!* <https://paradasp.org.br/>

Paul Cadmus – Greenwich Village Cafeteria 1934. (n.d.). *MoMA*. <https://www.moma.org/collection/works/78269>

Peixoto, F. A., & Gorelik, A. (2019). Introdução: Cultura e perspectiva urbana. In A. Gorelik, & F. A. Peixoto (Orgs.), *Cidades sul-americanas como arenas culturais* (pp. 15–22). Edições Sesc.

Pellegrin, A. de. (2004). Espaço de Lazer. In C. L. Gomes (Org.), *Dicionário crítico do Lazer* (pp. 73–75). Autêntica.

Pereira, B. M. (2022). *Território LGBTQIA+ na cidade de Trindade* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Goiás].

Pereira, J. (28 jun. 2019). Levante ao Ferro's Bar: o Stonewall brasileiro. *Uol*. <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/levante-ao-ferros-bar-o-stonewall-brasileiro.phtml>

Perez, L., & Carvalho, N. (Diretores). (2016). *Lampião da Esquina* [Filme]. DocTeia e Canal Brasil.

Perlongher, N. O. (1993). Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22, 137–144. [http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/22/rbcs22\\_08.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/22/rbcs22_08.pdf)

Perlongher, N. O. (1981a). La incidencia del abandono familiar en la prostitución homosexual masculina. In S. A. P. Alvarez, N. O. Perlongher & B. L. Sal Llarguez, *A familia abandonada y sus consecuencias*. EUDEBA-CEA.

Perlongher, N. O. (1981b). Prostitución homossexual; el negocio del deseo. *Revista de Psicología de Tucumán*, 2(3/4).

Perlongher, N. O. (1986). *O negócio do michê: Prostituição viril em São Paulo* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1058034/mod\\_folder/content/0/PERLONGHER%2C%20Nestor.%20O%20neg%C3%B3cio%20do%20Mich%C3%AA%20%5Blviro%20completo%5D.pdf?forcedownload=1](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1058034/mod_folder/content/0/PERLONGHER%2C%20Nestor.%20O%20neg%C3%B3cio%20do%20Mich%C3%AA%20%5Blviro%20completo%5D.pdf?forcedownload=1)

Perlongher, N. O. (1987). *O negócio do michê: A prostituição viril*. Brasiliense.

Perra, H. de. (2015). Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. *Periódicus*, 1(2), 291–298. <https://doi.org/10.9771/peri.viiz.12896>

Piva, R. (2020). *Paranóia*. São Paulo: Instituto Moreira Salles e Jacarandá.

Podmore, J. A. (2001). Lesbians in the Crowd: Gender, sexuality and visibility along Montréal's Boul. St-Laurent. *Gender, Place And Culture*, 8(4), 333–355. <https://doi.org/10.1080/09663690120111591>

Pontes, D. (2014). *A insustentável arquitetura dos corpos: O gênero e a sexualidade enquanto diferenciais na experiência urbana* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/123800>

Pontes, H. (2019). São Paulo – A cidade encenada: Teatro e culturas urbanas dissidentes. In A. Gorelik & F. A., *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. Sesc.

Preciado, B. (2011). Multidões queer: Notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, 19(1), 11–20. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>

Puccinelli, B. (2013). *Se essa rua fosse minha: Sexualidade e apropriação do espaço na “rua gay” de São Paulo* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo]. <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/41749>

Puccinelli, B. (2017). “Perfeito para você, no centro de São Paulo”: Mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/985992>

Puccinelli, B., & Reis, R. P. dos. (2020). “Periferias” móveis: (homo)sexualidades, mobilidades e produção de diferença na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, (58), 1–40. <https://doi.org/10.1590/18094449202000580006>

Puff, J. (1º jan. 2014). LBGTs sofriam torturas mais agressivas, diz CNV. *Da BBC Brasil*. [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210\\_gays\\_perseguido\\_ditadura\\_rb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210_gays_perseguido_ditadura_rb)

Quinn, B. (2003). *The fashion of architecture*. Berg, 2003.

Rainbow Cities Network (RCN). (n.d.). *Mannheim, Alemanha*. <https://www.rainbowcities.com/>

Rainbow Cities Network (RCN). (n.d.). *São Paulo, Brasil*. <https://www.rainbowcities.com/cities/sao-paulo/>

Rainbow Cities Network. (2022). *One-pagers 2022 – best practices*. [https://www.rainbowcities.com/wp-content/uploads/2022/11/221109\\_RCN\\_Onepager\\_bf.pdf](https://www.rainbowcities.com/wp-content/uploads/2022/11/221109_RCN_Onepager_bf.pdf)

- Reed, C. (1996). Imminent domain: Queer space in the built environment. *Art Journal*, 55(4), 64–70. <https://www.jstor.org/stable/777657>
- Rendell, J., Penner, B., & Border, I. (Eds.). (2003). *Gender space architecture: An interdisciplinary introduction*. Routledge.
- Revistas Antigas [@capasderevistas]. (19 maio 2019). *O poder homossexual #1977* [Twitter]. Recuperado em 15 fev. 2023 de <https://twitter.com/capasderevistas/status/1130257301905059843?s=20>
- Revista PÓS abre chamada para o dossiê: “Teoria Queer/Cuir e o Ensino de Arte”. (2022). *Plataforma 9*. <https://plataforma9.com/publicacoes/revista-pos-abre-chamada-para-o-dossie-teoria-queer-cuir-e-o-ensino-de-arte.htm>
- Reynolds, C. (2017). See Red Women’s Workshop: feminist posters 1974-1990. *Artbook*. <https://www.artbook.com/9781909829077.html>
- Ribeiro, B. N. (2020). “Vida preta importa quando a gente tá morta, não quando a gente tá viva”: Estética, desejo e constituição de si na cena preta LGBT de São Paulo. *Áskesis*, 9(1), 59–78. <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/568>
- Rivas, F. (2011). Diga “queer” con la lengua afuera: sobre las confusiones del debate latinoamericano. In *Coordinadora Universitária por la Disidencia Sexual (CUDS)* (Ed.), *Por un feminismo sin mujeres: Fragmentos del segundo circuito de disidencia sexual* (pp. 59–75).
- Rodrigues, R. (4 jan. 2022). Turismo LGBT: São Luís, a Ilha do Amor, está pronta para te amar! *Blog: Reginaldo Cazumba*. <https://www.reginaldocazumba.com.br/2022/01/turismo-lgbt-sao-luis-ilha-do-amor-esta.html>
- Rudy, K. (2000). Queer Theory and Feminism. *Women’s Studies*, 29(1), 195–216. <https://bivir.uacj.mx/Reserva/Documentos/rva2006190.pdf>
- Saint Louis. (1992). City Ordinance. <http://www.stlouislgbthistory.com/timeline/1990s/1992-city-ordinance.html>
- Sanders, J. (Ed.). (1996). *Stud: Architectures of masculinity* (1st. ed.). Princeton Architectural Press.
- Santos, R. R. dos. (2017). “Uma bicha atrevida pede a palavra”: *O Lâmpião da esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31238>
- Secretaria Especial de Comunicação. (21 jun. 2022). Parada do Orgulho LGBT se consolida como a maior do mundo e movimenta a economia da capital: Primeiro megaevento após período de restrições da pandemia atraiu o dobro de turistas da última edição em 2019 e deu força para a retomada econômica. <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/parada-do-orgulho-lgbt-se-consolida-como-a-maior-do-mundo-e-movimenta-a-economia-da-capital>
- See Red Women’s Workshop: Feminist posters 1974-1990. (n.d.). *See Red Women’s Workshop*. <https://seeredwomensworkshop.wordpress.com/>
- Serres, M. (1994). *Atlas*. Instituto Piaget.
- Silva, B. da. (1959). Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. *Revista de Sociologia*, 21(4).
- Silva, D. H. de O. (2016). *Lâmpião da esquina: Lutas feministas nas páginas do “jornal gay”, luzes em tempos sombrios (Brasil, 1978-1981)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia]. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17838>

- Silva, J. C. da, & Cordão, M. P. de S. (2022). Boletim Chanacomchana: A construção do Movimento Lesbiano Brasileiro. *Revista Historiar*, 13(25), 140–155. <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/412>
- Silva, N. de F., & Rubio, N. F. de A. (2018). Sexualidade homossexual no Jornal lâmpião da Esquina. *Transversos: Revista de História*, 1(14), 165–186. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/39336>
- Silva Júnior, J. (2018). Mapa da violência contra LGBT em alagoas: Reflexões sobre aspectos discriminatórios. *Anais do Congresso Internacional de Direito Público dos Direitos Humanos e Políticas de Igualdade*, 1(1), 305–325. <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/dphpi/article/view/5701>
- Silveira, D. (15 dez. 2013). Projeto ‘Tá no Mapa’, do Afroreggae, mapeia favelas do Rio na internet. *G1*. <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/12/projeto-ta-no-mapa-do-afroreggae-mapeia-favelas-do-rio-na-internet.html>
- Simionato, G. D. F. (3–6 set. 2018). *Sob a luz do lâmpião: Análise das cartas dos leitores e suas relações com o jornal* [Conferência]. História & democracia: Precisamos falar sobre isso. Guarulhos, SP, Brasil. [https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1533503401\\_ARQUIVO\\_sobaluzdolampiao.pdf](https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1533503401_ARQUIVO_sobaluzdolampiao.pdf)
- Simões Junior, A. C. (2006). ‘... E havia um lâmpião na esquina’ - Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980) [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro]. [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&\\_obra=27500](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&_obra=27500)
- Simões, J. A. (2008). O negócio do desejo. *Cadernos Pagu*, (31), 535–546. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200022>
- Simões, J. (21 nov., 2019). Néstor Perlongher - O negócio do michê (nº 27) [Áudio de episódio de podcast]. In *Larvas Incendiadas*. <https://open.spotify.com/episode/2a8jTGLe78tAHZpjnoDTFd?si=d9daa43d3b22400a>
- Simões Neto, J. P., Zucco, L., Machado, M. das D., & Piccolo, F. (2011). A produção acadêmica sobre diversidade sexual. *Revista em Pauta*, 28(9), 65–81. <http://dx.doi.org/10.12957/rep.2011.2934>
- Smart Fit instala botão contra “conduta inapropriada” no banheiro; veja polêmica. (1º fev. 2019). *IG Economia*. <https://economia.ig.com.br/2019-02-01/botao-smart-fit.html>
- Souto, L. (17 jan. 2018). Assassínatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório: Levantamento mostra que maioria das vítimas morre com armas de fogo e na rua. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>
- Souza, W. V. F., & Feliciano, C. A. (2020). Mapeamento dos crimes de ódio contra LGBT: Uma leitura socioespacial da violência entre os anos de 2017 e 2018. *Revista Geografia em Atos*, 1(16), 121–140. <https://doi.org/10.35416/geoatos.vi16.7283>
- Spizzirri, G., Eufrásio, R. Á., Abdo, C. H. N., & Lima, M. C. P. (2022). Proportion of ALGBT adult Brazilians, sociodemographic characteristics, and self-reported violence. *Scientific Reports*, 12(11176), 1–8. <https://doi.org/10.1038/s41598-022-15103-y>
- Steffen, L. (Diretor). (2016). *São Paulo em Hi-Fi* [Documentário]. Distribuição Própria.
- Stewart, A. (1995). The early modern closet discovered. *Representations*, 1(50), 76–100. <https://www.jstor.org/stable/2928726>
- Sutherland, J. P. (2009). *Nación marica: Prácticas culturales y crítica activista*. Ripio Ediciones.

Teixeira, F. A., Cardoso, A. A., Vieira, M. P., Porto, I. dos P., Sperandio, F. F., & Cardoso, F. L. (2014). Sexualidade no Brasil: Contribuições dos grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *Caderno de Educação Física e Esporte*, 12(1), 37–45.

Tokarnia, M. (25 maio 2022). IBGE divulga 1º levantamento sobre homossexuais e bissexuais no Brasil: esta é a primeira vez que os dados são coletados. *Agência Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/ibge-divulga-levantamento-sobre-homossexuais-e-bissexuais-no-brasil>

Trevisan, J. S. (2018). *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (4ª ed.). Objetiva.

Triggs, T. (2006). Scissors and glue: Punk fanzines and the creation of a DIY Aesthetic. *Journal of Design History*, 19(1), 69–83. <https://www.jstor.org/stable/3838674>

Urbach, H. (2003). Closets, clothes, disclosure. *Assemblage*, 1(30), 62–73. <https://www.jstor.org/stable/3171458>

Vallerand, O. (2010). *Homonormative architecture & queer space: The evolution of gay bars and clubs in Montréal* [Master's thesis, McGill University]. <https://escholarship.mcgill.ca/concern/papers/dn39x165z>

Veiga, E., & Burgarelli. (16 abr. 2017). São Paulo é uma cidade dos anos 70: 1/4 dos imóveis é daquela época. *Estado de Minas*. [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/04/16/interna\\_nacional,862520/sao-paulo-e-uma-cidade-dos-anos-70-1-4-dos-imoveis-e-daquela-decada.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/04/16/interna_nacional,862520/sao-paulo-e-uma-cidade-dos-anos-70-1-4-dos-imoveis-e-daquela-decada.shtml)

Viana, F. (2018). Brincando com fogo: Os trajes de cena da boate gay Homo Sapiens – Volume III. In F. Viana, M. C. Gil, & T. M. Vasconcelos (Orgs.), *Dos bastidores eu vejo o mundo: Cenografia, figurino, maquiagem e mais* (pp. 305–325). ECA/USP. <https://repositorio.usp.br/item/002888701>

Vicente, T. A. S. (2015). *Espaço urbano e sexualidade: A territorialização da população LGBT no Largo do Arouche e na Rua Frei Caneca (São Paulo/SP)* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de São Paulo]. <http://www.tcc.sc.usp.br/tce/disponiveis/8/8021104/tce-19052017-171128/?&lang=br>

Ware, C. F. (1994). *Greenwich Village, 1920-1930: A comment on American civilization in the post-war years*. University of California Press.

Wigley, M. (1992). Untitled: The housing of gender. In B. Colomina (Ed.), *Sexuality and Space* (pp. 327–389). Princeton Architectural Press.

Woolf, V. (1990). *Um teto todo seu*. Círculo do Livro.

YMCA Locker Room. (n.d.). *American art*. <https://americanart.si.edu/artwork/ymca-locker-room-3623>

Zamboni, J. (16–20 set. 2013). *Cartografias bicha* [Conferência]. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: desafios atuais dos feminismos. Florianópolis, SC, Brasil. [http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/201381509636\\_ARQUIVO\\_JesioZamboni.pdf](http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/201381509636_ARQUIVO_JesioZamboni.pdf)

Zanella, A. da S. (2017). *Espaços atravessados: Sujeitos homossexuais no discurso jornalístico sobre a cidade* [Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense]. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3606>

Zap (action). (24 fev. 2023). In Wikipedia. [https://en.wikipedia.org/wiki/Zap\\_\(action\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Zap_(action))

Zizek, Slavoj. (2005). *En defensa de la intolerancia*. Ediciones Sequitur.

#55. Elizabeth Lewis – Linguística Cu(ir). (2021). *Larvas incendiadas*. <https://larvasincendiadas.com/2021/02/24/55-elizabeth-lewis-linguistica-cuir/>



## APÊNDICE A

LISTA DOS LOCAIS ENCONTRADOS  
NAS FONTES DE PESQUISA

NOME	TIPO	ENDEREÇO	LOCALIZÁVEL NO MAPA?
BANHEIRO	BANHEIRÃO	ENTRE A FÁBRICA DA ANTÁRTICA E O METRÔ MOOCA	SIM
BIBLIOTECA MARIO DE ANDRADE	BANHEIRÃO	R. DA CONSOLAÇÃO, 94	SIM
GALERIA PRESTES MAIA	BANHEIRÃO	VIADUTO DO CHÁ / ENTRADA PEÇA PÇ. DO PATRIARCA E PELO ANHANGABAÚ (SOB O VIADUTO DO CHÁ)	SIM
LARGO DO AROUCHE	BANHEIRÃO	PRIMEIRO ALVO DAS RONDAS DO 3º DISTRITO/ENTRE A BOLA DO LIXO E A BOCA DO LUXO	SIM
LARGO DO PAISSANDU	BANHEIRÃO		SIM
METRÔ JABAQUARA	BANHEIRÃO		SIM
METRÔ SANTANA	BANHEIRÃO		SIM
METRÔ SÃO BENTO	BANHEIRÃO		SIM
METRÔ SÉ	BANHEIRÃO		SIM
PARQUE DA LUZ / JARDIM DA LUZ	BANHEIRÃO		SIM
PARQUE IBIRAPUERA	BANHEIRÃO		SIM
PASSARELA REBOUÇAS HC	BANHEIRÃO		SIM
PRAÇA DA REPÚBLICA	BANHEIRÃO	CANTO IPIRANGA X SÃO JOÃO	SIM
PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO	BANHEIRÃO		SIM
QUINTINO BOCAIÚVA, 48	BANHEIRÃO		SIM
RODOVIÁRIA CENTRAL	BANHEIRÃO	PÇ. JÚLIO PRESTES	SIM
TÚNEL AV. 9 DE JULHO	BANHEIRÃO		SIM
ALMANARA	BAR / RESTAURANTE	RUA BASÍLIO DA GAMA, 70	SIM
ALMANARA	BAR / RESTAURANTE	AV. SÃO JOÃO, 1155	SIM
ALMANARA	BAR / RESTAURANTE	AV. DR. VIEIRA DE CARVALHO, 109 E 123	SIM
ANJO'S	BAR / RESTAURANTE	R. CONSOLAÇÃO, 1394	SIM
ARPEGE	BAR / RESTAURANTE	ONDE HOJE FICA A GALERIA METRÓPOLE	SIM
ARROZ DE OURO	BAR / RESTAURANTE	LARGO DO AROUCHE, 46, 1º ANDAR	SIM
BAR 77 / BAR SETENTA E SETE	BAR / RESTAURANTE	LARGO DO AROUCHE, 77	SIM
BAR BRAHMA	BAR / RESTAURANTE	IPIRANGA COM SÃO JOÃO	SIM
BAR COSTA DO SOL	BAR / RESTAURANTE	RUA 7 DE ABRIL, 223	SIM
BAR REDONDO	BAR / RESTAURANTE	ESQUINA DA IPIRANGA COM CONSOLAÇÃO (ESQUINA C/ TEODORO BAIMA)	SIM
BAR/CAFÉ JECA	BAR / RESTAURANTE	IPIRANGA COM SÃO JOÃO	SIM
BARBAZUL	BAR / RESTAURANTE	ONDE HOJE FICA A GALERIA METRÓPOLE	SIM
BARROQUINHO	BAR / RESTAURANTE	GALERIA METRÓPOLE	SIM
BATTON RED	BAR / RESTAURANTE	R. RUI BARBOSA, 350, BIXIGA	SIM
BIXIGUINHA / BEXIGUINHA	BAR / RESTAURANTE	RUA SANTO ANTÔNIO, 931	SIM
BOI NA BRASA	BAR / RESTAURANTE	MARQUÊS DE ITU, 139	SIM
CACHAÇÃO	BAR / RESTAURANTE	R. MARTINICO PRADO, 25	SIM
CAFÉ DO BEXIGA	BAR / RESTAURANTE	RUA TREZE DE MAIO, 76	SIM
CAFÉ MOCAMBO	BAR / RESTAURANTE	RUA DOS TIMBRAS, 607	SIM
CAFÉ SOÇAITE	BAR / RESTAURANTE	RUA TREZE DE MAIO, 46	SIM
CANAPÊ E POESIA	BAR / RESTAURANTE	RUA SANTO ANTÔNIO, 922	SIM
CANECA DE LATA	BAR / RESTAURANTE	AV. VIEIRA DE CARVALHO (ESQUINA COM A R. AURORA?)	SIM
CANECA DE PRATA	BAR / RESTAURANTE	AV. VIEIRA DE CARVALHO, 63 (BD NÚMERO 55)	SIM
CASA DE CHÁ VIENESE	BAR / RESTAURANTE	BARÃO DE ITAPETININGA	SIM
CHEFÃO	BAR / RESTAURANTE	LARGO DO AROUCHE, 66	SIM
CHOPP ESCURO	BAR / RESTAURANTE	MARQUÊS DE ITU, 252	SIM
CREMEIRIE	BAR / RESTAURANTE	PÇ DOM JOSÉ GASPAR 86, 90	SIM
DI VOCÊ	BAR / RESTAURANTE	LARGO DO AROUCHE, 50	SIM

NOME	TIPO	ENDEREÇO	LOCALIZÁVEL NO MAPA?
DINHO'S PLACE	BAR / RESTAURANTE	LARGO DO AROUCHE, 246	SIM
DOM	BAR / RESTAURANTE	R. AURORA, 890	SIM
DOM CASMURO	BAR / RESTAURANTE	R. MAJOR SERTÓRIO, 228	SIM
DUZENTOS E OITO	BAR / RESTAURANTE	R. MAJOR SERTÓRIO, 208	SIM
ENFIN'S BAR	BAR / RESTAURANTE	PEIXOTO GOMIDE, 147 (ESQUINA C/ FREI CANECA)	SIM
FEITIÇO BAR	BAR / RESTAURANTE	RUA BUENO BRANDÃO, 382, SANTO AMARO	SIM
FERRO'S BAR	BAR / RESTAURANTE	RUA MARTINHO PRADO, 119 (EM FRENTE À SINAGOGA)	SIM
FINALMENTE BAR	BAR / RESTAURANTE	RUA SERGIPE, 118, CONSOLAÇÃO	SIM
FOR US	BAR / RESTAURANTE	AV. CHIBARÁS, 416, MOEMA	SIM
GALETO'S	BAR / RESTAURANTE	AV. DR. VIEIRA DE CARVALHO, 99	SIM
GIGETTO	BAR / RESTAURANTE	R. AVANHANDAVA, 63	SIM
J.B. DRINKS	BAR / RESTAURANTE	R. MAJOR SERTÓRIO, 684	SIM
LA FARINA	BAR / RESTAURANTE	R. AURORA, 610	SIM
LA FARINA	BAR / RESTAURANTE	AV. IPIRANGA, 924	SIM
LANCHES VILA BUARQUE	BAR / RESTAURANTE	R. MARQUÊS DE ITU, 243 (ESQUINA C/ REGO FREITAS)	SIM
MALÍCIA	BAR / RESTAURANTE	R. DA CONSOLAÇÃO, 3032, JARDINS	SIM
MEN'S COUNTRY	BAR / RESTAURANTE	R. SANTA ISABEL, 91	SIM
MONTECHIARO	BAR / RESTAURANTE	R. SANTO ANTÔNIO, 844	SIM
NICKY BAR	BAR / RESTAURANTE	RUA MAJOR DIOGO, 311	SIM
O GATO DE RI	BAR / RESTAURANTE	LARGO DO AROUCHE, 37/41	SIM
OFF	BAR / RESTAURANTE	RUA ROMILDA MARGARITA GABRIEL, 142	SIM
ORVIETTO	BAR / RESTAURANTE	R. MARTINHO PRADO, 187	SIM
PARI BAR	BAR / RESTAURANTE	PRAÇA DOM JOSÉ GASPAS, 42	SIM
PINGÃO	BAR / RESTAURANTE	LARGO DO AROUCHE, 112	SIM
PIOLIM / PIOLIN	BAR / RESTAURANTE	RUA AUGUSTA, 89	SIM
PLANETA'S	BAR / RESTAURANTE	R. MARTINS FONTES (ESQUINA C/ MARTINHO PRADO)	SIM
RESTAURANTE PAPAÍ	BAR / RESTAURANTE	PRAÇA JÚLIO MESQUITA	SIM
SHANGRI-LA	BAR / RESTAURANTE	R. VITÓRIA, 826	SIM
UM DOIS FEIJÃO COM ARROZ	BAR / RESTAURANTE	AV. IPIRANGA, 940	SIM
UM DOIS FEIJÃO COM ARROZ	BAR / RESTAURANTE	R. AURORA, 740	SIM
XERETA	BAR / RESTAURANTE	PÇ. ROOSEVELT ESQUINA C/ R. MARTINS FONTES	SIM
BAIÚCA	BAR / RESTAURANTE	PRAÇA ROOSEVELT	SIM
BAR ACAPULCO	BAR / RESTAURANTE		NÃO
BIXIGÃO	BAR / RESTAURANTE		NÃO
CASA DE CHÁ	BAR / RESTAURANTE	MOEMA	NÃO
CHURASCARIA	BAR / RESTAURANTE	REGO FREITAS	NÃO
CIRCUS	BAR / RESTAURANTE		NÃO
JOÃO SEBASTIÃO BAR	BAR / RESTAURANTE	PRAÇA ROOSEVELT OU RUA MAJOR SERTÓRIO	NÃO
PADARIA	BAR / RESTAURANTE	ESQUINA DA REGO FREITAS	NÃO
TURIST	BAR / RESTAURANTE		NÃO
266 WEST	BOATE	R. MARQUÊS DE ITU, 266	SIM
BOITE BUGHOUSE	BOATE	RUA AUGUSTA, 753	SIM
BUGHOUSE STOP DANCETERIA	BOATE	R. STO. ANTONIO, 1000	SIM
CAFÉ TEATRO OSCAR WILDE	BOATE	R. SANTO ANTÔNIO, 1000	SIM
GAY CLUB	BOATE	RUA SANTO ANTÔNIO, 1000	SIM
HIPPOTAMUS	BOATE	???	NÃO
HOMO SAPIENS	BOATE	RUA MARQUES DE ITU, 182	SIM
IGREJINHA	BOATE	RUA TREZE DE MAIO, 48	SIM
LA LICORNE	BOATE	MAJOR SERTÓRIO DEPOIS PÇ ROOSEVELT	NÃO
MEDIEVAL	BOATE	RUA AUGUSTA, 1605	SIM

NOME	TIPO	ENDEREÇO	LOCALIZÁVEL NO MAPA?
MOUSTACHE	BOATE	RUA SERGIPE, 160	SIM
NIGHTING	BOATE	LADEIRA DA MEMÓRIA	NÃO
NOSTRO MONDO	BOATE	R. DA CONSOLAÇÃO, 2556	SIM
PICAPAU (CLUBE DO)	BOATE	LARGO DO AROUCHE, 336	SIM
SALOON	BOATE	AUGUSTA	NÃO
SHOCK HOUSE DANCETERIA BAR	BOATE	R. RUI BARBOSA, 201, BIXIGA	SIM
SKY DANCING SHOW / PEREPEPE'S	BOATE	R. STO. ANTONIO, 570 BIXIGA	SIM
STUDYO TWENTY FOUR-O	BOATE	RUA DAS PALMEIRAS, 240	SIM
THEL'S	BOATE	R. AURORA, 700	SIM
ÚLTIMO TANGO	BOATE	RUA MARTINHO PRADO, 29	SIM
VAL IMPROVISO	BOATE	R. DR. FREDERICO STEIDEL, 127	SIM
AQUARIUS	BOATE	CONFIRMAR / RUA CONSELHEIRO CARRÃO COM RUA RUA BARBOSA	SIM
MOUSTACHE BAR	BAR	ITAMBÉ COM SERGIPE	
BOATE ?	BOATE	ESQUINA DA RUA SANTA ISABEL COM REGO FREITAS	SIM
BOITE CONDESSA OU LE BETAU	BOATE		NÃO
DINOSSAUROS / DINOSAURUS / MISTURA FINA / POWER (BD)	BOATE	R. MAJOR SERTÓRIO, 223	SIM
ESCARABOCCHIO	BOATE		NÃO
HAPPY DAYS	BOATE	AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 613, 1º ANDAR	SIM
INFERNINHO	BOATE	RUA AURORA	NÃO
NEW FLOWER	BOATE	R. MARQUÊS DE ITU, 298	SIM
SOMBRASSOM	BOATE		NÃO
VALSINHO	BOATE		NÃO
AROUCHE	CINEMA E TEATRO	LARGO DO AROUCHE, 426	SIM
ART-PALÁCIO / ARTE PALÁCIO	CINEMA E TEATRO	AV. SÃO JOÃO, 419	SIM
AUDITÓRIO AUGUSTA	CINEMA E TEATRO	RUA AUGUSTA, 943	SIM
CAIRO	CINEMA E TEATRO	RUA FORMOSA, 401	SIM
CINE BARÃO	CINEMA E TEATRO	BARÃO DE ITAPETININGA, 255	SIM
CINE BRISTOL E LIBERTY	CINEMA E TEATRO	CENTER 3, AV. PAULISTA, 2064	SIM
CINE IPIRANGA	CINEMA E TEATRO	AV. IPIRANGA, 786	SIM
CINE MARABÁ	CINEMA E TEATRO	AV. IPIRANGA, 757	SIM
CINE PAISSANDU	CINEMA E TEATRO	LARGO DO PAISSANDU, 60	SIM
CINE TEATRO ODEON	CINEMA E TEATRO	CONSOLAÇÃO, 40-42	SIM
CINEMA ITAPIRA	CINEMA E TEATRO	AV. IPIRANGA	SIM
CINEMA METRO	CINEMA E TEATRO	AV. SÃO JOÃO, 791	SIM
CINEMA OÁSIS	CINEMA E TEATRO	PRAÇA JÚLIO MESQUITA, 123	SIM
CINEMUNDI	CINEMA E TEATRO	PRAÇA DA SÉ, 47	SIM
COPAN	CINEMA E TEATRO	AV. IPIRANGA, 200 (NO INTERIOR DA GALERIA TÉRREA DO EDIFÍCIO COPAN)	SIM
CORAL	CINEMA E TEATRO	R. SETE DE ABRIL, 381	SIM
MAJESTIC	CINEMA E TEATRO	R. AUGUSTA, 1475	SIM
MARROCOS	CINEMA E TEATRO	R. CONSELHEIRO CHRISPINIANO, 352	SIM
METRÓPOLE	CINEMA E TEATRO	GALERIA METRÓPOLE	SIM
OLIDO	CINEMA E TEATRO	AV. SÃO JOÃO, 473 (NO INTERIOR DA GALERIA OLIDO)	SIM
PARAMOUNT	CINEMA E TEATRO	R. BRIGADEIRO LUIZ ANTÔNIO, 411	SIM
RITZ	CINEMA E TEATRO	AV. SÃO JOÃO, 593	SIM
SALA FUNARTE GUIOMAR NOVAES	CINEMA E TEATRO	ALAMEDA NOTHMANN, 1058	SIM
SANTANA	CINEMA E TEATRO		NÃO
TEATRO ANCHIETA	CINEMA E TEATRO	SESC CONSOLAÇÃO	SIM

NOME	TIPO	ENDEREÇO	LOCALIZÁVEL NO MAPA?
TEATRO APLICADO	CINEMA E TEATRO	TEATRO BIBI FERREIRA, BRIGADEIRO LUIS ANTONIO, 931	SIM
TEATRO BRASILEIRO DA COMÉDIA TBC	CINEMA E TEATRO	R. MAJOR DIOGO, 315	SIM
TEATRO BRIGADEIRO	CINEMA E TEATRO	TEATRO BIBI FERREIRA	SIM
TEATRO CULTURA ARTISTICA	CINEMA E TEATRO	PÇ. ROOSEVELT	SIM
TEATRO HEBRAICA	CINEMA E TEATRO	CLUBE HEBRAICA	SIM
TEATRO JOÃO CAETANO	CINEMA E TEATRO	VILA CLEMENTINO	SIM
TEATRO OFICINA	CINEMA E TEATRO	RUA JACEGUAL, 520, BELA VISTA	SIM
TEATRO RUTH ESCOBAR	CINEMA E TEATRO	RUA DOS INGLESES, 209	SIM
TUCA	CINEMA E TEATRO	PUC	SIM
WINDSOR	CINEMA E TEATRO	AV. IPIRANGA, 974	SIM
BELAS ARTES	CINEMA E TEATRO	CONSOLAÇÃO ESQUINA COM PAULISTA	SIM
CAFÉ TEATRO A PULGA	CINEMA E TEATRO		NÃO
CINEMA ÁRTICO	CINEMA E TEATRO		NÃO
CINEMA LIRA	CINEMA E TEATRO		NÃO
CINEMATECA DO MASP	CINEMA E TEATRO		NÃO
PALACETE	CINEMA E TEATRO	AV. RIO BRANCO	NÃO
PALÁCIO DO CINEMA	CINEMA E TEATRO	AV. RIO BRANCO	NÃO
PEDRO II	CINEMA E TEATRO		NÃO
SANTA HELENA	CINEMA E TEATRO		NÃO
TEATRO DO BIXIGA / BEXIGA	CINEMA E TEATRO		NÃO
TEATRO GIL VICENTE	CINEMA E TEATRO		NÃO
TEATRO SÃO JOSÉ	CINEMA E TEATRO		NÃO
TEATRO SENAC	CINEMA E TEATRO		NÃO
EDITORA AFA	COMÉRCIO	AV. LIBERDADE, 704	SIM
CENTRO DE CONVENÇÕES REBOUÇAS	COMÉRCIO	REBOUÇAS 600	
BIBLIOTECA MARIO DE ANDRADE	COMÉRCIO / SERVIÇO	R. DA CONSOLAÇÃO, 94	SIM
ARTE APLICADA	COMÉRCIO / SERVIÇO	AL. CAMPINAS 1100 CONJUNTO 102 - CONFIRMAR	SIM
BIBLIOTECA MUNICIPAL PRESIDENTE KENNEDY	COMÉRCIO / SERVIÇO	AV. JOÃO DIAS, 822 - SANTO AMARO	SIM
CENTRO ACADÊMICO XI DE AGOSTO (ASSISTÊNCIA JURÍDICA)	COMÉRCIO / SERVIÇO	PRAÇA JOÃO MENDES, 62, 17º ANDAR	SIM
CLÍNICA PARA CÃES E GATOS	COMÉRCIO / SERVIÇO	AV. REBOUÇAS, 861	SIM
DEPILAÇÃO STELA	COMÉRCIO / SERVIÇO	ALAMEDA FRANCA, 616 / PEIXOTO GOMIDE, 1419 (A PARTIR DE MARÇO DE 1981)	SIM
FACULDADE DE MEDICINA - CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ	COMÉRCIO / SERVIÇO		SIM
FEIRA HIPPIE	COMÉRCIO / SERVIÇO	PRAÇA DA REPÚBLICA	SIM
GALERIA	COMÉRCIO / SERVIÇO	OSCAR FREIRE, 2208-A	SIM
GALERIA ENTREARTES	COMÉRCIO / SERVIÇO	AL. JOAQUIM EUGÊNIO DE LIMA, 1409	SIM
GALERIA METRÓPOLE	COMÉRCIO / SERVIÇO	AV. SÃO LUÍS E PRAÇA DOM JOSÉ GASPAR / BD EM 1981 FLA QUE ESTAVA EM DECADÊNCIA. CAMPARADA A GALERIA ALASKA. APOGEU NOS ANOS 1960. SUBSISTE HOJE PELA PRAÇA, PELO CINEMA E PELO FLIPERAMA.	SIM
INSTITUTO DOS ARQUITETOS	COMÉRCIO / SERVIÇO		SIM
LIVRARIA CULTURA	COMÉRCIO / SERVIÇO	AV. PAULISTA	SIM
LUIZ GONZAGA MODESTO DE PAULO (ADVOGADO)	COMÉRCIO / SERVIÇO	AV. SENADOR QUEIROZ, 96	SIM
MAPPIN	COMÉRCIO / SERVIÇO	PRAÇA RAMOS	SIM
PAVILHÃO DA BIENAL	COMÉRCIO / SERVIÇO	IBIRAPUERA	SIM
QUADRA VAI VAI	COMÉRCIO / SERVIÇO		SIM
SESC	COMÉRCIO / SERVIÇO	AV. PAULISTA, 119	SIM
SEX SHOP	COMÉRCIO / SERVIÇO	OSCAR FREIRE, 506	SIM

NOME	TIPO	ENDEREÇO	LOCALIZÁVEL NO MAPA?
USP	COMÉRCIO / SERVIÇO		SIM
VICTORIA KUHN ARQUITETA	COMÉRCIO / SERVIÇO	AV. JUREMA, 533, AP 44	SIM
ALIANÇA FRANCESA	COMÉRCIO / SERVIÇO	RUA SILVA JARDIM (RJ) SERIA RUA GENERAL JARDIM?	SIM
CONSULTÓRIO DR. FARINA	COMÉRCIO / SERVIÇO		NÃO
DELEGACIA 42	COMÉRCIO / SERVIÇO		NÃO
GALERIA DOMUS	COMÉRCIO / SERVIÇO		NÃO
HÉLIO J. DALEFI	COMÉRCIO / SERVIÇO	R. JOSÉ DAS NEVES, 89	SIM
JOSÉ ROBERTO PRAZERES	COMÉRCIO / SERVIÇO	R. MARACAJU, 26, VILA MARIANA	SIM
LIVRARIA CASSANDRA RIOS	COMÉRCIO / SERVIÇO		NÃO
LOJA CLODOVIL	COMÉRCIO / SERVIÇO		NÃO
LOJA DENER	COMÉRCIO / SERVIÇO	AV. PAULISTA	NÃO
LOJA DENER COM BIA COUTINHO	COMÉRCIO / SERVIÇO	PRAÇA DA REPÚBLICA	NÃO
SCARLET MODAS	COMÉRCIO / SERVIÇO	BARÃO DE ITAPETINIGA	NÃO
PLAYTIME	COMÉRCIO / SERVIÇO - FLIPERAMA	AV. SÃO JOÃO (AO LADO DO JECA)	SIM
FLIPER DA VILANOVA	COMÉRCIO / SERVIÇO - FLIPERAMA		NÃO
FLIPERAMA	COMÉRCIO / SERVIÇO - FLIPERAMA	AV. IPIRANGA	NÃO
HOTEL CANECA	COMÉRCIO / SERVIÇO: HOTEL	R. FREI CANECA, 356	SIM
HOTEL DEL RIO	COMÉRCIO / SERVIÇO: HOTEL	R. DA CONSOLAÇÃO, 45 (EM FRENTE À BIBLIOTECA MUNICIPAL)	SIM
HOTEL HILTON	COMÉRCIO / SERVIÇO: HOTEL	AV. IPIRANGA, 165	SIM
HOTEL LUVER	COMÉRCIO / SERVIÇO: HOTEL	R. FREI CANECA, 963	SIM
HOTEL LUVER II	COMÉRCIO / SERVIÇO: HOTEL	PÇ. FRANKLIN ROOSEVELT, 207	SIM
HOTEL SÃO TIÃO	COMÉRCIO / SERVIÇO: HOTEL	RUA 7 DE ABRIL	SIM
MISTER GAY HOTEL	COMÉRCIO / SERVIÇO: HOTEL	R. MATO GROSSO, 28	SIM
GALERIA PRESTES MAIA	COMÉRCIO / SERVIÇOS		SIM
GALERIA CALIFÓRNIA	COMÉRCIO / SERVIÇOS	R. BARÃO DE ITAPETINIGA, 255	SIM
AV. IPIRANGA	ESPAÇO PÚBLICO	ENTRE SÃO JOÃO E CONSOLAÇÃO / ENTRE SÃO JOÃO E SÃO LUÍS (MICHÊS) E DA SÃO LUÍS A PRAÇA ROOSEVELT (TRAVESTIS)	SIM
AV. RIO BRANCO	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
AV. SÃO JOÃO	ESPAÇO PÚBLICO	ENTRE PAISANDU AO LARGO DO AROUCHE / MICHÊS, TRAVESTIS E PROSTITUTAS PREDOMINAM NA ÁREA DA PRAÇA JULIO MESQUITA, ENTRE AS RUAS AURORA E VITÓRIA.	SIM
AV. SÃO LUIZ	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
AV. VIEIRA DE CARVALHO	ESPAÇO PÚBLICO	ENTRE PÇ. DA REPÚBLICA E AROUCHE, COM TRANSVERSAL NA R. AURORA	SIM
AVENIDA ANGÉLICA	ESPAÇO PÚBLICO	ADJACÊNCIA DA PÇ. BUENOS AIRES E MARECHAL DEODORO	SIM
AVENIDA CRUZEIRO DO SUL	ESPAÇO PÚBLICO	TRECHO DO CANINDE, PROXIMIDADES DA MARGINAL TIETÊ E INDE ESTACIONAM CAMINHÕES	SIM
LARGO DO AROUCHE	ESPAÇO PÚBLICO	PRIMEIRO ALVO DAS RONDAS DO 3º DISTRITO / ENTRE A BOLA DO LIXO E A BOCA DO LUXO	SIM
LARGO DO PAISSANDU	ESPAÇO PÚBLICO	PASSAGEM DO VIADUTO SANTA EPIGÊNIA PARA A V. SÃO JOÃO. FREQUENCIA MISTA POR PROXIMIDADE COM TERMINAIS DE ÔNIBUS	SIM
NESTOR PESTANA	ESPAÇO PÚBLICO	ENRTE A PRAÇA ROOSEVELT E A CONSOLAÇÃO	SIM
PARQUE DA LUZ / JARDIM DA LUZ	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
PARQUE IBIRAPUERA	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
PARQUE TRIANON	ESPAÇO PÚBLICO	APELIDO DE BICHÓDROMO OU AUTORAMA (POIS PONTO DE ENCONTRO OU CONTORNO PARA QUEM PREFERE PASSEAR DE AUTOMÓVEL	SIM

NOME	TIPO	ENDEREÇO	LOCALIZÁVEL NO MAPA?
PRAÇA 14 BIS	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
PRAÇA DA REPÚBLICA	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
PRAÇA DOM JOSÉ GASPAR	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
PRAÇA ROOSEVELT	ESPAÇO PÚBLICO	ENTRE A BOCA DO LUXO E AS CANTINAS DO BIXIGA	SIM
R. BARÃO DE ITAPETININGA	ESPAÇO PÚBLICO	CAMINHO DO VIADUTO DO CHÁ PARA A PÇ DA REPÚBLICA - APÓS O CALÇADÃO SE TORNOU PONTO DE ENCONTRO ESPECIALMENTE NAS IMEDIAÇÕES DA GALERIA CALIFÓRNIA	SIM
R. VINTE E QUATRO DE MAIO	ESPAÇO PÚBLICO	CALÇADÃO PARALELO A BARÃO DE ITAPETININGA E À SÃO JOÃO	SIM
RUA AURORA E RUA VITÓRIA	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
RUA DOS TIMBIRAS	ESPAÇO PÚBLICO		SIM
RUA MARTINHO PRADO	ESPAÇO PÚBLICO	LIGAÇÃO ENTRE PRAÇA ROOSEVELT E BIXIGA	SIM
RUA REGO FREITAS / MAJOR SERTÓRIO	ESPAÇO PÚBLICO	RUA REGO FREITAS (E BENTO FREITAS) LIGAÇÃO DO AROUCHE COM PRAÇA ROOSEVELT. QUARTEIRÃO AOS FUNDOS DO HILTON.	SIM
RUA SANTO ANTÔNIO	ESPAÇO PÚBLICO	TRECHO DA MAJOR QUEDINHO À TREZE DE MAIO	SIM
VIADUTO SANTA EFIGÊNCIA	ESPAÇO PÚBLICO	JÁ ERA EXCLUSIVO DE PEDESTRES E BEM ILUMINADO À NOITE	SIM
AUTORAMA	ESPAÇO PÚBLICO	ENTRE A G. METRÓPOLE E A D. J. GASPAR	SIM
AV. BANDEIRANTES	ESPAÇO PÚBLICO	AV. BANDEIRANTES	SIM
AV. REPÚBLICA DO LÍBANO	ESPAÇO PÚBLICO	ENTRE O PQ. DO IBIRAPUERA E ÁREA RESIDENCIAL DA AV. SANTO AMARO	SIM
BOCA DO LIXO	ESPAÇO PÚBLICO	STA EFIGÊNIA - RUA AURORA E PARALELAS / ZONA DE MERETRÍCIO	SIM
BOCA DO LUXO	ESPAÇO PÚBLICO	BAIRRO DA VILA BUARQUE / RUA MAJOR SERTÓRIO , REGO FREITAS	SIM
R. DA CONSOLAÇÃO	ESPAÇO PÚBLICO	ENTRE A D. JOSÉ E A ROOSEVELT E NAS IMEDIAÇÕES DO BELAS ARTES	SIM
RADIAL LESTE	ESPAÇO PÚBLICO	APÓS O VIADUTO DA MOOCA (METRÔ ESTAÇÃO BREESER)	SIM
RUA DO TRIUNFO	ESPAÇO PÚBLICO	RUA DO TRIUNFO	SIM
GALF	GRUPO / ORG. SOCIAL / PESSOA INT.	R. AURORA, 736, APIO (SEDE INAUGURADA EM 4 JUL 1981)	SIM
LIBERTOS	GRUPO / ORG. SOCIAL / PESSOA INT.	PARQUE CECAP. CONDOMÍNIO STA. CATARINA, BLOCO 7, APTO. 32 - 07000, GUARULHOS, SP RUA CABO ANTÔNIO P. DA SILVA, 481, JARDIM TRANQUILIDADE - 07000, GUARULHOS, SP	SIM
NÉSTOR PERLONGHER	GRUPO / ORG. SOCIAL / PESSOA INT.	R. REGO FREITAS, 530, APT B7	SIM
CONVERGÊNCIA SOCIALISTA	GRUPO / ORG. SOCIAL / PESSOA INT.	??	NÃO
QUITINETE DA ROSELY	GRUPO / ORG. SOCIAL / PESSOA INT.	AV. AMARAL GURGEL, 468	SIM
ALTEROSAS	SAUNA	A. DAS ALTEROSAS, 40-A	SIM
AMAZONAS	SAUNA	R. DO GAZÔMETRO, 641	SIM
AQUARIUS	SAUNA	R. BARTOLOMEU DE GUSMÃO, 572	SIM
CASTELINHO	SAUNA	R. MIGUEL RUSSIANO, 278	SIM
DANNY	SAUNA	RUA JAGUARIBE, 484	SIM
FOR FRIENDS	SAUNA	R. MORGADO MATHEUS, 365	SIM
FRAGATA	SAUNA	R. FRANCISCO LEITÃO, 71	SIM
LE ROUGE 80	SAUNA	RUA GERMANO (GERMAINE) BUCHARD, 286	SIM
TERMAS IPANEMA	SAUNA	R. SANTO ANTÔNIO, 675	SIM
SAUNA REGATA SERIA A FRAGATA?	SAUNA	PINHEIROS	NÃO
ACM/YMCA	SAUNA?		NÃO

## APÊNDICE B

LISTA DE RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO  
SOBRE O TERMO "QUEER"

IDADE	VOCÊ SE IDENTIFICA COMO UMA PESSOA:	VOCÊ JÁ OUVIU OU LEU O TERMO "QUEER" EM ALGUM LUGAR ANTES DESSA PESQUISA?	QUÃO BEM VOCÊ DIRIA QUE ENTENDE O SIGNIFICADO DO TERMO "QUEER"?	COM AS SUAS PALAVRAS E DE FORMA BEM OBJETIVA, O QUE SIGNIFICA O TERMO "QUEER" PARA VOCÊ?	COM RELAÇÃO A SUA FORMAÇÃO, NO MOMENTO VOCÊ POSSUI:
37	GAY	SIM	5	FORA DOS PADRÕES, ESTRANHO...	DOUTORADO COMPLETO
37	BISSEXUAL	SIM	5	AQUELE DIVERGENTE DA HETERONORMATIVIDADE	DOUTORADO COMPLETO
34	BISSEXUAL	NÃO			DOUTORADO COMPLETO
34	HETEROSSEXUAL	SIM	3	ACHO QUE "QUEER" ENGLOBA TODAS AS FORMAS DE EXISTIR, SE EXPRESSAR E SE RELACIONAR FORA DA NORMATIVIDADE CIS-HETERO	DOUTORADO COMPLETO
31	GAY	SIM	5	QUEER É UTILIZADO TANTO COMO UM TERMO GUARDA-CHUVA PARA SE REFERIR A LGBT, QUANDO UMA CRÍTICA À IDEIA DE QUE EXISTEM IDENTIDADES FIXAS.	DOUTORADO COMPLETO
38	GAY	SIM	5	QUEER É UMA CONTESTAÇÃO AO UNIVERSAL NORMALIZANTE, DICOTÔMICO E BINÁRIO. UMA (S) PROPOSTAS DE EPISTEMOLOGIA(S) QUE COLOQUEM O NÔMADE, O QUE FOGUE SEM PARAR NO DEBATE.	DOUTORADO COMPLETO
50	HETEROSSEXUAL	SIM	3	É UM TERMO QUE ENGLOBA IDENTIDADES SEXUAIS NÃO "CATALOGADAS", OU FORA DAS CAIXINHAS USUAIS	DOUTORADO COMPLETO
47	LÉSBICA	SIM	5	ALGUÉM DISSIDENTE DAS NORMAS SOCIAIS/AFETIVAS/SEXUAIS/POLÍTICAS, TANTO NO QUE DIZ RESPEITO À SEXO, GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL QUANTO OUTRAS	DOUTORADO COMPLETO
49	HETEROSSEXUAL	SIM	4	SEXUALIDADE FORA DA NORMA HETEROSSEXUAL	DOUTORADO COMPLETO
48	SEM RÓTULOS	NÃO			DOUTORADO COMPLETO
36	GAY	SIM	3	PESSOAS QUE ROMPEM AS REGRAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE	DOUTORADO EM CURSO
32	HETEROSSEXUAL	SIM	3	SIGNIFICA UM GRUPO DE PESSOAS QUE NÃO SE IDENTIFICAM COM UMA CATEGORIA PRÉ-ESTABELECIDADA DE GÊNERO, SEXUALIDADE, E ORIENTAÇÃO SEXUAL	DOUTORADO EM CURSO
34	QUEER	SIM	3	É UMA FORMA SIMPLES DE NEGAR AS CATEGORIAS BINÁRIAS QUE ENVOLVEM EXPRESSÃO/ORIENTAÇÃO SEXUAL E GÊNERO (HOMEM E MULHER, GAY E HÉTERO ETC).	DOUTORADO EM CURSO
29	GAY	SIM	5	NÃO CONVENCIONAL, INUSITADO, DIFERENTE	DOUTORADO EM CURSO
28	HETEROSSEXUAL	SIM	3		DOUTORADO EM CURSO
41	HETEROSSEXUAL, BISSEXUAL	SIM	2	NÃO CONSIGO RESPONDER DE FORMA OBJETIVA... SEMPRE ENXERGUEI O TERMO EM RELAÇÃO A UMA TEORIA CRÍTICA DE GÊNERO, À EXPRESSÃO DIVERSA DE GÊNERO/SEXO NA SOCIEDADE E NA CULTURA. MAS PERCEBI QUE NÃO CONSIGO SER OBJETIVO EM RELAÇÃO AO TERMO.	DOUTORADO EM CURSO
56	HETEROSSEXUAL	SIM	3	DIFERENTE, HOMOSEXUAL, TRANS	DOUTORADO EM CURSO
29	LÉSBICA	SIM	2	PESSOAS QUE NÃO SE ROTULAM SEXUALMENTE E NEM ACERCA DE SEU GÊNERO	DOUTORADO EM CURSO
33	GAY, QUEER	SIM	4	DISSIDENTE. FORA DA HETERONORMATIVIDADE.	DOUTORADO EM CURSO
18	BISSEXUAL, TRANSEXUAL, QUEER	SIM	5	QUALQUER PESSOA QUE NÃO SE ENCAIXE NO PADRÃO HETERO CIS NORMATIVO	ENSINO MÉDIO (2º GRAU) COMPLETO

IDADE	VOCÊ SE IDENTIFICA COMO UMA PESSOA:	VOCÊ JÁ OUVIU OU LEU O TERMO "QUEER" EM ALGUM LUGAR ANTES DESSA PESQUISA?	QUÃO BEM VOCÊ DIRIA QUE ENTENDE O SIGNIFICADO DO TERMO "QUEER"?	COM AS SUAS PALAVRAS E DE FORMA BEM OBJETIVA, O QUE SIGNIFICA O TERMO "QUEER" PARA VOCÊ?	COM RELAÇÃO A SUA FORMAÇÃO, NO MOMENTO VOCÊ POSSUI:
22	HETEROSSEXUAL	SIM	3	TERMO LIGADO A CULTURA RELACIONADA COM A POPULAÇÃO LGBT	ENSINO MÉDIO (2º GRAU) COMPLETO
25	HETEROSSEXUAL	SIM	4	QUEER SERIA UMA IDENTIDADE DE GÊNERO PARA QUEM TRANSITA ENTRE O GÊNERO FEMININO E MASCULINO. É UM TERMO MAIS "GUARDA-CHUVA" QUE ABRANGE MAIS DE UMA IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE DISSIDENTES.	ENSINO MÉDIO (2º GRAU) COMPLETO
28	BISSEXUAL	SIM	4	PESSOAS QUE NÃO HETEROSSEXUAIS OU CISGENEROS	ENSINO MÉDIO (2º GRAU) COMPLETO
29	HETEROSSEXUAL	NÃO			ENSINO MÉDIO (2º GRAU) COMPLETO
28	BISSEXUAL	SIM	4	SIGNIFICA ESTAR FORA DO PADRÃO CIS-NORMATIVO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
22	TRANSGÊNERO, TRANSEXUAL, QUEER	SIM	4	FORA DA NORMA/ OUTSIDER	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
33	GAY	SIM	3	UMA MANEIRA DE EXPRESSAR IDENTIDADE PELO VESTIR E AGIR.	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
33	GAY	SIM	3	INDIVÍDUOS NÃO HETEROSSEXUAIS OU CISGENEROS	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
33	HETEROSSEXUAL	SIM	3	PESSOAS FORA DO PADRÃO HETEROCISNORMATIVO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
34	GAY	SIM	4	UM GUARDA-CHUVA DE POSSIBILIDADES DENTRO DA DIVERSIDADE.	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
35	GAY	SIM	5	UM TERMO ANTES PEJORATIVO QUE FOI RESSIGNIFICADO E DESIGNA GENERICAMENTE QUEM NÃO SE CONSIDERA HETEROSSEXUAL E/OU CISGÊNERO.	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
31	GAY	SIM	4	"QUEER" É UM TERMO PEJORATIVO PARA DEFINIR LGTBTS E QUE FOI RESSIGNIFICADO E HOJE É UTILIZADO PARA DEFINIR PESSOAS NÃO-HETERO OU NÃO-CIS	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
29	BISSEXUAL, DEMISSEXUAL	SIM	3	AINDA ME SINTO BEM CONFUSA COM A APLICAÇÃO DO TERMO NO BR, MAS, A PRINCÍPIO "QUEER" SE ENQUADRA NAS PESSOAS QUE NÃO SE IDENTIFICAM NAS NORMAS HETERONORMATIVAS (COMO UM TODO MESMO, NÃO APENAS ESTETICAMENTE) E UMA PESSOA QUE SE PERMITE SER, VESTIR, SE COMPORTAR COMO SE SENTIR BEM. ESSA CLASSIFICAÇÃO VOLTADA A PESSOAS NÃO-BINÁRIAS, POR EXEMPLO, QUE PODEM SE IDENTIFICAR TANTO COM O MASCULINO QUANTO COM O FEMININO EM DIFERENTES MOMENTOS, OU COMO PODEM NÃO SE IDENTIFICAR COM NENHUM DOS DOIS. (MEU DEUS, TALVEZ ISSO TUDO NÃO FAÇA SENTIDO?)	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
34	HETEROSSEXUAL	SIM	2	PESSOAS NÃO HETEROSSEXUAIS	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
34	HETEROSSEXUAL	SIM	5	REJEIÇÃO DA NOMENCLATURA TRADICIONAL DE GÊNERO E SEXUALIDADE	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
25	GAY	SIM	4	UMA PESSOA LGBT	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
33	GAY	SIM	4	HOMOSSEXUAL, DIFERENTE	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
33	HETEROSSEXUAL	SIM	4	ACHO QUE É UM TERMO USADO PRA ENGLOBALAR VÁRIAS MINORIAS SEXUAIS E DE GÊNERO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
24	BISSEXUAL	SIM	4	QUEER PRA MIM DIZ RESPEITO A TODAS AS PESSOAS QUE NÃO SE ENCAIXAM NOS PADRÕES HETERNORMATIVOS E BINÁRIOS, SEJA QUANTO A GÊNERO, SEJA QUANTO A SEXUALIDADE. É UMA FORMA TRANSGRESSORA E FLUIDA DE PENSAR OS CORPOS E AS SEXUALIDADES.	ENSINO SUPERIOR COMPLETO

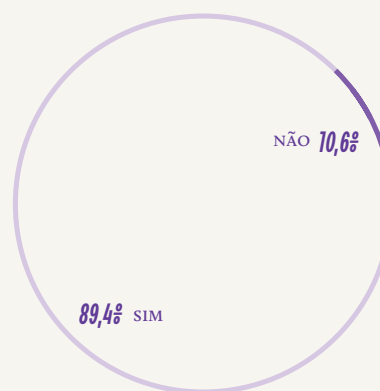
IDADE	VOCÊ SE IDENTIFICA COMO UMA PESSOA:	VOCÊ JÁ OUVIU OU LEU O TERMO "QUEER" EM ALGUM LUGAR ANTES DESSA PESQUISA?	QUÃO BEM VOCÊ DIRIA QUE ENTENDE O SIGNIFICADO DO TERMO "QUEER"?	COM AS SUAS PALAVRAS E DE FORMA BEM OBJETIVA, O QUE SIGNIFICA O TERMO "QUEER" PARA VOCÊ?	COM RELAÇÃO A SUA FORMAÇÃO, NO MOMENTO VOCÊ POSSUI:
26	LÉSBICA	SIM	5	QUALQUER DESVIANTE DO PADRÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
39	HETEROSSEXUAL	SIM	4	PESSOAS QUE NÃO DÃO HETEROSSEXUAIS.	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
32	LÉSBICA	SIM	4	PESSOA PARTE DA COMUNIDADE LGBTQIA+	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
34	LÉSBICA	SIM	4	ENTENDO QUE FUNCIONA, EM PORTUGUÊS, QUASE COMO UM SINÔNIMO DA PALAVRA "BICHA". ATE NO SENTINDO DE QUE A PALAVRA ERA UTILIZADA PARA HOSTILIZAR MAS FOI APROPRIADO PELA PRÓPRIA COMUNIDADE.	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
65	HETEROSSEXUAL	NÃO			ENSINO SUPERIOR COMPLETO
57	HETEROSSEXUAL	NÃO			ENSINO SUPERIOR COMPLETO
27	GAY, QUEER	SIM	5	PERFORMANCES DE GÊNERO DIFERENTE NORMA, INDEPENDENTE DA QUAL LETRA DENTRO DA SIGLA LGBTQIA+ SE ENQUADRE	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
71	HETEROSSEXUAL	SIM	2		ENSINO SUPERIOR COMPLETO
33	HETEROSSEXUAL, QUEER	SIM	4	ACHO QUE ABRANGE VIVÊNCIAS QUE DIVERGEM DO PADRÃO HETEROSSEXUAL QUE NÃO TEM TANTO A VER COM A SEXUALIDADE MAS EM COMO A PESSOA SE APRESENTA SOCIALMENTE	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
39	HETEROSSEXUAL	NÃO			ENSINO SUPERIOR COMPLETO
35	LÉSBICA	SIM	3	ENCAIXA EM MENOS RÓTULO... HETERO OU HOMOSSEXUAL, POR EXEMPLO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
35	GAY	SIM	3	UM TERMO QUE PODE SE REFERIR À POPULAÇÃO NÃO HETEROSSEXUAL E/OU NÃO CISGÊNERO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
25	LÉSBICA	SIM	4	PESSOAS QUE NÃO SE ENCAIXAM NO PADRÃO HETERONORMATIVO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
24	HETEROSSEXUAL	SIM	3	PESSOA QUE NÃO SE IDENTIFICA COM O GÊNERO MASCULINO OU FEMININO	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
50	HETEROSSEXUAL	NÃO			ENSINO SUPERIOR COMPLETO
53	BISSEXUAL	SIM	3	UMA PESSOA QUE NAI SE ENCAIXA NAS DEFINIÇÕES HÉTERO/CIS NORMATIVAS	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
31	GAY	SIM	4	PESSOAS QUE ACEITAM E ENTENDEM SOBRE AS SEXUALIDADES NÃO HETEROSSEXUAIS E APOIAM ESSAS CAUSAS E PESSOAS.	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
53	HETEROSSEXUAL	NÃO			ENSINO SUPERIOR COMPLETO
60	HETEROSSEXUAL	SIM	3	INDIVÍDUOS QUE SE SENTEM ESTRANHOS COM SEU CORPO.	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
27	LÉSBICA	SIM	4	ENTENDO QUE QUEER É UM TERMO QUE ABARCA A TODES QUE NÃO SE IDENTIFIQUEM, ESTRITAMENTE, DENTRO DE UM SÓ GÊNERO OU A UMA DEFINIÇÃO DE SEXUALIDADE. É UM TERMO INCLUSIVO, QUE PODE SERVIR PARA DESIGNAR A TODES DA COMUNIDADE LGBTQIA+.	ENSINO SUPERIOR COMPLETO
36	GAY	SIM	3	ALGUÉM DESAPEGADO AS QUESTÕES DE GÊNERO TRADICIONALMENTE DEFINIDAS	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
32	GAY	SIM	4	ESTRANHO, MISTURA DE FEMININO EMPODERADO COM MASCULINO DE FUNDO	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
22	BISSEXUAL	SIM	4	SINÔNIMO PARA LGBTQIA+, MUITO UTILIZADO NA GRINGA	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
30	ASSEXUAL	SIM	3	DE FORMA SIMPLIFICADA É TODOS OS QUE NÃO SE ENCAIXAM OU SE SENTEM REPRESENTADOS PELA HETEROSSEXUALIDADE E CISGENEROS.	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
20	HETEROSSEXUAL	SIM	3	NAO HETERONORMATIVO	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO

IDADE	VOCÊ SE IDENTIFICA COMO UMA PESSOA:	VOCÊ JÁ OUVIU OU LEU O TERMO "QUEER" EM ALGUM LUGAR ANTES DESSA PESQUISA?	QUÃO BEM VOCÊ DIRIA QUE ENTENDE O SIGNIFICADO DO TERMO "QUEER"?	COM AS SUAS PALAVRAS E DE FORMA BEM OBJETIVA, O QUE SIGNIFICA O TERMO "QUEER" PARA VOCÊ?	COM RELAÇÃO A SUA FORMAÇÃO, NO MOMENTO VOCÊ POSSUI:
30	HETEROSSEXUAL	SIM	5	PESSOAS LGBTQ+	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
33	BISSEXUAL	SIM	3	RELACIONADO À COMUNIDADE LGBTQIA+	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
23	GAY	SIM	4	PESSOAS QUE FOGEM DOS PADRÕES DE ORIENTAÇÃO SEXUAL E GÊNERO	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
25	HETEROSSEXUAL	SIM	3	PENSAR O QUE NÃO É CISGÊNERO	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
21	LÉSBICA, NÃO SABERIA RESPONDER	SIM	2	ACREDITO QUE TENHA A VER COM SEXUALIDADE DE MULHERES. TALVEZ OQ CHAMAMOS DE LÉSBICA	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
22	BISSEXUAL	SIM	4		ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
42	GAY	SIM	3	IDENTIDADE DE GÊNERO QUE FOGUE AOS PADRÕES ESTABELECIDOS DE BINARISMO	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
39	LÉSBICA	SIM	2	IDENTIFICA UMA MINORIA QUE NÃO SE IDENTIFICA COM GÊNEROS POSTOS COMO PADRÃO.	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
22	GAY	SIM	4	UMA IDENTIDADE DE GÊNERO DIVERGENTE DA BINARIEDADE.	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
20	BISSEXUAL	SIM	3	PESSOAS QUE NÃO SE IDENTIFICAM COM OS PADRÕES CISHETERONORMATIVO	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
24	BISSEXUAL, PANSEXUAL	SIM	4	TODA PESSOA NÃO SEJA HETEROSSEXUAL E/OU CISGÊNERA	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
28	GAY	SIM	4	TODA EXPRESSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE DE QUE FUJA DO NORMATIVO CIS-HETERO	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
22	HETEROSSEXUAL	NÃO			ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
22	HETEROSSEXUAL	SIM	4	PELO MEU ENTENDIMENTO, O TERMO QUEER É USADO PARA IDENTIFICAR UMA PESSOA QUE SE IDENTIFICA COM UMA OU MAIS DENOMINAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE DA SIGLA LGBTQIAP+.	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
25	HETEROSSEXUAL	SIM	3		ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
28	HETEROSSEXUAL	SIM	2	PESSOAS QUE NÃO SE IDENTIFICAM COMO HETEROSSEXUAIS OU CIS	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
19	HETEROSSEXUAL	SIM	3		ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
22	HETEROSSEXUAL	NÃO			ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
21	HETEROSSEXUAL	SIM	3	NÃO ENQUADRAR-SE COMO CISGÊNERO E HETEROSSEXUAL	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
19	PANSEXUAL	SIM	4	SE REFERE A PESSOAS DO ESPECTRO LGBTQIA+ QUE NÃO SABEM EM QUE CATEGORIA DO ESPECTRO SE ENCAIXAM ESPECIFICAMENTE	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
22	HETEROSSEXUAL	NÃO			ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
24	GAY	SIM	3	GÊNERO FLUIDO	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
28	GAY	SIM	5	QUEM NÃO CORRESPONDE À HETERONORMATIVIDADE, SEJA PELA SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL, IDENTIDADE DE GÊNERO, ATRAÇÃO EMOCIONAL OU PELA SUA EXPRESSÃO DE GÊNERO. O TERMO QUEER REFERE-SE TAMBÉM A UMA FORMA DE QUESTIONAR OS PADRÕES ESTABELECIDOS PELA SOCIEDADE.	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
33	TRANSGÊNERO	SIM	4	PESSOAS DA COMUNIDADE LGBTQIA+	ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO
32	HETEROSSEXUAL	SIM	3	NÃO HÉTERO, UM TERMO GERAL PARA A COMUNIDADE LGBTQ+	ESPECIALIZAÇÃO

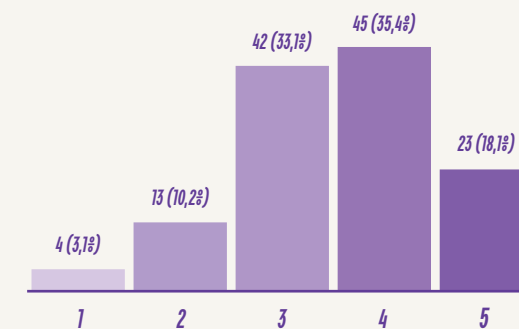
IDADE	VOCÊ SE IDENTIFICA COMO UMA PESSOA:	VOCÊ JÁ OUVIU OU LEU O TERMO "QUEER" EM ALGUM LUGAR ANTES DESSA PESQUISA?	QUÃO BEM VOCÊ DIRIA QUE ENTENDE O SIGNIFICADO DO TERMO "QUEER"?	COM AS SUAS PALAVRAS E DE FORMA BEM OBJETIVA, O QUE SIGNIFICA O TERMO "QUEER" PARA VOCÊ?	COM RELAÇÃO A SUA FORMAÇÃO, NO MOMENTO VOCÊ POSSUI:
49	HETEROSSEXUAL	SIM	3	NÃO SE ADAPTAR AOS CONCEITOS IMPOSTOS E ACEITOS	ESPECIALIZAÇÃO
38	BISSEXUAL	SIM	4	JÁ VI DIVERSAS DEFINIÇÕES. SEI QUE SE TRATA DE UMA TEORIA FILOSÓFICA/POLÍTICA SOBRE GÊNERO E SUA EXPRESSÃO SOCIAL. EU UTILIZO COMO UM TERMO "GENÉRICO" PARA COMPORTAMENTOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE DESVIANTES DA CISHETERONORMATIVIDADE.	ESPECIALIZAÇÃO
33	GAY	SIM	5	PESSOA QUE TRANSITA ENTRE OS GÊNEROS SEM UMA DEFINIÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
36	HETEROSSEXUAL	SIM	4	QUEM N SE IDENTIFICA COMO HETERO OU CIS	ESPECIALIZAÇÃO
33	GAY	SIM	4	PESSOAS QUE NÃO SE IDENTIFICAM COM A HETERONORMATIVIDADE E CISGÊNERO	ESPECIALIZAÇÃO
33	GAY	SIM	1	GAY/HOMOSSEXUAL	ESPECIALIZAÇÃO
33	HETEROSSEXUAL	NÃO			ESPECIALIZAÇÃO
64	GAY	SIM	5	É ALGUÉM QUE TEM UM COMPORTAMENTO QUE NAO SE PREOCUPA EM SEGUIR OS COMPORTAMENTOS NORMATIVOS, É ESTRANHO.	ESPECIALIZAÇÃO
25	BISSEXUAL, TRANSGÊNERO	SIM	2	DESCONFORMIDADE À HETERNORMATIVIDADE	ESPECIALIZAÇÃO
37	GAY	SIM	4	PESSOA QUE NÃO SE ENCAIXA NA NORMATIVIDADE HÉTERO E CISGÊNERO	ESPECIALIZAÇÃO
25	BISSEXUAL	SIM	3	UM TERMO UTILIZADO PARA AS PESSOAS LGBTQ+, PESSOA QUE NÃO SEJA HETEROSEXUAL	ESPECIALIZAÇÃO
30	GAY	SIM	2	O QUE NÃO É HETEROSSEXUAL E CISGÊNERO	ESPECIALIZAÇÃO
34	GAY	SIM	3	NÃO BINÁRIO	ESPECIALIZAÇÃO
34	GAY	SIM	4	UM TERMO UM TANTO QUANTO GERAL PARA ABRACAR PESSOAS NÃO HETEROSSEXUAIS E SUAS CULTURAS	ESPECIALIZAÇÃO
50	HETEROSSEXUAL	SIM	4	LIBERDADE DE VOCÊ SER O QUE VOCÊ É. SEM ENQUADRAMENTO EM NENHUMA "CAIXINHA"	ESPECIALIZAÇÃO
36	HETEROSSEXUAL	SIM	5	PECULIAR	ESPECIALIZAÇÃO
63	HETEROSSEXUAL	NÃO			ESPECIALIZAÇÃO
53	HETEROSSEXUAL	SIM	1	NÃO SEI	ESPECIALIZAÇÃO
26	GAY	SIM	4	SÃO AS PESSOAS QUE SE FOGEM DO BINARISMO DA SOCIEDADE	ESPECIALIZAÇÃO
54	HETEROSSEXUAL	SIM	2	PESSOA QUE MANTÉM RELACIONAMENTO COM QUALQUER SEXO	ESPECIALIZAÇÃO
51	BISSEXUAL	SIM	1	NAO TENHO IDEIA.	ESPECIALIZAÇÃO
40	HETEROSSEXUAL	NÃO			ESPECIALIZAÇÃO
40	BISSEXUAL	SIM	4	SUBJETIVIDADE NÃO HETERONORMATIVA NAS SUAS EXPRESSÕES	ESPECIALIZAÇÃO
34	HETEROSSEXUAL	SIM	5	UMA PESSOA QUE NÃO É HETEROSEXUAL	ESPECIALIZAÇÃO
55	HETEROSSEXUAL	SIM	3	ALGUÉM QUE NÃO SE SENTE NEM HETEROSEXUAL NEM SE SENTE GAY	ESPECIALIZAÇÃO
34	HETEROSSEXUAL	SIM	1	QUEER É SER GAY?	ESPECIALIZAÇÃO
34	HETEROSSEXUAL	SIM	2	PESSOAS QUE NÃO DEFINEM OU NÃO SENTEM A NECESSIDADE DE DEFINIR UM GÊNERO OU ORIENTAÇÃO SEXUAL	ESPECIALIZAÇÃO
41	BISSEXUAL	SIM	4	PESSOAS QUE NÃO SÃO HETEROSSEXUAIS	ESPECIALIZAÇÃO
38	GAY	NÃO			ESPECIALIZAÇÃO
70	HETEROSSEXUAL	SIM	3	PESSOA QUE NÃO SE IDENTIFICA COMO HETEROSSEXUAL OU CISGÊNERO	ESPECIALIZAÇÃO
33	ASSEXUAL	SIM	5	É UM TERMO QUE ABRANGE TUDO QUE ESTA ALÉM DA HETERONORMATIVIDADE	MESTRADO COMPLETO
35	BISSEXUAL	SIM	4	LIBERDADE DE EXPRESSÃO DE GÊNERO E AFETIVA QUE SE DISTANCIA DOS PADRÕES PATRIARCAIS, HETERONORMATIVOS E COLONIAIS.	MESTRADO COMPLETO

IDADE	VOCÊ SE IDENTIFICA COMO UMA PESSOA:	VOCÊ JÁ OUVIU OU LEU O TERMO "QUEER" EM ALGUM LUGAR ANTES DESSA PESQUISA?	QUÃO BEM VOCÊ DIRIA QUE ENTENDE O SIGNIFICADO DO TERMO "QUEER"?	COM AS SUAS PALAVRAS E DE FORMA BEM OBJETIVA, O QUE SIGNIFICA O TERMO "QUEER" PARA VOCÊ?	COM RELAÇÃO A SUA FORMAÇÃO, NO MOMENTO VOCÊ POSSUI:
33	HETEROSSEXUAL	SIM	3	TERMO ABRANGENTE DE IDENTIDADE DE GENERO QUE ENGLOBA VARIAS COISAS	MISTRADO COMPLETO
36	HETEROSSEXUAL	SIM	4	O TERMO IDENTIFICA DE MANEIRA GERAL OS INDIVÍDUOS QUE NÃO SE ENCAIXAM NA HETEROCISNORMALIDADE	MISTRADO COMPLETO
32	HETEROSSEXUAL	SIM	2	EX-HOMEM HÉTERO	MISTRADO COMPLETO
59	GAY	SIM	5	VIADO	MISTRADO COMPLETO
33	HETEROSSEXUAL	SIM	4	QUALQUWR PESSOA QUE NAO SE ENCAIXA NOS MOLDES HETERONORMATIVOS	MISTRADO COMPLETO
43	HETEROSSEXUAL	SIM	3	TERMO PARA EXPRESSAR QUESTÕES LIGADAS ÀS MINORIAS SEXUAIS E DE GÊNERO	MISTRADO COMPLETO
41	LÉSBICA	SIM	4	PENSO SE REFERIR A UM GRUPO DE PESSOAS QUE NÃO SÃO HETEROSSEXUAIS...ABARCA AS PESSOAS LGBTQI+	MISTRADO COMPLETO
60	HETEROSSEXUAL	SIM	5		MISTRADO COMPLETO
67	HETEROSSEXUAL	SIM	3	EXERCER A SEXUALIDADE SEM NENHUM PRECONCEITO	MISTRADO COMPLETO
32	GAY	SIM	3	ACREDITO QUE É UM TERMO QUE CONECTA AS VÁRIAS IDENTIDADES NÃO-CISGÊNERAS, AS ORIENTAÇÕES NÃO-HETEROSSEXUAIS E OUTRAS EXPRESSÕES DE GÊNERO.	MISTRADO COMPLETO
29	BISSEXUAL	SIM	2	EU ENTENDO QUE QUEER SEJA UM TERMO MUITO ABRANGENTE, MAS QUE PARA MIM SIGNIFICA SER DIVERGENTE DO PADRÃO SOCIAL DE GÊNERO E SEXUALIDADE.	MISTRADO EM CURSO
37	GAY	SIM	5	ALÉM DA HETERONORMATIVIDADE.	MISTRADO EM CURSO
29	HETEROSSEXUAL	SIM	4	EXPRESSÃO DE GÊNERO LIVRE DE CAIXAS	MISTRADO EM CURSO
26	BISSEXUAL	SIM	3	DIRIA QUE GRUPOS QUE ESTÃO FORA DO PADRÃO HETEROCISNORMATIVO.	MISTRADO EM CURSO
36	GAY	SIM	5	EXPRESSÃO UTILIZADA PARA ACUSAR A INSTABILIDADE DOS GÊNEROS POR JUDITH BUTLER E ACABOU SENDO APROPRIADA COMO UMA EXPRESSÃO DE IDENTIDADE POR CERTOS GRUPOS.	MISTRADO EM CURSO
34	HETEROSSEXUAL	SIM	3	PESSOAS QUE SE VESTE COMO OUTRO GENERO	MISTRADO EM CURSO
26	LÉSBICA	SIM	3	ENTENDO (MAS SEM MUITA PRETENSÃO RSRRS) QUE É UM TERMO QUE REPRESENTA UM DESLOCAMENTO DA HETEROCISNORMATIVIDADE, QUE ABRAÇA CORPOS DISSIDENTES QUE NÃO SE ENXERGAM DENTRO DA HETEROSSEXUALIDADE E/OU DA CISGENERIDADE	MISTRADO EM CURSO
32	GAY	SIM	3	TERMO PARA DESIGNAR IDENTIDADES DE GÊNERO E TAMBÉM EXPRESSÕES (ARTÍSTICAS, DE GÊNERO, ETC.) QUE FOGEM DA HETERONORMATIVIDADE.	MISTRADO EM CURSO
28	BISSEXUAL	SIM	5	QUEER É UMA PALAVRA DE ORIGEM ANGLOFONA PARA DESIGNAR PESSOAS QUE NÃO PERFORMAM EM NENHUM DOS GÊNEROS PRÉ ESTABELECIDOS.	MISTRADO EM CURSO
37	GAY	SIM	4	É ALGO MAIS AMPLO PRA QUEM NAO SE DEFINE COMO HETERO	MISTRADO EM CURSO
27		SIM	4	MOVIMENTO POLÍTICO, ARTÍSTICO, INTELCTUAL E CORPORAL DESTINADO A COMBATER DISCURSOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NORMATIVOS, SEJA TEORICAMENTE E/OU A PARTIR DE PERFORMANCES CORPORAIS	MISTRADO EM CURSO

VOCÊ JÁ OUVIU OU LEU O TERMO "QUEER" EM ALGUM LUGAR ANTES DESSA PESQUISA?



QUÃO BEM VOCÊ DIRIA QUE ENTENDE O SIGNIFICADO DO TERMO "QUEER"?





*O projeto gráfico dessa tese foi  
composto com as fontes Calluna,  
BC Ludva e Kozuka Gothic Pro.*

**MATEUS TEIXEIRA**  
PROJETOS GRÁFICOS E DIGITAIS  
[mateusteixeira.myportfolio.com](http://mateusteixeira.myportfolio.com)



